OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

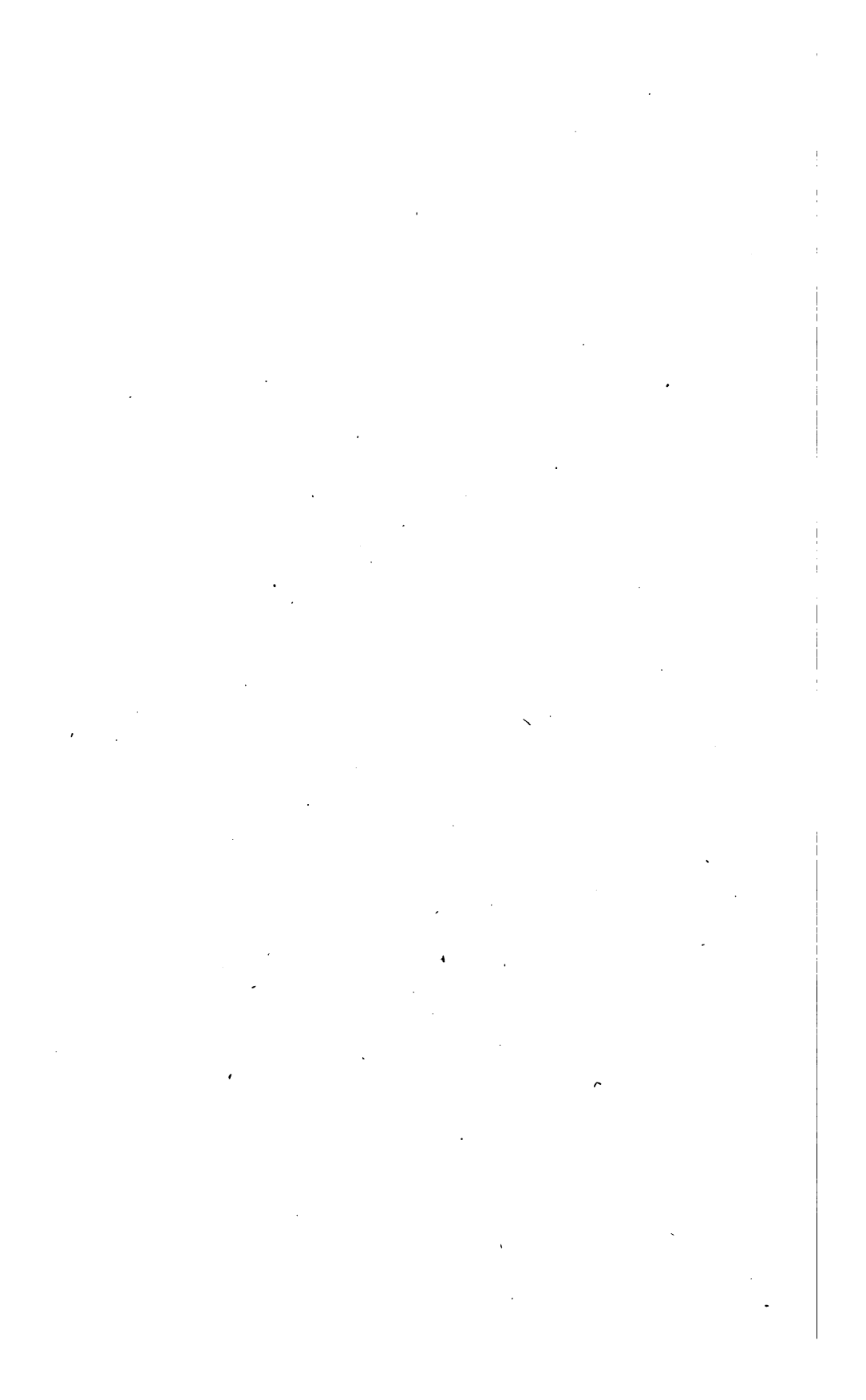
TOMO X

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1883

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

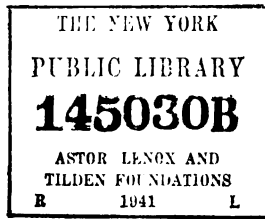
PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO X

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1883

MISCELLANIA

ESTUDOS PHILOLOGICOS, LITTERARIOS E HISTORICOS
VERSÕES DE SENECA

COMPARAÇÃO

DA

HISTORIA DE D. JOÃO DE CASTRO POR JACINTO FREIRE DE ANDRADE, E DA VIDA DE D. PAULO DE LIMA POR DIOGO DO COUTO

Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuncia veritatis.

CICER., *De Orat.*

Comparar a *Historia de D. João de Castro*, por Jacinto Freire de Andrade, e a *Vida de D. Paulo de Lima*, por Diogo do Couto, tanto pelo que respeita ás perfeições ou vicios da linguagem e do estilo, como pelo que respeita ás perfeições e vicios de ambos em qualidade de escriptores da historia.

Assumpto do programma da Academia Real das Sciencias de 17 de Janeiro de 1792 para o anno de 1794

Para satisfazer ao programma acima transcripto compoz o auctor a seguinte obra, na qual se se não apresenta huma erudição immensa, ao menos conhecer-se-ha que quem a compoz não he estrangeiro neste genero de estudo. Se os raciocinios não parecerem agudos e sublimes, mostrar-se-hão porém conformes á razão, e annunciados em frase corrente, que não he pouco neste tempo, em que os gallicismos, archaismos e barbarismos se empenhão á porfia a desfigurar a mais bella talvez de todas as linguas modernas; e apezar dos defeitos desta obra, ver-se-hão nella comtudo cousas nunca tratadas entre nós, e escriptas alem disso com curiosidade não imitada, nem muito indigna da indulgencia desta respeitavel Academia, que benignamente se dignará desculpar os defeitos da obra, a qual se tiver a dita de ser coroada, o auctor se obriga tocal-a com a diligencia que não permitte agora a pressa do tempo, e lhe rende os seus respeitos.

COMPARAÇÃO

DA

HISTORIA DE D. JOÃO DE CASTRO POR JACINTO FREIRE DE ANDRADE, E DA VIDA DE D. PAULO DE LIMA POR DIOGO DO COUTO

Hum dos ramos mais proveitosos e respeitaveis da litteratura he, sem contradicção alguma, a historia, que tendo por norte a verdade, a instrucção he o fim a que se dirige toda a somma dos acontecimentos fysicos e moraes que formão a sua extensão. Tudo quanto produz a natureza, fenomenos e revoluções celestes, acontecimentos bellicos e civis, progressos do entendimento humano, artes, sciencias, leis, costumes, estabelecimentos e ruinas de imperios e cidades, commercio, navegação, descobrimentos, tudo emfim entra no plano da sua narração. Ella instrue e deleita ao mesmo tempo; ella se ostenta á face do universo, eterno tribunal onde a razão e a justiça pesa, avalia e sentenceia finalmente as acções de todas as personagens, que com mais celebridade representárão no theatro do mundo; e coroando as acções de immortal louvor, combate, fere e fulmina as obras dignas de perpetua infamia; consagrando aquellas ao applauso dos vindouros, as propõe como modelos ás almas grandes, em quem o amor da gloria e da virtude tem soberano imperio; assim como imprimindo nest'outras os mais odiosos caracteres, as consigna á detestação de todos os seculos. Ao mesmo tempo que os espiritos nobres escutão as suas vozes como harmonia celeste que os accende, que os move a grandes obras, seus

echos vivos e penetrantes infundem negro espanto nos corações perversos, que naquelles brados terriveis ouvem a sentença antecipada das acções que hão de ser eternamente detestadas pelas gerações futuras (1).

A historia, pois, apresentando a serie dos acontecimentos como quantidades positivas, offerece ao entendimento humano a commodidade de extrahir daquella immensa totalidade resultados provaveis para prevenir os males e promover os bens; vindo por este modo a prudencia humana a extrahir por meio das mais felizes combinações o calculo veridico e certo das probabilidades futuras tão necessarias ao governo dos povos e á policia das nações. Deste modo a historia nos offerece originaes sublimes donde se possa deduzir aquella moral pura que eleva os espiritos, que fórma e estabelece a indole das nações polidas. Della se aproveitárão todos os povos civilisados para estabelecer os costumes nacionaes, que tanto concorrem para a sua conservação. Assim vemos que a China, o mais antigo imperio do universo, á proporção das luzes que hia diffundindo a sua historia, hia tambem progressivamente tomando hum andamento regular nos seus costumes, nas suas leis, e ainda mesmo na sua dialetica. Os Gregos, nação a mais polida do mundo, a mais sensivel a todo o genero de bellezas, e a que com mais vehemencia aspirou á gloria por todas as vias que se patenteão ao genio; os Gregos, digo, devêrão grande parte da sua policia aos factos consignados na historia, que tendo principio na tradição, e recebendo da poesia infinitas modificações para servir á instrucção e á indole, ainda que em prejuizo da verdade, começou a mostrar-se nos escriptos do Heródoto com muita parte

(1) «Quod praecipuum munus annalium reor, ne virtutes sileantur, utque pravis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit». Tacito, *Annaes*, liv. 3.º, cap. 65.º

daquella veneranda dignidade com que ao depois resplandeceo nas obras de Thucidides e Xenefonte; vindo pois a narrar as grandes acções dos Romanos, que pelo espaço de quinhentos annos se ostentárão o povo mais virtuoso da terra, se elevou com toda a magestade na facundia dos Livios, na concisão dos Sallustios, até chegar ao elegantissimo laconismo de Tacito, do profundo, do virtuoso Tacito, do mais respeitavel de todos os historiadores da antiguidade. E passando como huma exhalação debil e moribunda pela escuridade dos seculos da ignorancia, appareceo na nossa Hespanha em Garibay e Florian de Campo com aquella descarnada e fastidiosa, seccura que caracterisão a maior parte dos escriptos daquella idade, chegando emfim a mostrar-se digna de ser estudada na elegancia de Mariana e de Soliz. Com o veridico Fernão Lopes entrou a historia em Portugal no meio do seculo xv; já neste tempo era a nação portugueza digna de historia. As insignes proezas que tinha obrado na expulsão dos Mouros e fundação do reino, na famosa revolução de D. João I, na conquista de Ceuta, Tangere, Arzilla, e nos descobrimentos com que já hia enchendo a Europa de admiração, estavão clamando por huma penna que fizesse desatar a voz da fama, e acclamasse as gloriosas acções dos nossos maiores. A verdade, a reflexão, o movimento, e assaz daquella elegancia de que tanto se veio a jactar a lingua portugueza, forão as virtudes que mais resplandecêrão nas historias de Fernão Lopes, quem lançou os primeiros fundamentos da eloquencia portugueza, em que tanto se avultárão os Sás de Miranda, os Barros, os Camões, os Ferreiras, os Coutos, os Andrades e os Vieiras. Fizerão-se os descobrimentos; conquistou-se a India; fundárão-se imperios; vio-se de improviso a penna do grande Barros traçando com rasgos immortaes a historia mais interessante que o mundo vio até áquelles tempos. Ali a verdade se acha

consignada com côres tão expressivas, tão extraordinarias, e tão fóra do procedimento commum dos acontecimentos humanos; que parece á primeira vista huma tella fantastica de hum maravilhoso nascido em imaginação abrazada do mais sublime enthusiasmo, onde tudo se avulta e tudo tem movimento. Apresentão-se aos olhos novos ceos, novas regiões, novas gentes, novos costumes, emfim huma nova natureza fysica e moral; e para tudo ser novo naquella admiravel historia, cuja scena he a mais vasta que se conhece, hum novo idioma summamente sonoro e cheio de graças he o organo da pintura immortal, que se ostenta naquella por tantos motivos admiravel narração, continuada por outro historiador digno de hum tal assumpto, cujas virtudes litterarias, posto que diversas em partes, honrárão a nação, e o conduzírão á immortalidade. Do insigne Diogo do Couto falo, hum dos maiores corifeos da nossa historia, e hum dos mais benemeritos da lingua nacional; e como este egregio historiador compoz hum dos dois escriptos inculcados para a comparação (2), será justo que digâmos alguma cousa a respeito do seu merecimento.

Do historiador Couto

Diogo do Couto foi natural de Lisboa, donde, depois de ter feito os seus estudos, passou para Goa, e ali viveo toda a sua vida muito venerado pelas suas virtudes, prudencia e sabedoria, servindo com grande acceitação o cargo de Guarda-mór da Torre do Tombo daquella metropole, onde teve a commodidade de continuar a grande historia da nação portugueza no Oriente composta por João de Barros (3). A sua narração he nobre, simples e

(2) Em o sabio programma de 17 de Janeiro de 1792.

(3) Como consta da sua *Vida*, escripta pelo Chantre de Evora Manuel Severim de Faria.

elegante; he excellente em descrever costumes, o que a faz interessante. A verdade e a clareza são os seus caracteres principaes: he notavel a variedade que se apresenta naquelle immenso transumpto, onde a disposição dos factos, a velocidade da narrativa, as reflexões politicas e moraes, a generosa liberdade com que declama contra os vicios e louva as acções boas; a prodigiosa diversidade de descripções de combates terrestres e navaes, de tempestades, de regiões, de portos, de cidades, tudo traçado com côres tão fortes, tão vivas, tão proprias, alem de outras muitas virtudes a fazem digna de eterna recommendação. Este foi o primeiro escriptor que publicou, que as inauditas proezas dos Portuguezes no Oriente forão causa da liberdade da Europa, que esteve proxima a cahir nos ferros do despotismo ottomano. O seu estylo he corrente e elegante; e tem de quando em quando huma negligencia amavel, que violando algumas vezes as regras do idioma, faz desculpar o erro, ou por melhor dizer, taes defeitos são como humas sombras que fazem realçar grandes massas de tinta, onde resplandecem infinitas bellezas de que esta grande historia se acha inundada. A força da dicção, o calor e o movimento do estilo são dignos da mais recommendavel attenção, e fazem a leitura interessante e nunca fastidiosa. A tal ponto de magica chega esta virtude, e tanto se eleva, especialmente na defeza e interrogatorio de Lopo Vaz de Sampaio em plena Relação, na presença de el-Rei D. João III, que o leitor concebe o maior e mais vivo interesse; e he tão original este lance, que eu não me acordo de outro igual nas historias antigas, nem nas modernas. Alem da singular destreza com que traçava as pinturas do terrivel, como se vê em todas as descripções de batalhas, de naufragios, de tempestades, teve especial talento para descrever com decencia usos e costumes particulares com outras muitas circumstancias

que não obstante serem de pequeno vulto, são muito instructivas, dão a conhecer muitas vezes generalidade de caracteres, e preparão acontecimentos notaveis, ou dão razão delles. Raramente lhe escapou o merecimento de qualquer qualidade que fosse para ser louvada, por exemplo: hum simples soldado, que tinha insigne mão de penna, não deixou de ter lugar na sua historia, e de ser coroado com o louvor. Isto mesmo he huma prova do que ainda agora dissemos; porque parecendo esta circumstancia de consideração pouco attendivel, mostra o adiantamento das artes entre nós naquella idade, cujo espirito era hir sahindo por todos os lados do abysmo da barbaridade em que toda a Europa esteve por tantos tempos sepultada. Com tudo isso não foi esse historiador isento de defeitos. Algumas vezes interrompe a velocidade da narração com episodios desnecessarios. Attribue commummente a milagre acontecimentos, cujas causas naturaes erão visiveis e notorias ao entendimento mais preoccupado. Estas são as principaes qualidades que encontro neste insigne historiador, alem de outras muitas, em que me demorára, se não tivesse de falar da historia que compoz da vida de D. Paulo de Lima comparativamente com a do grande, do virtuoso heroe D. João de Castro, escripta por Jacinto Freire de Andrade, que faz o assumpto deste escripto; e para que haja de proceder a nossa analyse com mais exacção, convem tratar aqui das qualidades litterarias do historiador Andrade.

Do historiador Andrade

Jacinto Freire de Andrade foi hum fidalgo ecclesiastico natural de Beja, e floreceo nos reinados do derradeiro Filippe e D. João IV. A historia que compoz da vida do insigne D. João de Castro tem entre nós a mesma reputação que em todos os tempos mereceo a de

Alexandre, composta por Quinto Curcio, e a de Carlos XII, escripta pelo grande Voltaire. Como o historiador Andrade escreveo unicamente a historia daquelle grande homem, e Diogo do Couto, alem da de D. Paulo de Lima, traçou a immensa continuação dos successos das armas portuguezas no Oriente pelo longo espaço de quasi hum seculo; por isso o que ajuizámos do Diogo do Couto deve reputar-se caracter geral de toda a sua narração historica, de quem a de D. Paulo de Lima he a parte mais debil e de merecimento menos relevante, onde as graças, que com tanta energia se explicão nas Decadas, se desenvolvem com debilidade notoria, propria da fraqueza da idade decrepita em que foi concebida; mas no juizo que formarmos de Jacinto Freire tudo se ha de referir á unica e singularissima historia do grande Castro. A verdade, igualmente que no historiador Couto, a sublimidade e a elegancia, são os principaes caracteres do escriptor Andrade, que elevando-se á dignidade do assumpto, traça com as cores mais vivas e acertadas a grande alma de hum varão mais facil de louvar que de imitar. Postos estes indices caracteristicos, antes que nos engolfemos em observações subalternas, teçamos o parallelo comparativo dos assumptos destes dous tão celebres escriptos e sua unidade, da sua extensão, da grandeza e dignidade moral dos seus heroes, do interesse, dos caracteres, das sentenças, da sua moral, da sua utilidade, o que formará todo o corpo da primeira parte; ficando reservado para a segunda as virtudes da narração quanto á disposição dos factos e velocidade de os narrar; e as do estylo, quanto ás descripções, quanto á pureza, elegancia e perspicuidade.

PARTE I

CAPITULO I

Do assumpto d'estes dous celebres escriptos e da sua unidade

Parece que todo o genero de historia que não abraça a longa serie de annaes, deve ter hum só assumpto e hum só fim, donde, assim como os episodios de huma epopêa, e ainda mesmo de huma tragedia, partão os acontecimentos subalternos que tiverem conhecida dependencia do argumento primario, e aonde se haja de dirigir a somma da moralidade que resultar de toda a exposição dos factos, para formar huma totalidade expressa, ou ideal que instrua e tambem deleite. Isto se estriba na razão. O assumpto de qualquer obra deve ser hum, e que tenha grandeza proporcionada á nossa intelligencia; porque, como bem disse Aristoteles na Poetica, não deve ser tão multiplicado e extenso, que não se comprehenda de hum jacto, nem tão pequeno de vulto, que apenas se possa divisar. Não ha duvida que esta unidade de argumento na historia, não he a mesma que se deve observar na epopêa, onde a singularidade de assumpto consiste na imitação de huma acção conveniente; quando naquella, que de nenhum modo he imitação, mas copia de acontecimentos, que tendo origem na serie do preterito, e apenas existindo na reminiscencia, que não cessa de fugir da nossa idéa, e vem a ter existencia real e positiva no tecido historico, a vida toda de hum heroe ou personagem distincta he quem faz a sua unidade, não só de assumpto, mas até mesmo de tempo e de lugar: de maneira que na epopêa estas tres unidades são singulares, na historia collectivas; naquella he toda

artificial, nesta he toda natural, isto he, segue a successão temporal; na primeira os factos dependentes do assumpto principal antecedentes ou subsequentes a elle entrão no artefacto mental como episodios; na segunda como antecedencias ou consequencias naturaes, como motivos ou resultados. Concluindo pois que a unidade de acção na historia consiste na narração dos factos que legitimamente entrão na esfera dos acontecimentos historicos pertencentes ao plano que o historiador adoptou: a de tempo, na época ou épocas que elegeo; e a de lugar, naquellas situações em que verdadeiramente acontecêrão, passando de huns a outros lugares mais distantes, não *ex abrupto*, mas com artificio e suavidade por meio de algum preparatorio, de maneira que o salto se faça com insensibilidade possivel. Não só neste genero de historia se deve guardar esta mesma unidade e este mesmo fim, mas tambem em qualquer corpo avultado de annaes para maior clareza, não obstante o que dissemos no principio deste capitulo; esse he o motivo por que não vemos historias que não sejão divididas em certas épocas ou livros, de cada hum dos quaes se póde reputar unidade o acontecimento principal ou de maior interesse, o qual muitas vezes motiva todos ou grande parte dos acontecimentos menores, que são ramificações daquelle.

Dous heroes guerreiros são os argumentos das duas historias, objecto da nossa combinação. A do historiador Couto tem por assumpto a exposição das acções de hum varão unicamente recommendavel por emprezas bellicas; a do Andrade forma pintura de hum heroe modelo na paz e na guerra. Os talentos daquelle erão todos militares, os deste militares e civis. Este mais para mandar, aquelle mais para ser mandado. D. Paulo de Lima era para huma empreza, D. João de Castro para muitas ao mesmo tempo. Os talentos deste erão mais univer-

saes e brilhantes; os do primeiro, posto que brilhantes, erão mais limitados. O valor de D. Paulo de Lima era mais maquinal, o de D. João de Castro mais reflectido. O heroismo daquelle era mais filho do acaso, o deste todo era hum resultado de razão. Por isso quem vê os principios do heroe Castro, logo prevê os seus fins; pelo contrario, D. Paulo fugitivo e degredado, não dá a menor esperança de ser o heroe de Jor. N'uma palavra, D. João de Castro era hum colosso de merecimento, cujo resplendor havia naturalmente escurecer o de D. Paulo de Lima.

CAPITULO II

Da sua extensão

A extensão na historia he indeterminada, especialmente em annaes, cuja extensão se avulta á medida do tempo que abrange e da complicação dos acontecimentos que narra; comtudo o que tem por argumento hum só sujeito raramente se póde estender a mais de hum seculo. Mas o tempo não he só quem faz a sua extensão; a grandeza dos factos por estranhos, por novos ou muito complicados, he a causa principal da sua extensão. Historias ha que podem ser resumidas, e outras que com summa difficuldade o poderão ser, como por exemplo a do povo romano, cuja abreviatura se acha consignada em breves paginas por Sallustio no principio da historia da conjuração de Catilina, onde se exprimem as causas fysicas e moraes do seu augmento e da sua declinação; a mesma vemos recopilada ainda com mais liberalidade e energia pelo profundo Tacito no principio dos Annaes. Mas seria de muito maior custo fazer hum semelhante resumo da historia de Portugal; a causa he porque os acontecimentos incluidos na historia romana não excedem a esperança, nem fazem vacillar a crença do leitor por naturaes, por verosimeis; não assim na

nossa historia. Entra o leitor a ver os principios de Portugal no Conde D. Henrique, sem lhe fazerem a menor estranheza, por serem huns resultados de causas naturaes e communs; já o excita á admiração o estabelecimento da monarquia, occasionado pelo valor de hum pequeno exercito capitaneado pelo seu Rei, que conquistando quasi todo o Portugal aos Sarracenos em muito menos tempo incomparavelmente que as potencias vizinhas havião recobrado os seus dominios, lhe dá huma prova expressa de que a energia da nação portugueza era de quilates mais avantajados, e que promettia ser para cousas muito maiores; passando á grande revolução de D. João I, sobe a sua admiração a muito maior ponto, vendo hum punhado de gente com o seu Rei á testa repellir todas as forças da maior potencia da Europa, sem mais ajuda que a dos meios que a natureza e constancia do seu valor lhe subministrára; passa logo aos descobrimentos, idéa que só teve nascimento no espirito da nação portugueza, suggerida e fomentada pelo grande D. Henrique, Infante de Portugal. Aqui vacilla, aqui se precipita a sua crença, que para se não confundir, e para não recusar todo o genero de approvação a hum projecto tão arduo, tão temerario, he preciso que o historiador exponha todos os motivos preliminares, para fazer possivel o descobrimento de novos mundos, as navegações tão perigosas, tão cheias de admiração, nunca tentadas, nunca imaginadas, e apenas conseguidas através de tantos medos, tantas tempestades; alem de outras muitas circumstancias, que tudo dá tal extensão ao quadro que se desvanece a idéa de resumo, especialmente tanto que a pasmosa revolução de 1640, executada com tal segredo, que não tem exemplo na historia, offerece hum vastissimo painel, onde o concurso de tantas causas fysicas e moraes sustenta com a maior energia vinte e oito annos de guerra tão sangui-

nosa e porfiada em ambos os hemisferios contra potencias da primeira ordem. Do que fica dito se conclue que a extensão na historia fazem-n'a os factos mais do que o tempo; podem no espaço de dez annos acontecer muito maior numero de successos do que no de meio seculo.

He certo que comparando as acções de D. Paulo de Lima com as de D. João de Castro, as deste heroe excedem visivelmente as daquelle, tanto na quantidade como na qualidade. D. João desde a mais tenra idade sempre com as armas na mão; D. Paulo, passando á India da mesma idade, não manejou as armas logo com a continuação com que D. João as tratou em Tangere pelo espaço de nove annos, donde veio a ser empregado em emprezas de maior estrondo: a de Tunes, a do Mar Roxo com D. Estevão da Gama, o desbarate do Corsario francez, a espera da armada dos Turcos no Estreito, e o soccorro das praças de Africa, a fortificação de Moçambique, a heroica protecção ao desgraçado Mehale, e derrotas do Hidalcão, o famoso cerco de Diu, e a destruição total de tantas forças ali juntas, a conjuração das potencias de Coromandel contra Malaca aniquilada, alem de outros muitos successos, excedem tudo quanto se relata na historia de D. Paulo de Lima, cujos acontecimentos não tem a importancia, nem mesmo o interesse, que tanto sobresahe nas acções que formão a totalidade da historia do grande Castro. Por isso a narração dos factos deste, proporcionando-se á grandeza delles, he de muito maior vulto que a das acções de D. Paulo de Lima, que sendo mais diminuta e de menor consequencia, tem extensão conveniente á sua grandeza, que não he bem a metade da do heroe de Diu.

CAPITULO III

Da grandeza e dignidade moral dos seus heroes

Todo o que se distingue por acções notaveis em bondade ou em maldade póde ter lugar na historia; e com razão. O primeiro para a imitação, o segundo para a detestação. Estes contrastes servem em qualquer caso para a instrucção. A opposição do vicio com a virtude muito mais talvez do que hum curso de moral faz o maior effeito. A amabilidade de huma faz a execração do outro, e sem este parallelo não conheceriamos talvez os gráos de bondade e de maldade de hum e outro. Catão e Attico á vista de Hanibal e Mario são dignos do maior respeito. Aristides e Trasibulo, comparados com Licurgo e Pausanias, são divindades. Quanto não se sublimão as virtudes de Cicero confrontadas com as dissoluções de Catilina? As horriveis pinturas de Tiberio, Caligula e Nero, fazem mil vezes amaveis as virtudes de Agricola, Germanico e Tito.

A grandeza de alma he a essencia de hum heroe. Esta não tem fundamento senão na virtude, que só póde dar dignidade ao ente racional. Se compararmos as qualidades distinctivas de D. Paulo de Lima com as de D. João de Castro, veremos que a energia do espirito daquelle não póde igualar a fortaleza e elevação deste, que nutrido da leitura dos auctores sublimes da antiguidade, não podia jazer na baixeza dos espiritos vulgares, e forçosamente se havia de elevar á grandeza do mais notavel heroismo. Vamos por partes. D. Paulo de Lima, por isso mesmo que era hum filho bastardo, e sem amparo, passou á India mais para ter o rumo de vida que a sorte e o tempo lhe offerecesse, do que com o designio de se assignalar extraordinariamente. D. João de Castro passou a Africa já com o intento de vir a ser homem grande;

de sorte que aquelle foi heroe por casualidade, este por systema; sendo o heroismo de hum, filho do acaso; o do outro, da razão; por isso as acções do primeiro forão sujeitas á paixão de quem foi victima a sua reputação; as do segundo forão desde o seu principio dirigidas pela razão; as de D. Paulo procedião no principio sem destino; as de D. João sempre caminhárão a hum fim heroico. As daquelle erão contrastadas das paixões; as deste fomentadas pela unica que em sua alma existia, a gloria, que o accendia, que o abrazava, que o erguia ao mais alto ponto de heroismo racional. D. Paulo era hum heroe ordinario; o heroismo em D. João de Castro era tal que excedia a esfera do commum. D. Paulo era hum heroe do seu tempo; em D. João resplandecia hum heroe de Athenas. Hum era heroe homem; o outro parecia hum semi-deos. Hum, heroe verosimil; o outro parecia heroe da fabula. Hum parece proposto para a imitação; outro para a admiração. O merecimento de D. Paulo difunde luzes suaves, accessiveis á vista mais debil; o de D. João de Castro lança de si tanta copia de raios, que cega; hum com as maculas do erro se inculca com mais facilidade á imitação; outro, limpo de defeitos, mais puro que hum lucido diamante, quasi que extingue toda a esperança de ser imitado. Sendo o merecimento de D. Paulo todo real, o de D. João parece todo fantastico. Aquelle finalmente he hum heroe possivel; est'outro parece exceder toda a crença. Tudo isto apparecerá com evidencia se comparativamente analysarmos as acções principaes destes insignes varões, o que farei pelo modo que mais possivel me for.

A primeira empreza em que D. Paulo de Lima se achou como chefe foi o famoso combate que teve com o celebre cossario Canatale na bahia de Batecalá; nelle se achou aquelle heroe mais como soldado do que como capitão; porque vendo-se desamparado dos seus navios

no primeiro conflicto, resistio só a todo o peso dos inimigos, em que obrou prodigios de valor; batalha espantosa na verdade, mas que teve por fructo não mais que huma gloria esteril e passageira.

Comparemos este acontecimento com o de D. João de Castro quando pela primeira vez nomeado general da armada no anno de 1543, sahindo a guardar as nossas costas, desbaratou hum poderoso Cossario francez, que capitaneava sete navios de guerra com que infestava os nossos mares; rendendo a Capitania, e mettendo dois a pique, recolheo finalmente as náos da India que se esperavão. Na empreza de D. Paulo vê-se, como dito fica, a gloria sem utilidade; na de D. João de Castro huma e outra. Naquella, sem ficar o contrario desbaratado, recolhe-se o heroe com a gloria unicamente de lhe resistir; nesta o heroe vence, desbarata e consegue o seu fim. Naquella resiste D. Paulo a hum inimigo barbaro e sem luzes, em que o interesse exclue toda a idéa de gloria; nesta hum cossario europeu, bellicoso, de longo tempo usado aos conflictos navaes, com muitas forças, e movido talvez de gloria he vencido por D. João de Castro com perda de duas náos mettidas no fundo, a Capitania tomada, as costas livres, e as náos da India comboiadas a salvamento. Naquella empreza da India mostra-se o seu heroe soldado; na da Europa soldado e general. Na primeira aspira-se ao premio; na segunda busca-se unicamente a gloria em remuneração. Do que fica ponderado se infere, que a acção de D. Paulo de Lima, apezar das grandes proezas que ali se obrárão, he inferior á de D. João de Castro, na qual o successo e utilidade acreditão o valor e a prudencia do capitão.

Em todas as emprezas em que D. Paulo de Lima se achou como subalterno, em nenhuma se portou que excedesse a D. João de Castro no valor, e muito mais na prudencia, sabedoria e magnanimidade com que este

grande homem procedeo na empreza de Tunes, e na famosa entrada do Mar Rôxo, sendo elle o primeiro que penetrou, sondou e descreveo os mares e costas daquelle seio maritimo até ao porto de Suez, onde se mostrou, qual outro Cesar, tão habil na penna como na espada, de que existem testemunhos no cunho do prélo. Huma facção de D. Paulo de Lima, que póde ter alguma comparação com a de D. João de Castro na jornada de Tunes he aquella em que aquelle varão se achou como Capitão de huma galeota em companhia do Viso-Rei D. Antonio de Noronha no soccorro de Damão, onde nada se fez mais do que hum apparato vão, em que da parte de D. Paulo não póde haver lance que tivesse a mais remota analogia com aquelle, em que D. João de Castro unicamente recusou acceitar dois mil cruzados, com que a liberalidade do Imperador Carlos V brindou a cada hum dos Capitães da armada que naquelle feito se achou, quantia que naquelle tempo representava tanto como agora vinte mil cruzados, facto este que abona o seu desinteresse e apregoa a sua magnanimidade.

O maior de todos os conflictos em que D. Paulo de Lima fez resplandecer a sua heroica intrepidez, foi a grande derrota que fez das forças de Melique Tojar no rio de Dabul, empreza na verdade (depois da de Jor) digna de applauso eterno pelo motivo, pelo brio e valor com que foi castigada a mais negra perfidia com que aquelle infame Tojar tinha assassinado quantidade de portuguezes, que aleivosamente convidára para hum banquete. Mas eu não sei que lhe possa ceder o famoso combate em que D. João de Castro favoreceo a innocencia de hum Rei pupillo, e desprezando com o mais heroico desinteresse as maiores conveniencias, com pouco mais de dois mil homens desbaratou hum exercito do Hidalcão composto de dez mil combatentes, capitaneados pelo valoroso turco Acedecão; assim como a victoria que

d'ahi a dois annos alcançou contra as forças do mesmo Hidalcão, nas quaes emprezas se mostrou aquelle insigne varão soldado valoroso e capitão prudente, unindo ao rigor das armas a piedade de hum coração bem cultivado.

A bizarra e valorosa resolução com que D. João de Castro, General dá armada portugueza, esperou na bôca do Estreito de Gibraltar as forças ottomanas, que naquella idade erão o terror da Europa, faz-lhe tanta gloria como o vencimento de huma batalha. Os Turcos o respeitárão tanto nesta occasião que evitárão o seu encontro, feito que lhe grangeou tanta reputação quanto desar ao general castelhano, que penetrado de receio o não quiz seguir conforme as ordens do seu Monarcha. A este lance, digno por todas as razões de ser louvado, em que honrou a nação e illustrou o seu credito, não tem o heroe Lima outro igual em grandeza de espirito que lhe opponha.

A mais notavel de todas as emprezas de D. Paulo de Lima he a de Jor. Tudo ali foi executado com summa prudencia e valor estupendo. Pelo despojo, em que se achárão mais de duas mil peças de artilheria, se vê que a opulencia daquella cidade estava munida de immensas fortificações, que posto serem de taipas e mastos grossissimos, erão defendidas de oito mil homens com tres Reis de soccorro, alem das vantagens da sua situação e a pouquidade da nossa gente, em que apenas se contavão quatrocentos homens. A gloria e a utilidade foi o fructo desta jornada, que foi das mais famosas que se executárão em toda a Asia, em a qual D. Paulo de Lima se portou como soldado e como capitão. Mas apezar de tantas forças, tantas fortificações, apezar de tantas proezas, de tantos despojos, apezar de tanta resistencia, e tantas difficuldades emfim, póde esta facção soffrer parallelo com a de Diu, onde no espaço de nove mezes de cerco, o mais memoravel que naquella idade se vio, se

obrárão os maiores prodigios de valor, e se esgotou de huma e de outra parte tudo quanto a arte da guerra tinha inventado em semelhantes lances? Que tinha que ver o Rei de Vjantana com o de Cambaya, que contava vassallos muito mais poderosos do que aquelle Rei? Que comparação tinha o valor das tropas de hum pequeno Rei de Coromandel com as de hum tão grande Monarcha como era o Sultão de Cambaya, que se compunhão de nações as mais bellicosas do Malabar, e grande parte de turcos, que erão naquelle tempo o terror do mundo, capitaneados por generaes e cabos experimentados, cheios de summo valor e sciencia militar, auxiliados por engenheiros da Europa? Que combinação se póde fazer da batalha de Jor com aquella em que D. João de Castro em pessoa derrotou todas as forças unidas do Sultão de Cambaya, que forão certamente as maiores que ali se virão naquelles tempos, e com tanta gloria livrou Diu do mais memoravel, do mais espantoso cerco que em toda a Asia se vio? Nas providencias que D. João de Castro deo para soccorrer aquella praça no tempo do inverno, que foi hum dos mais procellosos que houve naquellas regiões, nas que deo para se apromptar a grande armada, com que elle foi pessoalmente soccorrer Diu, se mostra claramente a quanto se estendia a sua vigilancia, e qual era a energia da sua actividade. Não só em hum tão famoso lance se desenvolveo esta virtude com o mais heroico vigor, mas tambem em todos os mais que se offerecêrão á vigilancia deste grande homem, que nunca esperou da casualidade o bom exito das suas emprezas; e por isso as suas victorias sempre forão filhas da prudencia a mais concertada com a razão e com a experiencia. Nesta parte moral do homem tão necessaria a hum general, não vemos em D. Paulo de Lima cousa que se possa assemelhar a D. João de Castro, porque nunca se achou em iguaes circumstancias.

O valor do heroe de Jor he certamente digno dos maiores elogios; mas não obstante acudir a tudo, tudo precaver, tudo tentar, sempre constante, sempre em seu auge, nunca indiscreto, nunca vacillante, he conhecidamente diminuto á vista do heroe de Diu, que no grande e memoravel dia em que com admiração de toda a India, e ainda mesmo da Europa, venceo as formidaveis forças da maior potencia do Industão, mostrou que o seu valor tinha a actividade de Sylla e a sabedoria de Cesar. O valor de D. Paulo era de hum guerreiro; o de D. João de Castro de hum filosofo; o valor daquelle dava muito ao acaso; o deste dava tudo ao acerto; aquelle era commummente filho do impeto, este da constancia; e sem se exceder hum ao outro na actividade, o de D. Paulo era visivelmente excedido do heroe Castro na humanidade e na grandeza de alma. O valor de D. Paulo olhava para a fama presente; o de D. João de Castro para o louvor e para a celebridade futura. O valor do heroe Lima tinha por mobil a honra, e por isso aspirava á admiração; o do heroe Castro tinha por norte a gloria, e se elevava á perfeição. Hum conciliava applauso; outro respeito, servindo ao mesmo tempo de modelo e veneração. Finalmente quando D. João de Castro no dia da grande batalha manda arrancar as portas da fortaleza de Diu, e com ellas guizar o almoço para o exercito, exprime collectivamente tudo quanto se póde imaginar de mais grande, de mais heroico a respeito da sua magnanimidade; este só facto mostra que elle tinha jurado á patria no fundo da sua alma de vencer, assim como algumas vezes o fizerão os Romanos; e huma alma capaz de tanta sublimidade será alguma vez imitada, mas nunca excedida. Esta grandeza de alma, esta energia sublime, que de tal modo eleva o coração do homem acima do vulgo, que o faz presente ás idades, não só se mostrou nas acções bellicas deste heroe digno por todos os res-

peitos de eterna memoria, mas tambem nas civis, e muito mais na sua morte. Vamos aos factos.

O emprestimo de vinte mil pardáos, que D. João de Castro pedio á Camara de Goa sobre os cabellos da sua barba, que lhe enviou, para a reedificação da fortaleza de Diu, he tão acima do commum que não acha exemplo na antiguidade, nem me consta que fosse jámais imitado. Tão alto e soberano conceito fazia este grande homem da sua virtude, da sua fidelidade, que parece que tinha gravado no intimo da sua alma a bella expressão de Horacio:

...... Superbiam
Quaesitam meritis......

Mas quanto resplandeceo a constancia, a fortaleza de espirito em D. João de Castro na morte de seu filho D. Fernando, heroe digno de hum tal pai! Póde ter parallelo com o grande Vice-Rei o comportamento de D. Paulo de Lima na morte de hum seu filho, de idade de cinco annos, por quem fez tão excessivas lamentações que causárão admiração? Que hum filho de idade de dezenove annos, dotado de tantas virtudes, de tantos brios militares, emfim de hum tão soberano heroismo como D. Fernando, causasse a mais intima sensibilidade no coração de hum pai, caso he que entra na natureza, e longe de ser defeito, abona a ternura paternal; o amor arreigado pelos annos e pelas excellentes qualidades difficultosamente se evapora, sem prantos, sem lagrimas, sem o mais vivo sentimento; a natureza arranca por força o que lhe usurpa a constancia unida á reflexão; mas os corações fortes e magnanimos apartão-se muitas vezes desta norma da natureza, assim como se vio em D. João de Castro, que sem a menor alteração recebeo a lamentavel noticia da morte de seu filho, e foi continuando em dar as providencias mais acertadas para a

defeza importante da praça de Diu. Mas hum pupillo, que ainda não dava o menor indicio de indole moral, não pedia tantos excessos de dor ao coração do heroe Lima, sem incorrer em nota de fraqueza.

Sigamos estes dois heroes tambem na morte: comparemos as acções de cada hum neste transe fatal. He certo que a de D. Paulo foi acompanhada dos horrores da mais lamentavel fatalidade, que fazendo tal e tão viva impressão no seu entendimento, e sepultando-o na mais profunda melancolia, o arrebatou em hum accesso violento de febre. Toda a grandeza de alma, todo o valor de D. Paulo de Lima o desamparou em toda a serie de adversidades que precedêrão a sua morte, que talvez não acontecesse então se huma constancia e resolução sublime, que eleva a alma nos transes de maior perigo, o fizesse triunfar da adversidade. Não se portou assim o heroe Castro. He verdade que elle não morreo em hum deserto do sertão de Africa, tendo por leito a terra dura, privado de todo o soccorro humano, como infelizmente aconteceo a D. Paulo de Lima, mas no socego da enfermidade, que acompanhou a sua morte, acontecêrão cousas tão raras e tão heroicas, que com difficuldade se achará exemplo igual na historia. Castro no leito da morte abdicando o governo; Castro pedindo huma esmola; Castro attestando com juramento á face do Ceo e da terra o seu desinteresse e a sua integridade he mais heroico que Cicero dando o juramento da sua inteireza na assembléa do povo romano, mais sublime que Mario sentado sobre as ruinas de Carthago, mais respeitavel e espantoso que Catão nos ultimos suspiros da Republica, precipitando-se com ella na sepultura. Estes factos são por si tão heroicos e sublimes, que ainda mesmo na singeleza da historia parecem filhos da ficção, ou produzidos na effervescencia do enthusiasmo poetico. Que hum Vice-Rei na India omnipotente na Asia, coroado de triun-

fos conhecidos e respeitados em todo o mundo pelos applausos da fama e veneração dos povos, dispensador das riquezas de hum dos mais opulentos estados da terra se não ache com hum triste cruzado para comprar huma gallinha, nem tenha que empenhar, he caso que se remonta acima de toda a admiração, e que apenas póde sondar o mais penetrante entendimento.

Depois de termos comparado os caracteres grandes destes dous insignes varões, não será fóra de proposito compararmos os costumes, que não deixão de fazer a essencia da indole geral, que he a totalidade resultante da combinação daquelles. Neste ponto devemos considerar D. Paulo de Lima com as maculas nativas que costumão acompanhar o ente racional nos diversos periodos da vida. Em D. João de Castro pelo contrario vemos que a natureza se esmerou de tal modo que o preservou mesmo daquelles descuidos da mocidade, que algumas vezes determinão o genio, e merecem geral indulgencia. D. Paulo deixando-se arrastar pelas forças de hum amor illicito que o precipitou, se elevou ao amor legitimo e á gloria, servindo com tanta distincção a patria, agitado ao mesmo tempo de huma ambição que não deixou de subjugar a fortaleza do seu espirito de tal sorte, que d'ali se originou a sua catastrofe. D. João de Castro resistindo ás illusões dos affectos baixos, se consagrou á patria cidadão util, servindo de modelo, despido de todo o genero de ambição, que não fosse o amor da gloria. E para ser em tudo grande até os defeitos não maculárão o resplendor do seu espirito sempre elevado á perfeição; não obstante ser increpado de vaidoso, porque triunfou realmente de Diu como se fosse hum romano, prova de que este insigne varão, como já dissemos, era mais do tempo antigo do que do seu. Estando a India sepultada na maior confusão de desordem moral, tão differente daquella brilhante reputação que tinha gran-

geado á nação portugueza huma longa serie de victorias e acções dignas dos heroes da Grecia e Roma; para dar remedio a tantos desconcertos, expressamente foi nomeado D. João de Castro governador daquelle estado. Ainda soavão os eccos daquelle soldado velho, que dando tres pancadas com o conto da sua lança na sepultura do grande Affonso de Albuquerque, clamando por elle, o conjurava a que se levantasse do seio dos mortos e viesse acudir aos males que fazião aquelles que elle cá deixára; ainda soavão os gritos daquelles que erão victimas da ambição desenfreada, e da avareza infame que tinha succedido ao amor da gloria que conduzíra as acções dos primeiros portuguezes que passárão á India. Mas cedendo toda a desordem ao espirito de reforma do grande Castro, o seu exemplo produzio heroes, e de repente resplandecêrão os dias da antiga gloria portugueza. Era preciso que o amor da gloria, que devia prevalecer ao desejo de lucro que tudo desordenava, se estabelecesse, se arreigasse nos corações, e isto não podia de outra sorte fazer-se mais facilmente, que dando-lhe solemnidade esplendida, em que huma apotheose triunfal servisse de premio ao merecimento, assim como usárão os Romanos, cuja historia estava presente ao espirito de D. João de Castro, que nutrido da leitura dos sublimes escriptos da antiguidade, tanto se elevava que nada tinha por difficultoso. Vio-se, alem de tudo o mais, em D. João de Castro a preciosa qualidade de ser o melhor pai de familias do seu tempo, o que ficou bem expresso nos filhos que teve, os quaes forão dignos de hum tal pai, que prezou em summo gráo a educação dos filhos, no que tantos descuidos se vem, devendo isto occupar com o maior disvello o cuidado de todos os pais de familias, que mais se interessão em deixar fazenda aos filhos que educação, base em que deve descançar a felicidade do publico.

Do que fica dito neste capitulo se deduz, que sendo o caracter de D. Paulo de Lima o valor militar, e o de D. João de Castro a justiça, a integridade, a prudencia e a liberalidade, este foi superior em merecimento; e como não só os conceitos, mas tambem o estylo são analogos ao assumpto, segue-se que nesta parte ficou de melhor partido o historiador Andrade, que auxiliado da sublimidade do argumento, necessariamente se havia de elevar acima do historiador Couto, a quem não pretendemos roubar o merecimento que alcançou na grande empreza da continuação da historia do famoso e eloquente Barros.

CAPITULO IV

Do interesse das duas historias

O interesse he hum affecto e o primeiro mobil de todas as acções do homem. Sendo a verdade o unico objecto da historia, a utilidade he quem deve formar o seu principal interesse. Ha tambem outro genero de interesse que lhe costuma dar peso e valor, o qual he commum em parte com o interesse na poesia. Expliquemonos com mais generalidade. Todo o assumpto deve interessar, aliás não merece ser tratado. Mas em que consiste este interesse? Pondo de parte a exposição das differentes modificações do interesse na poesia e na eloquencia em geral e em particular, por não ser do nosso argumento, diremos o que sentimos por interesse historico. Eu tenho para mim, que o interesse na historia consiste nos factos, cuja serie forma o tecido historico; se os factos não são importantes, não merecem lugar na historia, e por consequencia desapparece todo o genero de interesse, porque não existe a utilidade, e apaga-se a vontade de ler. Mas se elles por sua importancia forem dignos de ser relatados, com elles vem o interesse, que he o mesmo que o desejo de ler. Se Sallustio escrevesse

mal a proposito a vida de hum Corsario barbaresco, cujas acções nenhuma expectação fizerão, porque não sahindo da esfera dos acontecimentos ordinarios, não fizerão alteração alguma na ordem politica e moral dos povos, não conseguira ser lido por falta de interesse, o qual se mostraria desde o principio da obra. Mas compondo a historia da conjuração de Catilina, este mesmo nome produz interesse, porque alem de resultarem das traições daquelle faccioso acontecimentos notaveis, que forão o preludio de outros muito mais notaveis, ellas fizerão apparecer grandes personagens, taes como Cicero, que nunca seria Consul, nem viria a ter hum nome tão respeitavel no mundo, se a necessidade de rebater os progressos daquelle sedicioso o não chamasse ao Consulado, donde procedeo tão grande serie de acontecimentos, que fazem huma das partes mais brilhantes da historia civil e litteraria. Não só dos factos procede o interesse da historia, mas tambem da disposição delles, da pintura dos affectos, das reflexões e da elegancia do estylo. Já fica dito que a grandeza dos factos e a importancia delles faz o interesse principal da historia. O interesse que se funda na disposição dos acontecimentos, não deixa de ser attendivel se se narrar o que só deve ser narrado, sem que se veja a narração obstruida com factos de pouco momento, que longe de aclarar as grandes circumstancias, debilitão o credito e diminuem o interesse. Nesta parte não conheço historiadores mais completos do que Thucydedes, Sallustio, Tacito, e Barros entre nós. Tão bellas e interessantes são as reflexões de hum sabio historiador, como impertinentes e fastidiosas as de hum historiador inepto. As do primeiro ajudão a intelligencia do leitor, illustrão-no, e em certo modo o vão ensinando a pensar. As do segundo detem o fio da narração, esfrião o animo do leitor, e sem o illuminar, causão-lhe, pela sua affectação, hum tedio insupporta-

vel. Neste genero não tem os antigos nem os modernos modelo mais perfeito que Tacito. O estylo he o colorido das idéas; sem estylo não póde haver obra boa ou interessante, por mais bem pensada que seja. Se o da narração historica for claro, e ao mesmo tempo breve, será o mais perfeito e o mais adequado ao assumpto. Deste modo caminhará a narração ao seu fim com a velocidade que pede a gravidade da historia, que nunca se deve deter em factos de pouca entidade, que não merecem ser transmittidos á posteridade, porque nem dão a conhecer caracter de personagem, ou de nação, nem o espirito do seculo. Para se conseguir isto convem que o historiador seja completamente instruido no idioma em que houver de escrever. Conhecendo pois a indole da syntaxe em geral, e o valor das vozes em particular, póde com facilidade formar combinações expressivas, cuja energia sobresaia tão vivamente, que nellas se mostrem com a maior evidencia os caracteres fysicos e moraes dos personagens que deverão representar no immenso theatro da historia, e que hão de concorrer para a instrucção de todos os seculos. Sem ser tão diffuso e poetico como Herodoto, nem tão austero como Thucydedes, seja hum Xenofonte. Sem se ostentar orador pomposo como Livio, nem tão florido como Curcio, seja hum Sallustio, seja hum Tacito, Tacito o mais perfeito historiador da antiguidade; mas

Pindarum quisquis studet aemulari!

Breve nas descripções, judicioso nas sentenças, profundo nas observações, cheio de magestade e força, sempre vivo, sempre animado, sempre instructivo, puro, claro e elegante; tal será o estylo do historiador sublime que assim como o grande Tacito, ousar, magistrado eterno, proferir no tribunal da verdade sentença irrefragavel a favor da virtude e do merecimento contra a ambi-

ção, contra a injustiça, contra todos os monstros moraes que tanto degradão a natureza humana. Do que temos dito se colhe, que o interesse que se funda na congruencia do estylo, não sendo o menos consideravel, he certamente o mais attendivel depois daquelle que procede da grandeza do assumpto, da dignidade dos factos e expressão dos affectos..

Postos pois estes principios, vamos comparar o interesse destas duas celebres historias nas partes que mais capazes forem de comparação. Considerando nós e calculando os gráos de grandeza de cada hum dos heroes destes escriptos, vê-se clarissimamente que o interesse da historia de D. Paulo de Lima he inferior ao de D. João de Castro, que como heroe dotado de mais extensão de talentos, forçosamente se elevou muito acima do merecimento do heroe Lima, que não teve occasião de mostrar talentos para outra cousa que não fosse a guerra. Não duvidâmos que na disposição dos factos não temos que dizer do historiador Couto, a quem não se mostrou inferior o historiador Andrade. Comtudo não devemos deixar de reparar, que aquelle escriptor conta algumas vezes factos, que longe de dar dignidade á historia, embaração o fio da sua narrativa, como por exemplo: na famosa empreza de Jor a achada de hum retabulo de Nossa Senhora, em o que se demora Couto com reflexões assás mysteriosas e tão pouco verosimeis, que se as omittisse nada perderia o heroe da sua dignidade, mostrando-se menos credulo e mais sensato o historiador. O mesmo devemos ponderar das reflexões que faz a respeito de hum soldado que na mesma occasião disse vira Nossa Senhora, que lhe bradou que entrasse no forte do Cotobato, o qual soldado, sendo depois procurado não se achou; inferindo disto o historiador que aquella voz seria a de algum anjo enviado do Ceo para animar o exercito portuguez. He certo que a Deos nada

he impossivel, e que visivelmente auxiliou aos Portuguezes em lances de grande risco; mas a grande piedade de Diogo do Couto fez com que elle introduzisse, sem o devido exame, huns factos em que a mesma Igreja se porta com a maior e mais acertada circumspecção: nem eu vejo a necessidade destas reflexões do historiador, nem sei que a historia ficasse menos decorosa sem este episodio, que diminue o sublime da acção, que podia muito bem ser resultado natural de esforços humanos. Não devemos julgar o mesmo de Jacinto Freire quando relata a invenção da Cruz de S. Thomé, cuja narração he de hum facto positivo, que nenhuma correlação tinha com acontecimento humano. Isto de intrometter o sacro com o profano requer a maior prudencia. Querem ver hum lance destes bem desempenhado, vejão a velocidade com que o historiador Andrade narra como D. João de Castro mandou fazer deprecações publicas e secretas pelo bom successo de Diu. Aqui mostra-se a vigilancia do heroe que tudo providenciava; aqui resplandece a dignidade da narração, que não desce hum ponto do seu auge, e augmenta o interesse. Torno pois a dizer que a disposição narrativa do historiador Couto he natural, mas interrompida algumas vezes com digressões que não augmentão o interesse da narração, o qual sempre se sustenta em a de Jacinto Freire com dignidade pouco commum.

As reflexões na historia são, como já disse, de summo peso, se vem adequadas. Nellas se estriba tambem huma parte do interesse historico; ellas devem ser reputadas glosa daquillo a que se applicão, e hum auxilio que vai offerecendo á memoria do leitor a utilidade que facilmente lhe poderia escapar da intelligencia. A historia, a quem não acompanha esta virtude, tenho para mim que não he mais que huma descarnada collecção de gazetas. Estas reflexões combinadas com os factos em que

se fundão, são huns corollarios naturaes que encerrão em si doutrina preciosa, que constitue a utilidade, e por consequencia o fim e a parte mais essencial da historia. A que tiver taes propriedades sempre será estudada pelo leitor profundo, que não sendo levado de curiosidade futil de leitor frivolo, só busca a instrucção; e calculando a sublimidade da eloquencia de Livio, na lição de Tacito sonda a profundidade do mais justo, do mais sublime de todos os historiadores, donde tira a maior utilidade. Nesta parte se avantaja o historiador Andrade com conhecida superioridade a Diogo do Couto, cujas reflexões na historia de D. Paulo de Lima, não obstante serem menos frequentes que na de D. João de Castro, quasi sempre degenerão em declamações uteis comtudo para a nação e para o tempo em que elle escrevia, mas pouco interessantes para a posteridade. As reflexões de Jacinto Freire são commummente sensatas e muito laconicas. A combinação destas duas ultimas propriedades parecerá hyperbolica a quem pela experiencia não verificar a realidade do que affirmo. He tal e tão insinuativo este genero de interesse, que logo no principio desta bem escripta historia se inculca com tanta e tão vehemente persuasão, que convida o leitor a terminar na derradeira pagina a leitura de hum tão excellente escripto. Apontemos o lugar, que sendo ao mesmo tempo huma das mais artificiosas e bem preparadas transições que se podem encontrar na eloquencia se faz duplicadamente digna de attenção. «Foi D. João de Castro, entre os de tão grande appellido illustre descendente; mas primeiro relatemos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias pais melhores que os que da natureza se recebem.» Deu principio este engenhoso historiador á sua narração: *Foi D. João de Castro, &c.*, mas lembrando-se que deste modo começão quasi todas as narrações dos historiadores vulgares e sem genio,

que escrevem mais para lisonjear que para instruir; suspende o fio da narrativa desta maneira, *mas primeiro relatemos as virtudes*, &c., lance na verdade cheio do mais feliz artificio, e que só póde ser calculado pelo genio.

Huma das partes em que resplandece o interesse he sem duvida alguma na exposição dos affectos. Em a narração vê-se a exacção, nas reflexões a filosofia, na elegancia o gosto, e nos affectos o genio. Aquelle soberano enthusiasmo que altamente distingue, e dá a conhecer o engenho, isto he, a sensibilidade, a feliz disposição de hum cerebro bem organisado, em parte nenhuma se mostra com mais resplendor do que na expressão dos affectos, onde com bem sensivel evidencia se dão a conhecer os impulsos daquelle furor divino, que põem em nobre effervescencia as idéas resultantes dos sublimes abalos do genero nervoso combinado com a actividade da imaginação elevada ao mais subido ponto de sublimidade. Ninguem duvidará pois que nesta parte se eleva o historiador Couto acima do Andrade; não porque este os deixasse de manejar bem, mas porque o pathetico daquelle he mais filho do genio; o deste da reflexão: o daquelle he necessariamente mais inflammado; o do Andrade, inda que sensato, he mais frio, porque deve mais á arte do que ao genio. O pathetico do Couto he de hum poeta; o de Jacinto Freire de hum geometra. Hum penetra o coração, outro apenas o toca. He bem verdade que o caracter dos personagens da historia de D. João de Castro, como mais austeros pedem affectos mais graves, e por isso menos expressivos que aquelles que se representão nos da historia de D. Paulo de Lima, os quaes forão produzidos em situações menos tragicas sim, mas de maior afflicção que os que se exprimem na historia de D. João de Castro, que posto serem mais tragicos, são de menos afflicção. Por tragico entendo

aqui heroico. Neste lugar devêra expor-se alguma confrontação de pinturas de affectos; mas como pretendemos fallar na segunda parte mais expressamente sobre esta materia o deixâmos de fazer neste lugar.

Não he de menos consideração o interesse que se estriba nas graças do estilo. Alguns espiritos extremamente aferrados ao methodo analytico não são de opinião que do estilo que elles tem absolutamente por accidente possa nascer genero algum de interesse, tendo para si que este só póde nascer do assumpto e das partes que tem immediata analogia com elle. Deste engano se precipitão n'outro, que he supporem que todo o merecimento de qualquer obra está nos pensamentos, e pouco ou nada nas palavras, fundados naquelle principio de que o accidente não póde existir sem o sujeito. Isto considerado á primeira vista tem toda a força; mas se nós considerarmos que as idéas concebidas no interior de qualquer individuo não podem absolutamente existir fóra delle sem ser por meio da expressão, concluiremos que aquelle acerto de tanta evidencia em boa filosofia, no caso presente padece èxcepção. He certo que as palavras consideradas por si só são meros accidentes que não podem existir sem sujeito; mas não se tendo excogitado até aqui expediente algum que não sejão as enunciações estabelecidas para exprimir as concepções do entendimento humano, segue-se que essas mesmas enunciações hão de ter huma estricta independencia com o conceito, as quaes, com preferencia a toda a invenção humana, exprimem, pintão e põem diante dos nossos olhos a idéa concebida na intelligencia, e que por effeito de huma magica particularissima ao ente racional, chega a ponto de dar existencia, alma e vida a entidades metafysicas, e tão abstractas que apenas gozão de existencia no entendimento que as produz, muitas das quaes não podendo ser analysadas nem sondadas,

jazem incognitas, exhalando de si apenas hum leve resplendor continuamente moribundo n'hum abysmo de escuridade. Segue-se pois que o merecimento da expressão não he tão diminuto como quer a severidade geometrica, e que o interesse que nella se funda não he menos geral do que aquelle que procede do mesmo assumpto ou das situações notaveis conduzidas pela ordem do tempo ou preparadas pela arte. Póde huma obra ser mal dirigida, mal pensada, e merecer grande apreço pelas graças da elocução. Todos sabem quanto claudica na invenção o *Furioso* do Ariosto, isso não obstante, que escripto ha mais lido que aquelle poema? Os delirios monstruosos que a cada passo ali se encontrão fazem porventura que aquella obra não seja as delicias de todo o homem de gosto? Logo qual he o prestigio que opera effeitos tão extraordinarios? O estilo. Todas as graças, todas as virtudes que fazem o encanto da mais amavel elocução, concorrem para dar áquelle poema hum interesse geral, unico motivo da estimação que todos lhe consagrão. Que interesse póde ter para nós o D. Quixote? Existe porventura o objecto daquella satyra? Temos nós conhecimento das suas allusões senão por informações precarias, que não nos podem affeiçoar com energia, e que apenas derramão na nossa alma algumas frias commoções? A formosura da linguagem não he quem propaga o interesse, que já para nós apenas se sostem nas mais remotas reminiscencias? As graças da dicção não he quem faz aquella admiravel novella lida e estimada em todo o mundo litterario? Hum estilo excellente requer tantos requisitos, que o seu merecimento não he inferior ao da invenção. Não he só minha esta opinião. Cicero, e ainda Aristoteles não deixa de assentir a ella. Póde-se ver a este respeito o bello e judicioso prologo da *Marianne* de Voltaire, onde se expendem as

mais excellentes regras do bom gosto nesta materia. Vamos ao nosso assumpto.

O interesse do estilo das duas obras, que são o objecto da nossa comparação, tem diversas propriedades. Sendo o estilo da historia de D. Paulo de Lima todo fluido, todo natural, algumas vezes he languido e incorrecto; mas estes defeitos ou negligencias são huns descuidos artificiosos, que exprimem huma certa candura de estilo semelhante talvez áquella que os Francezes notão em Molière e no seu La Fontaine, produzida tambem pelos mesmos defeitos, que são nestes auctores verdadeiras bellezas. Quando se eleva ao sublime na descripção especialmente de alguma empreza notavel, a sua elevação não he aspera e fatigada, mas doce e accessivel ao entendimento mais debil. Nas pinturas do terrivel he forte e cheio de vivacidade, mas facil e harmonioso. Na expressão dos affectos, mais do que em outra qualquer parte, conserva o interesse com dignidade propria da gravidade da historia, cujos exemplos em seu lugar apontaremos. Comtudo devemos confessar que esta facilidade, esta fluidez que tanto se mostra no estilo da historia de D. Paulo de Lima, degenera quasi sempre em huma negligencia molle e indecente a huma historia, cujo contexto se tece de factos bellicos, na pintura dos quaes convinha resplandecer hum estilo forte e nervoso, cheio de calor e movimento, como se encontra em todos os lugares deste genero nas suas Decadas, que forão certamente compostas com mais congruencia de estilo do que esta historia, que bem parece que foi escripta na debilidade do historiador Couto.

O interesse sustentado no estilo de Jacinto Freire de Andrade he sem duvida o mais relevante e acreditado pelo geral applauso que a estimação publica tem consagrado ao merecimento daquelle insigne historiador. Sendo o assumpto da historia que compoz a quinta es-

sencia do heroismo; a sublimidade como consequencia, a grandeza e a magestade havião de fazer, como na realidade fazem, a parte mais resplandecente do seu estilo, cuja gravidade combinada com a grandeza do seu argumento tem sido objecto de admiração e de imitação. Formando-se pois o estilo desta historia das vozes mais cultas e significantes em tal ponto, que parece cada huma dellas pesada e analysada com a maior e mais severa critica e exame filosofico, conserva hum andamento grave e respeitoso, igual ao seu assumpto, onde a virtude e a discrição dão summo realce á combinação continua de huma elocução sempre grande, sempre clara, pura e elegante. Não sendo tão fluido, nem tão pathetico como o de Diogo do Couto, he mais dramatico, mais cheio de energia e movimento. O seu periodo he mais curto, mas tem mais peso. O dizer muito em pouco he o caracter principal do seu estilo; differença conhecida da frase do historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima, cujo periodo he mais extenso, sem que por isso seja difuso. Parece que o estilo de Livio foi a norma deste historiador, assim como o de Tacito foi o modelo de Jacinto Freire de Andrade. O pincel daquelle he vivo, mas suave, segundo a maneira de Livio; o deste forte, mas agradavel, como o de Tacito. As pinturas do Couto são bellas, as de Andrade muito acabadas. Aquelle diz tudo, este diz o necessario. Aquelle deleita, como Livio, a quem imita; este ensina e não desagrada, como Tacito, cujo estilo pela vivacidade, pelo laconismo, parece mais proprio para pintar a virtude e fulminar a maldade.

O corollario deste capitulo mostra que o interesse da historia de D. João de Castro he mais articulado e mais expressivo em todas as suas partes do que o da de D. Paulo de Lima, pela mesma razão já indicada, que o merecimento do heroe Castro conhecidamente se eleva acima do do heroe Lima, cujas qualidades ficão escure-

cidas á vista das eminentes virtudes do primeiro, que ficou para sempre hombreando com os maiores heroes da antiguidade grega e romana.

CAPITULO V

Dos caracteres

Hum poeta que não entra no numero dos versificadores, hum poeta sabio, hum verdadeiro poeta na estructura de huma epopêa, de hum drama, ou de outro qualquer poema de avultado corpo põe todo o cuidado na escolha de caracteres os mais articulados, e delles forma contrastes os mais expressivos para dar grande força de claro-escuro á sua pintura, para assim deleitar e tambem instruir, e por fim de tudo ficar eterna a sua obra nos applausos da fama. Assim tambem o historiador, mas não com tanta generalidade, deve dispor os caracteres das suas personagens. He verdade que na sua mão está, assim como na do poeta, a escolha dos caracteres, que não podem ser senão os que a verdade dos acontecimentos lhe ministrar. E póde tambem succeder que os personagens de huma historia tenhão analogia de caracteres, ou que sobresáião tão pouco huns aos outros, que formem huma combinação moral tão monotona, que ou tudo seja luz, ou tudo sombra, que tira a variedade e apaga o deleite. Mas isto raramente póde acontecer, porque a natureza derramou no ente racional tanta diversidade de modificações moraes e fysicas, que parece impossivel se possa combinar tal semelhança de costumes e de inclinações; e por isso devemos quasi que ter por certo que não ha individuo cujo caracter não seja diversissimo de outro, ao menos em parte. Pede pois a razão que em taes casos faça o historiador toda a diligencia em dar o possivel relevo ás articulações das pinturas deste genero, para assim se apre-

sentarem com manifesta distincção, e poderem formar contrastes assaz relevantes e sensiveis. Para conseguir isto, deve primeiramente estudar com a maior e mais profunda reflexão o seu assumpto, observando-o por todos os lados, sem que deixe escapar o mais leve contorno, macula ou feição, isto he, todas as propriedades e oscillações moraes e fysicas, se a occasião o pedir, e atando-as entre si por hum nexo muito natural e artificioso, forme e aperfeiçõe o seu quadro, não com tão demasiada diligencia como Paterculo, por não incorrer na censura dos criticos nimiamente rigorosos, mas com a energia de Sallustio e Tacito, cujos quadros neste genero, sem ter a affectação de Velleyo, conservão toda a delicadeza com que este grande artifice se faz nisto recommendavel no mundo litterario. Que esta expressão de caracteres seja necessaria na historia a razão o persuade. Quanto mais expressivos são os caracteres, tanto mais se vem a conhecer as causas de muitos acontecimentos, que a ignorancia daquellas attribue muitas vezes ao capricho ou á casualidade, do que depende a intelligencia da historia, sem a qual não se podem calcular os acontecimentos que ali se apresentão como normas positivas de instrucção, nem delles extrahir probabilidades futuras, onde está a utilidade da historia, pelo que Cicero lhe chama no segundo *Livro do Orador* mestra da vida. Por exemplo: da severidade do caracter de Bruto se conhece a causa da indole geral do povo romano, cujo caracter firme e vigoroso deo tom á constancia inalteravel daquella nação, donde extrahindo-se a somma das consequencias futuras, sabe o resultado, que o mesmo caracter ha de ser o de qualquer nação que amar a gloria, como se collige das acções dos Portuguezes a quem a mesma paixão determinou ás grandes emprezas com qne se fez illustre. Isto posto vamos ao nosso argumento.

Os caracteres que se nos apresentão na historia de D. Paulo de Lima são commummente traçados com summa facilidade, mas com debil expressão. Se o pincel de Diogo do Couto não acha á mão, e sem custo, tintas para desenhar com gravidade as indoles dos seus personagens, serve-se logo das que a occasião lhe offerece sem cogitar da sua cultura, nem estudar mais que as qualidades que apparecem, causa da debilidade de articulação das suas pinturas neste genero, e da pouca profundidade dos seus discursos pelo que pertence a esta historia, sem que este seja o mesmo conceito que formâmos da sua grande historia, onde he mais vivo e mais animado, pelo que julgo que este troço de historia não foi lavrado com tanta correcção e actividade como as Decadas, onde a força da idade do auctor se mostra com tanta energia, como a fraqueza dos annos nesta. Isto se patenteia com evidencia na pintura das propriedades caracteristicas do seu heroe no primeiro capitulo da sua vida, onde nada se vê de relevante mais do que poder julgar (assim como disse de D. João de Castro nas Decadas) *dentre estylos e estylo* na lingua latina, como elle mesmo se exprime, qualidade ociosa por não dar occasião, nem motivar circumstancia alguma singular da vida de D. Paulo, e a de não mostrar jámais medo em transes onde sujeitos do maior valor o mostrárão, qualidade trivial em muitos guerreiros. Parece-me que o historiador na pintura do caracter deste heroe poderia apontar modificações por onde viessemos a conhecer que o interesse mais do que a gloria era o mobil das suas acções; só se o auctor occultou esta macula moral para fazer o seu heroe mais digno; mas esta qualidade sendo mais propria da poesia, que nos pinta os seus heroes, não como forão, mas como deverão ser, he absolutamente alheia da historia, que exclue tudo aquillo que não tem decidamente hum caracter de verdade; comtudo devemos

confessar que de quando em quando apparecem nesta historia rasgos caracteristicos dignos do pincel que desenhou com tanta valentia, tanta immensidade de pinturas moraes e fysicas na grande continuação da historia da India. Deste genero são os bellos e vigorosos traços que em breve desenho retratou o furor e a cubiça desenfreada, que com tanto imperio dominava a nação portugueza na India, a qual diversissima em tudo do que era em tempo de D. João de Castro, em lugar da gloria, que então era o astro que dirigia as suas acções, tinha dado preferencia áquelles affectos odiosos, ainda mesmo nas feras, quanto mais nos homens. Transcrevamos o lugar que vem no cap. 3.º, e de caminho se notará a facilidade da pintura tão viva e tão resumida, que póde ser modelo. «Sabendo Luiz de Mello o caso entrou no rio com toda a armada e desembarcou em terra com muito boa ordem, e foi commettendo a cidade, que era grande e formosa, a qual foi entrada com muito valor, *e dentro nella fizerão os nossos espantosas cruezas, não perdoando a sexo nem a idade, nem ainda ás alimarias*». Estas derradeiras clausulas, onde se achão consignados os signaes caracteristicos de que fallámos, são certamente da maior expressão picturesca, e annuncião a grande energia do pintor e do pincel que desenhou os grandes caracteres de Lopo Vaz de Sampaio, dos Silveiras, dos Castros, dos Athaides, e outros muitos heroes que ainda hoje celebra a fama como prodigios de valor. Estas mesmas circumstancias acompanhão a outras muitas pinturas deste genero, nas quaes procede sempre com a maior brevidade, designando com hum rasgo curtissimo, mas cheio de summa vivacidade, o caracter principal do personagem que retrata, sem lhe importar mais nenhuma propriedade subalterna, como por exemplo, querendo exprimir a imbecilidade de hum Rei de Cambaya, diz: «... sendo já homem o pobre Rei, *que era como huma estatua*». Esta

derradeira he huma clausula caracteristica que dá muito que pensar ao leitor, e por isso a tenho por huma das mais bellas neste genero. A pintura do caracter de Fernão de Montaroy, sogro de D. Paulo de Lima, no cap. 13.º, he mais extensa, e toca nella cousas bem essenciaes; transcrevamol-a, que não deixa de o merecer: «Havia naquella cidade hum fidalgo de Portalegre, chamado Fernão de Montaroy, de muitos serviços e merecimentos, *e hum dos avisados homens com que na India fallei, e que mais sabia da Côrte e dos homens*». Excellente e bem desenhada pintura de hum homem prudente e sisudo, optimamente expressado pelas causaes consignadas nas duas derradeiras formulas *e que mais sabia da Côrte e dos homens*. A qualidade mais notavel que resplandecia no caracter de D. Paulo de Lima he a constancia, em que se firmava toda a energia da sua intrepidez; esta propriedade se acha bem desenhada nas clausulas seguintes no cap. 14.º, pintando-a na occasião de romper huma das mais sanguinosas batalhas, em que aquelle heroe se achou: «E com *grande confiança* se poz ao pé da estanteirola armado das armas mais ligeiras e fortes, e huma espada e rodela, tão seguro em seu animo que me affirmárão algumas pessoas de sua galeota, que se lhe não enxergou mudança alguma, *senão muita alegria, e gosto de se ver naquelle estado,* em que esperava ... huma mui honrosa victoria». As clausulas *grande confiança* e ... *senão muita alegria e gosto de se ver naquelle estado* pintão com a maior expressão a constancia, o valor daquelle heroe; estas mesmas formulas caracteristicas reforção mais adiante a pintura deste modo: «E remettendo com os inimigos, chamando pelos seus soldados, que o seguissem, lançou-se na galeota acompanhado dos principaes, e entre os Mouros fez tantas cavallarias, *tão alegre sempre e risonho,* que causava nos seus dobrado animo». Tambem he notavel a facilidade com que traça em bre-

vissima clausula a constancia de Fabião Magro, soldado que pretendendo Nuno Vaz de Castello Branco tirar-lhe huma bala que tinha n'hum quadril, o não consentio, dizendo-lhe «que lh'a deixasse ficar, porque lh'a não havia de tirar dali senão sua dama». Dito semelhante ao de hum soldado raso, que vendo fazer votos a muitos outros ao romper de huma batalha que se deo na India, prometteo casar com D. Leonor de Sá, que era huma fidalga filha de Garcia de Sá, que veio a ser Governador da India, e a maior formosura do seu tempo naquellas partes, facto relatado pelo mesmo historiador nas Decadas, e mui semelhante à outro ainda mais temerario, que se fez na batalha de Aljubarrota; ditos que, denotando soltura de costumes, pintão com summo artificio o valor e a serenidade de espirito, propriedades principaes de hum guerreiro, a quem tanto não assombra a terribilidade de transes tão horrorosos, que em nada tem os perigos que ali costumão ser tão frequentes. Do mesmo modo pinta em breve rasgo o caracter de moderação em D. Paulo de Lima no seu governo de Chaul pela maneira seguinte: «Chegou a Chaul, tomou posse da sua fortaleza, em que esteve tres annos tão bemquisto de todos, que quando acabou o seu triennio ficárão chorando por elle. Foi Capitão recto de justiça, nunca avexou os moradores no maneio da sua fazenda». Assim tambem traça ainda mais laconicamente o caracter de magnanimidade do Vice-Rei D. Duarte de Menezes. «O Vice-Rei D. Duarte como era de grande animo, não se acanhou com as novas de Ceilão.» Na clausula collectiva — *como era de grande animo* — está desenhado com bastante energia hum grande caracter, representando hum aggregado de predicados, cuja subintelligencia se facilita ao entendimento com assaz facilidade. O mesmo laconismo se vê nas seguintes clausulas, que exprimem a valentia inherente ao caracter de D. Antonio de Noro-

nha, Governador de Malaca. «D. Antonio como era ambicioso de honra e bom cavalleiro, foi-lhe facil de persuadir aquella empreza.» No cap. 27.º se vê traçado com maior e mais energica vivacidade o caracter fysico e moral de Matheus Pereira, Capitão da armada de D. Paulo de Lima na empreza de Jor, do modo seguinte: «Matheus Pereira foi sempre diante de todos, sustentando o impeto dos Mouros, fazendo tremer a todos pelo estrago que lhe vião hir fazendo; porque era hum homem muito grande e membrudo, e sobretudo de grande animo e forças, e como hum leão feroz foi sempre pondo o peito a todos os perigos, bradando pelos seus que o seguissem.» Nestas derradeiras clausulas se expressa toda a força desta bella pintura, cujo colorido se acha consignado com a maior expressão nas quatro propriedades: *muito grande, membrudo, grande animo* e *forças*, alem de outras bellezas que n'outro lugar exporemos quando tratarmos da elocução. Do que dito fica se colhe que o forte de Diogo do Couto neste escripto não he a pintura dos caracteres que commummente são traçados com rasgos pouco liberaes. He verdade que este genero requer hum talento especial, illustrado pela filosofia mais penetrante, para desenvolver signaes caracteristicos, que muitas vezes jazem occultos debaixo de circumstancias que não podem sondar espiritos superficiaes. Esta falta em hum historiador he de muita consequencia; os caracteres bem descriptos, bem articulados, não só dão summo deleite, mas illustrão muito a historia, porque manifestão os motivos dos grandes acontecimentos, donde resulta a sua maior utilidade, que he a instrucção, objecto principal desta qualidade de escripto tão necessario á sociedade.

Passemos a examinar como se portou o historiador Andrade nesta parte tão interessante da historia.

Não sendo este escriptor tão facil nem tão perspicuo

nas pinturas caracteristicas como o historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima, he sem duvida muito mais sublime, mais laconico e profundo, lançando neste genero de quadros expressões collectivas, que dão muito que pensar, á maneira de Sallustio, e ainda mesmo de Tacito, de cuja profundidade foi liberal imitador. Por exemplo: quando faz a immortal pintura do seu heroe, logo no principio traça com sublimidade digna de huma tão grande penna a pintura caracteristica de D. João de Castro em clausulas collectivas tão grandes, tão cheias de vehemencia, que excita, que accende o espirito do leitor desejoso de saber, de depositar na sua memoria a serie dos factos que formão o tecido de huma tão grande historia, por quem desde ali concebe o maior interesse. «Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias.» Não ha duvida que esta expressão *varão ainda maior que seu nome* póde ser assumpto de huma critica severa, ou de hum genio nimiamente metafysico, que perguntará que quer dizer *maior que seu nome?* Não, não he esta clausula huma ociosa combinação de termos despidos de sentido; *varão maior que seu nome*, quer dizer que aquillo que executou, pelo qual mereceu tanta fama; *nome* he pouco em comparação do que elle era capaz de executar, se a occasião se lhe offerecesse; *varão maior* se este não he o sentido natural, se esta glosa não he a verdadeira exposição de huma formula tão sublime, então qual será a formula da expressão que nos offereça neste genero hum sentido positivo e determinado. Este mesmo caracter de sublimidade reina em todas as pinturas caracteristicas do seu heroe derramadas pelo corpo da historia, nas quaes sustenta com a maior e mais energica gravidade a grandeza da sua alma e a magnanimidade de seu coração, o que manifestamente se mostra no liberal desinteresse com que recusa acceitar dous mil

cruzados com que o Imperador Carlos V, o maior e mais victorioso monarcha da Europa, quiz premiar o seu valor, mostrando, como diz o insigne historiador, que quem aspira á gloria, não ambiciona remunerações. O mesmo caracter de grandeza apparece com mais sublime resplendor na pessoa do grande Castro, quando passando a primeira vez á India não acceitou a fortaleza de Ormuz, o maior e mais lucroso governo, donde todos sahião accumulados de riquezas, acção, como diz o admiravel historiador Andrade, mais facil de louvar que de imitar. Assim, ou por melhor dizer, acompanhado de predicados que raramente se tem visto, ao menos entre nós, se ostenta a grandeza de espirito do heroe Castro na famosa viagem ao Mar Roxo; ali apparece o heroe guerreiro e o heroe filosofo, sondando mares, tomando alturas, arrumando costas, investigando causas de fenomenos, sem exemplo que seguisse, e sem esperança de premio mais de que o louvor e a admiração da posteridade. O mesmo conceito devemos fazer da bella pintura do seu valor na heroica resolução com que foi esperar os Turcos ao Estreito; lance talvez o mais eloquente e bem pensado que se encontra na historia. Não fallo já na pintura caracteristica com que o insigne e eloquente historiador realça a grandeza, a magnanimidade do seu heroe: ainda que o talento da palavra estivesse em nós no mesmo gráo a que se sublimou naquelle grande historiador, toda a eloquencia seria diminuta para avaliar a somma das virtudes caracteristicas do heroe Castro na protecção do infeliz Mehale contra a soberba do poderoso Hidalcão; na morte de seu filho D. Fernando; nos soccorros de Diu; na sanguinolenta batalha em que descercou aquella praça; no emprestimo que pedio sobre os cabellos da barba, que não tem exemplo na historia; e finalmente na sua morte. Seria materia de longo discurso se quizessemos ponderar emfim todas as graças pictu-

rescas com que este excellente pintor desenha com a maior propriedade o caracter daquelle grande homem, que se acha illuminado com as acções mais vivas e brilhantes nos traços liberaes do historiador Andrade, dignos dos Thucydedes, dos Livios e dos Tacitos. O caracter de Coge Çofar he do maior e mais vigoroso alento historico; o interesse, a dissimulação, a lisonja e a perfidia ali se deixão ver através de huma exterioridade de prudencia, de gratidão, de valor e de constancia, unidos á penetração e á sagacidade. A vigilancia, a prudencia, a constancia se achão desenhados com a maior vivacidade de colorido nas pinturas do caracter de D. João Mascarenhas, em quem resplandecião todas as virtudes bellicas, que fazem summamente recommendavel hum grande Capitão. As de D. Alvaro e D. Fernando de Castro tem toda a força de colorido; ali se vê a obediencia filial, a subordinação aos preceitos paternaes, a prudencia, a obediencia e o valor subido ao maior gráo de heroismo racional. O caracter de Antonio Moniz Barreto tambem se exprime com o mais avantajado vigor de energia de que he capaz hum espirito que pelo merecimento se havia de elevar ao gráo que occupava o grande Castro. A pintura do caracter do Hydalcão he das mais bellas e artificiosas, e conserva grande força de claro-escuro pelos seus contrastes. Depois de traçar com destreza e vivacidade os principaes rasgos do seu caracter, diz: «Era o Hydalcão liberal e valoroso, e sem duvida fôra hum grande Principe se conservára o reino com as mesmas virtudes com que soube adquiril-o.» O caracter de zêlo e amor patriotico das mulheres de Chaul, em especialidade de Catharina de Sousa, que offerecêrão as suas joias para acudir ao cerco de Diu, está gentilmente desenhado pelo realce comparativo com as matronas romanas. Os caracteres de Izabel Fernandes e de Izabel Madeira são nobres e varonis. O de Miguel de Arnide he

do maior vulto. São tantas as bellezas que desta qualidade se encontrão neste elegante escripto, que formariamos longo processo se quizessemos tratal-as com toda a miudeza. E fazendo breve recopilação do que temos dito se vê: que o facil e o natural sendo as propriedades principaes do pincel do historiador Couto, neste genero se mostra commummente pouco animado e vigoroso. Que o sublime dos seus caracteres nenhum constrangimento tem. Que o dos de Jacinto Freire, sendo muito profundo, he todo estudado; e com razão, porque neste genero he onde mais se permitte o artificio e o estudo, por meio do qual se desenvolvem os signaes caracteristicos, que servem de modelo ás copias. Diogo do Couto nestes quadros he diminuto; Jacinto Freire nada omitte. Os daquelle são esboços, os deste são acabados. Aquelle acena, este exprime. Aquelle mostra de longe, este põe diante dos olhos. Aquelle lança nas suas pinturas muitas sombras, este grande força de luz. O primeiro apenas estende as principaes feições, o segundo lança as necessarias. O primeiro finalmente deixa huns longes na reminiscencia, o segundo todo se imprime na memoria, e não deixa vacillar o leitor no conhecimento do original, que com a elegancia do colorido o mais vivo e articulado felizmente se reproduz na copia, em virtude do nobre enthusiasmo que anima a liberalidade do immortal pincel.

CAPITULO VI

Das sentenças

Por sentença eu não quero aqui entender concepção, sentido, oû conceito expressado por enunciação oral na representação dos signaes figurativos da escriptura; mas sim aquelles pensamentos elevados, que em ambito resumido de expressão laconica e viva encerrão alguma maxima politica, ou moral conducente á instrucção. Es-

tes lumes do discurso, como lhe chama o sabio Quintiliano, em nenhuma parte são mais convenientes do que na historia. No mar immenso de tantos acontecimentos de que se compõe a narração historica, são as sentenças como astros de resplendor eterno, que gúião o entendimento á instrucção por meio da verdade; são humas glosas laconicas do que fica exposto; humas sommas resumidas de muitas quantidades positivas, que informão sem custo e illustrão sem cegar; huns documentos perennes; huns auxilios da memoria que fomentão a reflexão para ajuizar de outros factos. Este methodo requer hum juizo sabio e profundo, ensinado pela experiencia e instruido pela lição. De modo nenhum se adapta elle ao genio superficial, a quem a meditação causa tortura. Parece que a historia despida de sentenças não tem peso, nem valor, e he hum corpo secco e inanimado. Herodoto deleita pelo recondito das noticias, que não devem ser tão reputadas por fabulosas pelo sabio que estuda a antiguidade e a natureza como filosofo, e pelas graças do estilo. Thucydides tem summo apreço pela veracidade, e muito mais pela velocidade da narração, que raramente deixa de expor aquillo que deve. Xenofonte agrada pela simplicidade e pela elegancia do estilo. A Tito Livio derão gloria immortal o artificio da narração, a eloquencia e a elegancia. Cesar sempre será modelo de simplicidade e de pureza de estilo. Isso não obstante, quem não dirá que a profundidade de Tacito só por si instrue mais do que todos aquelles grandes historiadores? As reflexões e as sentenças são frequentes neste mais do que em nenhum dos mencionados escriptores, porque tambem he o mais sabio e o mais profundo de todos, apezar da superstição cega com que o padre Rapin eleva Tito Livio acima de todos os historiadores, e deprime a auctoridade de Tacito, cujo merecimento só póde ser calculado pela filosofia da razão, que

não idolatra a genero algum de auctoridade. As sentenças, digo, e às reflexões com que Tacito acompanha a veracidade da sua narrativa são certamente quem estabelece toda a solidez do relevante merecimento das suas historias, só feitas para genios profundos e meditativos, só feitas para o estudo, e as outras para a curiosidade.

Não he o meu intento approvar o excesso da sentença. Muitos escriptores do seculo de seiscentos fizerão tal abuso della que pozerão em descredito o estilo sentencioso. Daqui veio talvez a aversão que muitos criticos, entre elles o mesmo padre Rapin, testemunharão indistinctamente contra a sentença, ainda mesmo empregada por Tacito com tanto acerto e gravidade tão digna da historia. Mas o Rapin, e outros muitos filologos não forão nesta materia conduzidos pelas luzes da filosofia. Não se portárão assim o sabio d'Alembert, e outros escriptores cuja critica purificada pelas luzes da razão vingou o merecimento de Tasso das injustiças de criticos menos illuminados, que em desprezo do principal davão mais valor ao accessorio. Convenho que o merecimento de Tito Livio he do maior vulto, que elle sempre ha de agradar, e Tacito sempre ha de instruir. A maneira daquelle deleita em extremo, a deste ensina e faz o leitor attento e sensato.

Esta norma foi seguida com frequencia por Jacinto Freire como dotado de genio mais profundo e exacto, cuja narração corre sempre acompanhada de corollarios naturaes, que vão ensinando o leitor a discorrer com exacção. Julgo que este modo de historiar era o mais conveniente ao assumpto. D. João de Castro era varão em tudo medido pela razão e pela virtude, qualidades preciosas que elevavão o seu espirito a tal ponto de heroismo, que as suas obras e palavras, alem de sahirem da esfera do commum, se mostravão summamente grandes e instructivas. Isto mesmo se vê na narração e no

estilo do Andrade, aquella sempre activa e veloz, este sempre animado e despido daquella morbida languidez que constitue o caracter do commum dos historiadores do seculo de quinhentos, á excepção de Barros, Couto e Damião de Goes algumas vezes. O segundo pois na historia de D. Pedro de Lima, seguindo mais a maneira leviana, mas com muito menos alento que nas Decadas, corre veloz assaz desembaraçado de sentenças; porque suppõe o leitor com instrucção sufficiente para supprir ás reflexões, aindaque algumas vezes moralisa de tal modo que degenera em declamador. E por isso não cahiria em desacerto quem dissesse que a historia de D. Paulo de Lima, assim como os commentarios de Cesar, está escripta como as memorias modernas de alguns generaes francezes. Algumas sentenças, pois, que de quando em quando se encontrão naquella historia são menos relevantes por pouco apropriadas, e menos concisas que as de Jacinto Freire, que sempre as concebe em hum estilo harmonico e nervoso, que com facilidade se imprimem na memoria. Ora pois, sem que nos detenhamos em transcrever as do historiador Couto na sua historia, que faz parte do assumpto deste escripto, sejanos licito expor aqui algumas do historiador Andrade, de cujos aforismos se poderia formar com pouca alteração hum curso completo de moral politica e christã. Logo no principio estende hum apothema de eterna veracidade que honra as letras pelas quaes elle e o seu heroe se distinguirão e se fizerão famosos. «Durão as memorias menos nas tradições que nos escriptos.» O que se segue he digno dos bronzes, não só pela feliz e artificiosa transição de sentido, mas pela sublimidáde do conceito, que encerra verdades tão evidentes á razão, como pouco acreditadas pelas obras de alguns. «Mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pais melhores, que os que da natureza se

recebem.» He tambem de colorido assaz relevado a que se segue: «As lembranças dos Reis fazem soldados.» Nas clausulas que se seguem, postoque não constituão sentença *in rigore,* se encerra hum documento que devêra ser com o maior fervor imitado de todo o bom cidadão. He no primeiro livro, fallando tambem de D. João de Castro: «Sem os arrimos da fazenda conservou o respeito, de maneira que era tratado de todos com veneração de rico e lastima de pobre.» O sentido do derradeiro membro he digno de andar impresso no entendimento de todos, e servir de bussola eterna áquelles que destituidos dos bens da fortuna concebem o nobre desejo de ser considerados na estimação daquelles mesmos, que só tem a riqueza e o nascimento por unico distinctivo do homem de bem. O mesmo conceito formo da seguinte expressão, que para mim tem o maior peso, pelo que faz pensar. Fallando de D. João de Castro na famosa jornada de Tunes, diz que elle «igualmente desprezou o perigo e a cubiça». Nesta ultima clausula allude aos dous mil cruzados que não quiz acceitar do Imperador Carlos V. Este conceito he summamente relevante. Que cousa póde haver mais heroica do que desprezar perigos e cubiça; hum como motivo de privação do que mais amâmos, a vida; outro como causal de circumstancias que a fazem agradavel? E porque mais heroica? Por isso mesmo que aquelle desprezo he huma resolução que exprime fortaleza de espirito pouco commum e só propria de alma forte que sabe domar affeições que todos repugnam vencer. Este mesmo conceito quanto á derradeira clausula se desenvolve em expressão mais dilatada na seguinte passagem, à qual representa huma das mais expressivas pinturas de caracter que se encontra em toda a historia: «Aqui se recreava com huma estranha e nova agricultura, cortando as arvores que produzião fructo, e plantando em seu lugar arvoredos sil-

vestres e estereis; quiçá mostrando que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava esperava paga de beneficio.» O raciocinio que se segue dá grande força de luz ao quadro, e ensina como se deve executar esta qualidade de pinturas. «Mas que muito fizesse pouco caso do que podião produzir os penedos de Cintra quem soube pisar com desprezo os rubis e diamantes do Oriente!» Com que maior fortaleza exprimiria hum tal caracter o correcto pincel do sabio Miguel Angelo Buonaroti? Este epifonema, alem da configuração moral que representa, he glosa do primeiro asserto positivo — *igualmente desprezou o perigo e a cubiça,* prova de que o auctor na composição deste bello escripto procede consequente. A maxima politica, que se segue, expendida na bella falla de Coge Çofar ás tropas para as animar á empreza de Diu he da maior importancia. «... não podendo naturalmente durar hum imperio sem forças sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhe são sujeitos.» Faz-se digna de attenção a força do primeiro membro consignada na clausula *sem forças,* expressão que não só exprime relações á milicia, mas significa collectivamente tudo o que contribue á força de hum estado, como a população, a agricultura, as artes, o commercio, a navegação, as sciencias, a legislação, etc. Na excellente falla, que D. João de Castro faz a seu filho D. Fernando, vem o seguinte apothema tão sublime como filosofico: «O nascimento em todos he igual, as obras fazem os homens differentes.» Seria obra de longo processo se emprehendessemos analysar todas as formulas sentenciosas, conceitos sublimes, documentos proveitosos, reflexões, e maximas politicas e moraes de que esta obra se acha felizmente adornada, e em que se funda grande parte do seu merecimento. Verdade he que a severidade da critica, que só se esmera em achar defeitos nos escriptos que mais tem merecido a estimação geral, julga

grande parte destas sentenças e ditos proveitosos agudezas, ou pensamentos guindados e muito exquisitos. Eu não os tenho por taes; mas como a minha auctoridade nenhum peso tem, se não for estribada na razão, com esta provarei a minha opinião sobre este ponto. Em primeiro lugar, ninguem póde cabalmente julgar de hum pensamento ou conceito relevante, se não se achar nas mesmas circumstancias de affecto ou de interesse que o auctor que as produzio, que senhor do seu plano vai deduzindo as idéas, segundo a sua analogia mental, ás quaes dá o colorido de expressão conforme o gráo de effervescencia em que se acha o seu espirito, e de que só elle póde dar razão. Ora como ha de ajuizar hum critico com exacção de certos conceitos alheios, ignorando os motivos que lhes derão ser, e não se achando no mesmo gráo de interesse que o auctor que os produzio? Alem disto, tendo cada escriptor sua maneira de inventar, de pensar, de comparar, de raciocinar, de unir e de expressar, como póde o critico achar-se em igual positura em todos estes pontos para estar informado, e ajuizar com acerto e imparcialidade? Quantas expressões se achão nas odes de Horacio, por não fallar nas de Pindaro, que de modo nenhum podem ser calculadas senão pelo genio? Póde acaso huma alma fria, debil e sem energia avaliar como deve as propriedades de alguns conceitos e expressões sublimes daquelle lyrico, ás quaes chamão muitas vezes audacias, porque não se podem combinar com a frieza do seu espirito raramente elevado? Daqui vem a impossibilidade de hum auctor emendar obra alheia. Daqui vem tambem a injustiça com que alguns escriptos, aliàs dignos de apreço, são tratados por sujeitos a quem os lugares que occupão, ou huma reputação mal fundada deo o juz de julgarem do merecimento de obras de quem são juizes incompetentes, como se vê em muitos jornalistas. Fallo com as res-

tricções necessarias; ha escriptos, que só podem ser avaliados por homens grandes. Que Cicero ajuize de Demosthenes, Horacio de Pindaro ou de Homero; que Tasso louve Camões, e Voltaire sonde Cornelio, o grande Cornelio, circumstancias são estas, que se conformão com a razão; porque ninguem póde formar juizo de qualquer obra com acerto, se nunca se achou em iguaes situações. Conheço tambem que ha conceitos que podem ser objecto da censura e do desprezo; mas taes não merecem menção em genero algum de discussão.

Assentando pois que a norma de historiar de Jacinto Freire de Andrade he tambem nesta parte superior á de Diogo do Couto, como mais animada e mais instructiva, julgâmos ser ella mais propria para illustrar o juizo do leitor pouco acostumado a pensar, e o vai como ensinando a discorrer, e a tirar resultados uteis á sua instrucção, que he o fim da historia.

CAPITULO VII

Da sua moral

Huma das qualidades mais essenciaes á historia e que mais estabelecem a sua utilidade he a moral, sem a qual não póde haver historia digna de se ler: taes são no meu conceito os livros de Cavallarias, sem fazer excepção mesmo daquelles que entre nós correm com celebridade, como o *Palmeirim* de Francisco de Moraes, a quem a supersticiosa predilecção indistinctamente concebida a favor dos nossos auctores do seculo de quinhentos tem consagrado huma veneração muito acima do seu merecimento, que apezar do juizo de Cervantes, e outros, nem mesmo no estilo se avulta com o resplendor que a paixão despida de conhecimentos lhe attribue. A moral pois forma os espiritos. Esta de nenhum modo se póde insinuar melhor no coração do leitor, que pelo

meio da narração historica, na prosa, digo, onde os acontecimentos se apresentão como exemplos e provas de doutrinas positivas, que se suppõem sabidas dos leitores.

Da lição dos escriptos objecto desta analyse se conhece que os seus auctores, igualmente homens de probidade e virtuosos, fizerão resplandecer naquellas obras a moral mais excellente. A que Diogo do Couto insinua na vida de D. Paulo de Lima he pura, he facil e se inculca sem nenhum constrangimento; porém menos grave, menos elevada que aquella que se ostenta na historia de D. João de Castro, a qual brilha aos olhos de todos com vôos mais sublimes e remontados, seguindo em tudo a analogia do heroe, cuja inteireza e severidade de espirito tanto se eleva acima da de D. Paulo de Lima, quanto este se levantava acima do mais ordinario dos seus soldados. Comtudo não posso deixar de conhecer que a moral da historia de D. Paulo de Lima he mais para todos; que a de D. João de Castro parece reservada só para almas grandes; e que não obstante ser aquella menos inculcada por máximas e ditos sentenciosos, em que abunda a do heroe Castro, he facilmente percebida por qualquer juizo rasteiro. Mas postoque o artificio, que se occulta na penna de Diogo do Couto, se ostenta com tanto resplendor na de Jacinto Freire; comtudo he tal, e tão bem annunciada a moral que nos apresenta na exposição dos factos e indicação das sentenças, que o leitor sensato e profundo, reconhecendo a sua sublimidade, se eleva com ella; e o menos penetrante sahe ao resplendor sublime do lethargo em que o tinha sepultado a inercia da sua ignorancia. Em a vida de D. Paulo vê-se que as grandezas, as honras e os triunfos não estão menos sujeitos aos golpes da adversidade, que as condições humildes e obscuras. Na de D. João de Castro se expõe em transumpto magestoso a dignidade do verdadeiro

merecimento e da pobreza coroada de virtudes as mais singulares e esclarecidas, e que, apezar das suggestões do mundo e prevaricação de homem, aquellas duas entidades moraes, quando, assim como em D. João de Castro, honrão o espirito humano, arrancão, ainda mesmo do coração corrompido, lagrimas de compaixão, e produzem o verdadeiro interesse.

A moral dà historia deve ser muito relevante pela sua pureza, aliàs não produz interesse. Para este fim deve o historiador hil-a expondo conforme a mais exacta dialetica, livre de todo o genero de illusão. Neste ponto he o historiador Andrade o mais exacto que entre nós se conhece, o qual nos seus raciocinios sempre procede segundo a razão, que he a bussola do seu discurso. Pelo contrario Diogo do Couto foge da regra da razão, e mancha a moral com a exposição de factos supersticiosos, que de nenhum modo deverião ter lugar na historia; como quando conta com miudeza as supersticiosas fatuidades de acontecimentos ridiculos que precedêrão á morte de D. Bernardo de Menezes; exposição immoral, torpe e indigna da historia.

Devemos pois concluir que neste ponto excede visivelmente a historia de D. João de Castro á de D. Paulo de Lima, cujo colorido, nesta parte, não conserva aquella força de insinuação com que se offerece aos olhos do leitor sensato o transumpto historico do heroe Castro, que não tem pagina onde se não manifeste com o mais vivo relevo e vivacidade a moral mais pura e interessante ao espirito humano.

CAPITULO VIII

Da sua utilidade

Huma das propriedades que com mais attenção merece ser calculada no estudo da historia he a utilidade. De

que serve o trabalho de huma leitura esteril? Se, depois de cansada applicação, não fica o leitor mais instruido, acha-se prejudicado o fundo da moral que já possuia, e a totalidade dos seus conhecimentos desfigurada, ou talvez reduzida a quantidade de pouco momento.

Por isso tenho para mim que a leitura de Herodoto se deveria guardar para aquella idade em que o leitor se acha munido de discernimento puro e exacto, resultante de huma applicação profunda de filosofia moral e fysica. Que a lição de Thucydides, Xenofonte, e Polybio, sendo muito instructiva, enriquece o entendimento do leitor sensato, que no estudo da historia busca com preferencia ao deleite a utilidade. Isso mesmo nos obriga a dizer, que sendo Tito Livio pela eloquencia e pela dicção o mais brilhante historiador latino, não deve ser lido senão depois do animo formado pelo estudo da filosofia da razão; aliàs, essas mesmas qualidades que abonão o seu merecimento fazem valer para com o espirito pouco formado hum sem numero de illusões supersticiosas, com que aquelle grande historiador nunca perde occasião de macular a dignidade da historia mais vasta e mais cheia de grandes acontecimentos, que nos deixou a antiguidade; ficando o leitor deste modo inhabilitado para receber as sublimes instrucções que lhe póde subministrar Sallustio, e muito mais Tacito; auctores a quem a razão e a verdade servírão de norte. O mesmo que dissemos de Livio podemos dizer em parte dos historiadores modernos do nosso Portugal, os quaes como florecêrão em tempos, onde as nuvens da ignorancia ainda abafavão os horisontes da Europa litteraria, ao menos na parte relativa á filosofia, transgredírão com frequencia aquellas leis, que a razão dictou aos mais celebres historiadores da antiguidade. O merecimento comtudo do historiador Barros avulta-se muito consideravelmente pela novidade do assumpto, pela verdade, pelas

descripções e pelo estilo da narração sempre grande, sempre vivo, sempre sustentado, sempre cheio de interesse e utilidade. Não coube pequena parte de virtudes historicas ao historiador Couto, das quaes já fizemos menção n'outro logar. Mas em nenhum dos nossos historiadores (exceptuando sempre João de Barros) se acha mais visivel utilidade que na composição do historiador Andrade, na qual vai aquelle insigne escriptor levando o leitor como pela mão, e lhe mostra em caracteres os mais significativos a utilidade que procede do mais exacto e elegante tecido historico que entre nós se encontra, a qual se patenteia em geral por toda a composição, sem ser desfigurada com manchas, que diminuão o credito de huma tão excellente narração; o que não devemos affirmar a respeito da vida de D. Paulo de Lima, onde a utilidade parcial he interrompida com maculas informes, que apagão o conceito da veracidade que deve resplandecer em todo o corpo da narração.

Depois de termos tratado comparativamente do merecimento destes dous escriptos relativamente ás qualidades essenciaes á historia, nas quaes se vê com a possivel clareza a superioridade de Jacinto Freire sobre Diogo do Couto na historia de D. Paulo de Lima, resta-nos tratar agora das qualidades accidentaes, ou que dizem relação á fórma; em cuja investigação nos portaremos com diligencia e exacção possivel ás nossas forças; fazendo toda a diligencia para que ajuizemos em tudo conforme a razão, livres de todo o genero de parcialidade.

PARTE II

Da narração historica

A difficuldade da narração historica pede particular exame. Parece que não ha cousa mais facil do que huma exposição clara de acontecimentos positivos. Mas tanto he isso pelo contrario, que entre tanta multidão de historiadores apenas se achão mui poucos que mereçam apreço. Sendo pois a narração historica huma exposição de factos succedidos, ou que poderião succeder (4), vemos que quasi todos os mais famosos historiadores sempre lhe unirão hum exordio, ou para motivar a serie da narração, ou para dar alguma noção resumida de antecedencias á época primordial da mesma narração. Assim o vemos praticado pelos maiores historiadores antigos e modernos. Os gregos exordiárão com bello artificio, e o mesmo fizerão os latinos, merecendo no meu conceito a primazia Tito Livio e Tacito. Este, usando de huma maneira nova e summamente artificiosa, offerece por exordio hum quadro da historia anterior á época donde começa a narração, o mais resumido que jamais se tem visto até aos nossos dias. Os exordios de Sallustio na historia da conjuração de Catilina, e na de Jugurta, parecem desproporcionados; comtudo são tão cheios de dignidade e decencia filosofica, que desculparia defeitos muito maiores se os tivessem. O exordio das Decadas historicas de João de Barros he proporcionado á grandeza da historia e do assumpto. He claro, elegante e cheio de interesse, O mesmo quasi se póde dizer das historias de Diogo do Couto, que servem de continuação á do historiador Barros. O exordio com que aquelle dá

(4) Cicero, *De Inventione*, liv. 1.°

principio á historia de D. Paulo de Lima he summamente breve, mas insipido e sem vigor, como adiante mostraremos. Pelo contrario, o da vida de D. João de Castro, sobre ser tão breve como aquelle, he o mais animado e elegante que se conhece, e logo inspira hum vivo interesse pelo seu heroe, servindo ao mesmo tempo de proposição, assim como a do historiador Couto, maneira que ambos imitárão de Sallustio, que começa a historia de Jugurta da mesma sorte: *Bellum scripturus sum, quod populus Romanus cum Jugurta rege Numidarum gessit.* Esta norma tenho-a por mais acertada do que começar *ex abrupto,* porque informa o leitor, inspira-lhe interesse pelo que ha de narrar, e capta-lhe a sua benevolencia.

A narração, que em todos os generos deve ser clara, breve e elegante, na historia deve não só conservar estas mesmas qualidades, mas tambem grandeza conveniente ao assumpto. Elle deve sempre caminhar ao seu fim *ad eventum festinat.* Nada de estranho deve demorar o seu progresso. Por isso as suas digressões devem nascer do mesmo assumpto e dar-lhe nova illustração para facilitar a intelligencia de motivos occultos, ou que difficilmente se poderão desenvolver, sem esse auxilio. Sem se demorar em factos de pouco momento, e que não merecem passar á posteridade, nada deve expor que desauctorise a gravidade da historia, cujo fim primario he a instrucção. Como toda a narração deve ser verosimil para ser clara, esta verosimilhança, esta perspicuidade não podem existir na narração historica, sem que os factos sejão motivados; daqui vem as digressões, as quaes nunca devem entrar na narração historica, senão para expor as causas de acontecimentos, que sem aquellas ficarião vacillantes na crença do leitor. Será pois a narração crivel ou verosimil, se primeiro que tudo consultarmos a nossa alma, para que nada digamos opposto á

natureza, expondo as causas, não de todos os factos, mas unicamente daquelles de que especialmente se trata. Deve pois ser breve a narração historica; porém esta brevidade não consiste, como diz o sabio Quintiliano (5), em deixar de contar factos, mas em não se expor mais do que convem; isto he, não se demorar em factos alheios ou indignos da historia. Comtudo a cahir em algum defeito, antes seja por excesso que por falta; no primeiro caso, aindaque com tedio, soffre-se o superfluo; no segundo tira-se o necessario com prejuizo. E por isso, continúa o mesmo auctor, deve-se evitar aquella brevidade sallustiana (que nelle deve-se reputar belleza), e tambem o seu estilo desunido; a qual brevidade, postoque menos escape ao leitor profundo, foge do ouvinte, e aindaque se busque, não espera. Não deve pois esta brevidade ser despida de ornato, por não parecer rustica. A brevidade não repugna á clareza, que na narração historica não consiste só na verosimilhança dos factos naturaes e possiveis, mas tambem nas palavras, que devem ser claras e significantes; daqui vem a necessidade de ser elegante. A elegancia anda mal entendida: commummente a elegancia significa ornato frivolo e ocioso, que não só operando cousa alguma para a instrucção, só serve ao deleite. Se isto assim fosse, seria a elegancia, não huma belleza, mas hum defeito. A utilidade he quem faz a belleza e o merecimento principal de qualquer obra. Quando a utilidade se annuncia com perspicuidade em qualquer genero de escripto, esta operação não se póde fazer senão pela escolha rigorosa dos termos mais insignificantes dispostos com a mais legitima congruencia grammatical da lingua em que se escreve. Eis-aqui a elegancia. Desta feliz combinação da utilidade com a clareza nasce o merecimento da obra, seja ella de qual-

(5) De *Institutione oratoria*, liv. 4.º, cap. 2.º

quer genero que for. He bem verdade que a cultura e o numero podem indicar huma excepção ou hum argumento contrario ao que se acaba de expor. Mas se bem repararmos, ambas estas condições são propriedades da elegancia, que servindo à perspicuidade, servem tambem ao deleite, porque o que he claro agrada, e pelo contrario, o que he escuro desgosta. A cultura não he qualidade tão accessoria ao estilo como se julga. Que cousa he cultura? Cultura no estilo he o uso congruente de qualquer termo ou frase mais seguidos pelos sabios dotados de bom gosto. A palavra cultura significa asseio. Huma voz antiquada, ou que só he usada da plebe ignorante, parece sordida e enxovalhada pelo uso, que esta he a força da translação a que se refere a palavra cultura, que exprime o asseio de expressão, isto he, de termos ou frases que estão adoptadas frequentemente pelas pessoas de melhor discernimento na eloquencia. O numero ou harmonia da prosa tambem não he tão insignificante como quer a severidade de alguns litteratos. A harmonia he resultado de huma feliz combinação de vozes dispostas com artificio, não para servir unicamente ao deleite, mas para ajudar a intelligencia e facilitar a leitura. Bem sei que ha obras escriptas com muita perspicuidade, sem que por isso tenhão merecimento algum: as causas são claras. Primeiramente ou lhe falta a utilidade do assumpto, ou, aindaque a tenha, falta-lhe a digestão methodica pelo que perde o merecimento, sem que lh'o concilie a perspicuidade da frase, que muitas vezes passa por corrente, porque o pouco conceito que da obra se faz, não excita a critica apezar do seu merecimento, que commummente he nenhum, ou existe na illusão de pessoas pouco intelligentes.

Deve mais a narração historica ser viva nas descripções, forte nos discursos, pathetica nos affectos, e em tudo guardar as decencias relativas aos caracteres e cos-

tumes. Vejamos, pois, como os nossos historiadores cumprírão nas suas narrações com a clareza, com a brevidade e com a elegancia; mas primeiro tratemos da velocidade das narrativas de cada hum delles, da disposição dos factos, das digressões, dos costumes, dos affectos e das descripções, seguindo-se depois tratarmos das virtudes do estilo relativamente á clareza, á brevidade e á elegancia: e como partes constitutivas desta á pureza e ao numero.

CAPITULO I

Da velocidade da narração destes dous historiadores

Esta virtude da narração he huma das qualidades mais estimaveis da historia, como aquella que expondo aos olhos do leitor huma série de factos não interrompida, vai sempre cevando a curiosidade e o interesse, que não se afrouxa nem se esfria com a interrupção de factos estranhos. Vemos pois que a narrativa de Diogo do Couto na vida de D. Paulo de Lima, sem se demorar, corre como hum rio suave através de longas planicies, mas que de quando em quando forma estagnações que sensivelmente afrouxão a corrente, como no capitulo das digressões exporemos com mais clareza. Jacinto Freire corre, sem jamais se deter, com a differença, porém, que sem ser diffuso he hum tanto precipitado, e quasi fugindo á curiosidade do leitor ignorante satisfaz á do leitor instruido, acostumado a pensar: áquelle indica-lhe os pontos principaes de que deve ser informado, e o deixa discorrer por si só; a este combina-lhe as quantidades, e deixa ao seu cuidado a extracção das sommas. Não preciso transcrever exemplos, porque em cada pagina, em cada periodo e clausula deste insigne historiador se offerecem. Nellas póde observar ainda o leitor menos agudo, que o historiador Andrade he veloz no conceito e na frase; que muitas vezes em huma só pala-

vra pinta hum caracter e resume muitas idéas; que sempre he sustentado, e sempre semelhante a si mesmo na narração, nos conceitos, nas sentenças e no estilo. Quando ao contrario a frouxidão e a frieza se mostra sensivelmente na exposição de Diogo do Couto na vida de D. Paulo de Lima, o que tambem n'outro lugar mostraremos.

CAPITULO II

Da disposição dos factos

Parece que na historia não deve haver outra disposição que não seja aquella que offerece a ordem dos tempos. Comtudo a boa razão aconselha que a collocação dos factos historicos tenha algum tanto de artificio, havendo de inserir com preferencia no corpo da narração aquelles que mais relevantes forem; e desenvolver mais articuladamente os seus motivos; dispondo como em epitome collectivo os factos menos consideraveis. V. g. em Tito Livio o combate dos Horacios, a expulsão dos Tarquinios, a invasão dos Gallos em Roma, a de Pyrro, Rei dos Epyrotas na Italia, a segunda Guerra Punica, são representados com muito maior e mais articulada expressão do que o commum dos factos ordinarios. Deste modo consegue o historiador de genio dar força de claro escuro ao seu quadro.

A disposição da narrativa de Diogo do Couto na vida de D. Paulo de Lima he toda natural. A de Jacinto Freire dá mais ao artificio, sem diminuir o interesse. Por exemplo. O primeiro, começando a tratar de D. Paulo de Lima, expõe logo a sua genealogia; o segundo no mesmo lance suspende a narração, e differe a exposição genealogica do seu heroe para o fim da obra, fazendo com o maior acerto accessorio o que só he obra do acaso, e principal aquillo que só tem fundamento na razão, isto he, o merecimento pessoal. Exporei para maior clareza a passagem que já

n'outro lugar fica transcripta. «Foi D. João de Castro entre os de tão grande appellido, illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes e depois a origem, por serem as obras proprias, pais melhores, que os que da natureza se recebem.» Torno a repetil-o: nunca vi neste genero lance que mais me agradasse do que este, a quem a razão e o artificio fazem summamente recommendavel: elle entra verdadeiramente no genero sublime, que he o caracter de Jacinto Freire, assim como a mediania he o da vida de D. Paulo de Lima. O Couto collocou no centro da historia deste heroe a empreza de Jor como acontecimento mais brilhante da sua vida; norma que tambem foi seguida por Jacinto Freire na disposição narrativa do cerco de Diu, que tanto nos factos como na exposição excede infinitamente áquella, e conserva interesse semelhante ao das melhores tragedias de Racine e de Voltaire.

CAPITULO III

Das digressões

No processo continuo da narração historica fazem-se algumas vezes necessarias as digressões, as quaes sendo legitimamente empregadas, longe de demorar a corrente da narrativa, são como huns ressortes artificiosos, que motivando acontecimentos, facilitão a intelligencia, e fazem correr com mais velocidade a exposição dos factos historicos.

Não deixa o historiador Couto de ser bem feliz nesta parte da historia, especialmente nas Decadas. Comtudo na vida de D. Paulo de Lima tem dellas boas, dellas defeituosas, de sorte que algumas vezes degenera em declamador. Os exemplos darão mais evidencia neste ponto. A digressão que faz no capitulo 11.º, na qual executa huma descripção racional da cidade e governo

de Barcellos, assim como do seu trato, e opulencia do seu commercio, e riqueza dos seus mercadores, he bem lançada, e he necessaria para manifestar a causal do que nella fizerão as armas portuguezas. A que se apresenta no capitulo 12.º, na qual se expõe huma notavel revolução no reino de Cambaya, ainda que longa, tambem tem as mesmas qualidades que a precedente para declarar a causa do grande soccorro com que D. Antonio de Noronha foi cobrir Damão, que se achava ameaçada por hum poderoso exercito Mogor. Do mesmo genero considero aquella digressão, em que descreve com côres bem vivas o caracter de Fernão de Montaroy, sogro de D. Paulo de Lima. O mesmo conceito devemos fazer da digressão com que começa o capitulo 14.º no qual se exprimem as causas que moverão ao Vice-Rei D. Luiz de Atayde a mandar D. Paulo de Lima sobre Dabul, onde teve huma das mais sanguinosas pelejas que vio o Oriente naquella idade. E assim outras que por brevidade omittimos. Já não devemos julgar do mesmo modo a respeito de outras que nada concorrem para a clareza da historia; como succede na digressão do capitulo 2.º, onde expõe a superstição da gente do mar a respeito das exhalações que costumão apparecer nos topes das gaveas dos navios em tempo de tormenta. Não ha duvida que o historiador forceja naquella digressão, ainda que com conhecida debilidade tanto de eloquencia, como de erudição em desarreigar hum abuso supersticioso tão inveterado no animo da gente do mar; mas como esta transição nenhuma afinidade tem com a narração de que não he parte, por isso não merece louvor, postoque esteja traçada com muita expressão, e muito bom colorido na pintura dos pescadores de Alfama nas hortas de Chellas, em grandes folguedos coroados de flores, coentros, etc. Tambem tenho por digressão escusada a que constitue todo o conteúdo no capitulo 8.º, em que não relata mais

do que huma pompa vã com que o Conde de Redondo, Vice-Rei da India, se apresentou ao Çamorim para ratificar huma paz, e isto tão sómente por ali se achar D. Paulo de Lima, sem disto resultar consequencia notavel. Da mesma natureza he a digressão que faz no capitulo 32.º a respeito de hum menino filho de D. Paulo de Lima, morto da idade de cinco annos, cuja sepultura o mesmo historiador tomou para seu jazigo, cousa que nada tem com a historia, cujo fio he interrompido por hum accidente de tão pouco momento. Com muita mais razão devemos censurar a digressão que faz sobre a morte de D. Bernardo de Menezes, a qual tem circumstancias tão alheias da razão, que a tenho pelo mais notavel exemplo de superstição, a qual não só demora a narração, mas até mesmo lhe serve de obstaculo e prejuizo moral. Seja-nos licito expor as palavras formaes, para prova do que com tanto empenho censurâmos. Dizendo pois que D. Bernardo tivera alguns presagios da sua morte, exprime-se pelo modo seguinte: «A qual morte parece que o coração lhe adivinhava; porque estando-se armando para desembarcar, disse a hum seu amigo que já tomára sahir daquella guerra com huma perna de menos; e ao desembarcar o virão tão triste e malenconisado, que elle mesmo sentio em si outros differentes effeitos dos dias passados que parece já lhe representavão a triste morte, que ali lhe havião de dar... E porque nos não pareceo razão passar aqui por hum caso espantoso que lhe aconteceo, o contaremos por que sirva de exemplo para os homens mancebos nos perigos... o caso foi este... succedeo na mesma noite estando na camara da sua galé, querer fazer o seu testamento, e estando começando, passou-lhe hum rato por cima do papel por cinco ou seis vezes, que tantas começou a querel-o continuar; e tantas cousas fez e arranhou, que deixou o testamento, e se deitou a dormir, e em tomando o somno lhe roeu o mes-

mo rato hum pé, etc.» Hum expressado tão miseravel e infeliz, tanto no conceito como na frase, parece mais feito por algum barbaro escravo de Diogo do Couto, do que por elle mesmo: e semelhantes torpezas não se devêrão deixar imprimir. Mas he tal a superstição a favor dos auctores do seculo de quinhentos, que nenhuma differença faz entre estas miserias, e os lugares sublimes que tanta honra fazem á eloquencia e ao pensar portuguez, como de infamia e descredito aquellas lhe concilião.

Passemos a ver como se portou Jacinto Freire nesta materia, onde mais se mostra a sagacidade e destreza de hum historiador sensato e dotado de summa delicadeza, que unindo sempre as digressões ao assumpto principal por meio de interesse, dá ao mesmo tempo variedade ao discurso narrativo. Tal e tão consequente he a deducção methodica do historiador Andrade, cuja luminosa dialetica dá a mais acertada direcção ás operações da sua narrativa, neste ponto especialmente, onde mais se patenteia o seu discurso. A digressão que este historiador faz sobre o famoso corsario Barba-Roxa em o primeiro livro tem conhecida intimidade com o assumpto principal pelas causas que manifesta da empreza de Tunes, onde D. João de Castro se achou, para a qual não pouco cooperou. A que expõe no mesmo livro a respeito da pretensão do Hidalcão desenvolve os motivos da guerra que D. João de Castro fez áquelle usurpador, o qual acredita com a maior razão o heroismo do grande Castro, e illustra a gloria das armas portuguezas no Oriente. Com o mesmo ou talvez maior artificio executa a digressão da apparição da Cruz de S. Thomé, episodio tratado certamente com a decencia mais legitima e congruente á santidade do assumpto, cuja gravidade he sustentada com a mais acertada intelligencia, sem manchas de superstição ou fanatismo. He digna do maior louvor a digressão com que motiva a guerra de Diu, e

aquella em que com traços os mais sublimes e articulados desenha a immortal pintura de Coge Çofar, principal motor do cerco mais memoravel que aquelle seculo vio. Do mesmo modo devemos ajuizar de todas as mais que por brevidade não apontâmos; podendo seguramente affirmar que nesta parte, a mais difficil e melindrosa da historia, mostrou este Tacito portuguez com a mais sublime perfeição os quilates da delicadeza do seu genio, o mais proprio talvez que em Portugal se tem visto para a historia.

CAPITULO IV

Dos costumes

Não só nas obras de pura invenção se deve attender aos costumes, mas tambem na narração da historia. Em todas deve apparecer a decencia moral, a que os rhetoricos costumão chamar oração morata. Não só para as obras de engenho, mas tambem para a historia convem o celebre preceito de Horacio:

Descriptas servare vices operumque colores

preceito que a razão dicta e manda observar em todas as obras de espirito de que a historia se deve reputar huma das mais relevantes e principaes, pela instrucção, pela moral e pela utilidade. He certo que os nossos historiadores se portárão nesta parte da historia com assaz de circumspecção, do que Jacinto Freire tem sempre a primazia sobre Diogo do Couto, em virtude daquella exacção filosofica que tanto resplandece no seu espirito, que tambem neste ponto se não vê excedido do historiador Couto, cuja energia de alma já se sentia quando compunha a historia de D. Paulo de Lima tocada da debilidade dos annos, que o fez ser menos escrupuloso nesta materia, de que escuso apontar exemplos, na consideração de

que aquillo, que neste artigo se expõe, he tão visivel, que não necessita de provas.

CAPITULO V

Dos affectos

He a pintura dos affectos o maior predicado do homem de espirito, tanto na poesia, como na eloquencia, pela grande difficuldade do desempenho nesta parte, onde parece diminuta toda a energia da alma mais forte, mais viva e sensitiva, cujas faculdades reflectindo em si mesmo devem excitar na sua intimidade aquellas mesmas feições, cuja pintura produz as sensações apaixonadas, que affeiçoão o coração, .onde derramão o mais vivo interesse. Estes toques, estes abalos, estes impulsos, que movem, que excitão, que accendem o coração do homem sensivel a tal ponto, que o decidem a julgar realidade o que só he illusão, de cujo assumpto, commummente fantastico, se constitue voluntariamente parte integrante, em virtude daquelle amavel e soberano encanto, que em taes lances costuma produzir a vehemencia de hum genio sublime levado ao maior ponto de effervescencia ideal, que a tudo dá ser, dá vida e interesse; estas altissimas commoções a quem devem a existencia as mais raras producções do genio, sendo muito proprias destas, não são alheias da historia, a quem dão o mais distincto realce, não obstante serem ali empregadas com moderação filha da intelligencia, mais conduzida pela razão, que excitada pelo enthusiasmo. A historia deve-se reputar como huma collecção de assumptos heroicos, tragicos, comicos, elegiacos, e até mesmo satyricos, cada hum dos quaes deve ali ter em resumo as mesmas propriedades que se desenvolvem com toda a extensão quando são tratadas pela poesia. Então he que o historiador, mudando de tom e deixando o andamento uni-

forme de uma narração desapaixonada, desata o vôo, remonta-se, dá variedade ao discurso, e observa as decencias do genero subalterno ao assumpto principal. Em taes lances convem ao historiador desenvolver aquella filosofia do genio que estudando o coração humano observa os movimentos da alma, que retrata na expressão, a quem não dá, comtudo, aquelle gráo de calor e movimento, que o enthusiasmo lhe inspira na poesia. A antiguidade nos offerece neste genero dous modelos os mais acabados e perfeitos ao meu parecer, Tito Livio e Tacito: as paixões no primeiro são expressadas com suavidade, no segundo com fortaleza propria de huma alma forte e de hum espirito verdadeiramente filosofico, apezar do juizo do padre Rapin, que ou não quiz sentir o merecimento do maior historiador do mundo, ou se deixou levar da opinião de grammaticos pedantes que nunca medírão os seus discursos pela filosofia do genio. Vejamos pois como os dous historiadores Couto e Andrade desenvolvêrão o seu engenho na sublime pintura das affeições humanas, donde a historia rouba a sua maior força de claro escuro.

Sendo o genio do historiador Andrade tão medido pela razão, tão sublime e tão proprio para a historia, na expressão das paixões, parte não pouco essencial da pintura contínua dos acontecimentos humanos, he conhecidamente inferior ao historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima, quanto mais no processo immenso das Decadas. A brevidade deste escripto não permitte alargar-me em analyses; mas para dar alguma idéa do meu asserto, apontarei com brevidade possivel alguns exemplos necessarios á evidencia da minha proposição. No bem narrado caso do homisio que succedeo a D. Paulo de Lima move a piedade, sem constrangimento, nos termos seguintes: «A triste mulher vendo a desaventura com o temor da morte se deitou por huma janella fóra, e

em baixo se espadaçou»; falla da mulher, causa do desterro de D. Paulo de Lima. As tres proposições, subindo humas sobre as outras em sentido, constituem huma pintura perfeita, cuja força se completa na derradeira *se despedaçou*. O seguinte lugar da mesma passagem he digno da maior attenção, e em obsequio da novidade do assumpto deste escripto, seja-nos permittido transcrever todo o lugar, que he bem cheio de força e de pathetico: «Até que hum dia de grande jubileo no mosteiro de S. Domingos estando este homem lá, e tendo os Prelados aviso do negocio, chegou a mulher de D. Paulo a elle, e se lhe lançou aos pés, e com infinitas lagrimas lhe pedio pelas Chagas de Jesu Christo quizesse perdoar a seu marido, porque andava desterrado, e ella descazada delle, que bem sabia a razão que tinha para tudo; mas que acabassem com elle aquellas lagrimas e aquelle Christo por cujo amor lhe pedia... o homem vendo aquella mulher tão desconsolada, e aferrada com os seus pés lhe respondeo que por amor de Christo por que lhe pedia, e por amor della elle lhe perdoava; mas que lhe pedia que se não encontrasse com elle, nem passasse pela rua em que vivia.» Este lance, não só me parece cheio de affecto, mas tambem theatral, e conserva hum ar dramatico que dá muito calor e movimento ao estilo. Toda a narração do naufragio da nào em que D. Paulo de Lima passava a Portugal com sua mulher he cheia da maior força de affectos. O lance especialmente da ama que não quiz entregar huma menina, que creava, a D. Joanna de Mendonça, porque a não salvavão, e as lastimas da mãi que via perecer a filha, he do maior interesse, e forma hum dos mais lastimosos espectaculos que se achão em escriptura. Ainda que o lugar he extenso, acho que não será fóra de proposito relatal-o, para verem os que cultivão a eloquencia como os grandes mestres sabem dar a mais viva expressão aos seus qua-

dros: «D. Joanna vendo que lhe ficava a filha na náo, a qual via estar no collo da sua ama, que de lá lh'a amostrava com grandes prantos e lastimas, forão tantas as magoas e cousas que disse, que moveo a todos a chegarem á náo e pedirem a menina á ama, dizendo-lhe que a amarrasse a huma cassa, e a lançasse abaixo; o que ella não quiz fazer, dizendo que tambem a tomassem, senão que não a havia de entregar: e nunca a podérão persuadir a outra cousa por muito que sua senhora lhe pedio com lagrimas e piedades, que podérão mover hum tigre, se tivera creança em seus braços. E porque nisso houve detença, e a moça estava emperrada, e a náo dava huns balanços cruelissimos, foi forçado afastarem o batel, porque se não mettessem no fundo; o que foi com grande paixão da triste mãi, que estava com os olhos na filha com aquella piedade com que todos costumão pôr nos seus que muito amão. E vendo que lhe era forçado deixal-a, tornando a moça a testificar com a menina que em seus braços a havia de entregar áquellas crueis ondas, que parecia que já a querião tragar, virou as costas para a náo e pondo os olhos no ceo, offereceo a Deos a tenra filha em sacrificio como outro Isaac, pedindo a Deos misericordia para si, porque sua filha era innocente.» He tal a força de interesse e pathetico que resplandece neste quadro, que me faz imaginar que o pincel de Corregio, nem o de Ticiano poderião exprimir hum tão lastimoso acontecimento com maior expressão, nem com tanta vivacidade de colorido, como o que se vê neste bem acabado transumpto, digno de ser analysado com mais exacção por huma critica filosofica e luminosa, tal como a que com que Voltaire analysou as melhores passagens do grande Pedro Cornelio, creador da tragica franceza. Todo o resto do naufragio até ao fim da historia he cheio da maior vehemencia de pathetico, onde se póde examinar a facilidade com que este auctor

pinta as paixões e o vigor com que lhe dá expressão e interesse.

Postoque o historiador Andrade foi excedido por Diogo do Couto na pintura dos affectos, não foi comtudo de tão pouco merecimento nisso, como poderá pensar que costume tirar illações excessivas de proposições limitadas. A mediania do historiador Andrade na expressão de affectos abona a sua imparcialidade em escrever a historia, para o que se requer hum varão sapientissimo, e cheio de tanto desinteresse e imparcialidade que seja inaccessivel ás paixões, e possa dizer como Tacito no principio dos Annaes: *Inde consilium mihi... tradere sine ira et studio.* O historiador he hum magistrado de tanta maior dignidade quanta ha de ser a duração e publicidade das suas sentenças: não importa pois que nesta parte não tenha o historiador a maior vivacidade, comtanto que seja juiz inteiro. Vejamos emfim como Jacinto Freire desenhou as paixões, cuja pintura, attestando o genio, diminue o credito. Hindo D. João de Castro a ultima vez para a India forão achadas mais de duzentas pessoas, que por crimes hião escondidas sem praça, e recebendo ração fazião diminuir os mantimentos sensivelmente, de modo que foi requerido, que os pozesse em Cabo Verde, porque não era justo que pelos poucos se perdessem os muitos. Neste lance apparece huma pintura de compaixão, que dando huma leve idéa do affecto, mostra a prudencia do historiador, e a sua capacidade para a pintura. Exponhamol-a, e á vista della julgaremos. «A poucos dias de viagem foi avisado o governador que na sua náo hião quasi duzentas pessoas que recebião ração, sem assentarem praça; huns que por inuteis forão recebidos, e outros que por delictos se embarcárão escondidos. Instavão os ministros da náo com o governador que os embarcasse... porém o governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mes-

ma a causa dos miseraveis e a sua, seguio a sua derrota... o governador considerando que os ares, e o terreno das ilhas buscados fóra de monção erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se salvaria com elles e por elles, dizendo que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra.» Neste lugar vê-se huma expressão de affecto, propria de hum heroe, a quem a virtude e a filosofia inspiravão o amor da gloria e a moderação dos affectos. A reflexão nesta passagem motiva o affecto e o justifica, mostrando ao mesmo passo que a compaixão e a beneficencia dão o maior resplendor ao heroismo de huma alma nobre e generosa, que tem por norte a razão e a sabedoria, que neste lance aconselhárão a D. João de Castro a fazer uteis ao estado duzentas pessoas que a inconsideração e mal entendido zêlo, de outro que não tivesse as luzes que elle tinha, sacrificaria infelizmente. Os signaes que articulão as feições da paixão representada neste quadro, não mostrão tanta debilidade de tinta que nas palavras e clausulas *compassivo, causa dos miseraveis, resolveo amparar os miseraveis; dizendo que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra,* não reluza bem distinctamente assaz de força de colorido e de expressão. Igual moderação se observa no lance em que Izabel Madeira, matrona valorosa em Diu, se porta mais como heroina do que mulher. «Izabel Madeira, sua mulher, acudio a atar-lhe as feridas mortaes e depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas e grande sentimento, acudio ao trabalho da tranqueira.» Hum critico nimiamente severo, e que tiver contrahido tal aversão pela antithese, como aquella que os criticos do seculo XVI mostrárão, não deixará de modo algum de condemnar nesta passagem a expressão — *com poucas lagrimas e grande sentimento* — mas hum tal juizo será certamente precipitado a quem ponderar as circumstan-

cias que a fizerão produzir: n'hum furioso assalto, em que o furor de offender se mostrava em ambos os partidos com o maior excesso, huma matrona animada do maior heroismo pela defeza da patria em perigo, não causa espanto se vendo o marido cahir morto, o enterra, sem grande demonstração de sentimento. Este raciocinio he natural, se me não engano, e acredita a verdade da antithese, cujo uso só merece ser reprovado por excesso ou por incongruencia de sentido. Finalmente, toda a descripção da doença de D. João de Castro está cheia de circumstancias affectuosas e enternecidas, que movem com summa vehemencia á compaixão. A falla que aquelle grande homem fez á Camara de Goa, a que se seguio o juramento que deo, de que não devia hum só cruzado á fazenda real, representa a mais decente pintura de pathetico que se póde imaginar; ao menos, nós nunca a lemos, sem lagrimas, nem se acha lance na historia mais sublime no nosso conceito do que este pedir de esmola, o mais heroico certamente que se tem visto. Nem póde ter parelhas com D. João de Castro neste lance Belizario pedindo esmola n'huma estrada aos viandantes; a acção deste foi constrangimento, a daquelle vontade; Belizario com pezar, o grande Castro pedio por gosto. Em Belizario foi injuria, em Castro foi gloria. Belizario appareceo opprimido da desgraça, Castro superior ao infortunio. A consternação determinou Belizario, a gloria e a virtude decidio o grande D. João de Castro a pedir huma esmola, acto que o encheo de maior satisfação do que os triunfos com que tantas vezes se vio elevado ao maior auge de gloria. Faltava-lhe aquella acção para completar a satisfação com que desceo á sepultura e ficou relatado no seio da immortalidade. Desculpem-me a digressão, que merece toda a indulgencia em favor de hum tão insigne varão, que só por si póde honrar huma nação.

CAPITULO VI

Das descripções

As descripções na historia não são, como querem alguns, para ornato della e divertimento do leitor, especialmente nas longas narrações de huma grande historia. Desgraçado o historiador que se acha na precisão de recorrer a esse meio para alliviar a canceira do leitor. Para illustrar a intelligencia he que as descripções costumão ser admittidas na historia. Ellas aclarão circumstancias e avivão o interesse. Ellas dão peso e valor aos acontecimentos, assim como as de Livio, Sallustio, e Tacito principalmente, que nunca as introduz senão com necessidade, evitando todo o genero de affectação em que frequentemente cahio Quinto Curcio, como se vê logo no principio na descripção que faz do rio Marcyas, a qual sobre diffusa e affectada, não declara circumstancia, nem acrescenta interesse, e se mostra inteiramente inutil. O insigne historiador Barros he modelo neste genero; as suas descripções geograficas especialmente são necessarias, são elegantes e do maior interesse, assim como as de Fr. Luiz de Sousa são muitas vezes affectadas e fóra de lugar. Manda a razão que ellas sejão claras e breves. Tacito e Sallustio fazem-nas frequentemente breves, e muitas vezes em duas ou tres palavras, pela maravilhosa destreza com que nellas empregão vozes collectivas que fazem pensar muito. Vejamos pois como os nossos historiadores se portárão neste genero de pintura.

Diogo do Couto, assim como em tudo o mais, costuma ser muito facil e corrente nas descripções, em cuja pintura labora o seu pincel com muita suavidade, sem deixar circumstancia por exprimir. Como a narração he commummente concebida em estilo mediocre de expres-

sões as mais usadas e conhecidas, as descripções sobresahem consideravelmente, e são como o resplendor das estrellas na escuridade da noite; o que não acontece a Jacinto Freire, cujo estilo, sendo mais estudado e artificioso em toda a serie da narração, offerece menor contraste, e não deixa resplandecer as descripções, que igualmente são trabalhadas como a narração. Vamos aos exemplos que poderão dar mais alguma evidencia. A descripção da festa que os pescadores de Alfama costumão fazer a S. Pedro Gonçalves, he quadro muito acabado e interessante na vida de D. Paulo de Lima. «Em cuja vespera acostumavão os pescadores todos vestiremse de melhores roupas que tinhão, com muitas cadeias de oiro, muitos tangeres e bailes, e cargos de fogaças, levavão o Santo ás hortas de Xabregas, onde passavão aquella tarde em grandes folguedos, e se recolhião todos coroados de coentros verdes, e cingidos com muitas capellas, e assim ao mesmo Santo, e o tornavão á igreja.» Esta descripção está bem desenhada, e exprime huma bem festiva bambuchata, postoque nenhuma relação tenha com o corpo da historia, como acima tocámos (capitulo 3.º). A seguinte pintura de furor bellico no capitulo 3.º he breve e cheia de grande força de expressão. «Foi commettendo a cidade que era grande e formosa, a qual foi entrada com muito valor, e dentro nella fizerão os nossos espantosas cruezas, não perdoando a sexo, nem a idade, nem ainda ás alimarias.» Esta pintura he digna do continuador de João de Barros, digna de Livio e Tacito. Dêmos a razão do nosso dito. Este quadro em todas as suas clausulas vae augmentando a expressão, que offerece huma gradação que póde servir de modelo. Consta pois de oito proposições, que conservão entre si hum nexo tão estreito, que formão a totalidade indivisivel da pintura. A primeira proposição contém (deixem-me assim dizer) huma incerteza positiva consignada na for-

mula *foi commettendo:* nas duas que se seguem, que são inteiramente de expressado positivo, se representão dous attributos que realção a grandeza e a qualidade do quadro. A quarta, que ainda he muito mais positiva, contém muita força de colorido por hum rasgo de grande massa de tinta consignada na clausula *com muito valor,* cuja força está no augmentativo *muito.* A quinta, tambem positiva he da maior e mais vigorosa expressão representada na formula *espantosas cruezas,* onde o epitheto *espantosas* pela sua grande força constitue o sublime da frase, onde se estriba a grande articulação do quadro, a qual sobe a tanto excesso, que para ficar verosimil lhe ajuntou o pintor novas circumstancias na sexta, setima e oitava proposição, que servem de glosa á quinta; subindo humas sobre as outras nos termos *sexo e idade,* que se eleva sobre *sexo,* e na derradeira clausula que se levanta acima de todas, e faz o complemento da pintura digna de melhor analyse e de mais profundo observador. A descripção do combate que D. Paulo de Lima sustentou em hum só navio contra toda a armada do famoso corsario Canatale na bahia de Batecalá acha-se executada com alento igual áquelle com que o pincel de Lebrun desenhou os quadros immortaes das guerras de Alexandre. A extensão da pintura, não dá lugar a transcrevel-a toda: mas apontaremos alguns rasgos para que se possa ajuizar do merecimento do historiador Couto neste genero. «Os inimigos como vinhão com aquella furia passárão por tudo até investirem os nossos navios, e logo nas primeiras pancadas abrazárão os Malabares o navio de Bento Caldeira, e matárão todos os Portuguezes.» Eis-aqui hum bello exemplo de velocidade de narração viva e pittoresca. Esta virtude de estilo está collocada nos primeiros dous membros, o segundo dos quaes he consequencia natural da permissa incluida no primeiro, onde na palavra *furia* está toda a

vivacidade do colorido, que propagando-se na clausula *passárão por tudo,* e na formula *até investirem,* se aviva com maior impulso nas dições *pancadas* e *abrazárão,* da derradeira consequencia das proposições anteriores, até se sublimar á clausula *e matárão todos os Portuguezes,* onde se remata a belleza da pintura. Seguio-se deste encontro que os mais navios portuguezes, que estavão com D. Paulo de Lima, vendo a superioridade do inimigo fugírão, deixando-o só contra todo o poder daquelle corsario, que de nenhum modo pôde vencer a D. Paulo. «Todos se pozerão em defensão, fazendo tantas cousas em armas, e dando tão desmedidos golpes, que custando a vida a muitos dos Mouros, não se atrevêrão ou não poderão entrar a galeota.» Este troço do quadro tem frase assaz trivial nos livros de Cavallarias, onde a cada passo e com o mais insupportavel fastio se repetem as mesmas clausulas—*fazendo tantas cousas em armas, e dando tão desmedidos golpes.* Nunca Francisco de Moraes (com licença da idolatria com que he supersticiosamente admirado), pintou com mais bizarria os seus fantasticos Florendos, Albayzar, ou Palmeirim, que Diogo do Couto desenhou a D. Paulo de Lima no sobredito combate: seja-nos licito transcrever todo o lugar, ainda que extenso. «D. Paulo de Lima andava na coxia armado em couraças encarnadas em veludo carmezim com huma espada e rodella, animando os seus com palavras dignas daquelle transe, e na parte em que via maior trabalho se apresentava diante de todos, e ali o sentião logo os inimigos em suas carnes, e de hum bordo passava a outro, onde via que era mais importante a sua presença, andando já sangrado em algumas partes.» Bem se deixa ver que esta pintura he desenhada pelo mesmo pincel que traçou o quadro immortal de Lopo e Simão Carrasco nas Decadas, pintura que não teme ser excedida dos maiores corifeos da historia. A clausula *armado de couraças*

encarnadas, dá á pintura hum certo ar de arrogancia bellica, pela frequencia das syllabas longas de que se acha tecido, a qual pelas mesmas razões se propaga nesta *com huma espada e rodella,* que conserva o mesmo caracter. A palavra *transe* na clausula seguinte dá summa belleza á pintura pela propriedade do termo. Na que se segue tem huma notavel força de tinta consignada na formula *se apresentava diante de todos,* que exprime a mais sensivel articulação da figura, e se continúa na que lhe succede na inflexão verbal *sentião,* e na formula *em suas carnes,* vendo-se em todo o resto da pintura desenhada com a mais viva expressão a actividade de hum capitão sabio e de hum guerreiro intrepido. «Os Mouros que erão mais de quinhentos ora entravão na galeota, ora tornavão-os lançar fóra os nossos maltratados.» Nestas breves clausulas se acha a verdade desenhada ao proprio, indicando a possibilidade de acontecer de outro modo. *E ora entravão na galeota,* a disposição das vogaes e consoantes nesta clausula, sem se embaraçarem humas com as outras, exprimem a velocidade de entrar, assim como nas palavras que se seguem se representa a confusão, e a difficuldade de sahir em taes lances pelo embaraço das cinco vogaes que se encontrão em *tornavão aos* — cujos hiatos por huma magia propria do genio são rasgos pittorescos. «D. Paulo de Lima, continúa o historiador, vendo que os nossos perdião na proa alguma cousa, acudio lá, e achou o Cantale posto em cima do esporão, diante do qual se apresentou o valoroso D. Paulo, e tantas cousas fez em armas, que o lançou fóra, e assim aos outros que estavão das ilhargas com mais de trezentos mortos; porque os nossos cincoenta soldados, ou cincoenta Heitores não fazião mais que carregar as espingardas, descarregal-as nos inimigos, e houve tal tiro que derrubou dous ou tres por estarem mui apinhoados.» Tambem este traço de pintura tem assaz do

energico e do animado. No primeiro membro expõe o historiador o motivo da consequencia: o Canatale posto em cima do esporão da galeota avulta-se tanto que se está vendo. Da mesma maneira se representa D. Paulo na seguinte proposição com a energia de Miguel Angelo e o colorido de Rubens, tudo expressado no verbo *apresentou,* no epitheto *valoroso,* e na clausula *e tantas cousas fez em armas.* O que segue até ao fim he a causal que attesta a morte de mais de trezentos, para dar verosimilhança ao quadro. A clausula *cincoenta Heitores,* he glosa augmentativa do inciso antecedente; formula imitada de Camões com quem este historiador teve tão particular amizade, que lhe commentou os primeiros cinco cantos dos *Lusiadas.* A descripção que faz no capitulo 14.º das fortificações da barra de Dabul he digna de toda a attenção pela força e pela riqueza da expressão. «Pelo que foi passando adiante até chegar ao rio de Dabul, cuja entrada estava tão perigosa, que se não fôra cahir aquillo no peito deste grande capitão, que se não rendeo nunca a medo, não se poderia commetter pelas muitas carrancas que sua entrada mostrava de fortes e grandes baluartes de todas as partes, tranqueiras e fortificações mui intrincadas, guarnecidas de grossa e poderosa artilheria, e entulhados de gente de guerra e de muita arcabuzaria; e pela terra do longe da praia seis mil homens, que já mettêrão outra vez espanto e terror a quatro armadas que sobre aquella terra estiverão.» O termo *carrancas,* que ainda no tempo de Diogo do Couto tinha tanto de cultura e de decencia, como no nosso de inculto e humilde, pinta com fortaleza, dando ao mesmo tempo idéa de rusticidade propria da gente que não tinha a policia da Europa. O participio *intrincadas,* dá nova expressão ao quadro; os adjectivos *grossa e poderosa* combinados com o collectivo *artilheria,* dão grande realce á pintura, sendo o primeiro excedido de *poderosa,*

continuando a vivacidade do colorido no significantissimo participio *entulhados*, adjectivo cheio da maior energia, completando-se a pintura com a clausula *de muita artilheria*, frase sublime pela idéa collectiva que encerra nas duas dicções de que se compõe: exprimindo ultimamente a força da terribilidade nas vozes *espanto e horror*, que expréssão effeito consignado na clausula *sobre quatro armadas*. Depois de exprimir algumas circumstancias mais, continua deste modo. «Emfim D. Paulo de Lima... entrando pelo meio daquelles perigos, e por entre fumo tão espesso das grossas e amiudadas bombardadas, que lhe escondião o caminho por onde havião de passar; o qual elle como capitão valoroso foi diante mostrando aos seus, chovendo sobre os navios coriscos e bombas de temeroso fogo que de todas as partes lhe atiravão, e assim por entre tanto genero de morte passou até o largo do rio, onde surgio.» Esta pintura está tão bem desenhada, que não temeria ser excedida: o colorido he o mais proprio e o mais vivo: continuemos a nossa analyse para darmos a razão do que affirmâmos. *Entrando pelo meio daquelles perigos.* Neste membro se representa a pintura collectivamente na formula *daquelles perigos*, a qual se vai expondo e desenvolvendo com muita força nas clausulas que se lhe seguem. A primeira pinta aos olhos, a segunda aos ouvidos; a preposição que se segue a estas pinta hum effeito consequencia de permissa inclusa naquellas formulas *o qual elle como valoroso capitão.* Neste inciso exprime huma propriedade do heroe do quadro, que se vai dilatando com a maior força de energia no seguinte membro: *chovendo sobre os navios coriscos e bombas de temeroso fogo,* expressada nas palavras *coriscos, bombas, temeroso fogo,* até concluir na formula *tanto genero de morte.* Outra pintura semelhante he a que se segue, a qual vem no capitulo 20.º «Em todo este tempo assim da terra como do

mar era huma confusão de estrondo de artilheria, cuja fumaça encobria o sol, e cujo terremoto ensurdecia a todos.» Este quadro sendo o mesmo que os passados, differe pela variedade; a sua energia consiste nas clausulas *confusão de estrondo,* nas palavras *fumaça encobria o sol,* que exprime notavel força de claro escuro, e em *terremoto,* e em *ensurdecia,* que he mais para sentir do que para analysar. Emfim era o historiador Couto tão abundante de côres, para dar variedade ás suas descripções, que raramente se repete, e todas são realmente pinturas que se mostrão aos olhos: para maior prova, apontaremos mais algumas passagens, sem incommodarmos o leitor com a analyse, para sermos breves. No fim do capitulo 23.º: «O que se fez com tanto terror e espanto, que parecia representar o final juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, atroando os ares, escurecendo o dia.» Que melhor o faria hum poeta agitado do mais sublime enthusiasmo? As ultimas quatro clausulas são verdadeiramente poeticas, expressivas em gráo supremo, e cheias de grandissima vivacidade de colorido, que ainda mais se deixa ver na falta de conjuncções, que com prudencia magistral forão d'ali supprimidas.

Consultemos pois a norma que conduzio o pincel de Jacinto Freire nesta parte, não pouco importante da historia. Este escriptor commummente resumido no seu estylo imprime o mesmo caracter nas descripções, sem omittir circumstancia necessaria. Sempre rapido, sempre expressivo, hum breve rasgo he muitas vezes huma pintura tão articulada, tão viva e tão acabada, que o animo satisfeito fica inteiramente informado. O *sublime,* propriedade mais principal do caracter da sua composição, tambem costuma ser a propriedade mais relevante das suas descripções, onde se ostenta com a maior energia o util com o agradavel na profundidade dos conceitos e na

elegancia das frases. Não se mostrando tão facil, tão fluido, nem mesmo tão abundante como Diogo do Couto, he commummente mais conciso, mais forte e mais variado. E quanto tem aquelle de facil e pouco acabado, tanto tem este de exacto e de completo. Naquelle a elegancia, neste a força; naquelle a pureza, neste a cultura se mostrão empregados com destreza filha do genio e propria do magisterio. Hum como Livio pinta aos olhos, outro assim como Tacito pinta ao entendimento: ambos interessando, o Couto pelo suave, Andrade pelo profundo. Vamos aos factos, apontemos alguns exemplos para darmos idéa do que temos dito. A pintura do ataque de Jacome Leite quando foi queimar a machiana que Coge Cofar tinha aparelhado para vir contra a fortaleza de Diu he cheia de força. «Sahio, diz elle, Jacomo Leite na hora determinada com dous catures e trinta soldados, remando á voga surda, e emproando com a náo, a começou a servir de muitas panellas de polvora; vírão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo que os estava abrazando, e acudindo ás armas, turbados de temor e do somno, se defendião com huma resistencia timida e confusa, impedindo-se huns aos outros com vozes e desacordo, causado do subito acommettimento. Alguns se começárão a lançar ao mar, estes fizerão aos outros caminho e exemplo; e emfim entre queixas e alaridos, despejárão a náo, fazendo pôr em armas o campo todo.» Na primeira proposição, que termina em *soldados*, expõe os meios da execução da empreza, acrescentando huma circumstancia na clausula *remando á voga surda;* onde se exprime hum rasgo pittoresco cheio de propriedade: na que se segue resplandece tambem muita força de colorido consignado no gerundio *emproando*, que he summamente expressivo, finalisando o periodo total com huma proposição pittoresca na dicção *polvora*, aindaque a considero hum tanto frouxa no verbo *servir*, em lugar

do qual podia com muita facilidade estar outro muito mais forte e expressivo. *Virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo que os estava abrazando.* Esta pintura falla aos olhos e ao sentimento, expressando acção simultanea nas palavras *fogo e abrazando,* onde o artificio lhe dá força, juntando dous affectos ao mesmo tempo, ver o perigo á claridade do fogo que os abrazava. O que se segue he pintura muito acabada e cheia de expressão no gerundio *acudindo* do primeiro inciso, no participio *turbados* do segundo, e nas palavras *temor e somno,* que se seguem. *Resistencia timida* he expressão muito pittoresca, cheia de enfase e assaz original, acabando de realçar a pintura o epitheto *confusa. Impedindo-se huns aos outros com vozes e desacordo.* Este rasgo tem assaz de verosimilhança, e grande força de expressão. *Alguns se começárão a lançar ao mar, estes fizerão aos outros caminho e exemplo.* A primeira proposição nada tem de notavel, e só serve de preparatorio para a formosa concisão da segunda, cheia de enfase e significado nos termos *caminho e exemplo.* O resto do quadro tem assaz de colorido nas palavras *entre queixas e alaridos,* augmentado pela força da expressão *fazendo pôr em armas o campo todo,* que dá o derradeiro realce a todo o quadro. A descripção da empreza de Diogo de Anaia no livro 3.º he tão bella como a acção que pinta... « a poucos passos vio (Diogo de Anaia) junto a si dous Mouros que estavão praticando; duvidou de os commetter, porque trazer dous não era possivel; pelejar com elles não convinha; porém tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança a hum delles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando, mordendo e forcejando, o levou até ás portas da fortaleza.» A primeira proposição inspira interesse e juntamente receio, o que mais se expressa na seguinte formula: *duvidou de os commetter.* As duas proposições que se seguem motivão

a primeira, e pintão ao espirito; *porém tomando da occasião conselho,* nesta clausula se exprime nova resolução, que se annuncia ao mesmo tempo documento, *derrubou com hum bote de lança a hum delles.* Effeito de nova resolução; *e abraçando-se com o outro,* rasgo forte que exprime hum certo ar de audacia e resolução temeraria; *que se defendia bradando, mordendo* e *forcejando.* Está-se vendo e ouvindo: tanta he a força da energia! Vejamos como Diogo do Couto exprimio esta mesma acção no capitulo 9.º do livro 1.º da sexta Decada: *sem lhe valer pernear, morder, nem bracejar.* He pintura de mestre, comtudo hum tanto inferior á do historiador Andrade. Esta asserção á primeira vista parece menos fundada na razão, que na imparcialidade. Darei a minha razão fundada na analyse. Em tres gerundios se funda toda a força da pintura do Andrade, exprimindo cada hum delles huma acção; *bradando, mordendo* e *forcejando,* cuja combinação constitue a totalidade da energia da frase, exprimindo cada hum em si diversidade de idéa. A pintura do Andrade pois está consignada em frase positiva que tem grande força; a do Couto he enunciação negativa cheia de artificio, pela combinação da particula *sem* com o infinitivo *valer,* isso não obstante, menos energica do que aquella. Alem disso tendo a pintura do Andrade tres idéas positivas distinctas, mas de muita força combinadas, a do Couto não se acha tecida com a mesma belleza, porque longe de serem idéas distinctas para darem força ao expressado, tem analogia; porque *pernear, bracejar,* e ainda mesmo *morder,* na pintura do Couto tem conhecida parecença. A descripção do enterro de Coge Çofar no livro 2.º he quadro, cujo desenho abona a destreza de hum pincel tão sublime como o do historiador Andrade, e não sei se a prosa póde passar muito mais adiante neste genero de pinturas. «Houve no exercito sentimento publico pela falta de tão grande soldado.

Virão os nossos com destemperadas caixas e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar e politico, que ensinou a vaidade da guerra.» No primeiro periodo se exprime a dor geral, e o motivo que tambem o he da pintura funebre, que se segue; a qual se avulta com grande força de expressão collocada nas clausulas *destemperadas caixas, arrastadas bandeiras, com todo funeral militar e politico,* comtudo não me agrada o epitheto militar vizinho a *funeral*, por causa da assonancia que tira a harmonia á frase, que facilmente podia ficar mais harmoniosa, se no lugar de *militar* estivesse o adjectivo *politico;* e ainda que me digão que o sentido pedia a collocação que o auctor lhe deo, isso não satisfaz ao meu reparo, porque alem de não prejudicar ao sentido a minha collocação, vemos que muitos escriptores dos de maior nota o fizerão, assim como Cicero, que expressamente confessa que muitas vezes violára a disposição das palavras em prejuizo do sentido, só por não faltar á harmonia do periodo. A derradeira expressão da pintura he bella e cheia de enfase constituido no substantivo *vaidade,* cujo sentido póde ser relativo ao ceremonial dos enterros bellicos ou á guerra, dando a entender a inutilidade ou as perniciosas consequencias de hum flagello, que só em defeza da patria não merece a detestação do homem sensivel. Huma das mais evidentes provas de brevidade e laconismo pittoresco de que este insigne historiador usava nas suas descripções, annunciando nellas a sublimidade da expressão por meio de frase collectiva, he a que se segue no livro 2.º; primeiro exponhamos as antecedencias do dito, que são dignas de Thucydides e Tacito. «Rumecão com os Turcos assaltou o baluarte S. Thomé... e com gente pelo valor, escolhida, pela nação soberba, acommettêrão tão furiosos, que pelas lanças dos nossos intentavão subir atravessados, buscando pela morte a victoria.» A fortaleza

desta pintura faz-se summamente notavel em varios pontos: primeiro nas clausulas: *com gente pelo valor escolhida — pela nação soberba;* 2.°, no epitheto *furiosas;* 3.°, nas palavras *lanças, e atravessados;* 4.°, na clausula final, *buscando pela morte a victoria,* cuja energia cheia de enfase he parto de huma imaginação altamente agitada. E continuando a descripção diz: «Elles tinhão a vantagem do numero; a do lugar os nossos; e os que tinhão calvagado o muro, ou havião de entrar victoriosos ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada que a peleja.» Todo este expressado não he realmente descripção ou pintura, mas sim contém circumstancias que augmentão ou diminuem os ressortes que dão realce á totalidade do quadro, e devem ser reputados como os horisontes de hum painel, que representa huma batalha dada junto de hum vulcano evaporando estragos, ao mesmo tempo que dois exercitos se exterminão. Estas poucas linhas são modelo de estilo conciso que encerra mais idéas que palavras. Nas primeiras duas orações expõe circumstancias necessarias para estabelecer o verosimil: nos tres membros que formão o periodo que se segue se exprimem as difficuldades de hum lance apertado, representado na antithese — *ou havião de entrar victoriosos, ou morrer estropeados,* onde o participio *estropeados* algum tanto debilita a força da expressão, que mostraria muito maior energia se o participio *estropeado* se achasse substituido por *espedaçado.* O resto do periodo contém a razão do que expréssão proposições antecedentes. «O inimigo (continua) sempre com nova gente continuava o assalto; os nossos valendo-se de humas mesmas forças, se mostravão superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos.» Expressão da continuidade do combate sempre vivo, sempre vigoroso, a qual se mostra com mais energia nas derradeiras clausulas. «Via-se hum monte de corpos mortos aos

pés dos baluartes, huns desangrados do ferro e outros abrazados do fogo. Alguns agonisando entre a ira e a dor, pedião vingança, e talvez que os que hião satisfazel-os acabavão primeiro.» Aqui tudo está posto ante os olhos. A primeira proposição he hum painel que expõe á vista a expressão collectiva do terrivel com maior força representado por huma massa de tinta constituida na frase *monte de corpos mortos;* a primeira *huns desangrados do ferro,* he excedida da segunda, *e outros abrazados do fogo.* O que se segue até ao fim está-se vendo e ouvindo. A clausula *agonisando entre a ira e a dor,* tem a maior vivacidade de colorido no gerundio *agonisando,* e nas vozes *ira e dor,* que exprimem dous affectos que parecendo diversos, nasce hum do outro, e constituem a verdade da pintura. *Pedião vingança,* bello final cheio de interesse e propriedade. A reflexão sobre esta clausula he hum epifomena bellissimo pela collocação e pela novidade do conceito. Finalmente nas clausulas seguintes dá a razão por que usa deste methodo, onde resplandece o discurso e a elegancia. «Emfim os nossos este dia fizerão cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo do que pela escriptura; porque sempre no particularisar accidentes he a verdade incerta; mórmente nos acontecimentos de guerra, onde a ira ou o temer, e outros affectos arrebatão o juizo de maneira que apenas poderia cada hum ser chronista fiel de suas mesmas obras.» A pintura seguinte he cheia de fogo e elegancia da poesia. «Jusarcão os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo e de vozes humanas fazião nas paredes da fortaleza huma impressão medonha.» Esta pintura não póde ser glosada, porque ella encerra em cada voz, em cada clausula tudo quanto della se póde dizer; porque he toda de expressão visivel, ou por melhor dizer, que faz tanto effeito narrada como vista.

Seria longo processo se intentassemos transcrever e analysar quantas descripções notaveis se encontrão neste insigne historiador. Basta este pequeno exame para dar alguma idéa da destreza de Jacinto Freire neste genero de pintura relativamente ao historiador Couto. E para que appareça com mais evidencia o caracter comparativo de ambos, digo que o Couto he a respeito do Andrade o mesmo que o Ariosto a respeito do Tasso na poesia. Faço este raciocinio, sem temer a censura, visto-que este *simile* não póde ser estranho aos que forem instruidos nas bellas letras, para quem esta obra mais se dirige.

Tendo pois discorrido a respeito da narração historica em geral destes dous historiadores, e das partes de que ella se compõe, parece que seria justo examinar se a eloquencia deve ali ter lugar, e em que ponto apparece na historia de D. Paulo de Lima, e D. João de Castro.

CAPITULO VII

Da eloquencia historica e das fallas

Se houvermos de reduzir a enunciação historica a alguma das tres classes em que os rhetoricos dividírão a eloquencia: o genero demonstrativo he o que mais lhe convem. E se o deliberativo tem parte na totalidade da historia he como pretensão tacita, que a intelligencia subentende. Como a relação historica tem por base a exposição de factos positivos, por isso mesmo, que nada tendo de conjectural, o preterito lhe fornece assumpto e muitas vezes lhe mostra a immensidade dos seus horisontes: segue-se que o louvor e o vituperio hão de ser as suas propriedades intrinsecas, com aquellas modificações proprias do lugar; isto he, despidas daquelle tom hyperbolico, que com tanta pompa se costuma annunciar no panegyrico. Mas estas propriedades que for-

mão a base da historia, das quaes extrahe a instrucção como somma; estas propriedades, digo, não excluem outro qualquer genero de eloquencia, especialmente o deliberativo, como vemos praticado com tanto esplendor pelos antigos, que introduzírão nas suas historias fallas, muitas das quaes são reputadas prodigios de eloquencia, como na historia da guerra do Peloponesso de Thucydides, em Tito Livio, Sallustio, e Tacito. Este methodo de escrever a historia tem sido alternativamente approvado e reprehendido; dizendo os que são de opinião contraria que as fallas, alem de interromperem o fio da narração ferem o verosimil. Se te queres mostrar, dizem elles, eloquente, sê orador; mas se escreves a historia conta-nos factos e dize-nos verdades.

Estas razões parece que não tem contra; comtudo as dos que são de opinião contraria, não deixão de ser attendiveis. Dizem pois que a maneira de Thucydides, Livio, Sallustio e Tacito he a mais bella, a mais animada, e cheia de movimento; o tom dramatico que ali se mostra, não só não se oppõe ao verosimil, mas serve ao mesmo tempo á instrucção e ao deleite, que de nenhum modo póde resultar da uniformidade fastidiosa de huma narração secca e sem movimento, como a de Polybio e Cesar, postoque auctores estimaveis, hum pelos factos e pelas reflexões politicas, e outro pela pureza do estylo *non nostrum... tantas componere lites*. Mas se me he licito interpor o meu parecer, digo que aquelle que não fosse tão excessivo como Thucydides em metade da sua historia e Tito Livio, seguindo huma norma mais chegada a Sallustio e Tacito evitaria o tedio de huma narração propria de memorias, ou de gazetas, e fugiria á nota de declamador e de inverosimil.

Reflexão he que tenho feito muitas vezes: sendo as historias antigas escriptas em linguas de custosa intelligencia, são mais lidas e mais sabidas que as modernas.

A causa, quanto a mim, he o tom dramatico que naquella reina; o qual dá summa vivacidade ao estilo e põe diante dos olhos do leitor os factos e as circumstancias que os acompanhão. O que não se vê commummente nos historiadores modernos, cuja uniformidade de tom sempre o mesmo, sempre unido, causa tedio, que extingue a vontade de ler, e preoccupa o espirito de tal modo que lhe não dá liberdade para ajuizar dos factos, assim como na lição dos historiadores antigos, onde a força da narração variada de observações judiciosas, e fallas eloquentissimas ornadas de todas as graças do estilo, deleitão o espirito, e sem o distrahir auxilião a reflexão e facilitão a reminiscencia. Digo isto, postas de parte as excepções, com as quaes se não deve argumentar, porque entre os historiadores modernos ha hum Palavicini, hum Voltaire, hum Barros, e outros que altamente se distinguem da plebe dos historiadoras mediocres, com que a facilidade do prélo tem inundado a Europa, e prejudicado talvez a cultura de hum genero de reconhecida utilidade.

A leitura da historia escripta neste gosto excitára, ou por melhor dizer, determinaria á eloquencia os genios que para ella tivessem decidida inclinação: assim como aconteceo a Demosthenes, a quem o estudo de Thucydides formou orador, e o levou á immortalidade, fazendo-o o maior e o mais assignalado modelo da eloquencia grega. Quem tiver lição dos nossos historiadores portuguezes, fazendo qualquer reflexão com facilidade conhecerá que a leitura de Tito Livio formou a expressão do pincel de Barros, e que o methodo de Thucydides foi quem produzio o admiravel lance de Lopo Vaz de Sampaio em Diogo do Couto, lance na verdade digno do historiador grego, e que não tem exemplo nos historiadores modernos, ao menos nos que temos lido, o qual não sabemos se por fatalidade, se por ignorancia ou falta de

gosto he tão desconhecido, que nunca foi lembrado de litterato algum dos nossos portuguezes para o louvor, quanto mais para a analyse. Verá que a lição de Tacito formou o genio profundo e o colorido energico do historiador Andrade. Verá emfim que aquella força de argumentar e convencer, que se encontra em muitos lugares do orador, do grande orador Vieira, especialmente no prodigioso sermão contra as armas de Hollanda, nasceo da lição de Livio e Sallustio. Não pareça arbitrario o que affirmâmos: procedamos por partes, porque assim o pede a escuridade e a pouca ou nenhuma auctoridade de quem compõe este escripto.

Quem não vê que em Livio a vehemencia da persuasão diffundida em tantos discursos pronunciados no senado romano, que por tão frequentes não especifico, está como depositada naquella, por todos os titulos admiravel oração, do orador portuguez. Quem depois de ter lido em Sallustio a bella falla de Cesar no senado a favor dos presos réos da conjuração de Catilina, não conhecerá que aquella mesma destreza com que aquelle tão grande capitão, como orador maneja as insinuações persuasivas em ponto tão subido, que não se acha em toda a antiguidade modelo mais acabado neste genero; quem não dirá pois que toda se acha trasladada com a maior e mais arrojada liberalidade naquella grande oração, cujo effeito foi o mais prompto e o mais glorioso que as armas portuguezas virão naquella idade nas regiões da America? Quem não dirá que a força da expressão, que tão altamente resplandece na oração de Catão no mesmo historiador, oppondo-se ao parecer de Cesar, apparece com a maior vehemencia de actividade em muitos sermões daquelle notavel orador, especialmente no grande sermão do Advento no terceiro volume, o qual logo do principio interessa de tal modo que não ha podel-o largar, sem o ler todo. Na mencionada oração de

Catão, cheia da maior vehemencia e tão abastecida de idéas como de palavras, são infinitos os lugares onde a energia, a concisão he tão notavel, que cada palavra he hum documento, como no seguinte exemplo: «Non votis, neque suppliciis mulieribus auxilia Deorum parentur: vigilando, agendo, bene consulendo prospere omnia cedunt; ubi socordiae te te, atque ignaviae tradideris, nequiquam Déos implores; irati infestique sunt.» Este mesmo caracter de convicção positiva, como já dissemos, se vê a cada passo no dito orador: para darmos alguma idéa, apontaremos o seguinte exemplo extrahido do mesmo sermão do Advento: «Credes, mortaes, que ha de haver juizo? Huma de duas he certa: ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá a nossa insensibilidade sem remedio o que agora podéra ser com proveito. Quanto melhor fôra chorar, e arrepender agora como fizerão aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrimas não ha de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão. Agora vivemos como queremos; e ainda mal porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos.» O mesmo se patenteia da seguinte passagem do mesmo sermão, a qual tem tanto ou quanto de analogia com a de Sallustio. Depois de fazer a mais vigorosa pintura do dia do Juizo, o terrivel se ostenta desenhado com energia inimitavel; apparecem todas as jerarchias para serem julgadas, e vem em primeiro lugar os Papas. «Todos nesta vida se chamárão Padres Santos; mas o dia do Juizo mostrará que a santidade não consiste no nome, senão nas obras. Nesta vida beatissimos, na outra mal-aventurados: oh que grande miseria!» O que se segue he do mesmo genero, e não o transcrevo por não exceder os limites desta transição. He certo porém que esta brevidade, esta força, este fulminar, este convencer em grande parte proce-

dem da lição dos antigos, sem estudo dos quaes não sei que tenha existido homem grande na eloquencia e na poesia.

Entrando a formar a combinação comparativa da eloquencia destes dous historiadores relativamente ás obras do assumpto proposto no programma, devemos affirmar que resplandecendo altamente a eloquencia em as historias de Diogo do Couto, na de D. Paulo de Lima, ou não apparece, ou desfallecida pela idade do auctor apenas boceja moribunda. Ali tudo se passa em narração; nada, ou quasi nada se dá ao discurso. He verdade que naquella historia não se apresentão lances onde a eloquencia podesse sobresahir, e faltando-nos neste ponto huma parte para o parallelo, passemos a ajuizar singularmente das fallas de Jacinto Freire.

As fallas e discursos que se lêem na historia de D. João de Castro, quer sejão directas, quer indirectas, são de grande eloquencia. A lição de Thucydides, e muito mais de Tacito, forão certamente a norma da eloquencia deste historiador sublime. Assim como Tacito, declarado sempre a favor da virtude com a mais vigorosa vehemencia de expressão, tudo pinta com energica vivacidade, nunca diffuso, sempre resumido, sem lhe escapar o necessario; dizer muito em pouco he a sua maior inclinação. Vamos por partes; e em obsequio do assumpto tão pouco, ou nunca até aqui tratado entre nós com analyse filosofica, seja-nos desculpada a prolixidade, que, apezar das poucas luzes do auctor, ha de comtudo ter alguma cousa de util.

A primeira falla consideravel que apparece neste por todos os motivos recommendavel escripto, he a de Coge Çofar para deliberar o cerco de Diu. Quem a considerar como hum dos mais insignes monumentos do nosso idioma não merecerá censura. Em primeiro lugar começa Coge Çofar expondo com summo artificio a causal do in-

teresse com que pretende excitar a vingança de Mahamud, Rei de Cambaya, contra os Portuguezes, pela morte que derão ao Sultão Badur, por meio da pintura que faz da clemencia daquelle Principe, na qual com gentil destreza tece o exordio, exagerando os beneficios que delle recebeo, afeiando ao mesmo passo com rasgos os mais expressivos a ingratidão dos Portuguezes, e avultando a soberba com que estes opprimião os vassallos daquelle Rei, passa a demonstrar com os mais fortes argumentos a necessidade de rebater a sua audacia por hum modo que fique servindo de exemplo a todos os ambiciosos do Oriente, afeiando de novo o delicto dos mesmos Portuguezes na morte que derão ao Sultão Badur. Logo passa a fazer huma mui circumstanciada enumeração das victorias ou estragos, como elle se explica, possessões, escalas e navegações com que os Portuguezes tinhão assolado o Oriente, a qual descripção he executada com assaz de variedade á maneira dos antigos, como vemos no enumeramento das náos e tropas que a Grecia mandou ao cerco de Troia descripto no livro 2.º da *Illiada*, e o das Troianas no fim do mesmo livro, e na descripção das mercadorias que formavão a totalidade do commercio da famosa cidade de Tyro, relatada no bello cantico funebre da mesma cidade composto por Ezequiel no capitulo 27.º do mesmo profeta, no 4.º livro do Pentateuco e no 7.º da *Eneida*.

Nesta longa enumeração, assim como em toda a oração, mostra o auctor a lição que teve dos antigos. Dizem, e não sem verosimilhança, que de Homero tirárão os historiadores o uso das fallas; porque grande parte dos seus poemas, especialmente a *Illiada*, se passa em narração: a este mesmo poeta, e com especialidade a Virgilio, imitou o historiador Andrade nesta enumeração, usando quasi o mesmo artificio, de que se servírão estes insignes poetas, variando com summa destreza a frase

para facilitar a leitura, como em seu lugar mostraremos. Desta mesma enumeração tira partido o historiador, facilitando por ella a empreza que quer persuadir a personagem, que introduz; mostrando a fraqueza de huma potencia em si pequena debilitada com tantas conquistas tão distantes e tão divididas, onde com singular acerto imita alguns lugares da famosa oração dos Embaixadores dos Scytas a Alexandre, referida por Quinto Curcio, no livro 7.º, capitulo 8.º, oração que apezar de alguma affectação que nella apparece, será sempre hum excellente monumento de eloquencia. Como por exemplo na seguinte passagem: «Que temos que receiar deste imperio de loucos *que com hum braço na Asia,* outro no Occidente querem abarcar o mundo», a qual he imitação do seguinte lugar no principio da mencionada oração de Curcio: «Si dii habitum corporis tui aviditati animi parem esse voluissent; orbis te non caperet; altera manu Orientem; altera Occidentem contingeres.» Depois desta enumeração cheia de artificio, para mais facilitar o projecto da empreza, passa a mostrar que logo que o Rei de Cambaya se declarar contra os Portuguezes o hão de acompanhar todas as mais potencias do Oriente, que, escandalisadas do dominio portuguez, de boa vontade hão de aproveitar huma occasião tão opportuna de se vingarem, offerecendo emfim a si, aos seus filhos, e todos os seus bens até fazer delles e da propria vida sacrificio para o complemento de tão ardua empreza. Não especifico as propriedades do estilo desta bella oração, porque o guardo para outro lugar ao meu parecer mais conveniente.

No principio desta mesma falla apparecem muitos accidentes da bella oração de Scipião Africano ao seu exercito no livro 26.º, capitulo 41.º de Tito Livio, que tambem he huma prova da lição que o historiador Andrade tinha dos antigos, sem a qual ninguem poderá figurar na re-

publica das letras. E para que se possa formar idéa desta imitação, transcreveremos o principio das orações portugueza e latina, as quaes pela sublimidade e elegancia desculpão toda a prolixidade, que possa haver no exame das graças de que estão adornadas. «As mercês que por espaço de dez annos recebi do Sultão Badur são manifestas a todos; aos de fóra com espanto de sua grandeza, aos de casa com inveja de minha fortuna; poz-me os olhos, e levantou-me como vapor da terra, antepondo-me estranho e peregrino aos que lhe nascêrão em casa; sendo vassallo me tratou como amigo e me amou como filho. A este clementissimo Principe (cujas cinzas venero como de senhor, choro como de pai) debaixo do sagrado da paz tirárão os Portuguezes a vida com escandalo de todos os Reis, e não menos injuria de seus vassallos indignos de o havermos sido de Principe tão grande, pois insensiveis e ingratos estamos alimentando os homicidas do nosso Monarcha em nossa mesma casa, gosando como herança a praça que assegurárão com tão atroz delicto, hontem hospedes e agora senhores. Vós, o Principe herdeiro, e senhor deste imperio, vedes vossos vassallos cada dia receber leis destes insultuosos: a vós toca determinar a quem havemos de obedecer primeiro, se a nosso Rei, se a nossos inimigos, etc.»

Note-se a destreza com que este eloquente historiador glosa as relações indicadas collectivamente no partitivo *todos,* final do primeiro periodo, nestas seguintes clausulas: *aos de fóra com espanto de sua grandeza, aos de caza com inveja de minha fortuna.* Pondere-se a força do conceito e a belleza da expressão empregada neste pequeno ambito: *poz-me os olhos, e levantou-me como vapor da terra.* Bello exemplo de estilo cheio de enfase, isto he, que faz pensar. A primeira proposição he toda positiva absoluta; chamo-lhe absoluta, porque tomada por si só não indica effeito, nem mostra que póde ser causal de

consequencia, sem que lh'o expresse a proposição vizinha: *e levantou-me como vapor da terra,* a qual em si contém muito enfase, e he o mesmo que se dissesse: O Rei, que para mim he hum novo sol, me levantou como vapor da terra, porque só o sol tem a virtude de attrahir vapores terrestres. Formoso e elegantissimo modo de falar, cheio de decencia e gravidade. *Sendo vassallo me tratou como amigo e me amou como filho,* pintura moral onde se exprime a mais sublime amabilidade do coração humano, a qual ainda mais se realça com o superlativo *clementissimo* unido ao termo *Principe,* clausula em que se estriba toda a força do interesse que reina em todo o periodo, e motiva o assumpto da oração. O parenthesis que se segue contém huma bem feliz combinação de conceitos naturaes, que suppõe a mais correcta moralidade, tudo expressado deste modo: *cujas cinzas venero como de senhor, choro como de pai.* A elegancia de todo este periodo he visivel no mesmo superlativo *clementissimo,* nas formulas *cujas cinzas venero, choro como de pai, sagrado da paz, com escandalo de todos os Reis, injuria de seus vassallos, insensiveis, alimentando os homicidas do nosso monarcha, em nossa mesma caza, gosando como herança a praça, que a segurão com tão atroz delicto,* e ultimamente na bella e significante antithese: *hontem hospedes e agora senhores.*

Tambem deve o leitor curioso observar a elegantissima e artificiosa organisação de todo o periodo tecido de varios membros e incisos, que se vão deduzindo por modo o mais natural, não só em virtude daquellas partes do discurso que mais conservão o nexo da oração, quaes os relativos *cujas, e que,* as duas conjunções *ee,* a particula ou conjunção causal *pois,* e os dous gerundios *alimentando e gosando,* mas tambem por effeito do sentido nas clausulas *debaixo do sagrado da paz, indignos de o havermos sido,* etc. Deve tambem reparar no acerto com

que no fim sahe fóra o corollario, ou somma do que se expoz em todo o periodo no seguinte epifomena: *hontem hospedes e agora senhores.*

Dignem-se os meus juizes de me desculparem tanta miudeza de analyse, cuja seccura ha de forçosamente causar tedio: mas confiâmos na sua integridade, que a esta obra não ha de prejudicar hum tal exame, que em obsequio de hum estudo tão pouco ou nada cultivado entre nós, se deve tolerar, aindaque lhe falte aquella exacção filosofica, que o auctor deseja, e este respeitavel corpo com tanto empenho procura excitar. Exponhamos finalmente o principio da oração latina, o qual se indica nas expressões seguintes:

«Nemo ante me novus imperator militibus suis, priusquam opera eorum usus esset, gratias agere jure ac merito potuit. *Me vobis, priusquam provinciam aut castra viderem obligavit fortuna; primum, quod ea pietate erga patrem patruumque meum vivos mortuosque fuistis; deinde, quod amissam tanta clade provinciae* possessionem, integram, et populo romano, et successori mihi virtute vestra obtinuistis. *Sed quum jam benignitate Deum id paremus atque agamus,* non ut ipsi maneamus in Hispania, sed ne *Poeni maneant,* nec ut pro ripa Iberi stantes arceamus transitu hostes, *sed* ut ultro transferamus que bellum; *vereor* ne cui vestrum majus id audaciusque consilium, quam aut pro memoria cladium nuper acceptarum, aut pro aetate mea videatur.»

Nos lugares assignalados estão as situações, donde procedêrão os accidentes; que no lugar da oração de Coge Çofar acima transcriptos se apresentão.

Para darmos huma idéa completa da eloquencia do historiador Andrade não ha precisão de analyses: mas são tão dignas de ponderação as fallas de D. Diogo de Almeida, Capitão mór de Goa em que se oppõe ao designio que D. João de Castro tinha formado de hir pessoal-

mente com grandes forças soccorrer Diu, e destruir os inimigos, e do heroe Castro, respondendo-lhe, que não posso deixar de fallar delles, por mais que este escripto vá passando os limites de hum breve tratado.

Ninguem póde duvidar, depois de ter lido e ponderado com madura reflexão a falla de D. Diogo de Almeida, que vem no livro 2.º, que ella he huma das maiores peças que se encontrão em toda a historia, e se não fôra o receio de incorrer na nota de hyperbolico, certamente eu me atrevêra a dizer, que ella era superior a tudo quanto neste genero se lê de mais perfeito e acabado, tanto nos antigos como nos modernos. Duas cousas se mostrão com evidencia nesta admiravel falla: a primeira, a profundidade natural do grande genio do historiador Andrade; a segunda, a grande lição que teve de Tacito, cujo estilo está neste lugar apparecendo com signaes tão visiveis e caracteristicos, que não podem ser occultos ao leitor instruido, e que igualmente tenha completa noticia do grande historiador latino com tal felicidade de gosto que possa ajuizar de estilo a estilo. A primeira prova disto he a nobre, e ao mesmo tempo luminosa concisão da frase, que assim como a do historiador Tacito, offerece tantas idéas como palavras. A segunda he a quantidade de maximas politicas as mais acertadas, as mais dignas do mesmo Tacito, nas quaes resplandecem, não as subtilezas de huma logica sofistica e chimerica, mas sim os acertos de huma dialetica de razão, que a todos se faz patente e manifesta, indo mesmo áquelles cujo entendimento anda obstruido das trevas da ignorancia. Não fallo nos accidentes do estilo, que reservo para outro lugar, que assaz tambem poderão dar materia a largo discurso.

Entremos pois na analyse de huma oração digna de que a profundidade de hum Aristoteles, e o bom gosto de hum Voltaire sondassem, pezassem e avaliassem a

força do discurso, a grandeza dos conceitos, e as graças da elocução.

Primeiramente entra a expor a debilidade das forças da India Portugueza, cuja realidade só se estriba n'hum conceito errado, que as nações do Oriente tem formado pelas victorias da nação naquellas partes. Em segundo lugar, que o estado deve tirar partido deste mesmo conceito, conservando-se em quietação, sem se engolfarem empenhos arriscados; que pouco póde tirar dos bons successos, sem que a distancia da metropole lhe possa fornecer promptos e efficazes auxilios para se refazer nas adversidades. Em terceiro lugar, que Diu estava soccorrida, e que por isso se fazia inutil tamanho empenho, como era o de hir o Vice-Rei em pessoa soccorrel-a com todas as forças do estado. Que se era para derrotar o inimigo, tambem isso se fazia desnecessario, porque alem da victoria ser contingente, o fructo em nada correspondia á grandeza do empenho a quem huma fama inutil havia de ser, no caso de vencer, remuneração. Que huma batalha, em que tudo se punha em risco, só se havia de commetter em grande necessidade. Que Diu estava ganha, logo não havia mister comprar aquillo de que eramos senhores. Que se era para castigar o inimigo, então deverão ser castigados outros muitos, que nos tinhão escandalisado, etc. Por mais que se queira resumir esta oração, sempre o resumo será mais extenso; prova de que as idéas excedem, como dissemos, em numero as palavras.

Passemos a ver e a examinar as bellezas da resposta de D. João de Castro, a qual tendo bastante daquella fortaleza propria do caracter deste grande homem, não he no meu conceito de tão sublimes quilates como a de D. Diogo de Almeida; porque contendo menos verdades, quasi que o seu merecimento se funda em apparencias de razão, ou por melhor dizer esta oração he hum tecido

brilhante de sofismas, por isso o historiador, não sem razão, introduz esta falla obliquamente, isto he, por terceira pessoa; mas que outra maneira se offerecia ao auctor para expor com alguma dignidade as razões do seu heroe para motivar huma empreza cujo successo canonisou o acerto? Vamos aos factos.

«Porém D. João de Castro, seguro na resolução tomada, discorreo em contrario, dizendo que nenhuma nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o estado se fizera no Oriente arbitro da paz e da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas que tinhamos na India, se conservavão com as mesmas armas com que forão ganhadas; que o respeito que nos tinhão os Mouros e Gentios, não duraria mais que até saber que podiamos soffrer huma injuria.»

Já deste transumpto se mostra a verdade do que acima dissemos; mas porque o exame das bellezas desta falla de D. Diogo fica reservado para quando tratarmos da elegancia e harmonia, passemos a tratar da perspicuidade.

CAPITULO VIII

Da clareza do estilo

Só quem for privado de senso commum não conhecerá que a primeira e a mais necessaria virtude do estilo deve ser a perspicuidade. Para entrar nesta razão não se precisa de maior instrucção. A razão natural nos persuade, que para que nos entendão, fallâmos: porque sendo as palavras a pintura fallante do que sentimos dentro da nossa alma informada unicamente pelos sentidos, claro está que se essa pintura não for animada de clareza não será cabalmente entendida, e não conseguirá o fim para que he reproduzida e publicada. Querer provar esta doutrina com auctoridades he o mesmo que

produzir a de Plinio para attestar a doçura do mel. Para se adquirir esta tão recommendavel virtude do estilo, deve primeiramente estar o entendimento bem informado do assumpto por meio do estudo antecipado de todas as circumstancias que concorrão a formar a sua natureza e o seu caracter; porque sendo a expressão filha da idéa, segue-se que se esta for clara, clara será a enunciação, se confusa ou escura, confusa ou escura será. Sobre estes principios julgo não seria difficil de resolver hum problema que só teve nascimento na minha preoccupação, e vem a ser. Desde que tive conhecimento de letras latinas, sempre me pareceo Tito Livio escuro, e Tacito claro ao contrario de todos. Nesta supposição, que na minha idéa he toda realidade, digo, que a causa da escuridade de Livio he porque este historiador não punha a diligencia que Tacito empregava em estudar a materia, e por isso a sua expressão me parece escura algumas vezes; porque tambem o conceito apenas se desenvolvia na sua intelligencia. Tacito, pelo contrario, sempre senhor do seu assumpto, o conceito nunca tem existencia vacillante na sua intelligencia, e por isso a sua expressão he clara, e se o não parece, he porque o pensamento e até mesmo o seu discurso he profundo, sublime, e para alguns, mas erradamente, mysterioso. Estudado pois o assumpto com toda a circumspecção, vem logo as palavras, que he onde jaz a principal perspicuidade no discurso; ellas devem ter hum significado positivo, isto he, significação inherente a cada palavra, quando são tomadas em sentido recto ou primitivo; mas quando tomão significado translato, as significações figurativas devem ser naturaes e de facil intelligencia: da mesma sorte a combinação das mesmas palavras deve ter união natural e congruencia grammatical de modo que o seu sentido fique de facil percepção. O meio mais facil para se alcançar esta perspicuidade he o uso de pa-

lavras proprias, e da ordem natural do discurso; ficando assim mais facil de alcançar esta perspicuidade pelo uso dos termos proprios ou translatos faceis de entender, e por meio da ordem natural do periodo. Para que esta possa subsistir convem que em primeiro lugar o sujeito de cada proposição se annuncie expresso, ou se subentenda facilmente; que não esteja muito distante do eixo da oração, que subsiste no verbo que se bem attendermos sempre exprime movimento mais ou menos sensivel. Que a conclusão ou a proposição que determina o sentido total do periodo não esteja muito distante. Que o periodo não seja tão extenso que não possa ou custe a entrar na intelligencia do leitor; nem curto tanto em demasia, que lhe falte o que convem para ser entendido, porque para haver clareza, convem que ao periodo nada falte nem sobeje. Que a proposição principal não seja interrompida de proposições intermediarias, ou muito extensas, ou muito frequentes, e que se deduzão umas de outras, que tudo isto embaraça extremamente a fluidez da oração e causa escuridade. Que não seja a oração cortada de parenthesis frequentes ou muito extensos. Que os possessivos se não ajuntem de modo algum com genitivos a que se possão referir, como se nota em alguns dos nossos escriptores do seculo de quatrocentos e ainda mesmo de quinhentos, onde se lê *seu delle e seus delles*, etc., que postoque não concorrão immediatamente para a escuridade do estilo, habitua o animo á negligencia que faz introduzir defeitos que se oppõem á clareza. Que as conjunções sejão bem dispostas, de modo que nem por frequentes se atropellem, e embaracem a clareza, nem por diminutas fação o mesmo prejuizo á oração, por falta do nexo, que ligue as suas partes. Que não haja transposições frequentes, nem fóra do natural, que degenerem em hyperbatos. Finalmente, para conseguir a felicidade de escrever com congruencia racional,

com correcção e perspicuidade, depois de ter consultado as suas forças e as suas inclinações, deve o escriptor ter hum grande uso de meditar, de raciocinar, segundo a norma da mais luminosa dialetica, porque tenho para mim como axioma indubitavel, que quem bem pensa, bem se exprime, *verba sequuntur rem*.

A clareza do historiador Couto na historia de D. Paulo de Lima sempre foi tão patente, como a sua negligencia; não se entenda a palavra negligencia em toda a extensão de sentido; esta voz he relativa, e só se deve entender naquella historia hum dos objectos da nossa comparação, a qual de nenhum modo se deve attribuir ao grande trabalho das Decadas, obra immortal, que honra o auctor e a nação. Postoque a vida de D. Paulo de Lima fosse composta na velhice de Diogo do Couto, comtudo, apezar dos defeitos procedidos da fraqueza da idade, sempre ali apparecem muitos vestigios das graças e bellezas, que tanto resplandecem na grande historia da India. Huma dellas he a perspicuidade, que nunca se ausenta do seu estilo, aindaque pouco culto, e consideravelmente desalinhado. Seguindo sempre a ordem natural, sem parenthesis, sem orações intermediarias que interrompão o fio da narração, o seu estilo pouco elevado, corre fluido, sem constrangimento, e sem affectação.

Jacinto Freire de Andrade, escriptor sublime, traça a pintura das suas idéas com o mesmo vigor com que foi concebida no seu entendimento. Mas assim como a elevação he de maior custo ao corpo fisico, assim tambem a sublimidade pede maior esforço do entendimento: este mesmo constrangimento com que são produzidas as concepções sublimes se communica á expressão daquelle historiador, a qual postoque concertada, elegante e polida, não corre de maneira que não mostre algum tanto de embaraço e alguma affeição; e por isso a sua perspicuidade custa ao leitor algum esforço pelo mesmo moti-

vo que a expressão do conceito por sublime requer maior attenção do leitor.

O historiador Andrade foi muito amante da frase culta e cheia de gravidade; em que se mostrou tão excessivo que se esqueceo da grande regra que manda que se esqueça a arte: e para conseguir aquellas qualidades no seu estilo, algumas vezes se vio obrigado a forçar a ordem natural da enunciação, mas com tal destreza, que só dos intelligentes nesta materia he conhecido este defeito, a que o levou a sua natural inclinação de ser laconico. Para darmos alguma idéa do que affirmâmos, apontaremos alguns exemplos. Supprimia algumas vezes os articulos naquelles lugares, onde commummente costumão andar expressos, como na seguinte expressão do livro 1.º, fallando de D. João de Castro: «E como varão que tambem sabia desprezar *sua* mesma fama se retirou á sua quinta de Cintra.» Falta-lhe o articulo *o* antes do possessivo *sua*. No mesmo livro: «Mas D. João que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com desprezo suas mesmas obras... ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acções por dignas de si mesmo, livro 2.º Virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo que os abrasava.» Aqui vemos os articulos do mesmo modo supprimidos antes dos possessivos. E assim em muitos lugares, que por evitar prolixidade não aponto, seguindo nisto a alguns quinhentistas. Guardava algumas vezes para o fim das clausulas ou orações os regimens dos verbos, como no mesmo livro: «que nos fazia a saber que nos seus reinos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava *para* os amigos ouro, e de outras para os inimigos ferro»; ficando as formulas *para amigos e para os inimigos* sendo huma especie de parenthesis: he bem verdade que se lhe désse huma disposição natural ficaria o periodo hum tanto debil e frio, pela semelhança das frases deste modo: *que*

de humas tirava ouro para os amigos, e de oùtras ferro para os inimigos. Mas isso não obstante, muitos bons não terião o escrupulo de adoptar esta derradeira disposição. Ainda com mais sensibilidade na seguinte frase do livro 2.º na falla de Coge Çofar: «Ali (falla dos Portuguezes) fundárão a celebre cidade de Macau, por onde persuadem aos Chinas os mysterios da sua crença, *fazendo* juntamente do commercio á religião *escada.*»

Esta frase derradeira he no meu conceito tão incongruente, que a reputo erro de lingua; porque huma tal transposição nem mesmo teria lugar na poesia. Mas estas maculas são rarissimas neste escriptor, de quem se póde affirmar que acabou de purificar a lingua dos defeitos com que ainda apparecia nos escriptos de Diogo do Couto, cujas derradeiras obras talvez não precedêrão vinte e cinco annos á historia de D. João de Castro. Semelhante transposição se acha no mesmo livro. «E logo avisou ao Governador do estado das cousas que já pelos enviados, que mandára a Cambaya, tinha *do cerco noticia de mais inteira...*» Este hyperbato só tem lugar na poesia. «*Deo* o negocio ao Capitão mór *cuidado.*» Eis-aqui outro hyperbato, e tambem *cuidado* regime do verbo *deo* fóra da ordem natural. Agora apparecerá outra construcção diversa, em que os sujeitos ou nominativos da oração ficão no fim interrompidos com huma formula intermediaria no mesmo livro: «O que não acceitando passariamos pelas leis da guerra, e pelas licenças que dava nos estragos a ira e a victoria.» O mesmo se vê no seguinte lugar do mesmo livro: «Sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos.» O mesmo no que se segue: «Faltando-lhe na vida premio, nesta historia nome.» Nesta oração resplandece notavel belleza e gravidade. No mesmo livro, fallando da morte do insigne Luiz de Mello, diz: «*merecendo* seu singular esforço, se não mais gloriosa morte, mais dilatada vida.» Huma oração

tal como esta só póde ser executada por quem souber com perfeição a lingua; a interposição do inciso *senão mais gloriosa morte,* he muita propria da indole narrativa da nossa linguagem, da qual só póde fazer uso competente quem for dotado de gosto e de sciencia do idioma tal como os nossos melhores escriptores. Muitas mais formulas semelhantes allegariamos, se o tempo e a necessidade o pedisse, e concluindo pois este artigo, vê-se que a clareza de estilo do historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima corre natural, mas com desalinho; a do Andrade caminha grave, mas composta. Naquelle tudo he fluido, neste tudo he meditado e estudado. O primeiro falta á cultura, muitas vezes á decencia e á pureza, só porque o entendão com facilidade; o segundo só porque seja grave, decente e culto, não duvida transgredir a ordem da construcção, mas com destreza de homem de gosto e sabio no idioma. O primeiro busca ser entendido de todos, o segundo dos sabios. Couto esconde a arte, ou, por melhor dizer, affecta não a ter; Andrade empenha-se em a mostrar. Aquelle pretende a celebridade de todos, este de poucos, mas intelligentes. Hum tenta voar á immortalidade, sem escolha de meios; outro pelo merecimento mais qualificado, e assim ambos são dignos do applauso que lhe consagra a fama.

CAPITULO IX

Da brevidade da expressão

A brevidade em qualquer genero he talvez a mais preciosa virtude do discurso; e o dizer muito em pouco he o maior merecimento do escriptor. Mas esta brevidade, ou he no discurso ou nas palavras. Se o discurso contém o que deve ter, isto he, nada de mais nem de menos, he breve e conciso. Julgava eu algum dia que, em havendo esta propriedade no discurso, infallivelmente pas-

sava ao estilo e constituia o seu caracter, porque me parecia impossivel que a frase não recebesse a sua indole do conceito; mas a experiencia me mostrou que succedia muitas vezes pelo contrario, achando muitos auctores, cuja brevidade de pensar não apparece na expressão em cuja abundancia ou diffusão anda o conceito como afogado e submergido. Porém nunca deixará de ser regra dictada pela razão, e approvada pela experiencia, que as virtudes do discurso dão o tom principal ao estilo. Isto se prova em Thucydides, em Sallustio e em Tacito, cujo discurso he conciso, e o estylo cheio de brevidade, dando muito que pensar ao leitor, e, assim como Tacito, offerecendo commummente mais idéas que palavras.

Passando da brevidade do discurso á concisão das palavras, parece que esta não se deve limitar a mais do que a exprimir as principaes modificações do discurso, e nada se intrometter em circumstancias accessorias ou accidentaes, ou só tocar as inflexões principaes, e subintender o resto; mas isto rarissimamente se póde executar nas linguas modernas, cuja syntaxe nenhuma analogia tem com as das antigas, grega e latina. Por isso vemos que em hum volume se póde incluir toda a historia romana de Tito Livio, que contém os factos acontecidos em mais de quinhentos annos, quando muitas vezes a historia de huma pequena provincia apenas póde caber em muitos volumes. Em hum grosso in folio vi eu já a historia da cidade de Segovia escripta na lingua castelhana por hum fuão de Colmenares, auctor mui bem reputado entre os seus nacionaes. Esta felicidade de dizer muito em pouco só foi reservada para os idiomas antigos. Os seus auctores não tinhão precisão mais do que indicar os principaes pontos de vista, e deixavão todo o accessorio á subintelligencia dos leitores, a quem bastava acenar as circumstancias de maior vulto para as

pequenas se haverem por sabidas. Parece que elles escrevião para homens, e os modernos para meninos, que pela pobreza das suas idéas tem necessidade que lhes expliquem as mais leves minucias. Daqui vem que o mais leve monossyllabo que falte na oração, foi-se a idéa, e fica o leitor como hum caminhante pouco experimentado, que em se lhe apagando algum tanto os vestigios da estrada por onde caminha, já fica incerto, já vacilla, e não sabe que derrota siga. Esta não he a causa mais leve do pouco progresso que as letras fazem entre os modernos, não obstante tantos auxilios que para o seu adiantamento acha na multidão de escolas, de universidades, de academias, e muito mais na communicação do prelo, absolutamente desconhecido dos antigos, que para vir a ser sabios não tinhão necessidade de tão immensa leitura em que os modernos gastão o tempo precioso, que podião empregar na meditação e no estudo da natureza fysica e moral. O laconismo das linguas mortas poupava muito trabalho, e punha o entendimento em muita actividade, pela vigilancia em que lhe era preciso estar para entender o discurso, de que procede aquella agudeza natural com que se nos representão os individuos da antiguidade. Apenas se apontava qualquer formula, que muitas vezes carecia de verbo, de sujeito ou de consequencia, logo era entendido. Quem dos latinos tendo na primeira questão academica de Cicero: *Non et si non sus Minervam* não supprirá no mesmo instante *doceat?* Procurem em todas as linguas adagios tão laconicos como este? Apenas na nossa lingua se acha o bellissimo e significantissimo rifão: «Depressa e bem, quem?» Qualquer fórma brevissima continha hum conceito profundo. Isto não era só entre os sabios ou pessoas mais bem educadas, mas até entre a gente da mais baixa extracção, como se vê nos comicos Terencio e Plauto, nos apologos de Phedro, e em todos os escriptos

ainda mais claros e faceis. Não precisa ser profundo na lingua latina, basta hum conhecimento mediocre deste idioma para nos certificarmos disto que affirmâmos. Mas façamos aqui pausa para nos não arredar mais do assumpto, e não cahirmos no defeito declamador.

Não foi Diogo do Couto assaz amante da brevidade de exprimir. Pela leitura das suas obras, se vê que elle gostava em demasia de dizer tudo quanto sabia: essa he a causa por que muitas vezes narra circumstancias pequenas, que não augmentando a dignidade do sujeito a que se applicão, podia muito bem a historia passar sem ellas. Comtudo não deixa muitas vezes de apresentar pedaços escriptos com muita concisão, nas Decadas, digo, mas não na historia de D. Paulo de Lim a que nos devemos cingir. Finalmente, este insigne historiador procurou ter todas as virtudes de hum grande escriptor, menos a da brevidade. Sempre claro, sempre facil, sempre fluido e pittoresco, em muita parte semelhante a Livio, a concisão não foi do seu maior agrado, porque sempre julgou de primeira importancia a narração dos factos os mais insignificantes.

Jacinto Freire de Andrade seguio diversa vereda. Discipulo de Tacito, tomou por unico norte os seus escriptos. Se a transmigração das almas não fosse hum sonho, certamente dissera que o espirito de Tacito havia passado para o corpo do historiador Andrade. Tanta he a semelhança que nestes dous escriptores acho! Sempre energico, sempre resumido, estas preciosas qualidades ainda resplandecem mais no seu discurso do que no seu estilo; mas como este he quem faz o assumpto deste capitulo, a elle devemos cingir as nossas reflexões; assim como o pensamento do historiador Andrade he resumido, assim tambem a sua expressão se mostra concisa, por isso o seu estilo he mais vivo e mais animado; porque assim como a diffusão communica á frase huma

languida frouxidão, assim tambem a brevidade faz o estilo mais agitado e vehemente. Ora, para darmos alguma idéa do que dito fica, seja-nos licito comparar simplesmente o principio da historia de D. Paulo de Lima com o principio da de D. João de Castro.

«Escreverei brevemente de hum fidalgo soldado e Capitão que neste Estado da India militou muitos annos, no qual alcançou sempre grandes e famosas victorias pelas quaes lhe podéra eu pôr algum sobrenome grande, mas contento-me de lhe dar o de venturoso Capitão, que he o mais alevantado, e o que os Romanos sobre todos estimavão, porque não buscavão para Consules e dictadores senão os que tinhão este dom da natureza. Direi sua vida toda e sua morte; porque emfim veio a acabar em huma piedosa tragedia que se porá aos olhos de todos para se receiarem dos revezes da fortuna e escarneos do mundo, porque não sei quem sahisse de suas mãos livre delles. Este Capitão seja D. Paulo de Lima Pereira, a quem a natureza deo as partes que logo direi, e assim como o mundo lhe metteo nas mãos occasiões de grandes honras, de que se soube aproveitar com grande valor, assim lhe deo outras de grandes desgostos, trabalhos, perseguições, e por fim morte muito para lastimar.»

A frieza desta prosa he evidente, ainda mesmo a quem não tenha instrucção; e a causa principal he a diffusão das idéas e das palavras. A primeira consiste em conceitos que não tem relação immediata com o assumpto, como a idéa de ventura em que se demora, sem necessidade, mostrando o apreço que os Romanos fazião desta qualidade, chamando-lhe erradamente dom da natureza, poisque póde igualmente proceder do acerto, algumas vezes do acaso, cousas todas que nada fazem ao assumpto. Consiste mais esta diffusão de idéas na repetição que dellas faz, porque depois de dizer: «Direi sua vida toda,

e sua morte, porque emfim veio a acabar em huma piedosa tragedia.» E bastava isto para indicar esta parte essencial da proposição; mas seguio para diante, mostrando na declamação, que se segue, hum bem notavel exemplo da diffusão de idéas; porque delles nenhuma necessidade tinha, e continúa:

«Que se porá aos olhos dé todos para se receiarem dos revezes da fortuna, e escarneos do mundo, porque não sei quem sahisse de suas mãos livre delles.»

Depois de tudo isto repete no fim da proposição as mesmas idéas deste modo:

«E assim como o mundo lhe metteo nas mãos occasiões de grandes honras... assim lhe deo outras de grandes desgostos, trabalhos, perseguições, e por fim morte muito para lastimar.»

Consiste tambem a diffusão nas idéas, que ou não são proprias do assumpto, ou não indicão motivos, ou não tem relações manifestas com o sujeito, como aqui se vê. Parece que era de razão que o historiador Couto indicasse nesta proposição motivos reaes, e não fantasticos, o que podia muito bem acenar em frase a mais laconica e resumida. Deveria aqui apparecer algum tanto daquella precipitação e imprudencia que arrojou a D. Paulo de Lima por motivos de mera ambição, qual era a de querer ser Governador da India, e embarcar-se com toda a sua caza, sem se informar do conceito da náo, da pericia e da prudencia dos seus officiaes, pondo nisso os meios para chegar com felicidade ao porto do seu destino, e evitar hum naufragio em que a sua temeridade o precipitou, e onde se mostrou tão pequeno. Isto acho que poderia ter muito mais lugar do que a injustiça com que tratou a D. João de Castro nas Decadas em que não teve duvida chamar-lhe fanfarrão, e roncador sem necessidade, nem motivo mais do que huma graciosidade jocosa que escapa no enthusiasmo da alegria a hum heroe ven-

cedor, e cheio de satisfação pelos serviços que tinha feito e esperava fazer à sua patria, varão que menos defeitos teve; quando o historiador Couto em tudo desculpa a D. Paulo de Lima, sujeito assaz maculado de fraquezas, o qual apenas podia entrar em parallelo com o heroe Castro, que pela excellencia das suas virtudes merecia alguma indulgencia, especialmente em cousa tão futil de sua natureza que não devia ter lugar na historia. O segundo genero de diffusão consiste nas palavras. He certo que esta se mostra com assaz de evidencia no lugar transcripto, e por isso me não demoro em analyse circumstanciada, e com o parallelo da proposição da historia de D. João de Castro apparecerá mais expressa a diffusão da frase de Diogo do Couto na historia de D. Paulo de Lima.

«Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias; cujas noticias são hoje de pais a filhos, hum livro successivo, conservando-se a fama de suas obras sempre viva; e nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado; porque durão as memorias menos nas tradições que nas historias.»

Esta proposição he nas palavras a terça parte da de Diogo do Couto, e contém tantas ou mais idéas que a deste historiador, que em toda ella não passão de vinte, sendo outras tantas as que se incluem na de Jacinto Freire, e muitas dellas collectivas indeterminadas, que valem por muitas; contendo, além disso, optimos documentos e sublimidade visivel.

Diogo do Couto na sua proposição tem o leitor suspenso; não he máo este methodo, mas estende-se muito primeiro que indique expressamente o assumpto. Nesta de D. João de Castro logo se expressa o heroe com summa simplicidade, seguindo-se-lhe depois a definição, uso consideravelmente methodico, e de mais effeito que

o do historiador Couto na sua proposição transcripta, e praticado pelos melhores historiadores, especialmente por Sallustio na historia da guerra de Jugurta. O estilo he cheio de nobreza, calor e movimento. Este calor, este movimento consiste na repetição do comparativo nas clausulas *maior que seu nome, maior que suas victorias,* e ainda mesmo no relativo que se lhe segue *cujas:* na clausula *conservando-se a fama das suas obras sempre viva,* e no resto da passagem que he toda animada nas vozes *pregão, brado, memorias, tradições, escriptos.*

Assaz me parece o que temos exposto para mostrar que a expressão do historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima he ordinariamente diffusa, e poucas vezes laconica, por isso mesmo que o seu pensar padece o mesmo defeito; que o caracter do de Jacinto Freire he sempre conciso e breve, sem prejudicar a perspicuidade, sendo ao mesmo tempo forte e summamente animado.

CAPITULO X

Da pureza de estilo dos dous historiadores

Se a pureza do estilo consiste tão sómente no uso das palavras adoptadas e estabelecidas no idioma, poderiamos seguramente em duas linhas incluir este artigo, dizendo que Diogo do Couto era observantissimo desta virtude da expressão, igualmente praticada por Jacinto Freire. Mas fundando-se a pureza da dicção na observancia mais congruente das leis da grammatica ou syntaxe propriamente filha da analogia do idioma em todas as suas partes, convem mostrarmos como o historiador Couto, sem introduzir termos nem frases novas, algum tanto se descuidou da pureza, e que o Andrade, innovando ou parecendo innovar termos e clausulas, foi mais observador da pureza do idioma.

Não será difficultoso de conhecer a quem tiver uso de

escrever com correcção que Diogo do Couto commummente compunha com ligeireza e acceleração, methodo pouco seguro para conseguir a perfeição no estilo, porque em tal circumstancia facilmente escapa huma e outra incongruencia, o que não acontece tanto a quem, assim como o Andrade, escreve com lentidão, sempre com o intento de ser perfeito. Isto posto, vemos que Diogo do Couto deixava de quando em quando sahir incongruencias taes como as que vamos expor.

No capitulo 6.º da vida de D. Paulo de Lima :«... *e oito fustas, cujos Capitães me não lembrão os nomes.*» Falta a esta clausula a particula *de* antes da relativo *cujos,* para ficar congruente e completa. No capitulo 14.º: «Entrárão no rio de Dabul quarenta e duas leguas a se refazer de algumas cousas, e todos estes Capitães, sómente D. Jeronymo Mascarenhas, desembarcárão em terra.» Falta dicção para completar o sentido, só se o adverbio *sómente* está significando neste lugar *excepto;* neste sentido não he novo para mim, pois me lembro de o ter visto em outros e neste mesmo auctor, como se vê no capitulo 31.º desta historia:

«Todos os capitães acudirão ao conselho, *sómente* D. João Pereira, etc.» Se esta formula he ellyptica, tal genero de ellypse não he propria da syntaxe portugueza, por isso se esqueceo hum tal uso que fazia escuridade no expressado; e devia o Couto corrigir esta erronea, que huma das principaes obrigações do bom escriptor he hir emendando os erros que desfigurão a syntaxe do idioma.

No capitulo 20.º: «Mas os navios de D. Nuno Alvares Pereira e Pedralves d'Abreu, que erão mais ligeiros, chegárão aos trazeiros, e pondo as proas em cada hum *seu,* etc.» Parece que o possessivo do fim devêra estar na parte feminina para concordar com *proa,* que com facilidade se subentende pela proximidade de *proas* no plu-

ral; e se concorda com navio por supplemento ellyptico, hum tal genero de sintheses he só para a poesia, e só desculpado na infancia da lingua.

Não preciso ser mais extenso nesta materia, vistoque, aindaque estes defeitos não sejão total descredito de huma obra, nem ainda esses mesmos se encontrão em Jacinto Freire.

CAPITULO XI

Da cultura do estilo

Não se faz menos necessaria á perfeição do estilo a cultura. Esta consiste nas palavras e formulas, que mais se achão em uso: termos, ou frases obsoletas, não devem por nenhum modo macular o estilo, senão na maior necessidade, bem entendido, em falta absoluta de termo ou frase que exprima com energia o que se pretende expressar. Não posso de sorte alguma approvar a barbaridade com que se tem introduzido em muitos escriptos modernos vozes e frases envelhecidas, sem necessidade, só para servir á vaidade de se ostentar estudioso da lingua, como se a sciencia de hum idioma consistisse no uso de algumas palavras ou frases antiquadas. Se assim fosse por pouco se compraria hum genero de gloria não pouco consideravel, não sendo este uso moderno mais que hum mero capricho, mais digno de escarneo que de louvor.

Não deixou Diogo do Couto na vida de D. Paulo de Lima de cahir com frequencia neste defeito. Está-me parecendo que o seu estilo nas Decadas he mais purgado deste defeito. He certo que muitos auctores seus contemporaneos, e ainda anteriores, forão mais cultos que elle na vida de D. Paulo de Lima, como o celebre Fernão Mendes Pinto, Frei Amador Arraes, e outros: não fallo nos poetas, que commummente forão mais cultos que elle. Camões, Bernardes, e ainda o Ferreira parecem do

nosso tempo. Talvez que a affeição que os velhos costumão consagrar ás cousas antigas determinasse o historiador Couto a usar de palavras e formulas obsoletas, de que devêra purgar o idioma pela parte que lhe tocava, porque, como já dissemos, todo o escriptor deve hir aperfeiçoando a linguagem de todo o genero de maculas com que a ignorancia a costuma inficionar; deste modo he que se aperfeiçoão os idiomas. Se Cicero usasse das vozes e formulas antiquadas de Enio e Plauto, teria elle a gloria de elevar a lingua latina ao maior gráo de perfeição? Muitos anteriores a Couto disserão *romano:* logo que necessidade tinha elle de dar a esta voz huma desinencia obsoleta, rude e defectiva? O mesmo devemos dizer, e com muita mais razão do termo *imigo,* que já no tempo em que elle escreveo a historia de D. Paulo não era usado senão por algum caprichoso. Igual censura merece *daventagem,* formula franceza antiquada, menos breve e não mais significante que o adverbio *mais,* da qual formula faz uso nos capitulos 5.º, 7.º e 8.º O mesmo convem dizer do termo *tacanheza* por *mesquinhez* no mencionado capitulo 8.º Da mesma sorte deve ser censurada a palavra *bizazirrisse,* de que usou no capitulo 14.º, quando já do seu tempo era de maior uso a voz *bizarria,* termo mais grave e harmonioso. Tambem não posso deixar de censurar o uso que fez da palavra *carranca,* termo baixo e dissonante, que só póde ter lugar na poesia comica ou satyrica, onde são frequentes as caricaturas; faltando deste modo á gravidade, e até mesmo diminuindo a força do terrivel em pinturas sérias, como no fim do capitulo 21.º: «Ficou o dia parecendo huma *carranca* infernal», e em outros lugares. Deve tambem entrar na mesma lista a palavra *compridão,* no capitulo 24.º, em lugar de *comprimento* muito usado no seu tempo; ora aqui dou desculpa ao seu escrupulo, que evitaria a equivocação com o termo *cumprimento,* o to-

mal-o-hia como augmentativo. Digamos o mesmo do verbo *esbocar* no capitulo 35.º, antiquado e duro. Reparemos na pouca gravidade com que usa varias vezes do termo *focinho*, como no mesmo capitulo 35.º se vê, que que além de baixo, a significação em que o toma o faz obsoleto.

Não passarei por severo se não approvar o uso que faz da voz *feragoulo*, no capitulo 36.º; mas a palavra está posta em seu lugar, tem força e tem doçura; significa *farrapo, trapo;* agora me lembro que deste termo usão frequentissimamente os nossos saloios desde Lisboa até Alcobaça no mesmo significado, e pronuncião *farragoilo*, que he muito mais sonoro. O adjectivo *verde*, que he o latino *viridis*, he de alta antiguidade, muito mais culto do que *verdoso*, de que se servio no mesmo lugar; mas a sua doçura o deve salvar da severidade da nossa critica. Tambem passaremos com indulgencia pelo verbo *vingar* no capitulo 83.º na significação de passar, que ainda agora tem a mesma significação na agricultura; etc. Não merece desculpa por baixo e obsoleto o adjectivo *comesto*, participio mal deduzido do verbo *comer* em lugar de *comido* no capitulo 38.º, postoque ainda tenha algum uso nas provincias de Traz os Montes e Beira Alta.

Não devemos ajuizar do mesmo modo da cultura do estilo de Jacinto Freire, que em tudo se ostenta igual conforme a gravidade do assumpto. E tendo mais de 150 annos de antiguidade parece da era de 94. Sempre puro, e cheio da maior e mais insigne cultura, de maneira que podemos seguramente affirmar que Jacinto Freire foi hum dos que conjunctamente com o orador Vieira fixou a prosa portugueza. E nesta parte conhecidamente excede ao historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima.

CAPITULO XII

Da elegancia e da harmonia do estilo dos dous historiadores

Sendo as palavras a pintura enunciativa das idéas, dos pensamentos, e até mesmo das mais sublimes abstracções, para esse fim faz-se essencialmente necessaria a escolha das vozes e formulas cheias de força e vivacidade. Essa escolha, que deve ser dirigida pela critica e pelo gosto, que são verdadeiramente as leis da razão, essa eleição, digo, de vozes e formulas combinadas com conveniencia, he a elegancia. Nesta, depois do pensamento, consiste o maior merecimento de qualquer composição litteraria. O pensamento he a invenção do quadro, a elegancia o colorido. Se á invenção, se á correcção de Rafael se combina o colorido de Ticiano, tem a pintura chegado ao maior zenith da perfeição. Tal deve ser a norma do escriptor que aspira á immortalidade. A invenção, a correcção e o colorido de Cicero, de Virgilio e de Horacio, serão normas eternas a todo o escriptor que com a maior ancia aspira á perfeição. Todo o escripto destituido destas tão necessarias como preciosas qualidades he de tão pouca duração, que apenas nasce, cahe no abysmo do nada.

Não se esquecêrão os nossos historiadores de cumprir com este preceito da razão. A elegancia de Diogo do Couto nas Decadas explica-se com assaz de energia; mas não assim na historia de D. Paulo de Lima, onde a elegancia apparece cançada e amortecida com a debilidade dos annos, exhalando de quando em quando alguns resplendores, que ainda conservão a vivacidade que resplandece nas Decadas, especialmente nas pinturas bellicas, donde poderemos extrahir as provas do que affirmâmos.

Capitulo 3.º: «O fogo tomou tanta posse da cidade, que metteo em todos terror e espanto. Os Mouros e moradores, vindo fugindo de suas chammas, foi hum bom esquadrão delles arrebentar pela rua, onde o Capitão mór estava, diante do qual vinha hum velho de mais de setenta annos com o cabello solto e huma manopla de aço, e huma adaga de mais de dous palmos, e só a sua visagem podéra metter temor.» Bella e bem expressiva pintura. A elegancia he notoria nas vozes *terror e espanto*, que augmenta o sentido sobre *terror;* no verbo *arrebentar* de mais força que o verbo *romper*. A figura do velho he bem desenhada, e está-se vendo. Ainda que o termo *visagem* foi por nós censurado por obsoleto, comtudo nesta passagem acho-o bem empregado, e faz bom effeito, mas se em seu lugar estivesse o termo aspecto, não seria mais expressivo?

Continúa o mesmo quadro: «E dando com o Capitão, ou o conhecesse, ou lhe ficasse mais perto, endireitou com elle, e lhe deo huma adagada por hum braço, e ao mesmo tempo se liou com elle: Luiz de Mello lhe lançou mão aos cabellos, e o arremessou de si, dizendo aos que estavão perto: tomai lá esse diabo, e logo foi morto.» Finalisou-se o quadro cheio de perfeição e belleza, sem constrangimento, cuja elegancia se mostra mais articulada nas formulas *endireitou com elle, se liou com elle,* e na simplicidade da clausula final: *tomai lá esse diabo.* E para que desde aqui entre a provar o que adiante se dirá a respeito da harmonia da prosa, diremos, que além da elegancia, a propriedade destas passagens he a harmonia, que na primeira consiste em cinco septenarios, hum endecassyllabo e oito octonarios. Na segunda consiste em hum septenario, dous endecassyllabos e tres octonarios. No capitulo 5.º: «Sobre isto forão os alaridos, gritos e estrondos das armas, que parecia que se confundia o mundo; e causava isto tamanho terror dentro

na fortaleza, que andavão as mulheres pelas ruas descabelladas pedindo a Deos misericordia.» Nas vocabulos *alaridos, estrondos,* nas formulas *que se confundia o mundo, tamanho terror,* e em *descabelladas,* se mostra a elegancia desta pintura, onde o terrivel e a compaixão fazem bello contraste de affectos. A sua harmonia se manifesta em quatro septenarios, hum endecassyllabo e hum octonario. Capitulo 29.º: «O fogo foi tomando tamanha posse da cidade com tamanha braveza que parecia hum diluvio delle.» A elegancia desta pintura cheia da maior força de terrivel, está principalmente no termo *fogo,* animado ou personisado em *tamanha braveza,* e na clausula sublime *que parecia hum diluvio delle,* consta a sua harmonia de hum endecassyllabo e dous septenarios.

Igualmente como D. João de Castro em Goa, triunfou D. Paulo de Lima em Malaca. Aquelle triunfo, além de primeiro e unico naquella metropole, foi hum dos mais pomposos apparatos que se tem visto. No de D. Paulo appareceo o esforço da mediocridade na imitação da opulencia. A descripção do triunfo em Goa, aindaque muito estudada, he elegantissima. Mas eu não sei que commoção agradavel sinto na amavel e candidissima singeleza da descripção do triunfo em Malaca executada por Diogo do Couto. Na de Jacinto Freire tudo he concertado. Na de Diogo do Couto tudo são graças. Naquella tudo riqueza, nesta tudo singeleza. Oh! quão cheia de expressão não he a pintura que se segue! Capitulo 30.º: «Pondo os pés em terra com a bandeira de Christo diante, e a dos imigos arrastando-se, por seus pés, disparando-se naquelle tempo assim da armada, como da cidade aquella tempestade de artilheria, que parecia tremer o mar e a terra.» A pintura he expressiva, a elegancia parece assaz articulada nas clausulas *disparando-se... aquella tempestade de artilheria, que parecia tremer o mar*

e a terra: estribando-se a harmonia em dous septenarios, hum endecassyllabo e hum octonario. «E á meia parte (continúa) estava huma alcatifa estendida com humas formosas almofadas, nas quaes estava encostado hum devoto Crucifixo, e a seus pés huma formosa capella de rosas, boninas e hervas cheirosas.» A capella de rosas, boninas e hervas cheirosas tem tal mimo de graças e de elegancia, que não tenho palavras com que as explique. Consta a harmonia desta amenissima pintura de tres septenarios, hum endecassyllabo e dous octonarios.

Passemos pois a ajuizar da elegancia de Jacinto Freire de Andrade. Mas primeiro digamos alguma cousa a respeito do numero da prosa. Seja-nos licito neste lugar fazer algumas reflexões a este respeito, as quaes, quando não sejão absolutamente exactas, não serão totalmente inuteis.

Não só na poesia, mas tambem na prosa, he a harmonia de absoluta necessidade: sem ella será qualquer composição secca e desabrida. Ella facilita a leitura, e até mesmo auxilia a memoria e a intelligencia. Mas em que consiste esta harmonia? Claro está que ha de ter fundamento nas cadencias estabelecidas e adoptadas pela nação. E estas cadencias onde estão depositadas? Tambem he claro que na poesia, nem póde absolutamente haver outro manancial mais certo, nem mais fecundo e determinado. Logo, para a prosa ser harmonica deve ser hum composto de cadencias poeticas ou de versos de diversas qualidades? Sem duvida; mas tenho ouvido, e ainda mesmo lido, que he erro formalissimo introduzir verso na prosa portugueza. Se esta asserção he fundada no que dizem Cicero e Quintiliano, acho-a fóra de razão. Podia muito bem por vicio enorme, *fœdissimum,* como se exprime o mesmo Quintiliano, hum verso introduzido na prosa latina; mas não na portugueza, cuja

prosodia não tem analogia alguma com a daquelle idioma. Alémdeque a harmonia da prosa portugueza he fundada na da sua poesia. Quem não vê que o numero prosaico he hum tecido de formulas e melodias poeticas? Quem não vê mais que a melopeia da poesia he a fonte da harmonia da prosa? E se o não he, onde está o manancial dessa melodia? Que caracteres tem? Que normas, que modulações? Onde as havemos de aprender? Em que livros se achão consignadas? Quaes são as escolas onde se aprendem? Esta harmonia da prosa, de que tanto e tão vagamente nos fallão os rhetoricos, de quem raramente se vê obra alguma de gosto, e se arrogão o direito de dar leis ao genio a quem pretendem lançar ferros; esta harmonia da prosa, digo, parece-me encanto. Se ella não está no metro poetico, onde he que a havemos de hir buscar? A seccura, e muitas vezes o máo gosto da escola não póde illustrar o genio que guiado pela razão busca os meios para conseguir os seus fins, e assim mesmo se satisfaz. Se não, digão-me em que livros ou em que escolas aprendêrão os Demosthenes, os Ciceros, os Fénélons, e entre nós os Barros, os Coutos, os Vieiras e os Andrades a harmonia das suas prosas? Não a tirárão elles do fundo das suas qualidades sensitivas, cuja delicadeza lhe determinou o gosto nesta parte, a mais melindrosa e a não menos interessante do discurso? A harmonia he das qualidades da enunciação da prosa, que só o gosto póde inspirar. Ella não póde ser ensinada em todas as suas partes com preceitos positivos, invariaveis e luminosos: tanto assim, que o mesmo Cicero, homem de genio e gosto, e por consequencia aquelle que mais requisitos teve para tratar materia tão delicada, a maior parte do que della escreveo he vago, e bem mostrou que a difficuldade da materia lhe não consentio tratal-a com a perfeição propria dos seus talentos.

O mesmo vemos em Quintiliano, aindaque com menos razões de admiração. O mesmo tambem se nota em todos os modernos, que apenas acenão alguns pontos mais relevantes, e não se engolfão em reflexões sobre hum assumpto, que he mais para sentir, que para analysar. Emfim, na analyse que adiante faremos de duas fallas na historia de D. João de Castro, mostraremos com evidencia que o metro poetico he a fonte da harmonia da prosa portugueza pois longe de prejudicar a suavidade do periodo, o faz em extremo corrente e agradavel; nem houve ainda até hoje quem censurasse ou fizesse o minimo reparo nos versos que nellas se encontrão, não tendo escapado á severidade de alguns dos nossos criticos o principio da historia de D. João de Castro, que só parecerá verso a quem julgar que a conta das syllabas he a essencia delle.

Não ha escriptor classico portuguez que tenha pagina sem verso; o mais harmonico de todos he, sem contradição alguma, o Vieira; pois quantos se não vêem nos seus mais trabalhados sermões? Logo no principio do admiravel sermão do Advento no tomo 3.º, se notão os seguintes versos:

> Abrazado finalmente
> O mundo, e reduzido a hum mar de cinzas,
> Tudo o que o esquecimento deste dia...
> Tambem passo em silencio a narração...
> Do Evangelho pertence aos que hão de ser
> Vivos naquelle tempo, e não a nós;
> E o dia de hoje he muito de tratar...
> E consumido pela violencia
> Quando já não se verão
> Neste formoso e dilatado mappa
> Senão humas poucas cinzas...
> Desengano da nossa vaidade.
> O Ceo, o Inferno, o Purgatorio, o Limbo.

De sorte que neste periodo vão os versos encadeados

de maneira que produzem hum bom effeito de harmonia; e continúa n'outro logar:

Abrir-se-hão n'hum momento as sepulturas,
Apparecerão... No mundo os mortos vivos.
Que a voz de huma trombeta...
Não vos parecerá
Entrai pelos desertos do Egypto,...
Retirado daquellas soledades...
Naquell'outra hum Macario,...
Huma Pelagia, huma Theodora
Quem vos trouxe a este estado?
Quem vos amortalhou nesses silicios?
Sabeis quem nos vestio destas mortalhas?...
A lembrança daquella
Trombeta temerosa...
O que me espanta, e o que deve assombrar,...
Que haja de bastar esta trombeta,...
Huma de duas he certa,...
Virá o dia final,...
Então sentirá nossa
Insensibilidade sem remedio,...
Fôra chorar agora, e arrepender,...
Do que chorar, e arrepender depois,...

Todos estes versos se achão no primeiro numero, e nelles vemos que huma terça parte he metro realmente poetico, não só no numero, mas tambem no sentido e frase; o mesmo se vê em quasi todas ás suas obras, sem que jámais incorresse na censura por semelhante motivo, antes, pelo contrario, he geralmente, e com razão, julgado pelo mais harmonico de todos os nossos escriptores da prosa. O mesmo se póde com facilidade affirmar de João de Barros. No 1.º capitulo do livro 1.º se achão os seguintes versos:

Assim lavrou a furia do seu ferro
E o fogo da sua infernal seita
Conquistárão em Asia toda a Arabia
Parte da Syria e Persia
Todo o Egypto daquem

Grandes exames dellas povoar
E nós corruptamente
Algarol de além mar
Os quaes á força de armas devastando
E assolando as terras
Se fizerão senhores
Sem até a este tempo a nossa Europa
Deos quiz dessimular
Os peccados da Hespanha
Que hum herege seja açoute de outro
Como naquelle tempo estes Arabios
Erão os mais notaveis que elle tinha
O Imperio Romano, e perseguindo
Sua Catholica Igreja
Primeiro que pór elles castigasse
E depois de Arabia e Syria
Parte da Persia arderão
Com guerras de confuzão
Quem prevaleceria neste estado
Grande numero delles
Tendo cada parentella
Naquella parte interior da Arabia.
Em a qual... Havia muitos annos
Que andava o Calyfado
Por modo de tyrannia
Mais que por eleição
E por isso era esta geração
Este novo Calyfa hum seu parente
Que com grande numero
De gente de cavallo
Fosse sobre o Calyfa de Damasco
O qual Abedalá, sendo com este
Junto do rio Eufrates
Calyfa novamente levantado.
E temendo elle a furia
Lhe conveo fugir para a cidade
Partes tão mal recebido
Como homem desesperado
Quiz-se passar aos Gregos
Abedalá seu imigo
Tanto que o venceo e soube
Quam mal recebido era.

Estes versos são extrahidos de pagina e meia, e reforção a prova, sem replica, de que a origem do numero da prosa portugueza he o metro poetico, e o mesmo me atrevo a dizer da castelhana, cujo idioma tem a mesma identica natureza que o nosso. Ainda mais: todas as vezes que qualquer escriptor se arredar desta norma de compor, o seu periodo será de huma dureza insupportavel, e por isso tenho para mim que nenhum auctor da prosa poderá conseguir nesta parte, sem ter conhecimento sufficiente do numero metrico; não por huma theoria esteril, mas sim pela pratica combinada com a reflexão filosofica. E não me digão que raramente os poetas escrevêrão bem na prosa; esta asserção vaga e sem exame nada póde provar, porque nem todos os poetas prezárão a prosa, e por isso quando escrevêrão nella não pozerão maior cuidado na sua perfeição. Se Cicero não tivesse notavel propriedade para a poesia, como viria a ser modelo eterno de bem escrever na prosa? Esta propriedade seria facil de demonstrar, apezar da injustiça com que a acrimonia de Juvenal quiz ridiculisar a sua veia poetica por hum verso que aponta, que nada decide contra o merecimento do grande orador de Roma na poesia, cujos fragmentos dão provas evidentes do quanto elle era dextro na metrificação. Á vista do seguinte exemplo, qual será o homem de gosto que não conheça hum genio verdadeiramente dado á poesia?

Hic Jovis altisoni subito pinnata satelles,
Arboris e trunco serpentis saucia morsu,
Ipsa feris subigit transfigens unguibus anguem
Semianimum, et varia graviter cervice micantem,
Quem se intorquentem lanians, rostroque cruentans
Jamque satiata animum jam duros ulta dolores
Abjecit efflantem, et laceratum affligit inundas.

Pinturas desta qualidade não podem ser senão filhas do genio. Muitos poetas se distinguírão na prosa, espe-

cialmente entre os modernos. João Boccacio, discipulo do famoso Petrarcha, se he astro da primeira grandeza na prosa italiana, a sua poesia não he digna de desprezo. O Cardeal Bembo he na lingua italiana da primeira auctoridade, tanto no verso como na prosa, com especialidade nos assolanos. Não foi o Sanazaro tão illustre no verso e prosa vulgar, como no metro latino? O mesmo aconteceo a João das Casas: o mesmo ao Commendador Hanibal Caro, sendo ambos igualmente insignes no verso e na prosa. Tasso, o grande Tasso, sendo o maior atlante da poesia italiana, a sua prosa he digna de notavel apreço. Jorge de Montemor foi distincto no verso e grande na prosa. Assaz illustre na poesia foi certamente o Cervantes: e qual he a prosa castelhana mais correcta e mais encantadora? Se Fénélon não fôra tão estudioso da poesia, fôra a sua prosa tão cheia de amabilidade? Sendo Boileau o mais correcto dos poetas francezes, a sua prosa tem merecimento. Que diremos de Voltaire? Não foi elle igualmente grande na prosa, grande na poesia? Que prosa mais correcta, nem mais cheia de graças que a sua? Vejamos o mesmo entre nós: sem fallar de Bernardim Ribeiro, cuja prosa tanto me desagrada, quanto me enchem de prazer as graças innocentes da sua poesia, não apparecem logo o Sá de Miranda e o Ferreira, excellentes na prosa e verso? Mas vejão nos pedaços que nas suas obras se achão, que tal seria Camões na prosa? He para desprezar a prosa de Fernão Alvares do Oriente, cuja poesia he hum dos mais distinctos ornamentos do Parnaso Portuguez? Que diremos de Francisco Rodrigues Lobo? Não he elle hum dos astros mais resplandecentes do verso e prosa portugueza? Pondo-me muitas vezes a pensar sobre esta materia, tenho concluido (relevem-me a estranheza da asserção) que he quasi impossivel poder-se fazer prosa excellente, sem o conhecimento, e não qualquer conhecimento da poe-

sia; ao menos, eu assim o entendo e assim o creio. Todas as vezes que o escriptor não tiver a idéa cheia da musica do verso, em vão trabalhará para dar numero á sua prosa, em vão procurará ser lido, quanto mais estudado. Eis-aqui por que tantos escriptos tem duração efemera; hontem annunciados ao publico em hum cartaz de letras avultadas, hoje sepultados no esquecimento. O colorido das idéas he o estilo, e a harmonia he... talvez, a parte mais relevante do estilo. Cicero estava tão altamente persuadido disto, que muitas vezes transgredio leis bem essenciaes do estilo, só por ser harmonioso. E quando hum prosista quer ser harmonico, sem empregar melodias do metro poetico, succede-lhe ser frio, secco e desabrido, assim como no seguinte lugar aconteceo a Diogo do Couto, aliás escriptor, cujo periodo abundante de graças he dotado de harmonia a mais innocente e a mais propria do seu genero.

Narrando este insigne historiador no livro 3.º da sexta Decada, capitulo 3.º, com a maior valentia de estilo a lucta fluctuante de huma pequena embarcação em que atravez das mais horriveis tempestades passava Luiz de Mello de Mendonça a soccorrer Diu, cujo valor e constancia foi tal, que apezar das mesmas tempestades, e dos motins de toda a tripulação e soldados que o querião constranger a arribar por não poderem já com a furia dos temporaes, chegou a salvamento a Diu; de repente fez huma transição tão maravilhosa, que só o genio a poderia produzir; mas infelizmente foi mal succedido na expressão; porque sendo o lugar huma imitação de Camões na *Lusiada*, quiz evitar a semelhança do numero poetico, e nada conseguio.

Traslademos a passagem do Camões, que he famosa pela novidade, pela grandeza da poesia e da locução:

Cessem do sabio Grego e do Troyano
As navegações grandes que fizerão
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias que tiverão:
Que eu canto o peito illustre lusitano
A quem Neptuno e Marte obedecerão;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta.

Esta estancia no lugar em que a poz Camões no principio da *Lusiada* foi bem posta, porque era para dar interesse ao poema; mas a situação da do historiador Couto não a julgo mènos feliz, porque moralisa ali sobre o acontecimento passado, e ensina o leitor a discorrer sobre aquelle facto e a avaliar a sua grandeza. A passagem do Couto he a que se segue:

«Cessem aqui os encarecimentos das navegações de Ulysses e de Eneas, que aquelles famosos poetas Homero e Virgilio tanto celebrárão em versos suaves e brandos: que isto que assim toscamente escrevemos destes nossos Portuguezes passa tudo quanto elles fabulárão.»

A frieza, e ainda mesmo a affectação desta passagem, está visivelmente apparecendo. Em primeiro lugar a harmonia deste periodo nada tem de articulado, porque não se acha ali nenhuma daquellas combinações proprias da poesia, onde se achão as [illegible]; e o octonario que ali se encontra: navegações de Ulysses, he de tão debil [illegible], que apenas apparece [illegible] leve sombra de [illegible] de Camões [illegible] do septenario [illegible] de Ulysses e de Eneas. Em [illegible] das pouco [illegible] do que [illegible] [illegible]

A primeira [illegible]
[illegible]

debil significado; parece-me que se em seu lugar estivesse a formula *á vista disto,* ficaria mais harmonico e expressivo. A mesma frieza tambem noto na formula *que aquelles famosos;* o relativo *aquelles* enfraquece a expressão, e o epitheto *famosos* he ocioso; não seria, além disso, esta combinação fria e pouco articulada se os sujeitos a que se applica estivessem expressos, não simplesmente como estão, mas por algum rodeio elegante, assim como o fez Camões em *musa antiga,* isto he, por algum modo que quadrasse á natureza da prosa, o que não era difficultoso. A mesma frieza acho tambem na formula *tanto celebrárão;* se em lugar desta inflexão obliqua de preterito-perfeito, se servisse o historiador do participio do preterito, certamente ficaria o periodo mais harmonico e cantante. *Em versos suaves e brandos,* he clausula frigidissima nos dois epithetos, que tirão todo o nervo á oração; a doçura e a brandura nem sempre são propriedades da poesia, especialmente da poesia epica, tal como a Odyssea e a Eneida, onde a fortaleza faz o fundo principal do caracter daquellas epopéas. O periodo que se segue tem mais alguma harmonia, e termina sonoro na inflexão *fabulárão.* Aqui se vê claramente quanto a poesia excede á prosa. Contém este periodo a mesma quantidade de syllabas que o lugar de Camões; não teve que vencer, além disso, as difficuldades do metro, isso não obstante, não diz ametade do que se contém na admiravel estancia imitada.

Assentemos, pois, que na poesia se deve beber a harmonia da prosa, não só pela introducção dos octonarios, que são os que com mais frequencia se offerecem na prosa harmonica, mas tambem pela dos nonarios, septenarios, quinarios e ternarios; tendo sempre attenção a que não póde haver harmonia determinada, principalmente no estilo sublime, sem o endecassyllabo, que he a combinação harmonica onde se incluem todas as har-

monias metricas das linguas italiana, castelhana e portugueza, e por isso o endecassyllabo he o verso mais usado nas composições heroicas destes idiomas.

Persuadido o historiador Andrade de que, sem harmonia, a leitura da prosa era insupportavel, fez toda a diligencia por que a sua frase fosse sempre harmonica, e disto, assim como da cultura, foi tão religioso observador, que ás vezes parece excessivo e tambem affectado. He bem verdade que este escriptor cultivou tambem a poesia, e não tão mediocremente como pensão alguns, que, sem terem produzido cousa digna de credito, pretendem erigir-se arbitros do bom gosto.

Não podemos julgar o mesmo do historiador Couto na vida de D. Paulo de Lima, digo, que nas Decadas he cheio de graças e harmonia. A debilidade dos annos em que escreveo este auctor já não conservava aquelle espirito que costuma dar vigor e movimento ao estilo: eis aqui por que a frase da historia daquelle heroe que elle compoz não tem tanta força e harmonia como o mais que escreveo em idade mais vigorosa; donde se vê a futilidade do motivo, que para se dar á luz esta historia aponta o Abbade Diogo Barbosa Machado na sua censura, que vem impressa com a mesma, em que affirma que se devia dar ao publico por ser obra de Diogo do Couto. Destes raciocinios abunda a *Bibliotheca Lusitana*, obra deste compilador a quem todo o genero de escriptos merecia igual louvor.

O estilo da historia emfim de D. Paulo de Lima não tem a correcção, nem a harmonia da de D. João de Castro pelas causas acima apontadas: ali se vê a negligencia propria da velhice, onde tudo corre fluido sim, mas sem cultura, nem cadencia harmonica, de que escuso apontar mais exemplos por frequentes.

Passemos pois a analysar as mencionadas fallas em Jacinto Freire, e deste exame se conhecerão os quilates

sublimes da elegancia do estilo deste grande historiador.

«As pequenas forças (diz elle) que hoje temos são formidaveis a nossos inimigos emquanto as não conhecem, porque toda esta Asia avalia nosso poder pelas victorias mais que pelos soldados, de sorte que só a fama das cousas passadas nos conserva as presentes.»

Entra *ex abrupto,* sem exordio, porque suppõem os ouvintes informados do assumpto, e se julga dispensado de conciliar a benevolencia pois o interesse he geral e não particular. A frase he muito pura e cheia de simplicidade, que se vae elevando desde o epitheto *formidaveis* na primeira proposição até ao termo *victorias* e *fama,* as quaes vozes devem ser consideradas como certos pontos em que se eleva a sublimidade e a elegancia: sublimidade, pelas collecções e abstracções de idéas que representão: elegancia, pela força e pela harmonia das mesmas vozes; isto he, essencia e fórma. A sua harmonia funda-se em cinco septenarios, hum endecassyllabo e hum octonario.

«— Tem V. S. junto nesta armada todo o poder da India com que apenas podemos contar dous mil Portuguezes, e tentâmos estremecer o mundo com brado tão pequeno.»

Na segunda proposição deste periodo está a glosa da primeira, que he enunciação collectiva, a qual faz entender idéas de privação, para exprimir ou exagerar a debilidade das forças da India, e assim favorecer o seu intento; e a terceira he hum epifonema, e juntamente o corollario ou consequencia da permissa inclusa na proposição antecedente, que por hum bello artificio pinta e persuade: isto quanto á essencia.

A frase da primeira proposição he elegante na formula: *todo o poder da India;* a da segunda he summamente simples e pura; e a da terceira cheia de elegancia con-

signada em todas as vozes de que ella se forma; especialmente na clausula *estremecer o mundo*, e no termo *brado*, realçado pelo epitheto *tão pequeno*, onde fecha a força da proposição, cujo colorido se aviva pela elegancia da antithese, recebendo summa graça da conjuncção *e* no principio da proposição; da propriedade do verbo *estremecer*, avultando-lhe a harmonia a desinencia da voz *mundo*, e a primeira syllaba do termo *brado*, moderada com summa destreza nas syllabas surdas do adjectivo *pequeno*: operação que só póde ser filha do gosto. Consiste a sua harmonia em tres septenarios, dous endecassyllabos e hum octonario.

«Esta arvore do Estado, de cujos ramos pendem tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas leguas, convem que a sustentemos arrimada na paz de huns e no respeito dos outros. Nunca podemos responder ao que se espera de nossas forças juntas, porque huma victoria pouco nos acredita, e hum só estrago nos acaba.»

O primeiro periodo he aos olhos de todo o homem dotado de bom gosto hum epilogo de elegancia. Nelle está consignada huma pintura, cuja expressão e vivacidade de colorido foi traçada pelo pincel da poesia a mais nascida do enthusiasmo. Nella se representa que o Estado da India pela distancia immensa da metropole, não podendo aventurar-se a emprezas de grande risco, só se deve conservar por meio de huma paz procedida da mais acertada prudencia, tudo expressado em hum genero de elocução toda figurativa e symbolica, representando o Estado em huma arvore, artificio pouco vulgar que apenas tem semelhança com a seguinte pintura de Horacio na ode 35.º do livro 1.º:

> Injurioso ne pede provas
> Stantem columnam...

onde columna está por Estado, Imperio, Republica, e quer dizer o seguinte:

> Tu potente Fortuna
> Com pé injurioso não derribes
> A solida columna.

Daqui nasceo a bella pintura de Camões na ecloga 6.ª, fallando com o Duque de Aveiro, a quem he dedicada:

> Vós ó Ramo de hum tronco alto e sombrio
> Cuja frondente coma já cubrio
> De luso todo o gado e senhorio.

Tambem a do soneto 6.º:

> Illustre e digno ramo dos Menezes

Ao inicio *esta arvore do estado* segue-se o membro *de cujos ramos pendem tantos trofeos ganhados no Oriente,* pintura digna da poesia, não só pela elegancia da expressão, mas tambem pela harmonia, na feliz combinação de dous septenarios com hum endecassyllabo da maneira seguinte:

> Esta arvore do Estado
> De cujos ramos pendem
> Tantos trofeos ganhados no Oriente

No segundo periodo contém hum documento politico com a sua razão, tudo expressado com elegancia consignada no termo *victoria* quasi personisada na voz *estrago* do derradeiro membro. O total da sua harmonia consiste em oito septenarios, tres endecassyllabos e dous nonarios.

«Temos nossa fortaleza soccorrida: de que serve em huma chaga já curada esperdiçar o remedio das outras? Que nova prudencia nos ensina a aventurar em huma só batalha o que se tem ganhado em tantas victorias?»

Neste lugar lança huma proposição positiva sobre a qual argumenta de tal modo que parece que convence: começa a argumentação por hum simile assaz proprio para esse effeito, tirando por consequencia de que se não deve arriscar em huma batalha o producto de muitas victorias, axioma de eterna certeza em politica. O caracter destes periodos he a perspicuidade, pureza e harmonia que consiste em tres octonarios, hum endecassyllabo e dous septenarios.

«Temos poder para nos conservar inteiros, não temos forças para nos reparar perdidos. Nenhum grande soldado deo batalha campal senão necessitado; porque o destroço costuma ser igual; só fica com o victorioso o campo e a fama inutil.»

No primeiro periodo está collocada huma excellente maxima politica, que se póde applicar a muitos estados e situações, expressada n'huma tão bella como elegante antithese; no primeiro membro a elegancia está no adjectivo *inteiros,* no segundo em *reparar perdidos.* O segundo periodo he a razão ou glosa da sentença incluida no primeiro, tendo por exposição da primeira proposição com que começa hum axioma o mais certo em politica, e o que devêra andar diante dos olhos de todos os Principes que intentassem fazer guerra. O caracter desta passagem he a elegancia constituida em *grande soldado, deo batalha campal,* no adjectivo *victorioso,* na formula *fama inutil:* e harmonia porque tem tres endecassyllabos e quatro septenarios.

«De Diu não queremos, nem podemos ter mais que a fortaleza; pois com que furia cega tornâmos a comprar com o nosso sangue o mesmo de que somos senhores?»

Torna a argumentar, e esta argumentação he fundada sobre huma proposição lançada no principio do periodo, como thema, que contém duas pequenas proposições, que exprimem idéas de necessidade positiva, constitui-

das nas inflexões verbaes *não queremos, nem podemos.* A parte do periodo argumentante he de grande força, e conclue sem replica. O caracter deste lugar he força e harmonia; a primeirá está nas palavras terminantes *não queremos, nem podemos*, e na formula *furia cega;* a segunda em dous endecassyllabos e tres septenarios se acha consignada.

«Que novos povoadores temos para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros que deixem de ser Mouros ou Gentios de fé tão incerta com o Estado como estes que agora nos offendem?»

Continúa a argumentação, que aperta com toda a vehemencia, apresentando razões que parecem não ter contra. O caracter destes periodos he vehemencia constituida no sentido das proposições; e harmonia collocada em quatro septenarios, hum endecassyllabo e outro octonario. Repare-se que até a primeira clausula do primeiro periodo he hum septenario, que rima com outro septenario, clausula derradeira do periodo antecedente, e nem por isso os vi censurados jámais. Eil-os aqui mais claros:

De que somos senhores?
Que novos povoadores

Apezar da severidade dos criticos seccos calculadores das obras de genio, atrevo-me a dizer que isto não me desagrada assim empregado com parcimonia.

«Vamos a pelejar com Turcos e com Mouros superiores em numero, iguaes em armas e disciplina; se tivermos hum successo adverso, não temos salvação, porque a terra he sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fructo tirâmos da victoria.»

Nestas razões avulta as circumstancias que podem ser prejudiciaes á empreza, aponta os motivos e daqui extrahe toda a força da sua argumentação por meio das duas condicionaes, onde se estriba toda a força do di-

lemma; na primeira proposição do qual: *se tivermos hum successo adverso,* fica o sentido pendente, e se resolve na segunda: *não temos salvação,* ficando na terceira: *porque a terra he sua,* expressa a causal. Constando pois a segunda parte da argumentação de duas proposições, a segunda resolve a primeira, sem expor motivo, porque o suppõe sabido, e exprime a nullidade de interesse, que deve dissuadir da empreza. Pureza e harmonia são as graças deste periodo. A primeira consiste na congruencia grammatical e legitimidade das vozes; a segunda nos dous endecassyllabos com que principia e acaba, em hum septenario, e n'outras clausulas, que, sem serem versos, tem cadencia harmoniosa.

«Com armas navaes conquistámos a India, com ellas a havemos de conservar, porque temos a ventagem dos vazos e da marinharia. Se não queremos vencer senão em batalhas, arrazemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades.»

Na primeira proposição deste lugar narra; na segunda lança hum documento de certeza infallivel em politica, não só para nós, mas para todas as nações maritimas; e na terceira expõe os motivos expressados nos termos *ventagem de vazos* e *marinharia,* collectivo este, que tem desprezado a cultura moderna que raramente pega do bom. O periodo que se segue he cheio de força mais para ser sentida que explicada. Pureza e harmonia: a primeira na disposição grammatical, a segunda em quatro septenarios, nos dous bellos endecassyllabos que terminão o lugar, e em dous octonarios.

«Se me dizem que he honra do Estado arruinar por huma offensa hum reino, já estivera despovoado o Oriente, se todos os que nos fizerão guerra recebessem o ultimo castigo. Porventura accusaremos a Affonso de Albuquerque porque depois de soffrer tantas hostilidades e enganos dos Reis e Governadores de Ormuz o não

deixou abrazar? Perderá aquella grande fama que mereceo na terra, porque nas offensas e cavilações do Çamori não deixou o Malabar destruido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traições do Badur não fez guerra a Cambaya?»

Continúa a argumentar e convencer. Diz no primeiro periodo que se o Estado fizesse caso de todas as offensas já estivera despovoado todo o Oriente; pensamento forte, que se corrobora por meio de exemplos do modo com que em iguaes circumstancias se portárão grandes homens, taes como Affonso de Albuquerque e Nuno da Cunha. As virtudes deste lugar são a eloquencia constituida na argumentação de toda a passagem; a elegancia consignada nas clausulas e palavras seguintes: *honra do Estado, o não deixou abrazar, grande fama, que mereceo na terra, maculára, aquelle illustre nome,* e a harmonia consistente em sete septenarios, seis endecassyllabos, sete octonarios e hum nonario.

«Hiremos destruir ao Turco pelo atrevimento com que cercou o seu Baxá a nossa fortaleza? Aprestaremos nossas armadas contra o Achem, porque tantas vezes nos assaltou Malaca? Metteremos a fogo e sangue este Hydalcão por nos tolher cada dia os mantimentos, e inquietar as terras de Bardez e Salsette?»

Continúa a convencer com a força de argumentação, a qual está traçada com toda a destreza, e quem nella for insigne ha de ser eloquente, ha de persuadir; porque a verdadeira eloquencia está nos argumentos, e nestes a persuasão. As virtudes deste estilo são pureza na estructura das palavras, elegancia no movimento e animado da frase e harmonia em tres septenarios, tres endecassyllabos e hum octonario.

«Que desesperação nos arrasta a offerecer a garganta do innocente Estado ao cutelo inimigo? Esta armada tão espantosa nas apparencias e no poder tão debil he

freio a Rumecão, aos nossos muros. Porém desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segredo de nossas forças, e todos estes Principes trabalharão por romper a fraqueza das prizões em que os temos a todos.»

Este lugar contém tres partes: na primeira excita a attenção para expor o que deve merecer o maior cuidado, e tudo por modo cheio de movimento e vida propria do enthusiasmo poetico, personisando o Estado da India em caracteres tragicos, cheios de expressão e vivacidade desconhecida aos espiritos vulgares, que não podem sentir os sublimes abalos que fazem produzir pinturas taes como esta, que se avulta com tanta energia aos olhos do leitor com os rasgos expressivos de Miguel Angelo Buonaroti. A desesperação offerecendo ao cutelo inimigo a garganta do Estado da India he todo poetico e pittoresco, e só póde ser producção de genio sublime e realmente eloquente, tal como o historiador Andrade. *Que desesperação nos arrasta* he quasi o de Licaonte em Virgilio, na *Eneida*, liv. 2.º, v. 42.º:

...... *quae tanta insania, cives?*

Todas as vezes que a poesia não soccorre o escriptor, pouco ou nada se avultão os rasgos do seu pincel. Na segunda parte da passagem transcripta expõe a utilidade que póde resultar ao Estado a armada que D. João de Castro tinha preparado, se fosse dirigida pela prudencia; e na terceira os prejuizos que resultarão se imprudentemente se fizer uso temerario das forças que nella se contém: tudo exposto com tanta gentileza e bizarria de estilo que não ha palavra que não seja huma elegancia, nem clausula que não seja hum epilogo de graças, além da pureza e correcção da frase, que não tem igual, e a harmonia de merecimento adequado ao assumpto consignada em oito septenarios, tres endecassyllabos e

hum octonario. Não fallando no rasgo da harmonia expressiva na clausula *trabalharão por romper as prizões*, onde a dureza da expressão he harmonia propria da dureza que pinta.

«Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas. Quinto Fabio Maximo, depois foi salvação escusar huma. Os primeiros conquistadores nos fizerão a caza, a nós só toca o conserval-a. Se na oppugnação de Diu perdeo o inimigo hum exercito, que falta a esta facção para victoria? E que para castigo?»

Tambem este lugar contém tres partes. A primeira confirma com hum exemplo do procedimento de hum dos mais respeitaveis heroes dos Romanos, o que acaba de expor na passagem precedente. A segunda contém conceito que exprime documento necessario, e a terceira he hum engenhoso modo de argumentar, expondo huma proposição condicional, interrogativa, e della deduzindo outra interrogativa assaz conveniente. Perspicuidade e harmonia constante de sete septenarios e dous endecassyllabos.

«A offensa intenta-se com forças iguaes, a vingança com muito superiores; porque não se ha de hir a satisfazer hum aggravo com risco de nova injuria. Mormente que em nada tem a fortuna maior imperio que nas cousas de guerra; alcanção-se muitas vezes as victorias por leves accidentes, e por outros se perdem.»

Este lugar está muito bem discorrido. As reflexões do primeiro periodo são muito sensatas e podem passar por axiomas em politica, expostas em frase summamente discreta e laconica. As do segundo são raciocinios de razão fundados na experiencia, annunciados com frase pura e perspicua. O numero desta prosa consiste em hum duodesyllabo, e em outro endecassyllabo, em tres septenarios e hum octonario.

«Será pois justo deixar na contingencia de hum suc-

cesso o sceptro oriental com espanto e inveja das gentes, fundado sobre tantas victorias? Se perdemos esta armada, onde está junto todo o poder da India, que thesouros poupados tem Sua Alteza para nos mandar outra?»

No primeiro periodo se contém hum argumento muito forte annunciado interrogativamente; artificio cheio de vehemencia e força: o mesmo methodo segue no segundo, que em nada se distingue, senão pela pureza e perspicuidade. O primeiro he dotado de elegancia constituida na clausula *contingencia de hum successo, sceptro oriental*, e em todo o resto até ao fim.

Comtudo lá me parece hum tanto affectado na conjunção illativa, que não favorecendo muito a harmonia, não exprime com assaz de evidencia o nexo da oração que nella deve subsistir, e parece mero ornato: he verdade que isto não passa de venialidade, assim como em nós não he mais do que reparo; mas julgo que começaria este periodo com mais artificio pela conjuncção, e que até mesmo ficaria mais bello, se não me engano, e mais enfatico. Em seis septenarios e hum de oito consiste o numero desta prosa.

«Começaremos a rogar, ou a conquistar de novo os Principes da India. Tornaremos á sua infancia este imperio já encanecido. Viveremos na cortezia das corôas que temos offendido, ficando creaturas miseraveis daquelles de quem somos senhores.»

Neste lugar expõe por huma especie de peroração bem cheia de artificio a triste sorte do Estado depois de huma derrota que não he impossivel acontecer-lhe, vendo-se obrigado a ter existencia precaria e sem honra, segundo as leis das potencias por elle offendidas. A elegancia he o caracter desta prosa, a qual resplandece nas formulas e vozes *sua infancia, imperio encanecido* (acho este adjectivo de mais força e gravidade do que *envelhe-*

cido), na cortezia das corôas, elegancia para mim nova, porque me não lembro de a ter visto em escriptos anteriores a este; e em *creaturas miseraveis.* Tambem não deixa de receber notavel realce da harmonia consistente em tres endecassyllabos e dous septenarios.

Desta analyse, tal qual a podemos fazer, se mostra que esta falla he hum monumento insigne de eloquencia e graças de estilo, e que póde entrar em parallelo com os mais bellos pedaços que tanto acreditão o orador Vieira.

A resposta de D. João de Castro tem lances tambem assaz notaveis: della ajuizâmos com mais extensão no capitulo 7.º Vejamos, e sondemos agora as graças do seu estilo:

«Porém D. João de Castro seguro na resolução tomada discorreo em contrario, dizendo, que nenhuma nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores: que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz e da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conservavão com as mesmas armas com que forão ganhadas; que o respeito que nos tinhão os Mouros e Gentios, não duraria mais que até saber que podiamos sofrer huma injuria.»

A primeira proposição desta passagem contém sentido vago em politica, que póde ser e não ser verdadeiro, conforme as circumstancias. Tambem o sentido do segundo periodo tem quasi o mesmo caracter, ou ao menos não tem tanta generalidade como a expressão indica. A mesma generalidade não conserva a terceira proposição; mas o sentido da quarta he verdadeiro, ao menos na apparencia, e tem além disso o merecimento de ser annunciado assaz harmonica e discreta. Clareza e harmonia são as qualidades caracteristicas desta passagem, que contém sete septenarios, tres endecassyllabos e seis octonarios. Note-se de caminho que a frase

menos sublime tem mais quantidade de versos pequenos, como neste lugar se observa.

«Que todos estes Principes estavão attentos ao castigo de Cambaya, e que não ousárão até agora ajudal-a com forças auxiliares, temerosos de poderem cahir sobre suas ruinas; porém se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos da nossa fortaleza, e atar as feridas que nos tinhão aberto, as tornarião a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos imperios; e o sofrimento nos particulares virtude, nas corôas ruina.»

Quasi todo este lugar he tecido de conjecturas provaveis e dictadas pela prudencia. A proposição: *a reputação he a alma dos imperios*, no lugar onde se acha he de sentido vago collocado no sujeito *reputação;* não se expressa aqui se esta reputação he bellica ou moral, aindaque se deixa bem entender ser a primeira; neste sentido tem menos extensão, e não deixa de acenar enunciação que tem ar de sofistica. O mesmo se póde affirmar do resto das expressões, ao menos em parte do sentido. A perspicuidade e o laconismo são as propriedades deste lugar, cuja harmonia se acha estabelecida em cinco septenarios, oito endecassyllabos e dous octonarios.

«Que tinhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos cavalleiros e soldados de nome, que cobririão os vivos como sinaes infames as feridas que recebêrão nesta guerra, se as não vissem vingadas; que ficava que contar ao mundo deste cerco, senão a paciencia com que o tolerámos? que o Estado mais se assegurava com a fama que com todas as drogas do Oriente; as quaes só erão de preço, quando as recebiamos, não por commercio senão como tributo.»

O primeiro periodo, que finalisa no participio *vingados*, he cheio de elegancia do meio por diante; mas a

construcção he alguma cousa embaraçada. *Que ficava que contar ao mundo deste cerco, senão a paciencia com que o tolerámos?* Bello e bem lembrado conceito, que não deixa de ter ao menos força apparente. O conceito do periodo que se segue he de sentido vago na clausula comparativa: *mais se assegurava com a fama,* e ainda mesmo na parte da proposição a que se refere a mesma comparação. No resto do periodo acho a mesma dubicidade, que se póde com facilidade patentear ao leitor sensato, e por isso escusem-se reflexões. Alguma elegancia e harmonia são as virtudes desta prosa. A segunda consiste em tres septenarios, seis endecassyllabos e cinco octonarios.

«Que ultimamente não queria que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de D. João de Castro; que elle estava resoluto a pelejar, a culpa seria de hum só, a victoria de todos.»

He o melhor deste discurso, que acaba felizmente com a força do primeiro conceito deste periodo, que em si he de summa consideração, e que por si só bastava para convencer e persuadir. Laconismo clareza, e harmonia são as graças deste lugar digno no meu conceito de Thucidides ou Tacito. Consiste a harmonia em tres septenarios e em quatro octonarios.

Se parecer que fomos miudos neste exame, seja-nos relevado esse defeito em consideração de alguma utilidade que possa resultar, movendo algum espirito sabio e curioso a executar com acerto filosofico analyse mais dirigida pelo methodo e pelo gosto.

Recapitulação

De tudo o que aqui temos dito se conclue que, sendo a historia de D. Paulo de Lima escripta com assaz de velocidade e clareza, bem articulada nas pinturas do terri-

vel, e muito mais nas dos affectos, he inferior á de D. João de Castro na escolha dos factos, na brevidade de expressar, no interesse geral e particular, nas sentenças e reflexões politicas e moraes, na eloquencia, e na elegancia continua, em que tanto se assignala a sabia penna do historiador Andrade, cuja pureza e cultura de estilo, não obstante alguma inclinação que mostrou á antithese, concorreo assaz para fixar a indole da prosa portugueza.

APOLOGIA DE CAMÕES

CONTRA AS

REFLEXÕES CRITICAS DO PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO
SOBRE O EPISODIO DE ADAMASTOR
NO CANTO 5.º DOS LUSIADAS

CONTO

Tendo certo critico famoso ajuntado todos os defeitos de hum grande poeta, fez delles presente a Apollo. Este Deos os recebeo graciosamente, e determinou recompensar o auctor de hum modo conveniente ao trabalho que tivera. Com este intento poz-lhe presente hum pouco de trigo por alimpar, e ordenou-lhe que separasse a palha, e a pozesse á parte. Começou o critico a trabalhar com muita industria e diligencia; e depois de ter feito a separação, Apollo lhe deo a palha pelo seu trabalho.

Boccalini, citado por Addisson no seu discurso sobre o poema de Milton.

PREFAÇÃO

Tendo sahido á luz publica nos fins do anno de 1811 hum folheto de 34 paginas em 12, composto pelo padre José Agostinho de Macedo, com o titulo «*Reflexões criticas sobre o episodio de Adamastor no canto 5.º dos Lusiadas*», e parecendo-nos então que aquelle escripto não podia ter outro fim senão vilipendiar Camões e escurecer a bem merecida fama do seu nome; inspirar aos Portuguezes o desgosto da leitura da obra mais sublime da litteratura nacional; dar talvez huma direcção falsa e nociva aos estudos da mocidade; e por ultimo fazer figurar aos Portuguezes todos, menos hum, como barbaros no meio da Europa civilisada; resolvemos, em desafogo da nossa indignação, e em desaggravo do poeta, escrever a *Apologia*, que agora se vai reimprimir.

Este opusculo, que por motivos de prudencia se não julgou conveniente publicar naquelle tempo em Portugal, foi, alguns annos depois, impresso, quasi a nosso pezar, em S. Thiago de Compostella, na officina typografica de D. João Moldes, em 1819, 4.º; mas a difficuldade ou impossibilidade de o fazer correr no reino, e logo depois as alterações publicas, e a morte do editor, fizerão tão raros os exemplares, que se póde dizer que a obra ficou totalmente ignorada dos Portuguezes.

Não haveria nisto, por certo, grande perda; porquanto, a despeito da critica insensata, o poeta continuou a receber, desde aquelle tempo, os mais solemnes teste-

munhos de publica e geral estimação, tanto dos sabios e litteratos estrangeiros, como dos nacionaes (*a*), e nós, que muito bem sabiamos não ter escripto cousa alguma que não fosse conhecida, e até familiar aos verdadeiros eruditos Portuguezes, por contentes nos davamos de ter pago á memoria do grande poeta o apoucado, mas sincero tributo da nossa admiração e louvor, e de o ter, em certo modo, desaffrontado das indignas, malevolas e invejosas censuras do critico vaidoso e presumido.

Comtudo como agora, ha poucos mezes, vimos annunciada nos periodicos publicos a *Censura dos Lusiadas por J. A. de Macedo,* querendo (ao que parece) renovar-

(*a*) Em 1817 sahio á luz publica a magnifica e esplendida edição dos *Lusiadas*, com que o illustre e sabio D. José Maria de Sousa exaltou a gloria de Camões, a da nação portugueza e a sua propria, e enriqueceo as bibliothecas dos principes e das sociedades e das corporações sabias da Europa. Esta edição serviu de texto a algumas das muitas obras que depois se tem publicado.

Em 1818 se imprimio em Madrid a nova traducção castelhana do poema de Camões, por D. Lamberto Gil.

Em 1820 sahírão á luz as Memorias da vida e obras de Luiz de Camões, por John Adamson, cheias de noticias tão curiosas como importantes, 2 vol. em 18.

Em 1824 imprimio Lord Strangford o poema de Camões.

Em 1825 sahírão em francez os *Lusiadas*, novamente traduzidos e ornados com eruditas notas por Mr. Millié, em 2 vol. 8.º

Em 1826 publicou A. Briccolani, em París, na typografia de Firmin Didot, a nova e bella traducção italiana dos *Lusiadas*, em oitava rima.

Em 1828 fez Mr. Rienzi esculpir em Macáo o busto de Camões, e collocou-o na celebre gruta consagrada pela presença e pelos trabalhos do illustre poeta, com huma inscripção nas linguas chineza e franceza, &c., &c.

Assim se tem obstinado o publico (he a frase de Adrian Baillet, outro censor do poeta) na estima e no amor do poema dos *Lusiadas*, apesar de todos os defeitos que lhe notão, já por ignorancia, já por inveja, e mui poucas vezes com fundamento, os inimigos da sua gloria e do seu superior merecimento.

se e recommendar-se por este motivo a leitura das *Reflexões criticas*, e de outras semelhantes obras, que por honra do seu auctor e da nação devião ficar supprimidas em perpetuo esquecimento: pareceo-nos tambem conveniente e opportuno reimprimir a *Apologia*, copiando-a com pequenas alterações e additamentos da citada edição de *Santiago* (excepto o *Prologo*, que não he nosso); não já com o fim de relevar os grosseiros erros e semrazões do critico, cujo credito litterario tão apaixonadamente exagerado em sua vida por motivos estranhos á litteratura, ficou depois da sua morte á conta da justa e imparcial posteridade; mas sim e tamsómente para que pela publicação de taes obras se não presuma serem os actuaes Portuguezes tão rudes e tão barbaros, que approvem, ou olhem com indifferença as injurias feitas ao maior poeta das Hespanhas, ao mesmo tempo que os estrangeiros lhe dão multiplicados testemunhos de estimação e louvor.

A *Apologia*, no tempo em que foi escripta e impressa, não podia responder á censura a que alludimos, e que agora se annuncia; porque esta sómente foi estampada posteriormente em Lisboa, na impressão regia, anno de 1820, com licença, 2 vol. em 12.

Qualquer porém que fosse a sua data, ella em nenhum caso mereceria particular resposta nossa, porquanto no essencial repete o mesmo que tinha dito das *Reflexões criticas*; e no mais nos parece insensata, torpissima e verdadeiramente injuriosa á litteratura portugueza. Nunca, por certo, a penna de escriptor algum portuguez se prostituio a tão baixo emprego. O publico julgará o que bem lhe parecer ácerca della, e do silencio que a respeito della guardâmos.

APOLOGIA DE CAMÕES

CONTRA AS

REFLEXÕES CRITICAS DO PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO
SOBRE O EPISODIO DE ADAMASTOR
NO CANTO 5.º DOS LUSIADAS

Com razão nos ensina e adverte Quintiliano, que quando nas grandes obras de litteratura houvermos de notar algum defeito, o façamos com a moderação e attenção devida ao distincto merecimento, e á publica reputação de seus auctores.

Esta maxima, digna por certo da prudencia, discrição e sisudeza daquelle insigne mestre, he tão conforme aos principios da moral social, como propria dos bem regrados sentimentos de hum coração honrado e virtuoso.

Além de não ser jámais decente que o homem bem nascido, e bem educado, note ou reprehenda com expressões de desprezo, com dicterios picantes e com amargosa satyra qualquer genero de defeito, que observe nos seus semelhantes; ha muitos e mui particulares motivos que aconselhão esta prudente temperança, quando se trata de notar defeitos litterarios, e de os notar em obras e auctores, que por opinião publica, geral e constante, gosão de hum lugar superior e distincto na republica litteraria.

Mostrar estes defeitos, quando são reaes, censurar as obras e os auctores, quando elles se desvião das regras que o bom gosto tem estabelecido, he hum dever

do critico illustrado e hum serviço relevante que se faz á litteratura. Os melhores mestres da antiguidade não desdenhárão esta occupação, e a ella devemos excellentes observações e preceitos, que ainda hoje guião os bons engenhos na composição de suas producções, e nos servem de regra para ajuizarmos do seu merecimento.

Porém escurecer com affectado silencio as bellezas e excellencias litterarias de qualquer obra para sómente realçar os seus defeitos; trabalhar por descobrir e avolumar esses defeitos, quando elles são tão miudos, ou tão raros, que apenas merecem attenção; imaginal-os, invental-os e imputal-os ao auctor, quando em realidade não existem, e desfigurar para isso os seus pensamentos e as suas frases, ou dissimular com artificiosa fraude a verdadeira intelligencia dellas; e finalmente apresentar ao publico as resultas de tão malogrado empenho em hum mesquinho discurso cheio de expressões satyricas, de motejos ridiculos, de dicterios injuriosos e de petulantes sarcasmos; em lugar de ser hum serviço que se faz á litteratura, he pelo contrario hum procedimento totalmente opposto aos seus progressos, he hum ultraje que se faz ao merecimento, e he o signal menos equivoco de huma alma baixa e rasteira, que fecha os olhos á luz, porque não he capaz de supportar a sua claridade; que pretende manchar com impuras nodoas o esplendor do alheio merecimento, para que elle não contraste tão fortemente com as trevas da sua ignorancia, que desdenha do homem grande, porque se não atreve a alcançal-o e seguil-o em sua gloriosa carreira, e que não podendo emfim satisfazer por outro modo a sua orgulhosa vaidade, nem adquirir por obras de verdadeiro valor o conceito e estima que julga merecer, procura por meio de ridiculas graciosidades insinuar-se no animo dos leitores malignos, desprevenidos ou menos

judiciosos, e ganhar por este modo o seu conceito, approvação e louvor.

Tal parece ter sido o plano e o desenho do auctor das *Reflexões criticas*, que sahirão impressas em Lisboa sobre o *episodio de Adamastor* no cant. 5.º dos *Lusiadas* de Camões.

A idéa que haviamos formado deste immortal episodio, tanto pela lição do poeta, como pelo juizo que delle tem feito os mais illustres sabios e criticos das nações polidas da Europa, fez que lessemos cheios de admiração e assombro o estranho annuncio da *Gazeta de Lisboa* de 26 de Dezembro do anno de 1811, em que se inculcavão as *Reflexões criticas* com a notavel recommendação de se achar nellas *demonstrado até á evidencia*, que aquelle episodio era *a maior incoherencia de Luiz de Camões.*

Sem embargo da nossa admiração e assombro, abstivemo-nos de fazer juizo algum decisivo sobre o merecimento das *Reflexões criticas*, até que vissemos e examinassemos os argumentos em que o seu auctor fundava huma tão rigorosa censura, esperando achar, quando não razões solidas e incontestaveis, ao menos algumas observações sérias e sensatas, que justificassem todavia a intenção do auctor, e dessem alguma côr favoravel aos seus reparos.

Comtudo tivemos o dissabor de ver completamente frustradas as nossas esperanças, e não menos augmentado o nosso espanto, quando logo pelo prologo daquelle pequeno folheto vimos que o auctor intentava subtrahir-se aos deveres de modestia e circumspecção, recommendados por Quintiliano na judiciosa maxima que fica apontada no principio deste discurso, para entregar-se a toda a liberdade do seu genio e dar alguma apparencia de desculpa á picante mordacidade com que pretendia sazonar as suas *Reflexões*.

Ninguem por certo intentará provar, como demanda o critico, *que os varões antigos tinham auctoridade para descreverem impunemente os disparates que quizessem.* Nem esta podia ser a mente de Quintiliano, nem nós podemos presumir no auctor das *Reflexões* tanta rudeza e ignorancia, que assim o haja entendido de boa fé. Concedemos que os antigos não tinhão essa auctoridade; confessâmos que errárão muitas vezes, e que podião cahir em *disparates e absurdos;* reconhecemos nos modernos o direito, e até o dever de os combater e refutar; de demonstrar e reprehender seus erros; de rectificar suas idéas, de censurar as suas obras. Mas exigimos ao mesmo tempo com aquelle sabio mestre da antiguidade, que isto se faça com modestia e circumspecção; 1.º, porque he decoroso e devido acatar sempre os grandes homens e respeitar o seu distincto merecimento; 2.º, porque devemos julgar modestamente de nós, receiar a imperfeição de nossas idéas, e temer que porventura nos não pareção *disparates* o que em realidade são bellezas superiores e de grande valia; 3.º, porque sendo nós tambem sujeitos a cahir em erros e disparates, não devemos attrahir sobre nós, com o nosso proprio exemplo, os desprezos e zombarias, que nesse caso serião bem merecida pena da nossa insolencia e temeridade; 4.º, porque quem se vale de dicterios e motejos dá muito má idéa da causa que defende, e mostra não confiar na força de suas razões e argumentos, etc.

E se o nosso critico se não contenta com estas razões, que porventura não serão do seu gosto, e continua a perguntar-nos *por que razão hum gigante ha de ter a liberdade de fazer huma parvoice, e não ha de ter liberdade hum pigmeu de lhe dizer: Isto, senhor gigante, he huma parvoice?* Respondemos no mesmo tom e linguagem, que hum pigmeu, por isso mesmo que he pigmeu, nunca póde ajuizar com certeza e segurança ácerca das par-

voices de hum gigante (1); e que tomando, a despeito disso, a liberdade e confiança de insultal-o, se expõe a ser esmagado por elle, e a pagar deste modo a pena do seu insano arrojo e atrevimento.

Depois deste judicioso prologo começa o critico a sua censura; mas antes de entrar no principal ponto della, quer dar-nos huma idéa do conceito geral que faz do estilo dos *Lusiadas;* e este assumpto, que pareceria difficil de tratar-se a qualquer insigne litterato, he decidido e arrematado pelo nosso critico n'hum só rasgo de penna e em hum breve periodo.

«Em o longo poema dos *Lusiadas* (diz elle, pag. 5), quasi tudo he mera prosa, com esta differença, que se faz tanto mais intoleravel, quanto mais poesia se esperava.»

Eis-aqui já huma singular novidade que o nosso auctor nos ensina, e que ninguem antes delle havia conhecido e publicado! Embora Camões tenha gosado por mais de dous seculos o illustre e glorioso titulo de *Principe dos poetas de Hespanha,* embora o seu poema tenha me-

(1) Este principio he fysicamente verdadeiro. Em geral o homem não póde ajuizar das cousas senão relativamente, e segundo a proporção que ellas tem com a sua natureza ou com as suas faculdades e circumstancias. Huma criança tem por incomportavel qualquer pequeno peso, que hum homem move com extrema facilidade. Hum cego julga disparates e absurdos o que ouve a respeito de côres ás pessoas que tem boa vista. Hum louco e insensato zomba e moteja dos discursos do homem serio e sisudo, porque lhe parecem outros tantos despropositos. Os pigmeus de Swift houverão por monstruoso e colossal o homem europeu, e este fez o mesmo conceito a respeito dos habitantes de Brobdingnhag. Por analogia de razão, os felizes atrevimentos de hum poeta criador devem parecer disparates e talvez perigosos despenhos, a hum genio mesquinho e rasteiro, que não póde levantar tão sublime e arrebatado vôo, &c. Esta he a explicação do pigmeu e do gigante do nosso critico. Elle escolheo a comparação com muito tino, e nós temos o gosto de a commentar.

recido a constante e universal estima, applauso e admiração de huma nação espirituosa, sensivel e apaixonada, qual a portugueza; embora tenha sido reimpresso infinitas vezes, traduzido em muitas e varias linguas (2), commentado e defendido por homens illustres em saber e doutrina, elogiado por estrangeiros sabios e imparciaes (3), imitado por estremados poetas, estudado por todos como obra classica e de superior merecimento, e finalmente collocado pelo juizo dos mais abalisados criticos entre as poucas epopêas antigas e modernas, que são reconhecidas como taes em toda a litteratura. Tudo isto he puro effeito da preoccupação e dos *profundos vestigios que deixão em nossa alma as primeiras idéas que adquirimos sobre materias litterarias;* porque em realidade neste poema tão gabado *quasi tudo he mera prosa,* e o seu estilo *pela maior parte frigido, glacial e perfeitamente prosaico* (4).

O conselho dos Deuses descripto no cant. 1.º, est. 19.ª–42.ª; o soccorro com que Venus e as Nereidas acudirão ao perigo da armada portugueza, cant. 2.º, est. 18.ª–28.ª; a supplica de Venus a favor dos Portuguezes, ib., est. 33.ª–55.ª; a descripção geografica da

(2) Vej. o padre Thomás de Aquino no prologo da sua 2.ª edição de Camões.

(3) Por não fazermos longo catalogo de nomes, contentar-noshemos de lembrar sómente aqui o illustre e profundo Montesquieu no seu *Esprit des lois,* liv. 21.º, cap. 21.º, onde diz que o poema de Camões «fait sentir quelque chose des charmes de l'*Odyssée,* et de la magnificence de l'*Eneide*». Este elogio na bôca de Montesquieu honra tanto o nosso poeta, quanto acredita o depurado gosto e litteratura daquelle insigne escriptor.

(4) *Reflexões criticas,* pag. 5, 6, 9, &c.; *Gama,* poema narrativo, discurso preliminar, pag. XIV. Já Lamothe disse de Homero, que o seu grande credito era huma pura preoccupação transmittida desde os antigos até nós. Esta casta de criticos tem o mesmo genio em todos os paizes!

Europa, cant. 3.º, est. 6.ª–20.ª; a embaixada da Rainha de Castella, D. Maria, a seu pai el-Rei D. Affonso IV de Portugal, cant. 3.º, est. 102.ª–106.ª; a narração dos desditosos amores de D. Ignez de Castro, ib., est. 120.ª–135.ª; a descripção da batalha de Aljubarrota, cant. 4.º, est. 28.ª–46.ª; o sonho de el-Rei D. Manoel, ib., est. 68.ª–75.ª; a falla do velho, ib., est. 94.ª–104.ª; a sahida da armada portugueza do porto de Lisboa e descripção das costas maritimas, cant. 5.º, est. 1.ª–16.ª; o immortal episodio de Adamastor, ib., est. 39.ª–60.ª; o conselho dos deuses do mar, cant. 6.º, est. 8.ª–37.ª; a descripção da tempestade, ib., est. 79.ª–91.ª; a descripção da India, cant. 8.º, est. 17.ª–22.ª; a descripção do palacio do Samorim, ib., est. 51.ª–54.ª; a pintura das bandeiras e tapeçarias da capitania portugueza, cant. 8.º, est. 1.ª–39.ª; o cant. 9.º todo; o vaticinio de Thetis, cant. 10.º, est. 10.ª–74.ª, e est. 77.ª–138.ª, &c., tudo isto são ninharias poeticas, *descosidas arengas, discursos corriqueiros, disparates, incoherencias e absurdos do triste poeta, e emfim mera prosa, e estilo frigido e perfeitamente glacial!!* (5)

«Qualquer dos nossos escriptores das cousas da India (continua o critico, pag. 5), he para mim muito mais agradavel que Camões.»

Nós não ousâmos disputar-lhe a verdade desta proposição, porque ninguem melhor que elle póde saber o que lhe agrada ou não agrada; e porque tambem pouco importa á republica litteraria saber qual seja o seu gosto em taes materias. Sómente nos admirâmos: 1.º, que prefira a Camões a Historia de Castanheda, a cuja linguagem dá o nome de *tristissima prosa;* 2.º, que não goste ao menos dos lugares que o grande poeta *furtou*

(5) Taes são as polidissimas expressões com que o critico se explica a respeito de Camões, a pag. 6, 9, 26, 28, 32, etc., das *Reflexões criticas,* e no discurso preliminar do seu *Gama.*

a Barros, visto que *jámais deixou de o trasladar, sem mudar o sentido ou frases, não fazendo mais que rimar e rebater a castigada prosa deste insigne escriptor;* 3.°, que tambem lhe causem nojo e fastio os lugares que Camões *roubou a Virgilio, e a Ariosto principalmente, trasladando-os litteralmente por todo o seu poema;* 4.°, finalmente, que este mesmo desgosto e desagrado recáhia sobre hum poeta que *lia muito a Ovidio,* que *tinha toda a erudição do seu tempo,* e a quem o proprio critico faz hum grande elogio na chamada *Ode pindarica,* impressa á frente do seu *Gama;* e na 4.ª, 5.ª e 6.ª estancia do primeiro canto deste poema (6).

O critico para nos mostrar que o seu conceito assenta sobre boas razões, e he fundado no exame e comparação critica de Camões como os outros escriptores das cousas da India, cita hum, que provavel-

(6) Para se conhecer a olhos vistos a má tenção do critico ou o seu máo juizo, basta notar as miseraveis contradicções em que cahe, fallando do poeta. Já não nos lembrâmos do que diz na *Ode pindarica* e nas estancias citadas do *Gama,* porque tudo isso entendemos em sentido ironico. Mas nas proprias *Reflexões criticas,* que he hum folheto de 34 paginas em 12, a pag. 7 diz que quantas passagens encontrais nos *Lusiadas,* que são de pura e rigorosa historia, são trasladadas pelo Camões do Barros. A pag. 8 acha que Camões tambem furtou a Castanheda. A pag. 5 e 9, e no discurso preliminar do *Gama* diz que em Camões quasi tudo he mera prosa, e que o seu estilo he pela maior parte glacial e perfeitamente prosaico. A pag. 21 diz que não ha huma só oitava nos *Lusiadas* que cheire a poesia, que não seja roubada litteralmente a Ariosto. A pag. 15 diz que Camões roubára por todo o poema os versos de Virgilio, e de Ariosto especialmente. A pag. 16, 18 e seguintes diz que o quadro de Adamastor he roubado a Lucano, sua metamorfose a Ovidio e o seu colorido a Virgilio, Beniveni, Sanazzaro, etc. A pag. 32 os *Lusiadas* são hum tecido de incoherencias, e a pag. 34 hum montão de inepcias; mas a pag. 23 Camões tinha toda a erudição do seu tempo, e compaginou destramente o seu Adamastor, &c., &c., &c.

mente he o que mais o encantou e arrebatou toda a sua admiração.

He este Manoel de Faria e Souza na sua *Asia portugueza*, «cujo primeiro volume (diz a pag. 5), está escripto com tanto magisterio, sublimidade e formosura, que além de ser entre os bons livros que ha no mundo hum dos melhores; as tres primeiras partes, que chegão até á morte do grande Affonso de Albuquerque, consideradas como hum poema historico similhante ao da Pharsalia, são infinitamente superiores ás decantadas *Lusiadas*».

Manoel de Faria e Souza he sem duvida hum escriptor polido e elegante; mas todos sabem os defeitos que os bons mestres lhe tem notado como escriptor de historia, e quão longe estão os seus livros de serem contados entre *os melhores que ha no mundo*. A expressão do critico he sobremodo exagerada, e se nós não estivessemos tão convencidos da sua vasta erudição e profundos conhecimentos pelas obras immortaes que tem sahido da sua bem aparada penna, quasi nos persuadiriamos, só por este argumento, que elle não tem ainda lido nem *os bons livros que ha no mundo, nem os melhores de entre elles*.

Se o critico tivesse ao menos examinado com attenção e reflexão esse primeiro volume da *Asia portugueza*, a que faz tamanhos elogios, acharia que a morte do grande Albuquerque vem nò fim da segunda parte, e não da terceira, como erradamente escreve; e acharia tambem que Faria e Souza não fez mais que compendiar nas quatro partes deste primeiro volume as quatro primeiras Decadas do famoso João de Barros, aproveitando-se não poucas vezes de suas proprias palavras, e copiando a cada passo periodos inteiros sem mudança, nem alteração alguma.

E não se presuma que por este modo intentâmos de-

primir o caracter deste escriptor. Elle mesmo nos diz (7) que seu intento foi compilar naquelle primeiro tomo as quatro Decadas de João de Barros, bem como Lucio Floro e Justino compilaram as Historias de Tito Livio e Trogo Pompeo, de maneira que quem tivesse a sua Asia *podesse entender que tinha inteiramente a João de Barros, e até cital-o, como se o tivera presente, &c.*

Mas além disto, que comparação justa e razoavel póde fazer-se em materia de estilo entre a austera severidade da historia, e a licença e liberdade da poesia? Entre a elegancia ornada mas grave do historiador, e a brilhante pompa, riqueza, luxo e felices atrevimentos do poeta? Como póde hum epitome de João de Barros ser jámais comparado como huma epopêa, ou *considerado como hum poema historico semelhante ao da Farsalia?* Ou como poderia a mesma *Farsalia,* ou outra composição, que a imitasse, ser preferida a Camões por hum entendimento são e por hum homem de gosto?...

A resposta de Vasco da Gama ao Çamorim (8), que o nosso critico acha *infinitamente superior a todas as descosidas* arengas *dos Lusiadas,* he hum discurso affectado e cheio de artificio, que não concorda com a nobre simplicidade e concisão energica das fallas daquelle illustre capitão, nem convem ás circumstancias em que elle se achava. João de Barros satisfaz muito melhor ás leis de historiador, quando indirectamente nos descreve a substancia da mesma resposta na Dec. 1.ª, liv. 4.º, cap. 9.º, e o critico, elogiando com tanta enfase aquella *magnifica tirada,* mostra tanto o seu máo saber e estragado gosto, como a injustiça com que trata Camões.

(7) Nas advertencias que vem impressas no principio do primeiro volume da *Asia portugueza.*

(8) *Asia portugueza,* part. 1.ª, cap. 4.º, n.º 9.

A outra falla de *Nina-Chetu* (9), que o critico chama *estupenda prosopopéa*, e a que dá mais valor, que a todos os *corriqueiros discursos, que tantas vezes se escutam a Baccho e Venus nos Lusiadas*, he ainda mais impropria das circumstancias, e por isso mesmo mais indigna do louvor de hum critico sensato e judicioso. Quem sofrerá na verdade que o historiador ponha hum discurso cheio de antitheses e subtilezas na bôca de hum homem, que desatinado de insana paixão, vai lançar-se ao fogo, e commetter o mais barbaro suicidio? Compare-se outra vez este lugar com o que lhe corresponde em Barros, que he na Dec. 2.ª, liv. 9.º, cap. 6.º, e se verá a infinita superioridade deste a respeito do seu compilador, e quão insensatamente se prefere Faria e Souza a Camões por aquelles mesmos discursos, que o fazem tão máo historiador, como pessimo rhetorico.

O critico, querendo dar-nos provas mais positivas e individuaes do *estilo frigido e prosaico* dos *Lusiadas*, recorre ao insidioso, ainda que miseravel arbitrio, que tem sido empregado em iguaes circumstancias por outros semelhantes censores, e colhendo d'aquem e d'além alguns versos, ou breves frases separadas do contexto do poeta, suppõe que isto basta para escurecer todas as bellezas que nelle se encontrão, e persuade-se ter provado victoriosamente o seu intento.

Nós não seremos injustos, porque nos não move nem a inveja do alheio merecimento, nem a ambição de estabelecer por opiniões extravagantes o nosso proprio credito. Confessâmos que ha em Camões versos frouxos, e algumas negligencias e defeitos de estilo; mas primeiramente quando as bellezas predominão em mui superior gráo, seguimos a prudente regra de Horacio:

> ... *ubi plura nitent in carmine, non ego paucis*
> *Offendar maculis,*

(9) *Asia portugueza*, part. 2.ª, cap. 9.º, n.º 6.

E em segundo lugar observâmos com La Harpe (10) que na epistola, no drama, e na mesma epopêa, e em toda a poesia que admitte dialogo que narra e que discorre, devem necessariamente entrar versos, que se não distinguem da prosa senão pelo *metro*, ou elles sirvão de passagem de hum objecto para outro, ou exprimão cousas que de sua natureza não pedem elevação.

Por exemplo, quando em Virgilio, *Eneida*, liv. 1.°, v. 627.°, Dido diz a Eneas:

> *Tempore jam ex illo casus mihi cognitus urbis*
> *Trojanae, nomenque tuum, regesque Pelasgi.*

falla como se fallasse em prosa, afóra a disposição metrica dos vocabulos; e comtudo nenhum critico razoavel ousaria jámais notar por isso de *prosaico* o estilo da *Eneida*.

O mesmo se deve dizer das palavras de Eneas no liv. 2.°, v. 747.°

> *Ascanium Anchisenque patrem, Teucrosque Penates*
> *Commendo sociis...*

e das outras de Achemenides, no liv. 3.°, v. 612.°:

> *Ille haec, deposita tandem formidine, fatur:*
> *Sum patria ex Ithaca, comes infelicis Ulixi,*
> *Nomen Achemenides, Trojam, genitore Adamasto,*
> *Paupere (mansissetque utinam fortuna!) profectus.*

Nos quaes lugares, e em muitos outros, que se poderião apontar dos mais insignes poetas antigos e modernos, se acha aquella natural simplicidade e lhaneza, que he

(10) *Lycée ou cours de litterature*, part. 3.ª, liv. 1.°, cap. 1.°, sect. 2.ª

propria da prosa, mas accommodada aos objectos de que se trata (11).

Longe pois de admirar-nos que Camões em iguaes circumstancias usasse do mesmo estilo, muito pelo contrario nos pareceria estranho que hum poeta tão judicioso, tão discreto e tão sabedor da sua arte empregasse as figuras e a pompa da locução poetica onde ella não convinha, contra o bem sabido dictame do grande mestre:

Singula quaeque locum teneant sortita decenter.

O critico não só imputa a Camões o *estilo frígido e prosaico,* mas até parece julgal-o inhabil para escrever duas linhas em boa prosa; porque nos diz magistralmente (pag. 7) que *todas quantas passagens se encontrão nos* Lusiadas *de pura e rigorosa historia, são trasladadas de Bar-*

(11) Se nos fosse licito comparar as cousas pequenas com as grandes, e usar do mesmo artificio que o critico emprega, poderiamos extrahir do seu *Gama* muitos versos, e frases, em que não ha nem sombra de poesia, e então teriamos mostrado que o seu estilo he glacial e perfeitamente prosaico. Por exemplo, no cant. 3.º, pag. 67:

> O Gama apenas vio que já soprava
> Hum vento occidental ......

No mesmo canto, pag. 80:

> N'huma dellas o tempo se declara
> Em que Diogo Cão no rio entrára.

No cant. 5.º, pag. 109:

> Que, se o potente Malabar buscava,
> Não muito longe do Indostão se achava.

No mesmo canto, pag. 113:

> Que afoito, e sem receio á terra desça,
> E com seus olhos tudo reconheça.

E pag. 116:

> Mas quanto o Rei da terra estranharia,
> Se partida tão rapida soubesse!

&c., &c.

ros. E para mostrar-nos a realidade deste seu prodigioso descobrimento, depois de advertir-nos com profunda erudição que *quando Luiz de Camões escreveo, já corria impressa a primeira Decada do illustre Barros, que vio a luz em 1552 ou 1554*, e que tambem já tinha apparecido a *Historia* de Castanheda; passa a dar-nos exemplos dos criminosos furtos, que o poeta fez a estes dous historiadores, *rebatendo* de continuo *a castigada prosa do primeiro, e rimando sem ceremonia a tristissima prosa do segundo.*

Em verdade, quando lemos nas *Reflexões criticas* esta famosa accusação, esperavamos achar notados grandes pedaços historicos, ou pelo menos algumas oitavas inteiras, que só com differença de vocabulos ou de collocação delles parecessem tomadas de Barros e Castanheda. Mas qual foi a nossa admiração, quando vimos que o critico se limitava a apontar d'entre perto de nove mil versos (12), vinte e tantos sómente, tirados dous a dous de differentes oitavas do primeiro canto dos *Lusiadas*, e que apenas se parecem com os lugares parallelos dos dous historiadores, por encerrarem algum vocabulo commum, ou por fallarem no mesmo assumpto!

Por exemplo, estas palavras de Castanheda, no liv. 1.°, cap. 6.°: «O Sultão perguntou a Vasco da Gama se vinha da Turquia», foram, segundo a opinião do critico, furtadas, e trasladadas por Camões no cant. 1.°, est. 62.ª, aonde diz:

> Está a gente maritima de Luso
> Subida pela enxarcia, de admirada,
> Notando o estrangeiro modo, e uso,
> E a linguagem tão barbara, e enleada.
> Tambem o mouro astuto está confuso,
> Olhando a côr, o trajo, e a forte armada,
> E perguntando tudo, lhe dizia
> Se por ventura vinhão da Turquia.

(12) Compõem-se os dez cantos dos *Lusiadas* de 1:102 oitavas. que fazem 8:816 versos.

Est'outras palavras de Barros na Dec. 1.ª, liv. 4.º, cap. 3.º: «Respondeu, que aquella povoação se chamava Moçambique», forão tambem copiadas pelo poeta na est. 54.ª:

> Esta ilha pequena, que habitâmos,
> He em toda esta terra certa escala
> De todos os que as ondas navegâmos
> De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
> E, por ser necessaria, procurâmos
> Como proprios da terra, de habital-a:
> E, porque tudo emfim vos notifique,
> Chama-se a pequena ilha Moçambique.

E deste modo são os demais furtos, que se imputão ao poeta, á semelhança dos quaes podéra o critico notar outros muitos, de que o proprio Camões se não envergonharia, como são, v. gr., as palavras de Barros na Dec. 1.ª, liv. 4.º, cap. 3.º: «Finalmente com estas novas, e segurança de gente... quiz elle (Gama) dar pendor aos navios, por virem já mui sujos», furtadas e copiadas pelo poeta na bellissima est. 79.ª do cant. 5.º:

> Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos
> Nojosa criação das aguas fundas,
> Alimpámos as náos, que dos caminhos
> Longos do mar vem sordidas e immundas, &c.

e as outras palavras tambem de Barros no mesmo lugar: «Porém de quanto gado vaccum trazião, nunca podérão haver delles huma só cabeça; parece que o estimavão, porque alguns bois mochos que os nossos virão, andavão gordos e limpos, e vinhão as mulheres sobre elles com humas albardas de tabúa», &c., igualmente *furtadas*, e *copiadas* por Camões no cant. 5.º, est. 62.ª e 63.ª:

> A gente, que esta terra possuia.
> Posto que todos Ethiopes erão.

Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos recebêrão.
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vierão,
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavão, gordo e bem criado.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tytiro as Camenas.

Antes de passarmos a outro assumpto, não podemos deixar de notar ainda que os dous versos da est. 91.ª do mesmo cant. 1.º

A pedra, o páo, e o canto arremessando,
Dá-lhe armas o furor desatinado

são, segundo o parecer do critico, *furtadas* a Barros, na Dec. 1.ª, cap. 4.º, aonde diz: «Defendendo-se com sãa coragem, a qual lhe ministrava armas de páo, pedra, dentes e unhas».

Mas primeiramente: este modo de citar Barros ou he nascido de irreprehensivel descuido, ou inspirado pelo malicioso proposito de enganar o leitor sincero e desacautelado; porque em Barros cita-se a *decada*, o *livro* e *capitulo*, e não sómente a *decada* e o *capitulo*, como o critico faz constantemente. Em segundo lugar: taes palavras se não achão em nenhum dos capitulos de todo o livro 4.º, aonde o historiador descreve não só os acontecimentos da armada portugueza em Moçambique, que he do que trata Camões na referida estancia, mas toda a viagem de Vasco da Gama á India até voltar a Lis-

boa (13). E em terceiro lugar: he tão falso serem aquelles dous versos furtados a Barros, que se o critico tivera a leitura poetica, de que tanto blasona, facilmente reconheceria nelles a imitação daquelle verso de Virgilio, no liv. 1.º, v. 150.º:

Jamque faces et saxa volant; furor arma ministrat:

aonde o poeta latino não se dedignou de empregar as *mui plebêas expressões*, que tanto escandalisárão os delicados e melindrosos ouvidos do nosso critico.

Da censura geral do estilo de Camões passa o critico a notar *huma ficção*, que o poeta introduz no principio do cant. 2.º, a qual, segundo as suas pias e religiosas idéas, lhe parece *o ultimo excesso* do *ridiculo*, do *absurdo* e do *abominavel*.

Nesta ficção descobre o critico com agudeza notavel, e com engraçada jocosidade a *metamorfose de Baccho em clerigo; a sua ermida; o painel da capella mór; o diabo feito clerigo; o diabo construindo altares; o diabo adorando o verdadeiro Deos; o diabo pintado em hum quadro;* e, finalmente, *o diabo com hum thuribulo na mão incensando este quadro* (14).

Na verdade á vista de tantas cousas más e feias, que creou a fertil imaginação do critico, era bem natural que se assustasse a sua timida piedade, sem embargo de se achar aliás familiarisada com as grandes operações do diabo introduzidas no seu *Gama*, principalmente nos cant. 5.º e 7.º, e com as diabruras ainda mais espanto-

(13) As palavras de Barros, que se não achão no lugar citado pelo critico, foi este buscal-as muito de proposito ao liv. 1.º, cap. 6.º da Dec. 1.ª, aonde o historiador trata de acontecimentos succedidos mais de cincoenta annos antes da viagem do Gama. E julgou que por ali se fallar de páo e pedra, tinha provado o furto do poeta!

(14) *Reflexões criticas*, pag. 10.

sas, que a cada passo se lêem no seu tão querido e gabado Ariosto.

Mas ainda bem que nada do que o critico imaginou veio sequer á cabeça do poeta!... O facto he, que sabendo Camões pela historia que os Mouros daquella costa oriental de Africa pretendêrão armar traição ao heroe portuguez, persuadindo-lhe que em Mombaça havia alguma christandade, a fim de com este artificio o moverem a fundear dentro do porto; lançou mão desta circumstancia para ornar o seu poema; e havendo escolhido a Baccho, como divindade protectora da India, para principal agente dos obstaculos, que os Portuguezes encontrárão no glorioso proseguimento da sua empreza, naturalmente lhe attribuio o fraudulento artificio dos Mouros, e os falsos e fingidos signaes de christandade, com que intentárão illudir os Portuguezes.

O erudito Millié, nas notas ao cant. 2.º, not. 1.ª e 3.ª, adverte que esta ficção tinha hum fundamento historico, e que effectivamente havia em Mombaça christãos da Abyssinia, e hum templo seu, ornado de imagens christãas.

Debaixo deste plano suppoz o poeta (cant. 2.º, est. 10.ª) que aquelle mentiroso Deos

> .... que urdia a falsidade,
> Por ver o navegante destruido;
> Estava n'huma casa da cidade,
> Com rosto humano, e habito fingido,
> Mostrando-se christão, e fabricava
> Hum altar sumptuoso, que adorava.

Suppoz mais, e descreveo a illusoria pintura (est. 13.ª), que ali se apresentou aos olhos dos Portuguezes; a veneração que estes lhe derão

> .... não vendo que enganados
> Os tinha o falso, e santo fingimento.

e finalmente (est. 12.ª) o apparente respeito, com que o mentido sacerdote em honra dos objectos ali representados

> Os cheiros excellentes produzidos
> Na Panchaia odorifira queimava.

Não ha pois aqui *metamorfose* alguma de *Baccho* em *clerigo;* nem *ermida,* nem *painel,* nem *o diabo feito clerigo,* &c. Tudo isto são facecias e donaires, com que o critico costuma desenfastiar os leitores, e dar huma côr engraçada aos seus escriptos, aliás profundos e substanciosos.

Tambem nada ha contrario ás idéas da theologia christãa (cujo systema o critico deve saber), segundo a qual póde muitas vezes o espirito da malicia e da mentira simular com algumas externas apparencias de verdadeira religião os seus perfidos e malignos intentos, a fim de mais facilmente colher no astuto laço os incautos corações dos homens.

Se o poeta referisse singelamente (como quer o critico) o que conta Castanheda no liv. 1.º, cap. 9.º, o critico lhe chamaria então *plagiario,* e miseravel *copista* de *tristissima prosa;* como porém se aproveitou do facto historico para ornal-o com liberdade poetica, he hum extravagante, que *solemnemente delira,* e que tocou as ultimas raias *do ridiculo, do absurdo* e *do aboninavel;* assim

> ... *ambiguis ars stupet ipsa malis!*

O critico rompe neste lugar n'huma invectiva, que em qualquer escriptor methodico e sisudo pareceria hum verdadeiro delirio; tão despropositada he, e tão fóra de tempo, de lugar e de razão!

Queixa-se de Manoel de Faria e Souza, que *deitou a perder o seu mesmo commentado com a prodigiosa e recondita erudição, que intempestivamente acarretou* para o illustrar. Queixa-se de que com este intuito *pozesse em*

frente as passagens originaes de *tantos e tantos poetas italianos* então conhecidos em Portugal. Queixa-se ao mesmo tempo de que estes poetas italianos sejão hoje tão *fatalmente ignorados;* e queixa-se emfim de que os Portuguezes para estrago irreparavel de sua maternal linguagem assentassem que devião preferir a litteratura franceza a outra qualquer erudição.

O nosso objecto não he defender os *Commentarios,* que Faria e Souza fez a Camões, nem avaliar neste ponto o seu merecimento. Basta-nos sómente advertir que á excepção de algumas pequenas, e não muito importantes correcções, que menos prudentemente fez no texto do poeta, em nada mais *o deitou a perder* para os leitores doutos e entendidos; porque estes olhão sempre os *Commentarios* como hum mero subsidio, que póde em algum caso illustrar os lugares mais difficeis, ou menos claros do auctor commentado, e nunca jámais como guia infallivel, da qual nos não seja licito desviar-nos na intelligencia do mesmo auctor.

As passagens originaes dos *poetas italianos* com que Faria e Souza quiz enriquecer e ornar os seus *Commentarios,* nenhum pejo fazem nem ao poeta, nem ao critico. O poeta nada perde com isso; e o critico deve de mais a mais comprazer-se de ver figurar distinctamente a sua muito amada *litteratura italiana.*

Se os poetas italianos conhecidos naquelle tempo em Portugal fossem hoje tão *fatalmente ignorados,* como diz o critico, seria na verdade huma desgraça para a nossa litteratura; mas emquanto elle nos não der outras provas desta ignorancia mais que a sua affirmativa, ousâmos desmentil-o redonda e solemnemente, e protestar pelo credito de muitos eruditos Portuguezes do nosso conhecimento, que lêem com gosto e intelligencia as boas obras antigas e modernas dos mais insignes escriptores italianos.

Finalmente a preferencia que os Portuguezes do seculo passado julgaram dever dar á erudição franceza, era huma preferencia justa e razoavel, fundada na reconhecida vantagem que os escriptores francezes do sempre memoravel seculo chamado de Luiz XIV levavão em geral aos de toda a Europa, e na multidão de excellentes obras de todo o genero, que a França produzio naquella época venturosa da sua litteratura.

Se daqui se seguio o *estrago irreparavel* da nossa linguagem, não he nisso culpada a *erudição franceza;* o mesmo poderia acontecer, e naturalmente aconteceria, se os Portuguezes se inclinassem com preferencia para a litteratura italiana.

Os culpados neste estrago são os máos litteratos e pessimos escriptores, que ignorando a sua propria linguagem, ou desprezando as riquezas, que ella liberalmente lhes offerece, adoptão sem necessidade, sem escolha e sem tino os termos e frases estrangeiras; e só então se persuadem ter escripto bem e polidamente, quando mais se desvião do estilo e maneiras do seu patrio idioma (15).

(15) Sendo o nosso critico tão zeloso da pureza e perfeição da linguagem patria, he de crer, que nada escreva que não seja mui apurado e mui perfeito. Nós portanto, que desejâmos seguir ao menos de longe a mesma trilha, pedimos-lhe muito de mercê que nos explique: 1.º O que he em bom portuguez magnifica tirada; tirada violentissima; absurdo revoltante; sol atufado no mar, &c. (*Reflexões criticas* e *Gama,* pag. 64). 2.º O que significa grupo de vapor (*Gama,* pag. 91); náo supplantada pelo peso da agua (ib., pag. 60); obeliscos que o pé dos seculos supplanta (ib., pag. 194); o Gama dando as costas ao mundo quando desaferrou de Lisboa para o descobrimento da India (ib., pag. 190); e a sepultura comendo a teia á vida transitoria (ib., pag. 37). 3.º Que propriedade tem estes epithetos, remos abutados (ib., pag. 77 e 145); sangue caduco (ib., pag. 69); throno acobertado (ib., pag. 82); fome horrenda de ouro (ib., pag. 38); circulo longo (ib., pag. 78), &c.

Mas bem haja o critico! Elle não he tão cruel que exponha aos nossos olhos as desgraças da litteratura portugueza sem ao mesmo tempo nos dar a este respeito alguma piedosa consolação. Nelle mesmo temos o esteio mais firme e mais seguro da nossa gloria litteraria! Elle mesmo nos diz com exemplar modestia que «he talvez o unico homem em Portugal, que neste seculo frivolo préza a litteratura italiana, e possue com devida estimação os preciosissimos thesouros dos quinhentistas italianos, e dos que tambem os souberão seguir e imitar até á infernal época da revolução». Elle assim o mostra claramente citando nas *Reflexões criticas* a Claudio Tolomei, a Beniveni, a Sanazzaro e ao admiravel Ariosto; e dando-nos deste modo a mais solemne demonstração de que só elle, e ninguem mais em Portugal, sabe prezar e ter em justo valor a litteratura italiana e os seus *preciosissimos quinhentistas!* Com hum litterato deste toque, que cita os auctores italianos, e diz que os préza; que escreve *Sermões* e *Satyras, Considerações christãas* e *Poemas;* que gosta de Lucano e de Ariosto, e despreza e ridiculiza Camões; com hum homem, digo, deste toque nada tem que temer a nossa litteratura portugueza; nada de infausto lhe póde acontecer! Queira a fortuna proteger os seus trabalhos e emprezas litterarias tanto, quanto ellas são uteis á gloria da nação e ao credito da nossa litteratura!

O critico entra finalmente no principal assumpto das *Reflexões,* e para nos não deixar hum só instante duvidosos de qual seja a sua opinião a respeito do *episodio de Adamastor,* de que vai a tratar, estabelece como *thema* e principio geral do seu discurso, que *este episodio he entre os disparates de Luiz de Camões o maior disparate!!!*

Elle por certo não ignora que este immortal episodio tem sido considerado em todos os tempos como hum dos

mais bellos e magestosos ornamentos dos *Lusiadas*, e como huma das melhores e mais sublimes producções do talento poetico. Mas isso mesmo he o que mais desafia a sua raivosa inveja, porque esta paixão insana então se accende em mais furor, quanto mais alto e eminente vê o alheio merecimento, que a humilha.

«O primeiro erro de Luiz de Camões (diz elle, pag. 13) he fazer apparecer este Cabo feito gigante a Vasco da Gama, para se queixar delle como profanador daquella clausura dos mares, que elle ciosamente guardava.»

Este erro só existe na cabeça do critico. He huma impostura o dizer que o gigante se queixa do Gama como primeiro *profanador daquelles mares;* queixa-se sim em geral da gente lusitana, que ousára transpor os vedados limites, e diz no cant. 5.º, est. 41.ª:

> ... Ó gente ousada mais, que quantas
> No mundo commetteram grandes cousas,

aonde se vê claro que falla com a *nação portugueza,* e não com aquella só gente, que então hia navegando; porque logo immediatamente continúa:

> Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
> E por trabalhos vãos nunca repousas:

o que tamsómente se podia dizer dos Portuguezes em geral, e não daquelles poucos que hião na armada do Gama; e o mesmo se collige com igual clareza da est. 42.ª:

> Ouve os damnos de mi, que apercebidos
> Estão a teu sobejo atrevimento
> Por todo o largo mar, e pela terra,
> Que inda has de sobjugar com dura guerra.

Queixa-se depois mais determinadamente *de quem o descobrio;* ibid., est. 44.ª:

> Aqui espero tomar, se não me engano,
> De quem me descobrio, summa vingança.

Esta ameaça do fero Adamastor verificou-se na subita e horrivel tempestade, que no Cabo da Boa Esperança sofreu a armada de Cabral no anno de 1500, perdendo-se ahi quatro náos, e n'huma dellas o illustre e intrepido Bartholomeu Dias, que naquelles mares ficou sepultado.

Mas nem ahi mesmo attribue esta ousada façanha a Vasco da Gama; antes pelo contexto de toda a oitava parece fallar ainda com a gente lusitana em geral; porque diz:

> E não se acabará só nisto o dano
> De vossa pertinace confiança;
> Antes *em vossas náos* vereis cada anno
> (Se he verdade o que meu juizo alcança)
> Naufragios, perdições de toda sorte,
> Que o menor mal de tódos seja a morte.

Mas o critico não se contenta com impor a Camões hum erro que o poeta não commetteo; he de mais a mais contradictorio comsigo mesmo, porque esse erro adoptou-o elle no seu *Gama*, cant. 6.°, pag. 130, aonde introduz o infante D. Henrique, dizendo ao heroe:

> Observa ao Austro a fronte alcantilada
> Do cabo sobranceiro ao mar temido,
> Onde assustado o portentoso Dias
> Mais contrastar não póde as ondas frias.

E logo immediatamente na seguinte oitava com mais clareza:

> A ti só dado foi passar ávante.

E outra vez no mesmo cant. 6.°, pag. 143, mostrando ao Gama o pedestal da sua estatua:

> Nelle esculpido via o já domado
> Cabo *até ali medonho ao navegante.*

E finalmente ainda outra vez no cant. 7.º, pag. 158:

> Temos, bradava o Gama, ó lusa gente,
> Com denodados animos vencido
> Quanto espantoso tinha o mar fervente
> No promontorio *nunca transgredido.*

Nos quaes lugares o critico, não tendo escrupulo algum de hir contra a verdade historica, que tanto mostra zelar em Camões, suppõe que Bartholomeu Dias chegando ao Cabo Tormentoso, *não ousára de assustado contrastar mais o impeto das ondas; que só ao Gama fôra dado passar avante,* que por memoria deste feito se esculpíra no pedestal de seu busto o Cabo *já por elle domado, e até ali medonho aos navegantes;* e finalmente que só o Gama e seus companheiros havião passado o promontorio *nunca transgredido.*

«Não era Vasco da Gama o primeiro, continúa o critico, porque aquelle passo já estava franqueado, e aquelles mares abertos ou descobertos por quasi toda a costa da Cafraria e Ethiopia oriental até o padrão de S. Filippe, posto pelo navegador intrepido Bartholomeu Dias, que passára e repassára o Cabo no reinado de D. João II.»

Confessâmos que não foi o Gama o primeiro que dobrou o Cabo; Camões não contradiz de modo algum esta verdade, como já mostrámos; nem o Gama necessitava de ornamentar-se com alheia gloria para ter hum lugar mui distincto no templo da Fama; antes elle mesmo diz na est. 65.ª do cant. 5.º:

> Aquelle ilhéo deixámos, onde veio
> Outra armada primeira, que buscava
> O Tormentorio Cabo, e, descoberto,
> Naquelle ilhéo fez seu limite certo.

Mas he huma insigne falsidade dizer o critico que aquelles mares já estavão descobertos *por quasi toda a*

costa da Cafraria e Ethiopia oriental; porquanto Bartholomeu Dias não passou além do rio do *Infante,* que fica aos 32 $^2/_3$ gráos da linha equinocial para o sul, e dista do Cabo da Boa Esperança por costa não mais que cento e quarenta leguas (16); e a costa da *Cafraria e Ethiopia oriental* estende-se desde o Cabo até á equinocial, e passa ainda além para o norte da linha, de maneira que contando só desde o Cabo até Melinde, d'onde o Gama navegou a leste, comprehende huma e outra região mais de setecentas leguas de costa. Por onde se vê que da viagem daquelle primeiro insigne e intrepido navegante, apenas ficou descoberta huma pequenissima parte da dilatada costa da *Cafraria* e nada da *Ethiopia,* vindo o critico de hum só rasgo de penna a acrescentar ao descobrimento de Bartholomeu Dias obra de seiscentas leguas, e a collocar o padrão de S. Filippe (como parece do modo com que falla), na costa da *Ethiopia,* que he hum erro grosseiro e apenas desculpavel em algum principiante de geographia.

«Se com effeito Luiz de Camões, acrescenta ainda o critico, não queria perder o episodio, devia fazer dizer a Vasco da Gama... que o gigante apparecêra ao Dias quando dobrou o Cabo, e seguir a historia de sua viagem; porque nem tempestade ali experimentou, quando a 22 de Novembro o passára.»

Se Camões seguisse o desenho que aqui lhe traça o critico, perderia o *episodio* e o poema. O gigante apparecendo ao Dias, não teria ligação alguma, senão mui remota, com a acção do poema; não excitaria o interesse que o poeta intentava, não constituiria a principal difficuldade da navegação do Gama, e não realçaria tanto o merecimento deste heroe.

(16) Barros, Dec. 1.ª, liv. 3.º, cap. 4.º; Castanheda, liv. 1.º, cap. 3.º Manuel Corrêa, commentarios á est. 65.ª do cant. 5.º

Que o Gama não experimentou tempestade alguma, quando dobrou o Cabo a 22 de Novembro, he uma verdade historica; mas tambem Camões não falla de tormenta alguma que ahi sofresse a armada portugueza; e se fallasse, teria por certo tanta liberdade para fingir este, aliás natural e possivel acontecimento, quanta teve o critico para levar toda a frota portugueza *por parte do diabo* ao Estreito de Magalhães, e para depois assombrar com a espantosa tormenta de *penhascos ardentes e montes amassados de eterna neve*, que fizerão tremer e quasi desmaiar o proprio Gama.

Segue o critico disputando a Camões a *originalidade* do quadro de *Adamastor*, e aqui he que elle desenvolve com maravilhosa arte a sua profunda erudição e vastos conhecimentos poeticos. Diz-nos o que he *roubar em poesia*, e parece que não lhe he estranho este talento. Morde de caminho em Virgilio, porque roubou *trasladando litteralmente* os versos de *Homero*, sem dizer quaes. Morde em Camões, porque roubou a *Virgilio* e a *Ariosto principalmente*, trasladando tambem por todo o seu poema os versos de hum e outro. Diz-nos que quem rouba *idéas e imagens* mostra esterilidade na invenção e pertence á classe dos meros versejadores. Deplora a desgraça dos homens, que quasi sempre lêem sem *profunda attenção*. Faz o elogio de *Lucano* e a censura dos que o lêem superficialmente, e por fim de tão longo preambulo nos descobre por muita bondade sua que neste poema latino he que se acha o *fundo ou a idéa matriz do decantadissimo Adamastor*. Este he o ponto. Vamos a ver se elle o prova.

Cesar, tendo resolvido estabelecer o seu poder sobre as ruinas da liberdade romana e das leis da republica, passa os Alpes á frente das legiões armadas do seu mando, e chega á margem do Rubicon, pequeno rio que divide o seu governo, isto he, a *Gallia Cisalpina*, do resto

da *Italia*. Neste passo se detem hum pouco, vacilla e revolve em seu espirito as desgraças de huma guerra civil, e até a contingencia do bom exito da sua empreza. O poeta lança mão desta circumstancia com muito artificio e finge que a imagem da patria, apparecendo ao capitão romano no meio da noite com semblante triste e lacrimoso, braços nús, soltos e desgrenhados os cabellos, lhe diz com palavras misturadas de soluços: «Aonde levaes, ó varões, os vossos ousados passos? Se vindes como cidadãos, se respeitaes as leis, até aqui vos he permittido, e não mais passar ávante.» Cesar se horrorisa, arripiam-se-lhe os cabellos e pára alguns momentos irresoluto; mas fazendo huma breve falla aos deuses, reanima a sua coragem, rompe as difficuldades que a sua propria razão e coração lhe oppunhão ou lhe afiguravão, passa o rio e eil-o nos vedados campos da Italia entregue ao seu destino. Tal he em substancia o *quadro de Lucano* (17), que o nosso critico diz ser *o original de Adamastor*. Vejamos a copia.

Vasco da Gama he encarregado por el-Rei D. Manoel do descobrimento da India. A pequena armada que elle

(17) Lucano, *Civil. Bell.*, liv. 1.º:
Iam gelidas Caesar cursu superaverat Alpes
Ingentesque animo motus, bellumque futurum
Ceperat. Ut ventum est parvi Rubiconis ad undas
Ingens visa duci Patriae trepidantis imago,
Clara per obscuram vultu moestissima noctem,
Turrigero canos effundens vertice crines,
Caesarie lacera, nudisque astare lacertis,
Et gemitu permixta loqui: Quo tenditis ultra?
Quo fertis mea signa, viri? Si jure venitis,
Si cives, hucusque licet. Tunc perculit horror
Membra ducis, riguere comae, gressumque coercens
Languor in extrema tenuit vestigia ripa.
Mox ait: O magnae qui moenia prospicis urbis
Tarpeia de rupe tonans... &c.

capitaneava, navega ao longo da costa occidental de Africa com prospera viagem, e chega a avistar o famoso Cabo da Boa Esperança. Este promontorio parecia ser o limite posto pela natureza á ousada afouteza dos mareantes. O intrepido Dias lhe havia dado o nome de *Tormentoso* por causa dos grandes e grossos mares que ali encontrára, cheios de perigos, de tormentas, de monstros e de mortes. Era hum passo verdadeiramente arriscado e temeroso, que o heroe devia vencer e franquear, para avançar em mares totalmente novos e desconhecidos. Elle o commette. O poeta concebe, com toda a energia e vivacidade do enthusiasmo poetico, a difficil e arrojada situação do seu heroe. Todas as suas idéas se exaltão, se animão e ganhão movimento. O Cabo toma em sua fertil e ardente fantasia a figura de hum gigante horrendo e monstruoso, de feia e medonha catadura, guarda daquelles mares, o qual depois de lançar em rosto aos Portuguezes com palavras pesadas o seu temerario atrevimento, ameaça tomar delles crua vingança, e lhes prognostica para o futuro longas desventuras e espantosos naufragios. O heroe, menosprezando as ferozes arrogancias do gigante, ousa todavia interrompel-o e interrogal-o com superior e quasi sobre-humana firmeza. O monstro, adoçando então hum pouco a sua natural ferocidade, toma nova linguagem e faz ao Gama a narração de suas passadas aventuras, de seus malogrados amores, e emfim de sua transformação naquelle vasto promontorio, pela ira e vingança dos deuses. O episodio acaba, a visão desapparece e o heroe triunfador continúa em sua navegação (18).

Á vista deste desenho, imperfeito na verdade, mas

(18) Os principaes toques deste paragrafo são tirados da memoria do ex.^mo^ Conde da Barca, feita em defeza de Camões, e lida na academia real das sciencias de Lisboa.

não infiel, dos dous quadros, julgue o leitor douto e imparcial se nelles se acha ou póde achar *a mesma imagem analoga e semelhànte* (como diz o critico a pag. 16) (19).

O critico, para dar alguma côr de verosimilhança a esta sua extravagante opinião, faz o parallelo dos quadros com expressões escolhidas muito a seu sabor, e cuida que tendo empregado vocabulos ou frases identicas ou analogas, logo tambem os objectos nos parecem taes. «Cesar e Vasco, diz elle, vão commetter hum arriscado passo: Cesar em transgredir os limites prescriptos pela republica ás legiões armadas, que erão as margens do rio Rubicon; Vasco da Gama em transgredir humas balizas que parecião impostas pela natureza ao atrevimento dos navegadores Portuguezes. Aqui temos os dous heroes em identicas circumstancias.»

Nós porém discorremos de mui differente modo, e havemos que as circumstancias dos dous heroes, longe de serem identicas, são pelo contrario totalmente diversas.

O passo de Cesar era na verdade arriscado; mas não porque a passagem do Rubicon lhe oppozesse alguma grande e quasi insuperavel difficuldade fysica, como era necessario para a supposta *identidade*, e para que este obstaculo podesse comparar-se com o que o Gama encontrou em sua viagem: nem tambem precisamente porque aquelle rio demarcasse os limites prescriptos pela republica ás legiões armadas. Estes *limites prescriptos* sómente vem aqui para combinarem com os outros *limites prescriptos pela natureza aos navegantes*, isto he, para affectar em palavras a *identidade* que não ha nas cousas.

O passo de Cesar era, sim, arriscado, porque este capitão não podia traspassar os limites do seu governo e

(19) A mesma imagem analoga e semelhante, são vocabulos incompativeis. A mesma suppõe identidade, analoga e semelhante suppõe não identidade.

pisar o territorio da Italia á frente de huma força armada, sem se constituir usurpador da auctoridade soberana, inimigo da republica e tyranno da sua patria. A idéa deste crime assustava o general, educado no seio de uma republica que idolatrava a liberdade. A natural firmeza, ou antes dureza do seu coração, o desamparou por hum momento, e a liberdade, sobre quem elle hia a descarregar o ultimo golpe, lhe excitou pungentes remorsos. Este estado de huma consciencia inquieta e agitada era a difficuldade que Cesar havia de vencer. Este estado he o que o poeta quiz pintar, fazendo apparecer ao seu heroe a imagem da patria angustiada e afflicta, como se ella fosse a que lhe inspirára aquelles sentimentos. Nada disto tem o mais remoto parentesco, quanto mais identidade e analogia com a situação do heroe portuguez.

O passo que Cesar vae commetter he arriscado por criminoso, o de Vasco da Gama por extremadamente difficil e arduo. O capitão romano não encontra na passagem do Rubicon outro algum obstaculo senão a sua propria irresolução, incerteza e receio, nascido principalmente da consciencia do seu crime.

O heroe portuguez tem de dobrar hum grande promontorio, estendido longamente em ignotos mares, infamado de tormentas e perigos espantosos, e temeroso aos mais ousados navegantes. Cesar vence a difficuldade que lhe oppõe a sua propria razão e sentimentos, cedendo elle mesmo á força de sua desmedida ambição e desprezando as vozes com que a patria chorosa o chamava aos seus deveres. O seu triunfo he hum crime e o seu heroismo huma verdadeira fraqueza. Vasco da Gama, superior ao timido receio, não hesita nem vacilla; affronta com nobre constancia os perigos, os medos e as tormentas; contrasta com resolução heroica as forças (digamos assim), da propria natureza, e chega em certo

modo a quebrantal-as e vencel-as. O seu heroismo he tão glorioso, quão nobres e virtuosos os motivos que o determinárão, e vantajosas ao mundo as consequencias do seu triunfo. *Aqui temos pois os dous heroes em circumstancias totalmente diversas. Logo o primeiro fundo da scena não foi apanhado de Lucano.* Vamos ao segundo.

«Cesar, diz o critico, hia a passar o Rubicon: aqui temos hum nó que chama naturalmente o maravilhoso sobrenatural». Já dissemos que o nó (se aqui o ha), não consistia precisamente na passagem do Rubicon. O nó estava no coração do usurpador, e o poeta podia fazer-lhe apparecer a imagem da patria, logo que elle deo o primeiro passo para tyrannisar a republica. Aliás a imagem da patria não he trazida aqui para *desatar o nó*, antes para *apertal-o mais*. Consequentemente as palavras de Horacio citadas pelo critico:

> *Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus*
> *Inciderit...*

não tem applicação alguma para o nosso caso, nem são citadas a proposito.

«Personalisa Lucano (continúa ainda o critico), a republica romana, ou a romana liberdade, e faz apparecer rompendo das nuvens e equilibrada nos ares, no meio da mais profunda noute aos olhos do usurpador, huma gravissima matrona de aspecto sombrio, carregado e triste; falla-lhe, afeia-lhe o attentado que vae commetter, lembra-lhe o sangue que vae derramar, as guerras civis que vae accender; e finalmente lembra-lhe a liberdade agonisante, em cujo seio vai embeber o punhal da oppressão e da tyrannia, fallando com tanta força e dignidade, que vos posso certificar que he este o quadro mais acabado da fantasia humana, e que eu mesmo avesado a contemplal-o, porque gosto de Lucano, não posso deixar de me sentir tocado de hum verdadeiro horror e

admiração; he huma das lembranças mais felizes na grande arte de pintar a alma com os pinceis da poesia levantada. Errição-se-me os cabellos, como succedia a Milton com a leitura de algumas passagens de Isaias», &c., &c.

Desculpe-nos o leitor trasladarmos aqui por inteiro este paragrafo das *Reflexões criticas*; porque assim foi necessario para se mostrar ao claro a má tenção com que o auctor procede em tudo quanto diz para deprimir o merecimento de Camões.

He falso que Lucano faça apparecer a Cesar a *republica romana*, ou a *romana liberdade*, mas sim a *patria*.

Ingens visa duci patriae trepidantis imago,

que he idéa mui differente (ou antes differente aspecto da mesma idéa), na consideração moral e poetica.

He falso que a imagem appareça *rompendo das nuvens e equilibrada nos ares*. Esta circumstancia he inventada pelo critico para mostrar analogia entre esta imagem e a de Camões.

He falso que a patria lembre a Cesar o *sangue que vai derramar, as guerras civis que vae accender, a liberdade agonisante, o punhal da oppressão*, &c. Tudo isto he outra vez inventado pelo critico para condizer com as terriveis ameaças de *Adamastor* a Vasco da Gama. A falla que a patria faz a Cesar he a que já repetimos, simples e breve, posto que na verdade energica:

.... quo tenditis ultra?
Quo fertis mea signa viri? Si jure venitis,
Si cives, hucusque licet...............

Não ha em Lucano mais huma só palavra sequer que se attribua áquella imagem.

Finalmente, se este lugar de Lucano he ou não capaz de produzir nos leitores os effeitos *que produzião em Milton algumas passagens de Isaias*, julguem-no os dou-

tos, que sabem sentir e julgar. Nós temos isto por huma especie de blasfemia litteraria, apezar de confessarmos que esta ficção de Lucano he bella, ainda que por desgraça seja a unica que se encontra em toda a *Farsalia.*

O critico recapitula emfim as *identidades, analogias e semelhanças* que acha nas duas imagens, e diz com muita satisfação: *ambas são imagens fantasticas, ainda que differentes entre si,* como pedião *as circumstancias.* Mas se as *circumstancias* dos dous heroes erão ha pouco *identicas,* como são agora *differentes?* E se as imagens fantasticas são *differentes* como podem ser *identicas e analogas?* A palavra *differente* exclue a *identidade e a semelhança.* Veja pois o critico em que difficuldades se vai mettendo!

«A Cesar (diz elle mais) apparece a imagem da republica que elle hia tyrannisar; a Vasco da Gama a imagem do Cabo que elle hia a passar. A apparição da republica a Cesar he feita de noute: a apparição de Adamastor tambem he de noute. Logo temos duas imagens que apparecem de noute, e nada mais. Tambem as imagens de *Heitor* e de *Venus* apparecem de noute a *Eneas, (Eneida,* liv. 2.º, v. 270.º e v. 589.º), e ninguem dirá que estes dous bellos quadros de Virgilio são os originaes de Adamastor. Tambem os rios Indo e Ganges apparecem de noute a el-Rei D. Manoel debaixo de imagens fantasticas (*Lusiadas,* cant. 4.º; est. 71.ª), e não são copias do quadro de Lucano, &c.

Ambos os fantasmas rompem do seio de carregadas e espessas nuvens. Já dissemos que não ha esta circumstancia em Lucano, e nem huma só palavra que a dê a entender. O poeta só diz que a imagem apparecêra a Cesar por huma noute escura.

.... *Patriae trepidantis imago*
Clara per obscuram *vultu moestissima* noctem.

Ambos (conclue emfim o critico) na essencia, no tempo e no lugar, nos fins ou nos motivos finaes do seu respectivo apparecimento conservão visivel identidade. Se a essencia de hum quadro consiste precisamente em ser *imagem fantastica*, concedemos que os dous quadros de *Lucano* e *Camões* tem *visivel identidade*, mas nesse caso tambem serão *identicos* os quadros que nos mostrarem, v. g., a *Primavera* na figura de huma bella rapariga coroada de rosas; a *Morte* na de hum mirrado esqueleto armado de fouce; e o *Amor* na de hum menino travesso com sua aljava e settas, &c., porque em realidade todos estes quadros são *imagens fantasticas*.

O *tempo*, em que a imagem apparece, nada tem com a natureza do quadro, e sómente serve no nosso caso para fazer verosimil a illusão, que os dous poetas intentárão.

O *lugar*, que sendo considerado fysicamente, he diversissimo em Lucano e em Camões, não o he menos na consideração poetica, e com respeito á acção; porquanto aonde a historia diz que Cesar *vacillára*, ahi concebeo o poeta a imagem da patria, inspirando-lhe os receios e remorsos que o agitavão; e pelo contrario, aonde a historia diz que Vasco da Gama *affrontára denodadamente o cabo*, ahi finge Camões o gigante queixando-se do seu arrojo e ousadia. O succeder o primeiro facto *á margem de hum rio*, não lhe dá com o segundo mais identidade ou analogia do que na verdade ha entre o alto e tempestuoso mar, e hum pequeno riacho que segundo o proprio Lucano:

Fonte cadit modico, parvisque impellitur undis.

Ultimamente até os *motivos finaes* das duas apparições são differentissimos entre si, porque a imagem da patria em Lucano lembra a Cesar os deveres que tem como cidadão romano, e intenta suspender os effeitos da sua criminosa ambição; a imagem de Adamastor em Ca-

mões queixa-se da affronta recebida, e pretende com terriveis e espantosas ameaças desviar o heroe de huma empreza util e gloriosa. Por onde os motivos finaes do primeiro apparecimento não semelhão como os do segundo, *senão* sómente na idéa mui generica de *desviar o heroe do commettimento intentado,* o que não basta para constituir a supposta identidade, aliás todos quantos quadros se encontrassem na poesia tendentes a *desviar alguem de alguma empreza,* ou *a fazer-lh'a commetter* serião respectivamente identicos nos seus *motivos finaes,* que he hum absurdo inadmissivel, e que não cabe em algum bom juizo.

Reduzindo-nos agora a poucas palavras: o que constitue a semelhança dos dous quadros deve procurar-se na *invenção,* no *desenho* e na *execução.*

Na *invenção,* he de leve esforço para qualquer mediocre engenho levantar na fantasia a *imagem da patria,* isto he, de hum *ser moral,* a quem na propria linguagem ordinaria e familiar personalisâmos, e attribuimos o nome, as propriedades e os caracteres de huma verdadeira *mãe;* mas he de huma força extraordinaria e não vulgar de imaginação, criar e animar a imagem de hum *ser bruto e insensivel,* que não offerece (digamos assim) hum só ponto de contacto com os seres animados, que conhecemos e tratâmos. Este he verdadeiramente o gosto da sabia primitiva antiguidade, que descrevendo em formosas e bem achadas allegorias os seres fysicos e as suas qualidades e relações, povoou o Ceo de divindades e a terra de heroes, e poz em acção e movimento toda a natureza.

No *desenho,* pouca arte tambem he precisa para delinear com regularidade e proporção a imagem da patria debaixo da figura de huma mulher, de que a natureza nos offerece tantos modelos, e para indicar em seus attributos as particulares qualidades que se lhe querem

attribuir. Mas he preciso por certo genio mui superior para desenhar com proporções convenientes hum gigante de feia e horrenda catadura, cujo modelo sómente póde existir na fantasia do artista, e para indicar e exprimir com attributos proprios o objecto fysico a que se refere a imagem e as suas principaes qualidades e relações.

Na *execução,* he bem de ver que não ha neste ponto analogia alguma entre os dous quadros; e basta para demonstração disto a simples leitura de hum e outro poeta. Pelo que, e por não abusarmos mais da paciencia dos nossos leitores em cousa tão manifesta, nos dispensâmos aqui de mais extensas reflexões a este respeito.

«Passemos (diz o critico) a ver como não só o desenho do quadro he emprestado e alheio; mas até o mesmo colorido... Começa pelo vôo da nuvem, que vem pousar sobre a cabeça do Gama.»

Esta *nuvem a voar,* e depois *pousada sobre a cabeça do Gama,* he toda invenção e desordenada fantasia do nosso critico. Em Camões não se lê nem *nuvem a voar,* nem *nuvem pousada.*

O critico acaso não entendeo a verdadeira significação da proposição *sobre,* de que usou o poeta neste verso:

Sobre nossas cabeças apparece

Pouco importa que elle se lembre neste lugar dos versos de Virgilio, no liv. 3.º, v. 194.º:

.... caeruleus supra caput adstitit imber,
Noctem hiememque ferens; et inhorruit unda tenebris.

E que tambem julgue esta que chama *imagem* litteralmente *apanhada* de Beniveni, na egloga 3.ª:

Subito d'atra nube un denso velo
L'aria coperse.

Semelhantes reflexões são de mui pouca monta aos olhos do leitor judicioso, e sómente servem para mostrar o curioso empenho, com que o critico busca todos os meios de vilipendiar o merecimento do nosso poeta, como se Camões não fosse capaz de produzir estes dous versos:

> Uma nuvem, que os ares escurece,
> Sobre nossas cabeças apparece,

sem os hir mendigar aos poetas latinos ou italianos! Mas dado que entre os lugares apontados haja a analogia, que o critico lhe suppõe, o negar por isso a originalidade do grande quadro de Adamastor, ou ainda do seu colorido, e o sublime magisterio do poeta portuguez, seria o mesmo que censurar alguma das immortaes pinturas de Rubens ou de Rafael, só porque nella se achasse hum pequeno rasgo ou linha, que tivesse semelhança com a de algum outro pintor.

Não he menos insensata a outra reflexão, que faz o critico a respeito destes versos da est. 33.ª:

> Bramindo o negro mar de longe brada,
> Como se desse em vão n'algum rochedo.

porque confessando, á pura força da verdade, que *esta imagem he grande e pomposa*, logo deprime o merecimento de Camões com que he *manifesta traducção* dos versos de Virgilio:

> *Et gemitum ingentem pelagi, pulsataque saxa*
> *Audimus longe, fractasque ad littora voces.*

sobre o que, não nos atrevendo a mandar o critico á escola para aprender melhor o que he *traducção*, sómente lhe advertimos que aqui são cousas mui differentes *imi-*

tar e traduzir, e que o nosso poeta, se porventura teve o designio de imitar neste lugar a Virgilio, o fez por certo com grandissima vantagem ao poeta latino, cujos toques não são de tão facil effeito como os de Camões; e bastaria para o mostrarmos analysar simplesmente a combinação de sons e articulações que Camões escolheo com tanto gosto e discernimento para dar energia e vivacidade á sua pintura, e comparal-as com as que se acham empregadas pelo poeta latino.

Segue-se (diz o critico) *a soberba pintura do gigante;* soberba na verdade, e digna de admiração de todo o homem que tem gosto em poesia; mas o critico não póde sofrer que Camões produza cousa alguma boa; e nesta mesma bellissima e incomparavel pintura vem lançar com sua mão impura algumas nodoas, que a desfigurem, se possivel for.

Acha em primeiro lugar que este retrato de Adamastor *começando com pompa, acaba ridiculamente com o verso*

A bôca negra, os dentes amarellos.

E as razões, que dá deste seu juizo, são mui singulares, e (se havemos de dizer o que entendemos) verdadeiramente *ridiculas*.

Diz que *esta circumstancia não caracterisa hum gigante, e póde ser propria de qualquer pigmeo;* sem advertir que Camões não quiz sómente pintar hum *gigante*, mas hum gigante *feio* e *horrendo;* não só quiz mostrar a grandeza desmedida do seu corpo monstruoso, mas tambem a horrenda catadura do seu semblante, e isto com côres apropriadas á natureza do monstro que descrevia. Por onde a *bôca negra* e *os dentes amarellos* ficam sendo de grande belleza neste lugar, e acabão perfeitamente o quadro, que o poeta traçára em sua fecunda imaginação.

Se Camões houvesse de excluir deste painel todas as circumstancias, que não dizem respeito *á grandeza corporal* do gigante, limitar-se-hia sómente aos primeiros tres versos desta estancia:

> Não acabava, quando huma figura
> Se nos mostra no ar, robusta e válida,
> De disforme e grandissima estatura,

e omittiria tudo o mais, que *póde ser proprio de qualquer pigmeo;* porque na verdade hum pigmeo póde muito bem ter

> O rosto carregado, a barba esqualida,
> Os olhos encovados, e a postura
> Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
> Cheios de terra, crespos os cabellos,
> A bôca negra, os dentes amarellos.

Mas nesse caso desappareceria totalmente a pintura, e bem que o critico ficasse contente e satisfeito, nós perderiamos hum dos mais bellos quadros que se encontrão na poesia heroica.

Mr. Parseval Grandmaison, no seu poema intitulado *Amores epicos,* não duvida caracterisar a ficção do *Adamastor* como *a obra prima da epopeia.* «*La fiction du géant Adamastor est peut-être le chef-d'œuvre de l'épopée*».

Diz em segundo lugar que *he huma grande inverosimilhança dizer-se o retratista* (isto he, o Gama) *aterrado com a vista do gigante, com o fragor dos mares, com a obscuridade e densidade da nuvem, &c., e ficar-lhe ao mesmo passo tão livre a attenção, que lhe não escapasse o accidente da côr amarella dos dentes.*

Nós perguntâmos ao critico aonde se confessou o Gama *aterrado* com esses espantos? Se elle fosse tão medroso como isso, não acabaria a sua empreza; e se con-

fessasse o seu medo, nunca seria cantado por Camões. Leia o critico a est. 49.ª, aonde o Gama diz:

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado, &c.

veja se o Gama ficou com effeito tão *aterrado* com a visão, e tão perturbado de medo, que não podesse ver as feições do gigante?

Diz ultimamente que o excellente verso do poeta:

O rosto carregado, a barba esqualida

he tomado de Sanazzaro, na eglog. 8.ª da celebre *Arcadia:*

Con chiome irsute, e con la barba escalida.

Mas nós não achâmos identicas em hum e outro verso senão as duas palavras *barba esqualida;* e não julgâmos que Camões precisasse de fazer tão mesquinho furto ao poeta italiano. Antes se o critico escrevesse de boa fé, e tivesse a erudição, que tanto alardeia, mais depressa acharia o verso inteiro do seu Sanazzaro tomado de Virgilio, no liv. 2.º, v. 277.º:

Squalentem barbam, et concretos sanguine crines.

«Isto (continua o critico) he por miudo; porque a pintura em grande he roubada ao sempre roubado Ariosto; porque não ha huma só oitava nos *Lusiadas* que cheire a poesia, que não seja roubada litteralmente a Ariosto» (20).

(20) Admira na verdade que, vendo e notando o critico tantos furtos feitos por Camões a Ariosto, não tenha visto os que Ariosto (muito mais á escancara, como dizem) fez a outros poetas. Para

Para nos dar huma prova desta insigne falsidade deixa o critico por hum pouco o *Episodio de Adamastor*, que he do que se trata, e vae buscar ao cant. 4.º de Camões a bellissima est. 28.ª

Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artábro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso,
E as mães, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram:

da qual diz mui desassombradamente que he roubada a Ariosto. O lugar do poeta italiano, que o critico não cita (acaso para evitar o exame), he no cant. 27.º, est. 101.ª A oitava he esta:

Tremò Parigi, inturbidossi il Senna
A l'alta voce, aquell'orribil grido:
Ribombò il suon fin a la selva Ardenna
Si che lasciar tutte le fiere il nido.
Udiron l'Alpi, e il monte de Gebenna,
Di Blaja, e d'Arli, e di Roano il lido
Rodano, e Sònna udì, Garonna, e il Reno
Si strinsero se madri i figli al seno.

Á vista destas duas oitavas decidam os nossos leitores, se a de Camões se póde dizer furtada a Ariosto; se não he mui superior a esta ultima na força, vivacidade e energia da expressão; e se ha paciencia que seja bastante a supportar os impertinentes disparates do critico e a sua petulante mordacidade! Digão-nos se na oitava de Ariosto

exemplo contentâmo-nos com citar sómente o cant. 10.º do *Orlando furioso*, que desde a est. 20.ª até 34.ª he copiado quasi á letra de Ovidio, nas *Heroides*, epist. 10.ª

se acha hum verso tão harmonioso como este do poeta portuguez:

> Horrendo, fero, ingente, e temeroso?

huma hypotiposis tão viva como a do terceiro e quarto verso:

> .... Guadiana
> Atraz tornou as ondas de medroso! (21)

e huma expressão tão feliz como a do sexto verso:

> Correu ao mar o Tejo duvidoso!

Digão-nos emfim se a ultima circumstancia descripta nos versos setimo e oitavo de Camões (que he a unica em que conformão os dous poetas) não he mui superior á de Ariosto em harmonia e elegancia, e sobretudo no optimo emprego daquelle diminutivo *filhinhos*, que tanta graça e sensibilidade acrescenta a esta imagem! Mas estas bellezas só as póde julgar quem sabe sentir; e nós temos o desgosto de não poder esperar tanto do nosso critico.

Tornemos a Adamastor (diz elle), cujo retrato he copia da pintura original de Ariosto, quando descreve o gigante Brunel no cant. 3.º, est. 72.ª:

> .... *ha il capo ricciuto*
> *Le chiome ha nere, ed ha la pelle fosca*
> *Pallido il viso, oltre il dover barbuto*
> *Gli occhi gonfiati, e guardatura tosca,*
> *Schiacciato il naso, e nelle ciglia irsuto.*

O critico falla sempre na errada opinião de que *he elle o unico homem em Portugal, que neste seculo frivolo préza a litteratura italiana;* porque se elle entendesse que al-

(21) Bella imitação de Virgilio, *Eneida,* liv. 8.º, v. 240.º:

> *Dissultant ripae, refluitque exterritus amnis.*

guem mais sabia ler Ariosto, certamente não escreveria com tão ousada e presumpçosa temeridade.

Este *Brunel,* que o critico chama *gigante,* não he *gigante* em *Ariosto,* como se vê de todo o contexto deste poeta no lugar citado, e muito especial e claramente dos primeiros dous versos da oitava, omittidos muito de proposito pelo critico:

La sua statura, acciò tu lo conosca,
Non è sei palmi, ed ha il capo ricciuto, &c.

As feições, que Ariosto lhe attribue, tambem não são as feições de Adamastor, nem com ellas se parecem. Em Adamastor não achâmos *pelle fusca, cabellos negros, barba povoada, olhos papudos, vista turva, nariz escachado, celhas hirtas,* &c. Ainda menos achâmos em Camões cousa alguma que se pareça com os dous máos versos que fechão a oitava de Ariosto:

L'abito, acciò ch'io lo dipinga intero,
E'stretto, e corto, e sembra di corriero.

Como he pois possivel que, sem extrema ignorancia junta com a mais atrevida e desfaçada presumpção, nos diga o critico que esta pintura he o *original do retrato* de Adamastor, e que *são estas as fontes, donde correo o immortal episodio* de Camões?

Daqui passa o critico á metamorfose de Adamastor, e sem ceremonia decide que *he identica sem omittir cousa alguma notavel* com a do *Astronomo Atlante* descripta nestes versos de Ovidio, liv. 4.º das *Metamorfoses,* fab. 4.ª:

Quantus erat, mons factus Atlas: Jam barba comaeque
In silvas abeunt; juga sunt humerique, manusque;
Quod caput ante fuit, summo est in monte cacumen;
Ossa lapis fiunt; tum partes auctus in omnes
Crevit in immensum..., &c.

Mas nós com igual semceremonia lhe respondemos que não ha nos versos de Ovidio huma só circumstancia de que Camões se valesse na sua metamorfose, á excepção daquellas palavras *Ossa lapis fiunt,* que o poeta portuguez mui felizmente traspassou neste verso:

Em penedos os ossos se fizeram.

Tudo o mais da metamorfose he apropriado, como devia ser, ás particulares circumstancias de Adamastor; nem era possivel que o superior genio de Camões não conhecesse, ou não aproveitasse estas circumstancias, e as vantagens poeticas, que ellas lhe offerecião, para imaginar huma transformação differente de todas as que achâmos descriptas no poeta latino.

Aquella mesmissima oit. 56.ª (continua o critico) que a todos parece tão bella, e que até no discurso preliminar do P. Aquino vem citada como hum modelo de poesia:

Oh! que não sei de nojo como o conte, &c.

he furtada, meu Attico, he furtada... A primeira idéa foi tomada de Ovidio:

Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui, &c.»

O critico he tão infeliz que, para aniquilar o preço dos melhores lugares de Camões, se vê obrigado a mostrar, ou que não entende o latim, ou que a sua paixão o desatina a tal ponto, que parece não o entender.

O que Ovidio quer dizer no lugar citado (*Heroides,* epist. 10.ª, v. 49.º, he que Ariadne, havendo sido desamparada por Theseo, hia muitas vezes á praia, onde elle embarcára, e que ahi assentada em *hum penedo, e immovel como o mesmo penedo,* lamentava em silencio a sua saudade, e a ausencia do seu amante:

Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi;
Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui.

O pensamento de Camões he mais bello, mais vivo, mais animado; a imagem mais energica, a frase mais elegante, mais nobre e mais expressiva.

As palavras de Ovidio foram sim *copiadas litteralmente,* mas foi por Ariosto, no cap. 10.°, oit. 34.ª:

> *Or si ferma su un sasso, e guarda il mare,*
> *Nè men d'un vero sasso un sasso pare:*

e pessimamente imitadas pelo critico no seu *Gama,* cap. 2.°, pag. 47:

> O corpo immobil, taciturno, e quedo (22),
> Julgar-se póde parte do penedo.

assim como depois imitou tambem pessimamente a Camões no outro lugar do *Gama,* cap. 4.°, pag. 96:

> Como a par d'um rochedo outro rochedo,
> Mudos, quedos estão no alpestre monte
> Um Luso, e outro Luso, immobil, quedo,
> Estatico se olhava fronte a fronte.

Temos visto até aqui que o critico, quando imputa algum furto a Camões, não se contenta de apontar hum só poeta roubado, mas nomeia dous ou tres, com o intuito certamente, ou de ostentar a sua vasta lição, ou de segurar deste modo a sua calumniosa impostura.

Aqui segue fielmente o mesmo methodo. A primeira idéa da excellente est. 56.ª *foi tomada em Ovidio, que Camões lia muito. Todos os outros atavios são do fertilissimo e inexaurivel Ariosto; e Claudio Tolomei, mais antigo ainda que Ariosto, deo a Luiz de Camões a famosissima oitava por inteiro* (23).

(22) Corpo taciturno certamente não he de Ovidio, nem de Ariosto, nem de Camões.

(23) He bem digno de admiração, e não menos de inveja, o espirito analytico e esmiunçador do nosso critico. Elle sabe com

De Ovidio já fica dito. *Os atavios* descobre-os o critico em Ariosto; mas como os descobre? Vai buscar ao cant. 22.º, est. 3.ª, do poeta italiano estes dous versos:

Rimase alfin con gli occhi, e con la mente
Fissi nel sasso al sasso indifferente.

Torna depois atrás ao cant. 10.º, oit. 34.ª, para achar o outro verso:

Nè men d'un vero sasso un sasso pare,

e unindo os tres versos, como se fossem seguidos no poeta italiano, julga que tem enganado os leitores, e demonstrado o seu intento.

Nós (desprezada, como merece, a ridicula e miseravel astuçia do critico) entendemos que os versos citados

admiravel arte dividir e subdividir os objectos, voltal-os de todos as faces, contemplal-os a differentes luzes, e achar tudo quanto quer, e aonde quer! Quando trata do episodio de Adamastor divide o pobre gigante em idéa matriz; imagem ou quadro, colorido ou accidentes; pintura ou retrato por miudo; pintura ou retrato em grande; metamorfose; e outras miudezas. A idéa matriz e imagem diz que são de Lucano; ou colorido, ou accidentes de Virgilio, Beniveni, &c., a pintura por miudo de Sanazzaro; o retrato em grande de Ariosto; a metamorfose de Ovidio. A est. 56.ª, que ainda pertence ao episodio, he tambem dividida em primeira idéa, atavios, e oitava por inteiro. A primeira idéa he de Ovidio; os atavios de Ariosto; a oitava por inteiro de Tolomei, &c. De todos estes retalhos destramente compaginados por Camões (como diz o critico) he que resultou o maior dos seus disparates, a maior de suas incoherencias, porque no grande episodio de Adamastor quiz o fado que não houvesse circumstancia alguma, por minima que fosse, que se não tomasse fiada dos latinos e italianos. Pouco adiante ha de dizer-nos que no episodio ha cousas, que são privativamente de Camões; e que nestas he que se acha o ridiculo, o absurdo, o inverosimil, o pueril, &c. Eis-aqui o que he fallar em portuguez claro, e discorrer sem o mais ligeiro viço de prevenção!

de Ariosto, ou se considerem separados, como vem no poeta, ou unidos, como vem no critico, nenhum parentesco tem com a inimitavel oitava de Camões, salvo se para isso basta fallarem mais de huma vez em *penedo*. Faça o leitor alguma reflexão, e dispense-nos de gastar mais tempo em cousa tão obvia e tão palpavel.

Mais facil nos parece de crer que o verso de Tolomei:

Qui mirar me par quella, e miro un sasso

désse occasião á lembrança de Camões; mas dado que assim fosse, que differença de hum a outro! Qual poeta se envergonharia de tão feliz roubo! Qual pelo contrario se não jactaria de furtar por tão admiravel modo!...

«*Até aqui* (diz o critico a pag. 24 ao seu Attico) *não vemos mais que infecundidade na alma do poeta... e para salvar a honra de Camões, eu direi que foi preguiça!*» Nós não podemos culpar de *infecunda a alma* do critico, nem tão pouco precisâmos de dar-lhe a desculpa de *preguiçoso*. As *Reflexões criticas* mostrão quanto elle he fecundo em embustes, falsidades, ignorancias e mentiras; e que todos estes avessos longe de terem origem, talvez innocente na preguiça, nascem pelo contrario da sua activa e raivosa inveja, da sua desmedida presumpção, e da sua ignorancia atrevida e insolente.

Agora vejamos o que he *privativamente de Camões*, e descobriremos que tudo he *ridiculo, absurdo, inverosimil e pueril*. Sigâmos o critico, para vermos e admirarmos como elle nos demonstra cousas tão novas e tão inauditas!

A sua primeira reflexão he que o nome de *Adamastor se encontra unicamente em Claudiano*. Mas ou se encontre só em Claudiano, ou tambem em outros auctores, ou em nenhum, nada se segue dahi para o louvor ou censura do poeta; e pelo que toca ao critico, já ficâmos

sabendo que tambem tem lição de Claudiano, e de todos os mais escriptores antigos e modernos, em que podia encontrar-se o nome de Adamastor!

O nome de *Adamastor,* ou fosse tirado de Claudiano, ou fosse inventado por Camões, mostra o singular tino, discrição e gosto com que o immortal poeta escrevia. *Adamastor* he formado do grego *adamastos,* que quer dizer *indomavel,* composto do *a* privativo e do verbo *damaò* (domar). Não era facil achar hum nome mais apropriado ao objecto que o poeta queria designar.

Nota mais que o gigante sendo irmão daquelles que quizerão, pouco tempo depois da formação do mundo, dar huma escalada ao Ceo, não entrasse todavia nesta conjuração, visto que *a sua teima era andar em busca da armada de Neptuno.* E aqui diz o critico cousas mui galantes para ridiculizar a *patente de capitão do mar,* que suppõem em Adamastor, e as *náos de linha de Neptuno,* e a *esquadra do gigante,* &c.

Aos motes e facecias do critico nada respondemos, porque ainda não estudámos a sua linguagem. Ao que póde porém haver de serio, ou parecel-o na sua nota, contentâmo-nos com repetir a excellente e judiciosa reflexão do *Investigador portuguez em Inglaterra,* n.° 12, pag. 38:

«A sagacidade do poeta (diz o douto auctor deste artigo) não he menos conspicua em escolher da mythologia hum gigante, não que tivesse escalado os Ceos, mas que tivesse acommettido o imperio das ondas, e que mui propriamente increpa da maneira mais energica e tocante os Portuguezes da mesma temeridade, e os ameaça com o seu castigo e mais terriveis desastres. Isto he que se chama crear; isto he apresentar o sublime em todas as suas relações», &c.

Por outro lado não julgâmos que a ficção da *armada de Neptuno,* ou da *armada de Adamastor,* e o nome, que

a este se dá, *capitão do mar* seja mais inverosimil, ou mais ridiculo, ou mais digno dos motejos do critico, do que a idéa da *carroça e cavallos de Neptuno*, em Virgilio, liv. 1.º, v. 160.º; a dos *cavallos e coche do sol*, em Ovidio, *Metamorfoses*, liv. 2.º, e outras muitas semelhantes, com que os grandes genios tanto tem enriquecido e aformoseado o vasto imperio da poesia.

Tampouco se devem attender os ridiculos e pouco decentes motejos, com que o critico censura os amores de *Adamastor* com *Thetis*, e a intervenção de *Doris* no manejo destes amores. O critico olha para estas ficções, como o espectador idiota olharia para hum bello quadro allegorico, do qual ignorasse a substancia e o valor. A sua alma parece absolutamente inaccessivel aos deliciosos sentimentos, que costumão produzir as graças encantadoras da sublime poesia.

Os amores de Adamastor com Thetis são mui judiciosamente e com grande arte introduzidos neste episodio, para servirem de fundamento á transformação do gigante naquelle vasto promontorio, e para fazerem até interessante a sua situação. Eis-aqui o que a este respeito diz a memoria, que já citei, e a cujas reflexões se não póde negar mui distincto merecimento.

«Mr. de la Harpe (diz ella) acha que a fabula dos amores de Adamastor para com Thetis he pouco interessante. Esta sua opinião he mais huma prova de que elle não sentio o poeta. Camões, sempre extraordinario neste episodio, me parece ter superado huma difficuldade quasi invencivel, quando depois de ter infundido espanto pelo primeiro aspecto e pela falla de Adamastor, acha o segredo de attrahir sobre este monstro pela sua segunda falla huma especie de interesse, e até de compaixão, diminuindo assim o terror, que as suas primeiras ameaças infundirão nos companheiros do Gama. Era natural que estes constrangessem o seu chefe a voltar á patria;

mas o poeta, humanisando de alguma sorte Adamastor na segunda falla, destroe assim o effeito da primeira; as difficuldades serão vencidas, e o cabo será dobrado», &c.

A intervenção de *Doris* nestes amores nada tem de inverosimil segundo a idéa que a fabula nos dá das suas divindades. O critico censura a Faria e Souza, porque querendo explicar a propriedade, com que o poeta escolhêra a Doris para aquelle ministerio, diz que *era já velha,* e em abono da sua censura traz a grande razão de que as *divindades não estão sujeitas ás injurias do tempo e da velhice!* Oh que bella razão por certo! quanto he filosofica! quanto digna dos talentos do critico! Ovidio a ignorava quando disse no liv. 11.º das *Metamorfoses:*

> *Namque* senex *Thetidi* Proteus; *Dea, dixerat, undae,*
> *Concipe: mater eris* juvenis, *qui fortibus actis*
> *Acta patris vincet...,* &c.

Virgilio a ignorava quando no liv. 7.º da *Eneida,* v. 308, pôz na bôca de Juno estas palavras:

> *Ast ego, magna Jovis conjux, nil linquere inausum*
> *Quae potui* infelix, *quae memet in omnia verti,*
> Vincor ab Aenea...

E Homero tambem a ignorava, quando nos pintou os seus deoses sujeitos a todas as paixões, enfermidades e fraquezas humanas, derramando lagrimas, dando suspiros, e até algumas vezes feridos pelos homens, como *Marte* por *Diomedes,* &c.

Se Doris era, ou não, mais velha que Thetis, *apezar de ser esta já então cazada com Peléo, e mãi de filhos,* examine-o o critico, se podér, na genealogia destas divindades; mas saiba desde já (para se não equivocar no exame) que ha na fabula duas pessoas diversas com nomes

semelhantes, mas diversamente escriptos, a saber *Thetys* e *Thetis*. A primeira, filha de Urano e da Terra, rainha do mar, cazada com o velho Oceano, e mãi das ninfas do mar, da qual falla o nosso poeta no cant. 1.º, est. 16.ª, e depois no cant. 9.º. A segunda, mais moça, simples Nereida, mulher de Peleo, a qual o poeta chama *princeza das agoas*, e della falla neste episodio (cant. 5.º, est. 52.ª, 55.ª e 59.ª) Em paga desta noticia pedimos ao critico mui encarecidamente que nos diga tambem quem he aquelle *D. Leonardo de Sá*, que elle faz morto na costa da Cafraria em companhia de *Manoel de Souza de Sepulveda*, quando (a pag. 28 das *Reflexões criticas)* falla tão lepidamente do *dom de profecia de Adamastor!* (24).

Na *logração que Thetis e Doris pregárão ao gigante* (esta he a linguagem gravissima e decentissima com que se explica o critico) não ha *metamorfose alguma;* nem *o gigante era cego*, como o mesmo critico mui avisadamente nos adverte, nem a *pedra estava ali*, nem nós sabemos *quem a poz, quem a fez, quem a trouxe, e quem a afeiçoou em Thetis*. E na verdade como poderiamos hoje saber ou averiguar, depois de passados tantos seculos, esta formosa antigalha, para desatarmos o implicado nó com que se acha preso o nosso critico?... Mas então lhe poderemos acaso explicar esta difficuldade, quando elle nos disser por que artes o *senhor do inferno* pôde tirar das montanhas de Java hum *penhasco ardente*, dissolver com elle *montes amassados de neve eterna*, que

Em grandes massas pelo mar *escoão;*

arremessar contra as náos portuguezas (ao passar o cabo

(24) O critico ignorava que a formosa e infeliz esposa do Sepulveda se chamava D. Leonor de Sá, e por isso a transformou em D. Leonardo de Sá. Esta transformação não he por certo apanhada a Ovidio, nem a Camões!

da Boa Esperança) *congellados montes e frigidos colossos;* excitar por este modo huma tempestade *milagrosa* por ser

> Do mundo ás leis universaes alheia!

e de mais a mais aterrar ainda os pobres navegantes com a pavorosa apparição de hum *fantasma*, que ao mesmo tempo

> Que a terrivel catastrofe carpia,

lançava contra os Portuguezes soberbas ameaças, lembrava-lhes com grande tino politico que

> Hum reino em sangue, em lagrimas fundado
> Não póde ser feliz, nem permanente;

e finalmente se desfazia em *centelhas fulgurantes*, fazendo que as *ondas ao longe parecessem transformar-se em chamma pura*, ou em *brilhantes fosforos*, &c. (25).

O critico, sempre benigno e sempre propenso para o bem, lá acha todavia *alguma desculpa* ás incoherencias de Camões na *precipitação com que elle escrevia e rimava tudo quanto lhe lembrava*. O que porém lhe não póde desculpar, são *as faltas de juizo!* A polida frase, de que aqui usa o critico, he tomada ao padre Rapin, que tambem diz que Camões *n'a point de jugement*. Este padre Rapin he o mesmo que escreve que *os versos de Camões são tão obscuros que poderião passar por mysterios (sont si obscurs qu'ils pourraient passer pour des mystères)*. Hum estrangeiro, que não sabe a lingua portugueza, e que assim ousa censurar o poeta portuguez, merece desprezo. Hum portuguez que o segue e copia, e repete os seus absurdos, não sabemos o que merece, nem que nome

(25) Esta altissima poesia he toda do critico no seu *Gama*, cant. 7.º, e certamente não he furtada! ... Quem assim escreve, forçosamente deve achar desvarios em Camões!

decente se lhe possa dar, e huma das mais notaveis, que nelle descobre, consiste em que o *gigante tendo mudado da natureza sensivel e intelligente para huma natureza insensivel, e isto pouco depois do desenvolvimento do cháos, fosse tão geografo e tão estudioso, já feito montanha, que tivesse conhecimento e lição do grego Ptolemeo, de Strabão, de Pomponio Mela, e de Plinio o naturalista,* &c.

Mas a falta de juizo (se nisto ha alguma), está toda na má cabeça do critico. O Adamastor, ou fosse *gigante,* ou fosse *montanha,* he certo que era guarda daquelles mares desde tempos antiquissimos que *tocam quasi no principio do mundo* (como sabe o critico), e guarda tão esperto e vigilante, que lhe não escapárão as primeiras duas pequenas náos com que Bartholomeu Dias ousou reconhecel-o e violar a sua jurisdicção. Sabia por consequencia muito bem que nunca ali havião passado Gregos nem Romanos, nem outros alguns povos de que os escriptores destas duas nações tivessem noticia; de maneira que ainda sem lição nem estudo algum bem podia dizer afoutamente que nenhum dos geografos antigos havia descripto em suas obras aquellas paragens.

O nomear estes escriptores *pelo seu nome* mais difficuldade poderá fazer aos espiritos limitados; mas o critico, que sabe perfeitamente que este gigante e seus irmãos participavão tanto ou quanto da natureza de divindades, pois que se atrevêrão a escalar o ceo e a fazer guerra a Jupiter e a Neptuno, não se admirará por certo de que elles tivessem noticia não só de Ptolemeu, Strabão, Mela e Plinio, o *naturalista,* ainda que nunca houvessem lido as suas obras, mas tambem de outros escriptores menos nomeados: porquanto as divindades costumão saber mais que os homens, por mais que estes sejão espertos e atilados.

He verdade que Adamastor, pela sua metamorfose, passou de gigante que era, a huma natureza *insensivel e*

bruta, como excellentemente adverte o critico; mas não he igualmente verdade que com isso acabassem *todas as funcções, todos os officios e todos os ministerios proprios da natureza racional.* Nesta consequencia falha mui desgraçadamente a erudição do critico, ainda que brilhe com grande lustre a sua exacta e severa filosofia.

Brilha a sua filosofia, porque segundo as idéas que elle nos ministra, hum ser, que por alguma sobrenatural operação passasse de natureza racional á insensivel e bruta, nunca mais poderia pensar ou conservar alguma de suas primeiras faculdades.

Mas *falha a sua erudição,* porque os antigos poetas assentando de não se governarem á risca pelos rigores filosoficos, fabulárão muitos destes milagres, que posto não concordem com as idéas puras e seccas da nossa fisica e metafisica, encantão todavia a nossa imaginação, e nos offerecem hum mundo novo tão variado, como admiravel nos seus acontecimentos.

Ovidio, o mesmo Ovidio, que o critico chama com razão *pai e auctor de todas as metamorfoses,* e de cuja auctoridade se vale (pag. 29), para censurar Camões, elle mesmo o desmente solemnemente e refuta sem replica a sua reflexão.

No liv. 1.º das *Metamorfoses,* fab. 9.ª, referindo a transformação de Daphne em *loureiro,* diz:

> *Hanc quoque Phœbus* amat, *positaque in stipite dextra*
> *Sentit adhuc* trepidare *novo sub cortice* pectus,
> *Complexusque suis ramos, ut membra, lacertis*
> *Oscula dat ligno:* refugit tamen oscula lignum.

E depois de narrar como Apollo lhe prognosticára os seus futuros altos destinos, continúa:

> ....*Fatis modo* laurea *ramis*
> Annuit: *utque caput,* visa est agitasse cacumen.

Ora, he mais que certo que se Daphne, depois de transformada em arvore, perdesse de todo as *funcções da natureza racional,* nem Apollo, que era hum Deos mui avisado, continuaria a ter-lhe amor *(hanc quoque Phoebus amat),* ou lhe sentiria *estremecer o peito debaixo da cortiça (trepidare novo sub cortice pectus),* ou lhe imprimiria *seus amantes osculos (oscula dat ligno),* nem a mesma Daphne recusaria estes signaes de amor e ternura *(refugit tamen oscula lignum),* e muito menos acceitaria o auspicio feliz *(fatis annuit),* ou agitaria seus ramos em testemunho de prazer e alegria *(visa est agitasse cacumen).*

No liv. 10.°, fab. 9.ª e 10.ª, nos mostra o poeta a desgraçada Mirrha convertida em *arvore,* e todavia *derramando lagrimas:*

> *Flet tamen: et tepidae manant ex arbore guttae*

e o que mais he, que já *depois de ser arvore* lhe cresce o filho no ventre:

> *At male conceptus sub robore creverat infans;*
> *Quaerebatque viam, qua se, genitrice relicta,*
> *Exsereret* media gravidus tumet arbore venter.

e chegado o tempo de o dar á luz, ainda que não póde chamar Lucina:

> *Nitenti tamen est similis, curvataque crebros*
> Dat gemitus *arbor, lacrymisque cadentibus humet,* &c.

O proprio Ariosto (em quem o critico tanto confia), falla de hum cavalleiro convertido em *planta* pelos encantos de Alcina (26), o qual assim mesmo transmudado em natureza *irracional e insensivel,* falla e discorre largamente, conta a Ruggeiro suas infelicidades, e emfim

(26) Cant. 7.°, est. 27.ª e seg.

só torna a ser restituido á sua primeira fórma, quando o forão outros muitos, a quem a Fada tinha feito a mesma peça (27).

Eis-aqui pois exemplos bastantes a tranquillisar os escrupulos do critico, e a mostrar que, segundo o systema poetico, o gigante Adamastor ainda depois de transformado em montanha, podia fallar, ameaçar, *estudar e profetisar* como quizesse e soubesse; que nem elle *mentio em dizer que era cabo*, nem o Gama *em dizer que elle lhe apparecêra e lhe fallára;* e finalmente que he *hum absurdo*, huma *manifesta falta de juizo*, e hum *altissimo disparate* no critico estranhar huma cousa tão usual na *Chronica de Ovidio* e censurar Camões por aquillo mesmo que o faz grande e admiravel a juizo de todos os doutos.

O critico, depois de ter assim mostrado que o episodio de Adamastor he entre os *disparates de Luiz de Camões o maior disparate*, passa huma revista a todos os mais erros e disparates do poeta, para acabar emfim de convencer-nos de que a immortal obra dos *Lusiadas* deve ser collocada entre os *Gamas, Soliloquios* e *Sebastianistas*, e não merece a estimação que injustamente tem usurpado pelo espaço de dous seculos e meio a toda a Europa sabia.

«Começando (diz elle a pag. 30) pelo primeiro disparate do 1.º canto, que he Jupiter decretar a queda do mahometismo, até ao ultimo disparate do canto ultimo, que he Thetis, a mãe de Achilles, chorar a morte do apostolo S. Thomé, não ha nos *Lusiadas* mais do que absurdos e incoherencias!»

Este *primeiro disparate* que o critico nota em Camões he huma insigne falsidade, porque em todo o cant. 1.º não se acha o allegado *decreto de Jupiter* para a *abolição*

(27) Cant. 8.º, est. 15.ª

do mahometismo. O unico decreto que ahi vem expresso he este (est. 29.ª):

> Que sejão, determino, agazalhados,
> Nesta costa africana como amigos,
> E tendo guarnecida a lassa frota,
> Tornarão a seguir sua longa rota.

e se Jupiter favorece assim aos Portuguezes, he porque sabe que (est. 28.ª):

> Promettido lhe está do fado eterno,
> Cuja alta lei não póde ser quebrada,
> Que tenhão longos tempos o governo
> Do mar, que vê do sol a roxa entrada.

O *ultimo disparate* he huma insigne ignorancia do critico; porque ainda pondo de parte a satisfação que o proprio poeta a isso dá nas oit. 89.ª, 90.ª e 91.ª do cant. 9.º, e depois nas oit. 82.ª e 85.ª do cant. 10.º, he certo que Thetis

> .... que ali viera
> Por alta influição do immobil Fado

nada mais podia dizer ou vaticinar, senão que o mesmo Fado tinha decretado e lhe ordenava que dissesse; e por isso (bem que muito lhe pezasse), havia de lamentar a morte do santo apostolo, e fallar delle segundo a *ordem verdadeira, eterna e immudavel das cousas*, que he o que se póde e deve entender por *Fado e Destino*.

«Tem o poema (continua o critico), dez cantos: o primeiro vai-se no concilio dos Deoses, e só na oit. 44.ª apparece Vasco da Gama, sem que a sua viagem, que he a acção principal, appareça na proposição do poema, e sem virmos a saber que elle he o heroe senão passado o meio do 1.º canto.»

He falso e falsissimo que o 1.º canto dos *Lusiadas*

não contenha mais que o *concilio dos Deoses.* O 1.º canto contém a *Proposição* do poema nas tres primeiras oitavas, e a *Invocação* nas quinze seguintes.

Na oit. 19.ª começa a *Narração.* O concilio dos Deoses he descripto desde a oit. 20.ª até á oit. 42.ª; d'ali em diante continua a narração até o fim do canto, que tem cento e seis oitavas.

He falso e falsissimo que Vasco da Gama sómente appareça na oit. 44.ª, porque na oit. 12.ª já o poeta faz delle menção pelo seu nome, e assaz o designa como primeira figura do poema, pela comparação que delle faz com Eneas:

> Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
> Que para si de Eneas toma a fama.

He outra vez falso e falsissimo que a *viagem de Vasco da Gama* seja a acção principal desta epopêa. A acção principal he o *descobrimento da India pelos Portuguezes.* O poeta o diz na sua *Proposição* e o proprio critico o reconhece tanto no *Discurso preliminar* do seu *Gama* (pag. 6), como nas mesmas *Reflexões criticas,* pag. 31. Vasco da Gama diz-se o heroe do poema, porque he o capitão da expedição e o principal encarregado daquelle descobrimento. Aliás a epopêa não he o *louvor de hum heroe,* que se propõe por modelo, mas sim a *narração de huma acção grande,* que se offerece para exemplo á imitação dos homens.

«O poema tem dez cantos (torna a repetir o critico): o fim do 2.º, todo o 3.º, 4.º e 5.º, e parte do 6.º, se leva em tecer miudamente a historia de Portugal, contada dentro de hum batel ao pacientissimo e insomne Rei de Melinde.»

He tambem falso e falsissimo o que aqui tão descaradamente affirma o critico. No fim do cant. 2.º não ha huma só palavra tocante á historia de Portugal. No cant. 3.º,

querendo o Gama satisfazer á curiosidade do Rei de Melinde, faz primeiro a elegantissima e mui poetica descripção geografica da Europa; na oit. 22.ª he que começa a narrar, não com miudeza, mas succintamente, a historia de Portugal, em que gasta o resto do cant. 3.º e parte do 4.º; até á oit. 68.ª, e nada mais. São sómente cento oitenta e oito oitavas empregadas neste assumpto; dahi em diante continúa a narração do poema.

Camões seguio nisto o que antes delle havião feito Homero e Virgilio. Homero, para conservar a unidade da acção, tão essencial ao poema epico, transporta-se ao meio dos acontecimentos e começa pela discordia dos capitães, e só depois he que enlaça com arte a narração das causas mais importantes que dizião respeito ao seu assumpto, mas que se tinhão passado antes daquella funesta dissensão.

Virgilio apresenta o seu heroe navegando da Sicilia para a Italia, e arrojado por huma tempestade ao reino de Dido. Ahi he que conta á Rainha no segundo e terceiro livro as aventuras que antecedentemente lhe havião acontecido na ruina de Troia e no decurso da sua navegação, as quaes, posto que intimamente ligadas com a acção do poema, destruirião comtudo a sua unidade se fossem contadas segundo a ordem didactica e chronologica.

Camões transporta igualmente os Argonautas Portuguezes ao meio da sua viagem, e

> Já lá da banda do Austro e do Oriente,
> Entre a costa ethiopica, e a famosa
> Ilha de S. Lourenço........... (28)

navegando para Melinde, aonde, como achassem benigno acolhimento e segura paragem, introduz o poeta com

(28) *Lusiadas*, cant. 1.º, est. 42.

arte a narração dos precedentes feitos que tinhão relação com a acção principal, e entre elles a origem, fundação e historia succinta da monarchia portugueza, cujos progressivos augmentos havião sido como huma preparação para a arrojada empreza maritima que agora hião executar.

O poeta não canta hum heroe, como já acima dissemos; celebra hum *povo de heroes*, celebra os descendentes de Luso, os *Lusiadas*,

> Aquelles, que por obras valerosas
> Se vão da lei da morte libertando.
> *(Cant. 1.º, est. 2.ª)*

> .... o peito illustre lusitano,
> A quem Neptuno e Marte obedecêrão.
> *(Ib., est. 3.ª)*

e toma como principal objecto da sua grande empreza o *descobrimento da India*, que se póde reputar como centro de todas as grandes scenas da historia portugueza, que ou tendião à preparar os Portuguezes para aquella grande acção, ou della dimanárão e se seguírão.

«Ce n'est pas seulement (diz Millié), un héros qu'il chante; c'est un peuple de héros, c'est la fondation d'un empire en Orient, ce sont tous les faits glorieux qui ont préparé cet incroyable essor de la puissance portugaise. Dans tous ces événements rapprochés les uns des autres, il aperçoit un grand drame historique, dont l'expédition de Gama n'est que le dernier acte», &c. *(Notes du chant prémier.)*

«Parte, e mui grande parte (diz ainda o critico), do cant. 6.º se leva com a historia dos doze de Inglaterra, cousa estranhissima da acção principal. Todo, ou quasi todo o cant. 8.º se consome outra vez com a historia de Portugal.»

querendo o Gama satisfazer á curiosidade do Rei de Melinde, faz primeiro a elegantissima e mui poetica descripção geografica da Europa; na oit. 22.ª he que começa a narrar, não com miudeza, mas succintamente, a historia de Portugal, em que gasta o resto do cant. 3.º e parte do 4.º; até á oit. 68.ª, e nada mais. São sómente cento oitenta e oito oitavas empregadas neste assumpto; dahi em diante continúa a narração do poema.

Camões seguio nisto o que antes delle havião feito Homero e Virgilio. Homero, para conservar a unidade da acção, tão essencial ao poema epico, transporta-se ao meio dos acontecimentos e começa pela discordia dos capitães, e só depois he que enlaça com arte a narração das causas mais importantes que dizião respeito ao seu assumpto, mas que se tinhão passado antes daquella funesta dissensão.

Virgilio apresenta o seu heroe navegando da Sicilia para a Italia, e arrojado por huma tempestade ao reino de Dido. Ahi he que conta á Rainha no segundo e terceiro livro as aventuras que antecedentemente lhe havião acontecido na ruina de Troia e no decurso da sua navegação, as quaes, posto que intimamente ligadas com a acção do poema, destruirião comtudo a sua unidade se fossem contadas segundo a ordem didactica e chronologica.

Camões transporta igualmente os Argonautas Portuguezes ao meio da sua viagem, e

> Já lá da banda do Austro e do Oriente,
> Entre a costa ethiopica, e a famosa
> Ilha de S. Lourenço........... (28)

navegando para Melinde, aonde, como achassem benigno acolhimento e segura paragem, introduz o poeta com

(28) *Lusiadas*, cant. 1.º, est. 42.ª

arte a narração dos precedentes feitos que tinhão relação com a acção principal, e entre elles a origem, fundação e historia succinta da monarchia portugueza, cujos progressivos augmentos havião sido como huma preparação para a arrojada empreza maritima que agora hião executar.

O poeta não canta hum heroe, como já acima dissemos; celebra hum *povo de heroes*, celebra os descendentes de Luso, os *Lusiadas*,

> Aquelles, que por obras valerosas
> Se vão da lei da morte libertando.
> *(Cant. 1.º, est. 2.ª)*

> .... o peito illustre lusitano,
> A quem Neptuno e Marte obedecêrão.
> *(Ib., est. 3.ª)*

e toma como principal objecto da sua grande empreza o *descobrimento da India*, que se póde reputar como centro de todas as grandes scenas da historia portugueza, que ou tendião à preparar os Portuguezes para aquella grande acção, ou della dimanárão e se seguírão.

«Ce n'est pas seulement (diz Millié), un héros qu'il chante; c'est un peuple de héros, c'est la fondation d'un empire en Orient, ce sont tous les faits glorieux qui ont préparé cet incroyable essor de la puissance portugaise. Dans tous ces événements rapprochés les uns des autres, il aperçoit un grand drame historique, dont l'expédition de Gama n'est que le dernier acte», &c. *(Notes du chant prémier.)*

«Parte, e mui grande parte (diz ainda o critico), do cant. 6.º se leva com a historia dos doze de Inglaterra, cousa estranhissima da acção principal. Todo, ou quasi todo o cant. 8.º se consome outra vez com a historia de Portugal.»

He falso e falsissimo que mui grande parte do cant. 6.º se gaste com a historia dos doze de Inglaterra.

Este episodio sómente occupa trinta e huma oitavas, de noventa e nove que tem o canto. O seu objecto não se póde reputar estranho de hum poema em que se celebra o valor, a coragem e a nobre ousadia e heroismo dos Portuguezes: antes mui proprio para consolar os illustres navegantes de seus passados trabalhos, e para confortar sua constancia nos que ainda podião sobrevir-lhes.

He não menos falso que *todo ou quasi todo o cant. 8.º se consuma com a historia de Portugal*. Este canto consta de noventa e nove oitavas, das quaes sómente quarenta e duas contêm a descripção das pinturas que ornavão as bandeiras e mais tapeçarias da capitania portugueza, e que mostravão os principaes heroes que em differentes idades tinhão honrado e illustrado a nação (29).

«No fim deste cant. 8.º (diz finalmente o critico), acaba-se toda a acção do poema, que he o descobrimento

(29) Não entendemos na verdade a razão por que o doutissimo portuguez Francisco José Freire, mais conhecido entre nós pelo nome de Candido Lusitano, nota esta descripção de Camões como cousa inverosimil. Porque se o diz pela multidão de figuras e feitos que o poeta aqui descreve, quem duvida que muitas mais figuras e maiores casos se poderião pintar não só nas bandeiras e tapeçarias de huma não, mas ainda em menor espaço? E se o diz por lhe parecer esta descripção alheia do assumpto do poema, tambem nisto nos parece falha o seu bom juizo, porquanto nada ha mais natural do que fallar dos heroes portuguezes n'hum poema cujo fim he engrandecer e exaltar o valor e a gloria da nação; nada mais proprio das circumstancias do que inspirar grandes idéas da nossa gente ao Catual de Calecut, com cujo Soberano pretendiamos estabelecer perpetua e firme união de amizade e commercio. Nós por certo não achâmos nem mais verosimilhança nem mais coherencia na longa descripção que Virgilio faz por mais de cem versos do escudo de Eneas, aonde com admiravel arte mostra a origem, os feitos heroicos e a futura gloria do povo romano.

da India, e não só depois de concluida a acção, mas fóra já do lugar da acção; vem dous grandes cantos, o 9.º e 10.º», &c.

La Harpe, menos generoso que o nosso critico, dá por acabado o poema no cant. 7.º, quando Gama chegou a Calecut, sem advertir que esta chegada se verificou no fim do cant. 6.º, e que, segundo o seu juizo, o cant. 7.º já fica fóra do poema! O nosso critico dá a mesma acção por acabada no fim do cant. 8.º; mas se a acção do poema he, como elle aqui diz, o *descobrimento da India,* e se para este descobrimento ser completo não era necessario que Gama voltasse a Portugal, não sabemos a razão por que elle se digna comprehender na acção os dous cant. 7.º e 8.º

Ha pouco tempo nos disse o critico que a acção do poema era a viagem de Vasco da Gama, porque assim lhe convinha para o seu intento. Agora diz-nos que he o *descobrimento da India,* para mostrar que descoberta a India tinha acabado a acção. Miseravel contradicção e infructuosa astucia do critico! Se a acção do poema fosse a viagem do Gama, esta devia acabar em Lisboa, d'onde o heroe partíra. Se he porém o descobrimento da India, como na verdade he, claro está que o poema deve igualmente conduzir o heroe a Lisboa, já porque o descobrimento he ordenado por el-Rei D. Manuel para gloria e utilidade da gente portuguéza, já porque se Vasco da Gama não voltasse, não ficaria em realidade descoberta a India senão para elle e seus companheiros, e a acção perderia toda a grandeza e interesse que lhe resulta das vantagens que por ella vierão á Europa e ao mundo inteiro.

Mas continuemos ainda com as incoherencias e absurdos dos *Lusiadas,* isto he, com as mentiras e falsidades do critico.

«Venus (diz elle a pag. 32), se determina a prote-

ger constantemente os Portuguezes, porque acha entre a sua linguagem e a romana huma grande relação, ou semelhança, ou analogia. Dar a Venus hum gosto grammatical he cousa tão tediosa e repugnante, que auctorisa bem a invectiva do inglez Blair contra os *Lusiadas*.

Não achâmos no inglez Blair invectiva alguma *contra* os *Lusiadas*.

O critico inglez, no pouco que escreve ácerca deste poema, censura na verdade a mistura que nelle se observa do *sagrado com o profano*, e alludindo, segundo parece, ao cant. 10.º, est. 82.ª, julga pouco feliz a coarctada com que Thetis pretende explicar e desculpar aquella mistura. Comtudo diz que tanto o sujeito como os incidentes da obra são magnificos, e que apezar de huma ou outra irregularidade que nella se descobre, apparece na execução *muito espirito poetico, muita força de imaginação e grande belleza nas descripções*. E vindo em particular ao episodio do Adamastor, diz que elle *basta para confundir os inimigos de Camões* e para collocar este illustre varão *entre os poetas de primeira ordem*.

Outra falsidade do critico! Venus amava e favorecia a gente lusitana:

> Por quantas qualidades via 'nella
> Da antiga tão amada sua romana
> Nos fortes corações, na grande estrella
> Que mostrárão na terra Tingitana.

E a esta razão, que mui honrosa he para os Portuguezes, ajuntava-se a outra da semelhança da linguagem, menos principal na verdade, mas não indifferente para o fim do poeta (30).

(30) Não temos lido a invectiva do inglez Blair contra os *Lusiadas*, nem nos importa que ou elle ou o critico tenhão por cousa tediosa e repugnante o dar a Venus hum gosto grammatical. Sómen-

«He hum poema affrontosissimo (torna o critico), para duas Soberanas deste reino, D. Thereza e D. Leonor.»

Aqui não podemos deixar de louvar as piissimas intenções do critico, e o profundo respeito que mostra a pessoas tão dignas da nossa veneração.

Mas ácerca da Rainha D. Thereza cumpre notar em defensão do poeta:

1.º Que elle mesmo falla dos defeitos desta senhora segundo o *rumor antigo,* que corria entre os Portuguezes, sem afiançar a certeza dos factos, antes mostrando duvidar delles (cant. 3.º, est. 29.ª)

> Mas o velho rumor, não sei se errado,
> (Que em tanta antiguidade não ha certeza)
> Conta que a mãe tomando todo o estado
> Do segundo hymeneo não se despreza, &c.

2.º Que o licenciado Manuel Correia, commentador e contemporaneo do poeta, censurando-o neste ponto, confessa todavia que os *nossos chronistas e alguns castelhanos* havião posto em escriptura o mesmo que Camões diz no seu poema.

3.º Que a primeira antiga chronica de el-Rei D. Affonso Henriques, que depois foi retocada e apurada por Duarte Galvão, havia adoptado a mesma tradição que corria no povo (31).

4.º Que ainda hoje depois de se haver discutido esta materia por huma e outra parte, não duvidou La Clede

te lembrâmos aqui que as relações da linguagem são huma das provas mais demonstrativas da filiação dos povos e da analogia do seu caracter, e que Camões lançando mão desta relação para mostrar a semelhança dos Portuguezes com os Romanos, está tão longe de mostrar hum gosto grammatical ridiculo, que pelo contrario indica huma verdade mui fundamental e mui filosofica que o critico não alcançou nem entendeo.

(31) Barros, Dec. 3.ª, liv. 1.º, cap. 4.º

dizer que a Rainha D. Thereza: «esquecida do que devia á sua qualidade, á sua consciencia e ao sangue nobre de que procedia, se soltou á mais abominavel devassidão e se cazou ás escondidas», &c. (32).

Pelo que respeita porém á Rainha D. Leonor, falla o critico com grande ignorancia de nossas cousas, quando diz que não ha *documento algum authentico* na historia que prove a immodestia daquella Princeza, e os seus galanteios com o Conde Andeiro.

Se por *documento authentico* entende o critico algum *instrumento publico* lançado em notas ou *libello de repudio*, ou *querella de adulterio* posta em juizo, ou outro semelhante, razão tem para fallar assim; mas se quer tambem entender o testemunho fidedigno e incontrastavel da mesma historia, fundado em acontecimentos publicos postos em escriptura quasi contemporanea, nunca desmentidos pelos mais serios historiadores, &c., enganase mui grosseiramente e mostra (como dizemos), grande ignorancia de nossas cousas.

A primeira prova que temos da vergonhosa incontinencia da Rainha D. Leonor, he o seu proprio cazamento com el-Rei D. Fernando, celebrado ainda em vida de João Lourenço da Cunha, com quem ella era cazada e de quem se não havia separado legitimamente. Cazamento que foi contrahido por isso mesmo contra vontade de muitos senhores e de todo o reino; cazamento que obrigou el-Rei a rejeitar a Infante D. Leonor, filha de D. Henrique Rei de Castella, sem embargo da promessa que havia feito de a receber por mulher; e cazamento, emfim, que por estes e outros muitos motivos veio a ser huma das grandes origens dos immensos males que sobrevierão a Portugal neste pouco ditoso reinado.

(32) *Historia de Portugal*, liv. 5.º

Outra prova não menos demonstrativa do immodesto procedimento da Rainha, são os desgraçados amores que tomou ainda em vida de el-Rei com o Conde Andeiro; amores que chegárão a desgostar entranhavelmente o Monarcha depois que conheceo as feias traições de sua mulher, a quem aliás amava com cega paixão; amores que occasionárão a morte violenta do Conde, desejada e tentada ainda em vida de el-Rei, mas só effectuada depois da sua morte em desaggravo de sua propria honra e da nação (33); e amores, finalmente, que promovêrão e fomentárão em grande parte as publicas perturbações, discordias e guerras que tão fataes forão a Portugal, e que o arrastarião á sua total ruina, se a Providencia lhe não deparasse então no grande e invicto Mestre de Aviz, e no illustre, valoroso e magnanimo Condestavel dous apoios tão firmes e tão incontestaveis, quaes se precisavão naquellas criticas circumstancias para salvação da monarchia, e para gloria e honra immortal dos Portuguezes.

Á vista das quaes provas, summariamente indicadas, se póde ajuizar quão intempestiva e desasizada he a *piedade* com que o critico pretende encobrir ou disfarçar este tamanho defeito da Rainha D. Leonor, o qual, ainda que não fosse tantas vezes inculcado e comprovado nas nossas historias, nada teria de incongruente com o caracter desta Senhora e com os impios sentimentos que ella mostrou em muitas occasiões, e maiormente na abominavel traição que por pura inveja maquinou e effectuou contra a honra e vida da sua propria irmãa, e nos enredos que tambem atraiçoadamente moveo contra a liberdade e vida do Mestre de Aviz, que depois foi Rei

(33) *Chronica de D. João I*, por Duarte Nunes de Leão, cap. 3.º e 4.º

destes reinos, e nobre ornamento de todos os thronos do universo (34).

O critico não contente de ter vilipendiado Camões como poeta, volta-se agora para outro genero de ataque, verdadeiramente novo, nunca intentado por algum outro critico, e filho unicamente do ciume, com que parece olhar todo o superior merecimento que o deslumbra.

Diz pois com affectada piedade (antes manifesta hypocrisia), que tudo o que *desapaixonadamente* tem ponderado, lhe faria desprezar altamente os *Lusiadas*, se não achasse a tudo «desculpa na mesma vida e situação do poeta, que compoz entre as extremas miserias da vida, e acabou o poema na ultima indigencia que soffreo em Moçambique, onde, conforme o testemunho do seu matalote e amigo Diogo do Couto, comia de amigos, nem tinha huma camisa de seu». E daqui deduz com admiravel logica, que este *soldado chamado Luiz de Camões* não he

(34) O critico, que aqui se mostra tão entendido nas historias portuguezas, e tão pontual na piedade para com os Principes, parece não seguir o mesmo plano no seu *Gama*. No cant. 8.º, pag. 182, adopta a opinião da origem hungara do Conde D. Henrique, tomando-a porventura de Camões, cant. 3.º, est. 25.ª; mas esta opinião, que no tempo do poeta se podia seguir sem nota, he hoje hum erro grosseiro, visto haver-se demonstrado por memorias contemporaneas que o Conde foi neto de Roberto I, Duque de Borgonha, e bisneto de Roberto *o Sabio*, Rei de França. No mesmo lugar a pag. 183 diz que el-Rei D. Affonso II

> Co'a a mão que o ferro empunha, empunha o arado;
> Dilata o reino em base mais segura,
> Dá leis, dá força á doce agricultura.

Sendo que este particular cuidado da agricultura he constantemente attribuido na nossa historia a Sancho I, chamado, por isso, o *Povoador* e *Pae da Patria*, e não de Affonso II, ainda que este fosse o primeiro Monarcha que fez algumas leis geraes para governo do reino. A pag. 185 passa pelas guerras que el-Rei D. Affonso IV moveo, quando Principe, a seu pae D. Diniz, contenta-se com chamar-lhes guerras injustas, devendo dizer impias e nefandas, &c.

aquelle cuja genealogia he tecida por Manoel de Faria e Souza, e começada em Vasco Peres de Camões, &c.

Nós poderiamos facilmente desprezar esta reflexão do critico, sem que dahi se seguisse o mais leve argumento contra o nosso poeta, porque não he a fortuna, a riqueza ou o explendor do nascimento o que faz os homens grandes em litteratura, ou dá valor a suas obras; nem Camões precisa deste accidente para conservar na memoria da posteridade o distincto lugar que sem respeito a elle lhe grangeárão seus sublimes talentos e obras immortaes.

Mas não nos soffre o coração que hum critico de dous dias, movido de baixos e indignos sentimentos, ouse pôr em questão, e até contradizer positivamente com razões pueris e ridiculas, a nobreza de Camões, attestada pelo commentador contemporaneo e familiar amigo Manoel Correia; desenvolvida e demonstrada na vida do poeta (quarenta e cinco annos depois da sua morte), pelo douto antiquario o chantre de Evora, Manoel Severim de Faria; sustentada pelo erudito historiador Manoel de Faria e Souza, e constantemente acreditada por todos os escriptores portuguezes que por acaso ou de proposito fallárão no poeta.

Huma das razões em que o critico se funda para combater esta geral opinião, he a propria pobreza em que viveo e morreo Camões, como se esta fosse desconhecida daquelles escriptores, que o chamárão nobre e mostrárão a distincta qualidade de sua pessoa; e como se não vissemos todos os dias exemplos ainda mais notaveis dos caprichos da fortuna e da inconstancia dos seus favores até nas classes mais elevadas da sociedade!

A outra razão do critico, ainda mais pueril e ridicula (se he possivel) que a primeira, he fundada no diminuto estipendio de *dous mil réis,* que diz haverem-se dado a Camões por embarcar *como soldado plebeo,* segundo o assento que se achou na caza da India.

A este assento dá Faria e Souza (se a memoria nos não engana), o nome de *lista ou registro de todas as pessoas mais principaes* que passárão á India. A circumstancia de hir como *soldado plebeo* he acrescentada pelo critico, nem a milicia portugueza antiga conheceo jámais semelhante qualificação. O estipendio era de dous mil e quatrocentos réis, e não de dous mil réis, como diz o critico, para em nada fallar verdade. E que este estipendio não fosse pequeno para aquelles tempos, prova-se bem do que diz João de Barros na Dec. 1.ª, liv. 13.º, cap. 3.º (35).

Ultimamente ainda restão ao critico alguns escrupulos, e ainda a nós se nos faz precisa mais huma pouca de paciencia.

Nota elle que no principio do cant. 7.º, aonde se trata da chegada do Gama a Calecut «neste lance o mais interessante do poema, como a peripecia em que não podia haver interrupção alguma, repentinamente se esquece o poeta de si, da acção, do heroe e de tudo, e

(35) O assento da caza da India diz sómente recebeo dous mil e quatrocentos réis, e não declara se era soldo, ou ajuda de custo, se paga mensal ou annual. João de Barros no lugar citado, fallando da armada em que foi o primeiro viso-rei D. Francisco de Almeida, no anno de 1505, diz que hirião nella até mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravão muitos fidalgos e moradores da caza de el-Rei, e que o soldo que geralmente se lhes assentou erão oitocentos réis por mez; e depois que chegassem á India tinhão mais quatrocentos réis de mantimento, &c. O reparo do critico he tão insensato, como seria se elle duvidasse da nobreza de el-Rei D. João III por haver consignado á sua futura esposa quatro contos de réis cada anno para o governo de sua caza, emquanto não vagassem as terras que lhe promettia (*Hist. Geneal.*, tom. 3.º, pag. 523), ou tambem da nobreza de Carlos V, por dar a sua irmãa a senhora D. Catharina duzentos mil cruzados de dote e cinco mil annuaes para o governo e sustento de sua caza, para cazar com o mesmo Senhor Rei D. João III (ibid.), quantias que hoje dotaria qualquer caza opulenta de Portugal.

desembesta (36) com huma diatribe ou tirada violentissima contra os potentados e nações européas, &c.

Era hum costume mui usual nos tempos de Camões introduzirem os escriptores de versos ou prosa, em certas paragens de suas obras, e principalmente no fim ou principio das grandes divisões, algumas reflexões moraes, que as circumstancias lhes inspiravão e que elles julgavão convenientes ou para instrucção dos leitores, ou para darem hum interesse mais directo ás suas obras, ou para com isso recrearem e darem allivio ao espirito fatigado da precedente leitura (37).

Nós nem approvâmos nem reprovâmos em geral esta pratica; mas se ella tinha algum lugar na epopêa, em nenhum por certo viria mais a proposito do que no principio do cant. 7.º, quando tendo o leitor chegado com os Argonautas Portuguezes ao desejado termo do seu descobrimento, e tendo (digamos assim), soffrido com elles os immensos trabalhos e contrastes de tão dilatada e perigosa viagem, naturalmente se compraz de gosar

(36) Este vocabulo «desembesta», tem notavel propriedade para o critico. Elle o emprega como cousa mui propria sua, e não he facil que alguem escolha melhor os termos que lhe convem.

(37) Este costume não era privativo dos escriptores portuguezes. Veja-se Ariosto no principio de quasi todos os cantos. No meio do cant. 17.º, est. 74–80, ha huma invectiva semelhante a esta de Camões. O nosso poeta foi muito mais moderado neste ponto, do que os seus contemporaneos. Millié na ultima nota ao cant. 1.º não duvida dizer que as eloquentes moralidades, com que o poeta termina quasi todos os seus cantos, são porventura os passos mais bem trabalhados da sua obra. O leitor, diz elle, notará particularmente os que terminão os cant. 5.º, 6.º e 9.º O poeta se eleva então á altura de huma filosofia grande e forte, trazendo a poesia ao seu fim primitivo, o de instruir os homens na virtude. O poeta se abandona nesses lugares a todo o calor da sua alma, e se esforça a excitar no coração dos seus compatriotas os nobres sentimentos de que elle mesmo se achava penetrado, &c.

alguns momentos de util descanso, que o poeta com tanta arte lhe prepara e offerece.

A chamada *invectiva* que se contém nestas quinze oitavas contra as diversas nações da Europa, não era aliás tão alheia do objecto do poema, como o critico quer suppor. O fim geral de Camões era louvar e engrandecer a nação portugueza, a qual sendo de si pequena e de pequenas forças, tinha por seu valor e esforço não só assegurado a sua liberdade e independencia na Europa, mas guerreado os Mouros em suas proprias terras e executado muitas outras emprezas gloriosas em augmento do seu Rei e da sua patria, e para bem da religião e do mundo inteiro. Daqui he que toma occasião de reprehender as outras nações européas, que muito pelo contrario só empregavão sua grandeza e forças em combater humas com outras por mesquinhos interesses, e talvez em sustentar com as armas a falsidade das opiniões religiosas com que dividião e affligião a Igreja de Jesus Christo.

Não nos admira que o critico *estoure com riso* lendo a invectiva de Camões contra o Gallo indigno, *porque reprova o canto ecclesiastico;* mas excita-nos compaixão e magoa a pasmosa ignorancia ou pertinaz preoccupação com que o critico lê Camões. O poeta não reprehende a nação franceza, porque ella *reprovasse o canto ecclesiastico;* semelhante fatuidade não podia entrar em huma cabeça sãa; reprehende-a, sim, pelo contrario, de fazer guerra a Christãos, devendo-a antes fazer a Turcos e Mouros, e explica-se deste modo (cant. 7.º, est. 7.ª):

> Achas que tens direito em senhorios
> De christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
> E não contra o Cynifio e Nilo rios,
> Inimigos do antigo nome santo?
> Ali se hão de provar da espada os fios.
> Em quem quer reprovar da Igreja o canto.

Os dous rios denotão Mouros e Turcos, por ser hum em Africa e outro no Egypto, onde o Turco domina. *Ali* he que o poeta quer empregados os *fios da espada* nos infieis *que reprovão o canto da Igreja,* isto he, que reprovão e odeião a religião christãa e as suas sagradas ceremonias. Este he o sentido de Camões.

Conclue finalmente o critico dirigindo-se ao seu Attico com estas palavras: «Só vos sei dizer que se algum poeta da nossa idade apparecesse com hum semelhante montão de inepcias... Que aconteceria? Talvez que se applaudisse, e não apparecesse contra elle huma tempestade de rombos e insultissimos epigrammas, com que se atacão obras talvez mais acabadas e perfeitas.»

Não, não tema o critico nem huma nem outra cousa. Hum genio como Camões costuma ser mui raro, e a nossa idade não nos dá esperança de o vermos reproduzido. Mas se Portugal está destinado para acrescentar essa corôa ás outras que adornão sua magestosa fronte, os sabios e eruditos portuguezes o applaudirão como devem, e só lançarão justissimos *epigrammas* contra o escriptor temerario e ignorante, que seguindo a trilha do critico pretender deslustrar com odiosa satyra o merecimento abalisado e as obras destinadas á immortalidade.

ERRATAS MIUDAS

NA

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA DA HISTORIA GERAL DE PORTUGAL
DE MR. DE LA CLEDE

1837

ERRATAS MIUDAS

NA

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA DA HISTORIA GERAL DE PORTUGAL DE MR. DE LA CLEDE

O indice que vamos a publicar tem por objecto notar brevemente alguns dos muitos erros que a cada passo se encontrão na *Historia geral de Portugal*, de Mr. de La Clede, traduzida em portuguez, e precaver assim os estudiosos da nossa historia, e especialmente a mocidade portugueza, a fim de que se não deixem enganar da sua leitura.

Não apontaremos os erros mais substanciaes, que demandarião discussão, porque não escrevemos dissertações historicas, mas sim hum mero indice. Pelo que sómente notaremos alguns erros miudos e mais frequentes, e obvios, que com facil attenção se podem á primeira vista conhecer; e desses mesmos omittiremos muitos, porque para os apontar todos seria necessario, não hum indice de erratas, mas huma obra volumosa.

O que dissermos será mais que bastante para que se faça juizo desta obra e da sua traducção, e se lhe dê o lugar que lhe compete entre os escriptos que tratão da *Historia de Portugal*.

Tomo 1.º

He errada a etymologia que ahi se dá a *Andaluzia*, tirando-a dos *Wandalos*. Este nome não foi conhecido na

Hespanha senão depois da invasão dos Arabes. He nome arabe, derivado de *andalos*, cousa occidental, ou do occidente, e corresponde ao *hesperia* dos Gregos, que significa o mesmo. (Pag. 24.)

He errada a data do cazamento do Conde D. Henrique em 1072. Neste anno ainda não era nascida a Senhora D. Thereza, com quem elle cazou. (Pag. 29.)

Põe a morte de el-Rei D. Sancho I em 1212, devendo dizer 1211. (Pag. 30.)

Diz que o reinado de el-Rei D. Fernando foi seguido de hum interregno de dezoito annos. Assim aniquila anno e meio de regencia, e dezeseis annos e meio de reinado de el-Rei D. João I. (Pag. 34.)

Chama el-Rei D. Affonso V filho mais velho de el-Rei D. João I. Era seu neto. (Pag. 35.)

Augusto não dividio a Hespanha em seis provincias, mas sim em tres. Os conventos juridicos da Lusitania erão tres e não quatro; Braga, que o escriptor mette na conta, nunca pertenceo á Lusitania. (Pag. 223.)

Os quatro lindos versos latinos que na nota desta pagina se diz acharem-se no templo de Isis, nunca lá estiverão. Faria e Souza os copiou de outra parte, e quiz attribuil-os a Braga. (Veja-se Florez, *Hespanha Sagrada*, tom. 24.°, pag. 330.) (Pag. 232.)

Popêa não era *irmãa*, mas *mulher* de Otton. (Pag. 236.)

O nome de *vassallos*, de que ahi usa não era romano, nem usado dos Romanos. (Pag. 246.)

Já se disse que Braga nunca pertenceo á provincia romana da Lusitania. (Pag. 247.)

Seria bom que o escriptor dissesse aonde he que as heresias e delirios de *Carpoeras e Basilides lavrárão pela Lusitania*. (Pag. 250.)

He muito inexacto o que ahi diz do caso dos Bispos *Basilides* e *Marcial*. (Pag. 257.)

Tomo 2.º

Este tom. 2.º he cheio de excellentes *notas*, em que se corrigirão muitos erros do auctor, e que nos dispensão de mais circumstanciado exame.

Diz que *Chindasvindo* abolio a *eleição dos Reis;* e a pag. 127 diz que Wamba *foi eleito* pelos grandes. O certo he que não houve a supposta abolição. (Pag. 121.)

A fundação de huma cidade nas margens do *Mondego* pelos *Alanos* parece fabulosa, bem como o mais que a esse respeito se diz a pag. 37 e 38. (Pag. 36.)

Falla de *Vianna de Caminha, situada na foz do Minho. Caminha* he uma villa na foz do Minho; e *Vianna de Caminha* he outra villa na foz do Lima, que hoje mais vulgarmente se chama *Vianna do Lima,* ou *Vianna da foz do Lima,* e tambem Vianna *do Minho,* para differença de Vianna *do Alemtejo.* (Pag. 50.)

Lugo não foi feita *segunda metropole da Galliza,* nem jámais teve *nesse tempo* os direitos metropoliticos. (Pag. 83.)

Diz que a conversão de Reccaredo *trouxera a ruina do Arianismo ao mundo;* não *ao mundo,* mas sim *á Hespanha.* (Pag. 97.)

Chama *Opas Arcebispo de Braga,* dignidade que nunca teve. O nome de *Arcebispo* he improprio daquelle tempo. (Pag. 157.)

Tomo 3.º

Antonio *de Castilho* he ahi chamado Antonio *de Castella.* (Pag. 32.)

A *Mondoñedo* dá-se o nome de *Mondenego.* (Pag. 59.)

O rio *Visella* he chamado o *rio de Viselo.* (Pag. 80.)

Descreve a batalha de Ourique como se a visse; e até sabe que el-Rei D. Affonso Henriques andava no con-

flicto *montado n'hum cavallo branco, todo salpicado do sangue dos infieis.* (Pag. 99.)

O celebre lugar de *Castro Verde,* aonde se deo a batalha, he denominado *Castella de Vede.* (Pag. 108.)

O lugar do *Espinheiro,* junto a Evora, he *Spincheiro.* (Pag. 142.)

Dá o nome de *Suissos* aos *Suecos.* (Pag. 169.)

Diz que os Mouros cercárão Moura *e o Sergal.* Este *Sergal* parece que deve ser *Serpa.* (Pag. 215.)

Diz que D. Leonor cazára em *Dacia com hum Valdemaro.* Esta *Dacia* he *Dinamarca,* e o *hum Valdemaro* he Valdemaro III, Rei de Dinamarca. (Pag. 217.)

Diz que D. Pedro Salvador, Bispo do Porto, *foi deposto* em 1233, e parece suppor que o foi por el-Rei, ou de seu mandado. Este Bispo não foi deposto; governou a igreja do Porto desde 1231 até 1247, e esteve no concilio de Lyon, aonde promoveo a desthronisação do seu soberano, sendo contra elle parte queixosa e informante. (Pag. 229.)

Falla de hum combate particular de alguns senhores portuguezes, e diz que combatião *debaixo das ordens de Veiga de Gouveia.* (Pag. 282.)

Falla de hum concilio de Leão, e diz que *se ajuntára para se celebrarem os funeraes de D. Garcia.* O concilio não se ajuntou *para este fim.* (Pag. 17.)

O que ahi diz da *restauração das cathedraes pela intervenção do Conde D. Henrique* he falso. O Conde não restaurou (que saibamos) cathedral alguma. (Pag. 57.)

Diz que o Senhor D. Affonso Henriques herdou os estados de seu pai com o titulo de *Conde.* O Senhor D. Affonso nunca teve, e nunca tomou este titulo. (Pag. 61.)

Diz que a *Lusitania* foi depois conhecida pelo nome de *Suevia,* e os seus Reis pelo de *Reis de Suevia.* Esta noticia, que parece tomada de Faria e Souza, requer alguma prova. (Pag. 74.)

Tomo 4.º

Dá a *Castromarim* o nome de *Castello-marinho*. (Pag. 1.)

Ao antigo castello de *Gaya*, fronteiro ao Porto, chama-lhe castello de *Gage*. (Pag. 17.)

O que ahi diz ácerca de ter el-Rei D. Diniz empenhado a *Raymundo de Peñafort*, he tirado de Faria e Souza, e he falso. S. Raymundo tinha fallecido mais de quarenta annos antes. (Pag. 19.)

Referindo os filhos bastardos de el-Rei D. Diniz, conta entre elles *D. Garcia, que cazou com D. Pedro, que enviuvára por morte de D. Branca de Portel, e de D. Maria Ximenes Coronel de Aragão!* O que isto quer dizer he que o Conde *D. Pedro*, filho bastardo de D. Diniz, havido em *Dona Grácia*, foi cazado tres vezes: a primeira com D. Branca, a segunda com D. Maria Ximenes, e a terceira com D. Tareja Annes de Toledo, &c. (Pag. 28.)

O Infante *D. João Manoel*, de que aqui se falla muitas vezes, he quasi sempre chamado *D. Manoel*. (Pag. 35.)

Dá-se ao *almirante* o nome de *almiral*. (Pag. 79.)

Põe a batalha do Salado a 28 de Outubro. Foi a 30. (Pag. 83.)

Diz que D. Affonso IV morreo de setenta e sete annos. Tinha sessenta e seis, e reinou trinta e dous, e não trinta e hum. (Pag. 110.)

Á moeda de D. Affonso IV que se chama *alffonsins*, dá-se aqui o nome de *affonsinhas*. (Pag. 111.)

Falla do *Grão-Prior de Portugal*, querendo dizer, segundo parece, o *Prior do Crato*. (Pag. 186.)

Diz que Lisboa não tinha *muralhas nem fortificações*, e logo acrescenta que os habitadores se retirárão á *parte mais fortificada da cidade*. (Pag. 188.)

Põe o nascimento de el-Rei D. João I *em 12 de Abril de 1357*, devia dizer *em 11 de Abril de 1358*. (Pag. 245.)

Aqui dá ao aio de el-Rei D. João I o nome de *Lourenço de Lira;* depois a pag. 254 lhe chama *Lourenço Martins.* Alguns lhe chamão *de Leiria,* e não *de Lira.* (Pag. 245.)

Diz que el-Rei D. Pedro, depois de conferir a seu filho D. João o mestrado de Aviz, o mandára para *Thomar, onde era a caza principal da sua ordem.* Thomar nunca foi *caza principal da ordem de Aviz.* D. João foi para Thomar, porque ahi vivia seu aio ou mestre *D. Nuno Freire,* que era *Mestre da ordem de Christo.* (Pag. 245 e 246.)

Tomo 5.°

Attribue a João das Regras o dizer nas Côrtes de Coimbra que D. Beatriz não tinha direito á corôa *por ser mulher, e cazada com Principe estrangeiro, o que era contra as leis fundamentaes do reino.* O Chanceller Regras nem deo estas razões, nem citou as leis fundamentaes do reino, nem nellas fallou. (Pag. 67.)

Tambem diz que D. Beatriz fôra excluida por ser fama que *era filha do Conde Andeiro.* Nas Côrtes não se fallou do *Conde Andeiro* huma só palavra. (Pag. 67.)

Não se sabe quem era o *Duque de Albuquerque,* que o Mestre de Aviz mandou a Inglaterra. A esse tempo não havia *Duque algum* em Portugal. (Pag. 109.)

Falla de *Ponto-Mouro,* cidade fronteira ás provincias de entre Douro e Minho, e de Galliza.

A *Ponte do Mouro* he hum lugar de Portugal acima de Monção, e tem este nome por haver ahi huma ponte sobre o pequeno rio *mouro* que logo entra no rio Minho. (Pag. 110.)

A celebração do *novo anno* a que os Portuguezes chamão *Janeiras,* he nesta traducção a *celebração dos nove annos.* O traductor entendeo provavelmente o francez *du neuf an* por *dos nove annos!* e era mestre de francez! (Pag. 107.)

Diz que a villa de Vianna he *situada por assim dizer á foz do Lima.* A clausula *por assim dizer* não quer aqui dizer nada. Vianna está *sobre a foz do Lima.* (Pag. 79.)

Põe a conquista de Ceuta a 15 de Agosto. Mais adiante a pag. 191 e 207 parece suppor que foi a 14. Ambas as datas são erradas. Ceuta foi tomada a 21 de Agosto de 1415. (Pag. 183.)

Toda a narração que o escriptor aqui e em outros lugares faz do principio e progresso de nossas navegações e descobrimentos he escripta com extrema negligencia e cheia de erros. (Pag. 196.)

O *Gil Annio,* de que ahi se falla, e a que outras vezes dá simplesmente o nome de *Annio,* he *Gil Eannes.* Ahi mesmo diz que elle chegou a *Serra Leôa,* e que por cincoenta annos ninguem ousou dobrar este cabo! Mas nem Gil Eannes chegou a *Serra Leôa,* nem ahi havia *cabo* algum a dobrar, nem nas nossas emprezas houve então a interrupção dos cincoenta annos. (Pag. 197.)

Diz que o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, entrava em vinte e dous annos quando emprehendeo as suas viagens. Tinha já trinta e dous. (Pag. 201.)

O Estreito de *Magalhães* vem na traducção com o nome de *Estreito de Magellan.* (Pag. 210.)

Diz que no reinado de el-Rei D. Duarte *não houve dia em que não houvesse algum flagello,* expressão demasiadamente exagerada, que parece querer verificar as astrologias de *Mestre Guedelha.* (Pag. 215.)

Diz que os Deputados do povo costumavão assistir *ás eleições dos Reis e dos Principes.* Entre nós nunca houve Reis nem Principes *eleitos,* senão quando por se reputar vago o throno foi eleito o Mestre de Aviz pelas Côrtes de Coimbra de 1385. (Pag. 216.)

Suppõe que o *Infante D. Henrique* foi feito prisioneiro pelo Duque de Milão, confundindo o nosso D. Henrique com outro Infante do mesmo nome, irmão

de el-Rei de Aragão e da Rainha de Portugal. (Pag. 223 e 224.)

Diz que a Rainha D. Filippa tinha sessenta e quatro annos quando falleceo. Não tinha mais que cincoenta e seis, segundo a idade que o mesmo Mr. de La Clede lhe dá quando falla do seu cazamento, e que he verdadeira. (Pag. 179.)

Diz que o Infante D. Duarte (depois Rei) cazou de vinte e seis annos. Tinha trinta e sete. (Pag. 203.)

Diz que o mesmo D. Duarte nas Côrtes de Santarem *resumio as leis da Justiça, que erão muito extensas, em hum volume, a fim de facilitar a sua leitura.* Parece que quer fallar da compilação do nosso primeiro codigo, em que já então se trabalhava, e que sómente se promulgou no seguinte reinado. (Pag. 219.)

Diz que el-Rei D. Duarte morreo de trinta e sete annos. Tinha quarenta e sete. (Pag. 256.)

Diz tambem que este Principe *dava mostras de distincção a João das Regras,* sendo que este illustre Jurisconsulto tinha fallecido em 1404, vinte e nove annos antes que D. Duarte subisse ao throno, e quando apenas tinha treze annos de idade. (Pag. 260.)

Repete alguns erros de Faria e Souza ácerca da lei mental, e falla della como quem ignorava a sua historia. (Pag. 261 e 262.)

Nomeando entre os filhos de el-Rei D. João I a D. Pedro, diz que *os Catalães o quizerão eleger por seu Rei.* Parece que confunde o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, com seu filho D. Pedro; porque deste (que era neto de D. João I) he que consta que foi effectivamente chamado pelos Catalães, e coroado Rei de Aragão em 1464, sendo pouco depois, em 1466, morto de veneno, tendo reinado dous annos. (Pag. 210.)

Tomo 6.º

O que diz a paginas 1 e seguintes, ácerca da regencia do reino por morte de el-Rei D. Duarte, he pouco exacto, e o auctor trata mal os Infantes, sem fundamento nem prova alguma (1).

Aqui vem *Arouches* em lugar de *Arronches. D. Diogo Carreiros* em lugar de *Diogo de Barros* ou *Barreiros. Martim Chichorro* em lugar de *Vasco Martins Chichorro.* A este Chichorro dá o cargo de *Sargento mór general,* que então não havia. Faria e Souza lhe chama *Capitão mór dos ginetes.* (Pag. 124.)

A batalha de Toro não está descripta com exacção. (Pag. 140.)

Jacques de Castro e *Pedro Casca,* de que ahi se falla, são *Diogo de Castro* e *Rui Casco,* em Rezende. (Pag. 164.)

Diz que el-Rei D. Affonso V *se achava em idade tão avançada* quando veio de França, &c. El-Rei tinha então quarenta e seis annos, e morreo de quarenta e nove. (Pag. 166.)

Falla de hum *Duque de Barreiros,* que se não sabe o que he. (Pag. 115.)

Dá o nome de *travessuras* ás atrozes calumnias que se inventárão para perder o grande Duque de Coimbra. (Pag. 64.)

Diz que D. Jayme, filho do Infante, foi hum dos que morrêrão no recontro de Alfarrobeira. Este Senhor não morreo nessa occasião; foi ainda depois Cardeal, e morreo em Florença dez annos depois daquelle infausto recontro. (Pag. 75.)

(1) Veja-se *Regencia na menoridade de el-Rei D. Affonso V* e *Catastrofe do Infante D. Pedro,* apontamentos que o venerando prelado escreveo quando tencionava fazer o elogio do Duque de Coimbra, os quaes adiante inserimos como complemento destas *Erratas.*
(Nota do E.)

A *Rui da Grãa* dá o nome de *Rodrigo de Grana,* e a *Diogo Pinheiro* chama *Diogo Pinario.* (Pag. 235.)

Diz que el-Rei D. João II mandou por terra á Abyssinia *Pedro Covilhãa* e *Antonio de Paiva.* Devia dizer *Affonso de Paiva* e *João* (que outros chamão *Pedro) da Covilhãa.* (Pag. 293.)

Tem a inconsideração de taxar *de fraqueza indigna e cobardia* o grande Rei D. João II. (Pag. 299.)

Tomo 7.º

Toda a historia de el-Rei D. João II he escripta com pouca exacção. (Pag. 1.)

Diz que o Embaixador de el-Rei D. João II *fôra reprezado em Bruges por alguns sediciosos seguidores de França.* Isto he falso. (Veja-se Rezende, cap. 71.º) (Pag. 12.)

O que ahi refere do testamento de el-Rei he falso. Antão de Faria nem o escreveo, nem estava presente ao fazer delle. (Pag. 85.)

Diz que a noticia da morte de el-Rei *enchêra de alegria a D. Manoel e seus seguidores.* Isto póde conjecturar-se *até certo ponto;* mas nunca affirmar-se sem bastante fundamento. El-Rei D. Manoel devia muito a seu primo D. João II, e seria hum ingrato se désse mostras publicas de alegria pela sua morte. (Pag. 87.)

Chama a *Garcia Lasso de la Vega,* Garcia Lasso *Viegas.* (Pag. 63.)

A letra da divisa de D. João II era *Pela lei e pela grei,* e não *Pela lei e pelo rebanho.* (Pag. 99.)

Diz que el-Rei D. Manoel não quiz entrar na liga contra os Francezes *por causa das obrigações, em que seus antecessores estavão á França.* Seria bom apontar-nos algumas destas obrigações. (Pag. 106.)

Diz que Pedro Alvares Cabral (a quem outras vezes dá o nome de *Pedro Cabral)* descobrio a terra do Brazil em 24 de Maio; e a pag. 157 diz que se retirou d'ali a

4 de Maio. O descobrimento da costa daquelle continente foi em Abril. (Pag. 149.)

Diz que o rio *Maranhão* se chama tambem *da Orilheira.* (Pag. 151.)

Falla de *Francisco Gnaio,* que fundou a fortaleza de *Sofala.* Parece que quereria dizer *Pedro d'Anhaia.* A pag. 195 repete o mesmo erro. (Pag. 192.)

Fallando de *Diogo Lopes de Sequeira,* dá-lhe em differentes lugares seis nomes: 1.º, *Diogo Lopes de Sequeira;* 2.º, *Diogo de Sequeira;* 3.º, a pag. 216, *Lopo de Sequeira;* 4.º, a pag. 259, *Jacome Lopes de Sequeira;* 5.º, a pag. 260, *Jacome de Sequeira;* 6.º, finalmente, *Jacques Lopez.* (Pag. 203.)

Os 15:000 *serrates,* de que ahi se falla, he de crer que sejão 15:000 *xerafins.* (Pag. 212.)

Fernam de Ataide, que aqui se noméa, he *Nuno Fernandes de Ataide.* (Pag. 219.)

D. João de Limice deve ser D. João *de Lima.* (Pag. 238.)

João de Far he *João de Faria.* (Pag. 251.)

Chama a Duarte *Galvão* Duarte da *Gama;* e ao porto de *Arquico* chama porto de *Arroco.* (Pag. 259.)

Diz que *Jacome e Azambuja, e Mello* lançárão a Haliadux fóra de Safim, &c. Devia dizer Diogo de Azambuja e Garcia de Mello. (Pag. 203.)

As ilhas que ahi chama *Quies* são as *Lequias,* ou de *Lieu-Kieu.* (Pag. 133.)

Falla de hum Capitão chamado *Begie;* quer dizer Diogo Fernandes de *Beja.* (Pag. 262.)

Diz que o Rei da Persia mandára ao de Ormuz as preces e artigos da *doutrina de Italia.* Parece que quereria dizer da *doutrina de Hali.* (Pag. 266.)

Chama *esmoler* ao Capellão, ou Confessor de Affonso de Albuquerque. (Pag. 274.)

Diz que Fernam de Magalhães *tomou armas contra o seu Principe;* o que he falso e calumnioso. (Pag. 328.)

Diz que ha quem entenda que as folhas de papel em que vinhão embrulhadas as mercadorias da China, e trazião caracteres impressos, derão occasião á *invenção dos caracteres movediços typograficos* no meio do seculo XV. (Pag. 309.)

Tomo 8.º

O *D. Garcia de Sala,* de que se falla aqui, he *Garcia de Sá.* (Pag. 25.)

Fernando Begia, he *Diogo Fernandes de Beja,* o mesmo que na pag. 35 se chama *Jacome Fernandes Begia.* (Pag. 49.)

Falla do *famoso Conde da Vigueira Lopo da Gama, que foi o primeiro que entrou nas Indias.* D'aqui em diante nomêa o escriptor muitas vezes o grande e tão conhecido Vasco da Gama, dando-lhe quasi sempre o nome errado de *Lopo da Gama;* e a pag. 104 lhe chama *Lopo Vaz da Gama.* (Pag. 73.)

Falla de *Fernandes de Ataide,* que he *Nuno Fernandes de Ataide.* (Pag. 96.)

O *Lopo de Sampaio,* de que aqui se falla, he *Lopo Vaz de Sampaio.* Outras vezes lhe chama *D. Lopo de Sampaio.* (Pag. 105.)

Diz que a Inquisição se estabeleceo em Portugal entre os annos de 1526 e 1534 com approvação de Clemente VII. A Inquisição foi estabelecida definitivamente em 1536, e já Clemente VII era fallecido. A causa da sua introducção não foi a que ahi se refere. (Pag. 132.)

Põe Malaca na *India alta,* e á India dá o nome de *India baixa.* (Pag. 137.)

Dá a Francisco *de Sá* o nome de Francisco *de Sea* (Pag. 138.)

Toda a narração que faz das contendas que houve sobre o governo da India entre Pedro de Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, he cheia de erros. (Pag. 145.)

Nomêa aqui o *Almirante das Indias* em lugar de dizer o *Capitão mór do mar da India*. (Pag. 153.)

Nomêa nesta pagina e nas seguintes mais de seis vezes *D. Pedro de Far*, querendo dizer, segundo parece, *Pedro de Faria*. (Pag. 172.)

Diz que el-Rei D. João III *para manter a disciplina* nas suas tropas mandára ajuntar á frota do Imperador para a expedição de Tunes *duas embarcações*. Este auxilio foi dado *a pedido de Carlos V*. As embarcações portuguezas forão trinta e sete de differentes grandezas. O que aqui diz do Infante D. Luiz he escripto com pouca exacção. (Pag. 200.)

Na historia do primeiro cerco de Diu dá sempre ao Capitão que sustentou o cerco o nome de *Heitor da Silveira*. Todos sabem que se chamava *Antonio* (e não *Heitor) da Silveira*. Heitor da Silveira já era fallecido ao tempo do cerco. (Pag. 203.)

A narração que se faz aqui da viagem dos Portuguezes á ilha que o escriptor chama *de Celebo, a carregar de ouro*, he cheia de erros e disparates. (Pag. 128.)

He falso o que se diz aqui dos religiosos portuguezes que estavão na India. Muito antes de lá chegar o Santo Xavier, já elles tinhão feito, e continuavão a fazer não pequenos serviços á religião. (Pag. 241.)

Tomo 9.º

Diz que el-Rei pondo caza ao Principe D. João, nomeára *para seu camareiro mór D. Francisco de Sá; D. João Rodrigues, alcaide mór do Porto, para seu provisor; e para seu capitão da guarda D. Garcia de Almeida*. Queria dizer para *camareiro mór* Francisco de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, alcaide mór do Porto, para *vedor* D. Garcia de Almeida, e para *guarda mór* a Ruy Pereira da Silva, &c. (Pag. 13.)

Diz que D. João de Castro era Governador de Ormuz quando recebeo a patente de Governador *das Indias*. D. João de Castro nunca foi Governador de Ormuz; e quando foi nomeado para o governo *da India* estava em Portugal. (Pag. 38.)

Diz mais que el-Rei dera a D. Alvaro de Castro o posto de *Almirante das Indias*. Quer dizer que D. Alvaro foi *Capitão mór do mar da India*. (Pag. 39.)

Põe o fallecimento de D. João III em 11 de Junho de 1557. Devia dizer a 2 de Junho, como elle mesmo diz a pag. 159. (Pag. 113.)

Diz que apesar das qualidades da Senhora D. Catharina *não podião os Portuguezes acabar comsigo de obedecer a huma mulher*. Esta reflexão do escriptor he destituida de fundamento, he falsa, e he desmentida pelos factos de toda a historia portugueza, e especialmente pelos deste tempo de que se falla. (Pag. 114)

Diz que el-Rei D. João III estabeleceo o *tribunal de justiça, que se chama a meza da consciencia*. Esta *meza* não era *tribunal de justiça* ao tempo em que foi instituida. (Pag. 117.)

Diz que D. João III *nunca* se esqueceo dos serviços que lhe fazião. De muitos se lembraria, e a muitos galardoaria; mas he de recear que Antonio Galvão, D. Estevão da Gama, D. Alvaro de Castro, Fernam Mendes Pinto, Francisco de Sousa Pereira, D. Antonio de Noronha, e Nuno da Cunha, não deixem passar aquelle *nunca* sem censura. (Pag. 120.)

Tudo o que o escriptor diz da *colonisação do Brazil* he cheio de erros e de falsidades. (Pag. 125.)

Diz que D. João III deo *novo lustre á ordem de Christo, reunindo á corôa os dominios da de Aviz e de Santiago!* O que provavelmente quer dizer o escriptor he que el-Rei reformou a ordem de Christo, e unio á corôa os mestrados de todas. (Pag. 121.)

Falla da *batalha naval que se deo junto a Navarrin entre os Turcos e o exercito christão, na conquista da gouletta.* Parece que confunde a *batalha naval de Lepanto* com a tomada da *goletta na bahia de Tunes.* (Pag. 182.)

Chama ao *Duque de Florença Conde de Medicis.* (Pag. 191.)

Diz que o Cardeal D. Henrique *amava ternamente* a Duqueza de Bragança, *e desejaria assegurar-lhe a coróa.* A historia não nos dá grandes idéas destes *amores* e *desejos.* (Pag. 245.)

Este *Padre Henrique,* de quem aqui se falla, e outras muitas vezes nas paginas seguintes, he o *Padre Leão Henriques,* jesuita. Estes nomes classicos não he bem que se alterem. (Pag. 263.)

Não sabemos quem seja o *Conde de Sá,* de que se falla aqui. (Pag. 283.)

Diz que D. Henrique (o Cardeal e Rei) fôra *enterrado em Evora.* Foi depositado em Almeirim, e depois trasladado a Belem, aonde jaz. (Pag. 285.)

Falla do anno 1548, e diz que então chegou a Goa o Padre Frei Diogo *Bernardo,* dominicano castelhano, *com seis companheiros,* para fundarem igreja, e introduzirem *a Inquisição* em Goa. Quer fallar de Frei Diogo *Bermudes,* castelhano, mas *filiado em Portugal,* e superior do convento de Lisboa, que foi com *doze dominicanos* fundar convento em Goa, e não a Inquisição, que só lá entrou em 1560. (Pag. 40.)

Diz que os *Portuguezes se estabelecêrão na ilha de S. Thomé,* e põe este facto no reinado de D. João III, e na margem o anno 1550. A ilha foi mandada povoar por D. João II em 1493. Em 1534 teve cathedral, e em 1550 já nella se fazia hum avultado commercio. (Pag. 60.)

Toda a historia de D. Sebastião e D. Henrique he cheia de erros, incoherencias e equivocações. (Pag. 159.)

Diz ao anno 1568 que *todo Portugal nadava em rique-*

zas. Isto he falso, e não concorda com o que o proprio escriptor diz a pag. 187. (Pag. 163.)

Diz que el-Rei D. Sebastião *resolveo viver solteiro* por *aversão que tinha a mulheres*. Isto he falso. El-Rei pedio a D. Filippe II sua filha para cazar com ella, e outros cazamentos se propozerão e fallárão. (Pag. 165.)

A ceremonia de se quebrarem os escudos pela morte de el-Rei he referida pelo escriptor com particular galanteria. Era hum cidadão da caza do Senado, vestido de lucto, e atrás delle *tres velhos* tambem de lucto, &c. (Pag. 234.)

A *cazaca* de Carlos V mandada a el-Rei pelo Duque de Alva he huma noticia curiosa. E não o he menos a outra noticia, que tambem ahi nos dá, da *preguiça* dos Portuguezes. (Pag. 206.)

Dá a D. Jorge *de Almeida* o appellido de *Almada;* condecora com o *Dom* a Pedro de Alcaçova, e dá a D. Francisco *de Sá* o appellido de *Sada*. (Pag. 196.)

O *Marquez D. Thomaz*, de que falla aqui, era o cavalleiro inglez *Thomaz Stukelei*, que commandava os Italianos. O commandante dos Allemães era o Coronel *Amberg*, e não *Famberg*. (Pag. 201.)

Tomo 10.º

O que ahi e nas paginas seguintes se diz do Duque de Bragança, e dos seus tratos com D. Filippe antes que este invadisse o reino, necessita de boas provas. (Pag. 37.)

Não he facil adivinhar o que erão *os vinte mestres* de que ahi se falla. Neste mesmo lugar se lê *Espinha* por *Espinheiro*. (Pag. 45.)

Diz que o Avila sahindo de *Aveiro*, depois de assentar campo *varias vezes*, chegou a *Arrifana*. (Note-se que Arrifana dista de Aveiro cousa de duas leguas.) Arrifana (continúa) *unico obstaculo, que podia embaraçal-o por causa das margens deste rio, que corre entre dous montes*

mui altos e escarpados. Quer fallar do *Douro*, mas confunde tudo, e ignora a geografia ou topografia do paiz. *Arrifana* não podia pôr nem o mais leve obstaculo á marcha; o Douro fica d'ahi cinco leguas, &c. (Pag. 90.)

Confira-se o que ahi diz da entrada do Avila no Porto com o que tinha dito a pag. 89. (Pag. 91.)

Diz que Filippe promettêra 4:000 ducados pela cabeça do Senhor D. Antonio, e que esta *tão consideravel somma* não tentou a nenhum portuguez. Pequena somma era para tamanha tentação! D. Filippe prometteo 80:000 cruzados, e ninguem os quiz. (Pag. 96.)

Diz que o Bispo da Guarda era homem vaidoso, temerario, singular, e inimigo implacavel de Filippe II, e a pag. 61 diz que era cega a ambição do *Vimioso*, e poucos seus merecimentos. Tudo isto parece tirado de algum historiador castelhano. (Pag. 59.)

A narração que faz da conquista do Duque de Alva he defeituosa, e talvez incoherente. Pinta o chamado exercito de D. Antonio como gente *sem disciplina, nem capitães, e pouca e mal armada;* e depois celebra a victoria do Duque como se elle tivesse vencido hum exercito formidavel. (Pag. 62.)

Diz que *justificou o Duque de Alva as suspeitas que havia da lealdade de D. Diogo de Menezes;* quer dizer que o Duque justificou a D. Diogo das suspeitas que delle havia. He o avesso do que diz o escriptor, ou o traductor. (Pag. 67.)

Diz que D. Antonio estando no Porto mandou a Vianna e a Ponte de Lima disputar a passagem deste rio a Sancho de Avila, que vinha por aquelle lado para o Porto. Tudo isto he errado. O Avila hia de Coimbra para o Porto. Vianna e Ponte do Lima ficavão na extremidade opposta para o norte do Porto. A passagem que D. Antonio podia querer disputar era a do Douro, com o qual nada tem Vianna, nem Ponte do Lima, &c. (Pag. 90.)

Diz que Lisboa estava sem *muralhas nem defeza*, e a pag. 82 diz que os *magistrados* vierão tratar com os Hespanhoes de *cima das muralhas*, e que para hirem á presença do Duque de Alva fizerão que os descessem *pela muralha*. (Pag. 68.)

Torna aqui a accusar o Bispo da Guarda e o Vimioso, e diz que *secretamente tratavão com Castella*. O que he infame calumnia, desmentida pela historia. (Pag. 76.)

Pantaleão *de Sada* he *de Sá*. A pag. 111 chama tambem a Francisco *de Sá* Francisco *de Sada*. (Pag. 89.)

Diz ahi cousas calumniosas e inverosimeis contra o Duque de Bragança. (Pag. 104.)

Nota o Senhor D. Antonio de ser *fraco para a vingança;* honrosa fraqueza por certo! (Pag. 141.)

Diz que D. Filippe, *para que o seu governo se parecesse mais com o de D. Henrique, obtivera* o titulo de legado para o Archiduque Alberto, já Cardeal, mas que isto não tocou o coração dos Portuguezes! Esta reflexão he por extremo ridicula, e indigna de se escrever na historia. (Pag. 162.)

Tomo 11.º

Este tom. 11.º he todo empregado em tratar das cousas da Asia, nas quaes he mais extenso do que convinha a huma historia geral. He em muitas cousas inexacto, e ás vezes (segundo parece) pouco sincero.

Diz que o exercito de Faratuão constava de *100:000 fantasins*. (Pag. 58.)

Tudo o que se refere aqui da fundação do reino portuguez de *Angola* he cheio de erros. Diz que o Rei mandára pedir padres a D. João III em 1560, sendo que el-Rei D. João falleceo em 1557. Diz que Paulo Dias voltou a Angola de mandado de el-Rei D. Sebastião em 1578, foi em 1574, e chegou lá em 1575. Falla da *cidade de Massagão*, fundada pelos Portuguezes;

queria dizer o *prezidio de Massangano,* fundado em 1583, &c. (Pag. 139.)

Aqui e em outras partes chama aos *amoucos, amocas* e *amoucas.* (Pag. 223.)

Diz que a frota hollandeza fôra invernar na ilha do *Comoro, entre Moçambique e Goa.* Estranho modo de designar a situação da ilha! Quereria dizer entre a *costa do Moçambique e a ilha de Madagascar,* ou cousa semelhante. Goa dista de Moçambique mais de 600 leguas, e em 600 leguas de mar cabem 600:000 ilhas! (Pag. 300.)

Diz que D. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Goa, ficou governador da *India alta.* No tom. 8.º chamou a esta parte da Asia *India baixa,* e deo a *Malaca* o nome de *India alta!* (Pag. 304.)

Tendo historiado as cousas da India até 1612, diz: «Em todo este tempo houve *na igreja varias heresias* que o Arcebispo de Goa D. Aleixo cuidou logo em assaimar desde o principio, condemnando-as *n'hum concilio* que se juntou em *differentes tempos* na cidade de Goa para este effeito». Não se póde escrever com menos exacção! (Pag. 323.)

Conclue com esta reflexão: «*Bem se póde dizer que os Jesuitas quasi contribuírão tanto para a conquista das Indias com seus trabalhos apostolicos como os Vice-Reis e Governadores com suas façanhas militares*». Miseravel lisonja aos Jesuitas! miseravel ignorancia da historia que se quer escrever! (Pag. 324.)

Tomo 12.º

Neste tomo e no seguinte continúa o auctor a tratar das conquistas portuguezas ultramarinas, sempre com demasiada extensão, e muitas vezes sem ordem, sem chronologia, e sem geografia, transtornando, como costuma, nomes, empregos, factos, &c., de maneira que

se lêem muitas paginas sem que o leitor ache o fio dos successos e os possa entregar á memoria com utilidade.

Dá a *Baroche* o nome de *Barocho.* (Pag. 79.)

Falla de hum sujeito que *nada devia ao nascimento, era vil e desconhecido,* mas que o seu espirito, valor, coragem e ambição, o tornavão *digno dos empregos mais sublimes.* Este homem tinha apostatado da religião, e tomado o partido dos inimigos da sua patria e do seu Rei! (Pag. 110.)

Á caza de *Austria* chama o traductor caza *de Autriche.* (Pag. 145.)

Compare-se o que diz aqui da perda da frota capitaneada por D. Manoel de Menezes com o que diz a pag. 263, referindo o mesmo acontecimento. (Pag. 174.)

Refere com manifesta equivocação a morte do celebre Nuno Alvares Botelho. (Pag. 190.)

Chama aqui companhia de *West-Indes* á companhia das Indias occidentaes hollandeza, que outras vezes tem nomeado pelo seu nome. (Pag. 272.)

Falla do castello de *Arzin,* que se não sabe aonde he. Parece que quiz dizer de *Axin.* (Pag. 278.)

Tomo 13.º

Falla de hum *escudeiro-mór,* officio ou cargo que nunca houve em Portugal. (Pag. 47.)

O caso que ahi refere de D. João da Costa he escripto com falsidade, e com injuria deste fidalgo. Parece que o escriptor confunde este caso com outro de Jorge de Mello, referido por Vertot no fim do cap. 3.º (Pag. 63.)

Nomêa hum Antonio *de Alcisco* de Mello. (Pag. 74.)

Mostra ignorar quem era D. Francisco de Mello, de quem diz que era *pobre e humilde homem.* Este D. Francisco era filho de D. Constantino, e este filho segundo

da caza de Ferreira, que era hum segundo ramo da de Bragança por varonia. Pelo que era D. Francisco de Mello primo com irmão do Marquez de Ferreira, e muito parente dos senhores de Bragança, de quem tinha recebido honras e favores, e a quem foi ingratissimo. (Pag. 165.)

Faz *conegos* os monges de Bouro, cistercienses; chama *cidade* o lugar de *Lamas de Mouro;* e dá o mesmo nome de cidade ao lugar de *Lobos*, ou *Lobios*. (Pag. 218 e 219.)

Na historia da conspiração contra el-Rei D. João IV vem erros substanciaes, como são nomear entre os conspiradores *D. Rodrigo de Menezes* (pag. 228), e *D. Pedro de Menezes*, que diz nomeado Bispo do Porto, &c. (Pag. 220 a 234.)

Descreve o cadafalso em que os réos forão justiçados, mas parece não ter entendido o *Portugal restaurado*, de quem copia. (Pag. 232.)

Diz que a nobreza requereo que lhe entregassem os conjurados para esquartejal-os. A nobreza de Portugal não he barbara. O povo, ou antes a plebe insana foi a que no seu primeiro furor pedia que se lhe entregasse a nobreza, suppondo que todos os fidalgos erão culpados na conspiração. La Clede não entendeo os livros donde tirou estas noticias. (Pag. 231.)

Nomêa aqui o *Mestre de Campo Viola de Athis*, e o campo de *Crosto*. (Pag. 267.)

Não sei que ordem da *Ala* he a de que se falla aqui. (Pag. 330.)

Diz que fôra padrinho do Infante D. Affonso (Affonso VI) o *Principe Theodosio, irmão do Marquez de Ferreira*. (Pag. 332.)

Nomêa *D. João de Vasconcellos*, querendo dizer *Joanne Mendes de Vasconcellos*. (Pag. 337.)

Tomo 14.º

Embarcou-se no *Tamega* para hir pôr fogo a *Lamellas*. Põe *Tamega*, devendo dizer *Minho*. (Pag. 34.)

Entrárão os Castelhanos em Portugal *por hum lugar chamado Sayasecha*, quer dizer que entrárão pela *raia secca*. (Pag. 34.)

Castello de *Castro Loureiro*, isto he, de *Castro Leboreiro*. (Pag. 34.)

Falla ahi de hum *governador applaudido dos Principes da Europa*. Este governador he el-Rei D. João IV. (Pag. 41.)

Diz que os Portuguezes se *rebellárão* contra os Hollandezes no Brazil. O termo de *rebellião* he aqui improprio. (Pag. 54.)

Falla de hum soccorro que os Hollandezes mandárão para *Arecisse*. Por toda a longa e fastidiosa narração da guerra de Pernambuco nomêa *Arecisse*, *Arrecissa*, *Areciffa*, *Arecissa*, &c., querendo dizer a *villa do Arrecife*. (Pag. 62.)

Chama aos Portuguezes de Pernambuco *vassallos* dos Hollandezes.

João Fernandes Vieira he sempre *D. João*. (Pag. 64.)

João *Fernandes* de Vasconcellos deve ser João *Mendes*. (Pag. 72.)

Manoel *Rocco* deve ser Manoel *Roque*. (Pag. 96.)

O cerco de *Leda* deve ser de *Lerida*. (Pag. 104.)

Penacarsia deve ser *Penagarcia*. (Pag. 220.)

A villa de *Morano* deve ser de *Mourão*. (Pag. 267.)

Diz que el-Rei D. João IV falleceo com dezeseis annos *e hum mez* de reinado. Devia dizer *menos hum mez*. (Pag. 312.)

Diz que deixou *tres Principes e huma Princeza*. Só deixou dous Principes e a Princeza. O filho primogenito tinha fallecido muito antes de el-Rei. (Pag. 312.)

Diz que deixou huma filha natural, á qual consignou bens para se cazar, mas que a Rainha a obrigára a recolher-se a huma clausura por não gostar della. Esta filha natural de el-Rei estava em clausura desde menina, e muito em vida de seu pai. A deixa dos bens tinha embaraços legaes, e não chegou a verificar-se a disposição testamentaria. (Pag. 312.)

Tomo 15.º

Falla do *Visconde de Ponte de Lima,* titulo que nunca houve em Portugal; a pag. 140 lhe chama *Visconde de Villa Viçosa.* Era *Visconde de Villa Nova de Cerveira.* (Pag. 14.)

Nomêa o Tenente General *Francisco de Fur,* appellido de que não temos noticia. (Pag. 56.)

Diz que a côrte de Roma tendo-se mostrado disposta a conceder a Portugal o que se lhe pedisse, mudou de parecer, &c. A côrte de Roma sempre seguio os interesses de Castella, ou com vontade ou sem ella. (Pag. 74.)

Dá a *Monção* o nome de *cidade.* (Pag. 146.)

Nomêa o Capitão *Soares Malhares,* que se não sabe quem he. (Pag. 158.)

Chama *retroguarda* o que nós chamâmos *retaguarda.* (Pag. 177.)

Chama *Conde de Villa Nova* ao *Visconde de Villa Nova de Cerveira.* (Pag. 221.)

Dá ao Governador de Monção a honra de sahir da praça pela brecha, *bala na bôca,* bandeiras despregadas. (Pag. 227.)

Nomêa a ilha *de Faisans,* que nós chamâmos *dos Faizões.* (Pag. 254.)

Diz que o Duque de Aveiro *passou a Portugal,* em lugar de dizer que *passou a Castella,* &c. (Pag. 265.)

N. B. Dá ás *Côrtes* o nome de *Estados geraes.* Con-

funde *Vice-Reis* com *Governadores* da India. Dá o *dom*, e o tira a seu arbitrio, e sem nisto mesmo ser coherente. Chama *ducados* os *cruzados*. Chama *cidades* as *villas* e pequenos *lugares*. Chama *Grãos-Mestres* os *Mestres* das ordens militares. *Diogo* Lopes he *Jacques* Lopes. *Diogo* Soares he *Jayme* Soares. *Diogo* de Azambuja he *Jacome* de Azambuja. O Duque *D. Jayme* he *D. Diogo*, &c.

Regencia na menoridade de el-Rei D. Affonso V

Mr. de La Clede, no liv. 12.º (tom. 6.º da versão portugueza, pag. 1 e seguintes) trata este importante acontecimento da nossa historia com a sua costumada negligencia, suppondo algumas circumstancias que não existírão, e affirmando outras só porque as julgou verosimeis, sem respeito á pura verdade, e faltando talvez ao decoro de pessoas tão respeitaveis.

Logo no principio diz elle que *os Portuguezes, fazendo pouco caso do testamento do Rei defuncto, resolvêrão tirar a regencia á Rainha, por não poderem resolver-se a obedecer a huma estrangeira.*

A Rainha (fallando em todo o rigor) não era *estrangeira*, porque era cazada com o Rei de Portugal, vivia em Portugal, e tinha filhos portuguezes. Ainda menos era *castelhana*, como suppõe Faria e Souza, quando diz que os Portuguezes tinhão por injusto que os governasse huma mulher *estrangeira* e *castelhana*. Mas deixemos isto, e deixemos tambem para outro lugar a refutação do erro, em que laborão quasi todos os nossos escriptores e os estrangeiros, quando guiados por Faria e Souza, ousão dizer falsamente, e sem prova alguma, que os Portuguezes *são pouco affeiçoados*, e até são *propensos*

a suspeitar mal das suas Rainhas, maiormente estrangeiras e castelhanas.

Os Portuguezes julgárão que era cousa alhêa da razão, e não muito conforme aos interesses do bem commum, que a Rainha, destituida da experiencia dos negocios publicos, ficasse governando o reino, quando nelle havia tão notaveis Principes, tios de el-Rei, como erão os Infantes D. Pedro, D. Henrique e D. João.

Temerião tambem, que o genio docil da Rainha se deixasse dominar dos ambiciosos, que nunca faltão nas côrtes, e que então de facto existião, e pouco depois concorrêrão para a infelicidade desta Senhora.

Póde tambem ser que os grandes e o povo estranhassem que el-Rei D. Duarte tomasse a si a nomeação da regencia em testamento, devendo este objecto ser tratado em Côrtes, segundo a pratica daquelle tempo, em que para negocios de muito menos importancia se celebravão aquelles ajuntamentos publicos da nação.

Como quer que seja, he certo que muitos grandes, e quasi todo o povo desapprovou logo ao principio a regencia da Rainha (2), e desejou que este grande cargo fosse conferido a algum dos Infantes, apontando em particular o Duque de Coimbra, por ser o mais velho de todos elles, e em nada inferior a seus irmãos nas gran-

(2) Frei Bernardo de Brito, nos *Elogios*, diz: «Ficou el-Rei (D. Affonso V), em idade de seis annos, debaixo da protecção da Rainha D. Leonor, sua mãi, com pouca satisfação da maior parte do reino, que tendo tantos Infantes tios do menino, soffrião mal serem governados pelo arbitrio de huma mulher, que alem de pouca experiencia, e de huma natural inconstancia, que tinha na resolução dos negocios, *era mandada pelo Conde de Barcellos*, e outros, que desfavorecião muito ao Infante D. Pedro, a quem o povo amava por sua prudencia, affabilidade», &c. Note-se que, segundo este escriptor, o odio do Conde de Barcellos ao Infante já vinha de longe, e parece não ter tido a origem, a que alguns o attribuem, como depois diremos.

des e excellentes qualidades, de que todos erão dotados.

O que Mr. de La Clede aqui nos diz dos Infantes, he em parte falso, e em parte injurioso a tão excellentes Principes. Diz que D. Henrique *não sabia se se declarasse, ou não, e que querendo agradar a ambos os partidos, a ambos desagradou;* e acrescenta que D. Pedro *quasi estava nos mesmos termos;* mas que como *ardia em desejos de obter a regencia, e era melhor politico que seu irmão, soube guiar os espiritos com tanta arte, e foi tão ardiloso, que todos fiavão muito delle, &c.*

A especie de duplicidade, que o escriptor attribue ao Infante D. Henrique, he bem alhêa do nobre e generoso caracter deste Principe, e ainda mais dos seus sentimentos moraes e religiosos.

D. Henrique era hum Principe virtuoso, dado todo aos seus estudos e gloriosas emprezas, apartado, quanto lh'o permittião as suas circumstancias, do tumulto dos negocios publicos, á excepção tamsómente da guerra dos infieis, que sempre promoveo. Amava portanto a paz publica; e he muito verosimil que sem embargo de conhecer a razão da queixa do povo portuguez, desejasse por outra parte conservar a auctoridade do testamento de seu irmão; evitar o desgosto e o desar da Rainha, que tinha bondade e virtudes; e occorrer sobretudo ás perturbações publicas, para as quaes os animos se hião dispondo, como sempre succede, quando se tratão contradictoriamente negocios de tamanho interesse.

Estes erão os encontrados sentimentos que poderião acaso gerar no animo do Infante huma especie de *perplexidade* (se a teve), não *indifferença,* nem menos o baixo intento de *agradar a ambos os partidos,* ou de ganhar por meios indignos a benevolencia de quem os excitasse e fomentasse. E comtudo temos por mui certo, que quando se chegasse a tratar devida e legalmente o

negocio da regencia, nunca D. Henrique se afastaria nos seus votos ou resoluções daquelle caminho, que a sua consciencia lhe indicasse como mais justo e mais util ao bem publico do reino e á felicidade da nação (3).

Com igual inconsideração e temeridade diz o escriptor que o Infante D. Pedro *ardia por obter a regencia, e com ardilosa arte ganhára a confiança publica.* Não se falla assim de hum tal Principe sem gravissimos fundamentos, sem provas demonstrativas do seu caracter ambicioso, sem allegar acções anteriores que indicassem no illustre Principe esta paixão, &c. E nada disto allega, nem podia allegar o escriptor. A historia, cuja alma he a verdade, não deve transmittir aos tempos futuros noticias falsas, e muito menos calumnias, que, ou sejão dictadas pela ignorancia, ou pela malicia, ou (como mais verosimil nos parece) pela inconsiderada leveza, lanção para sempre feia nodoa até na mais esclarecida virtude.

O Infante D. Pedro deo em todo o decurso da sua vida exuberantes provas de que se não regia por pensamentos ambiciosos; o modo com que se houve na sua regen-

(3) Duarte Nunes de Leão attribue ao Infante D. Henrique a divisão que então se fez dos poderes publicos, pela qual ficava a Rainha tutora de el-Rei, e administradora da fazenda e officios, o Infante D. Pedro defensor do reino, e o Conde de Arrayollos dirigindo o ramo da justiça. E reflecte que o Infante D. Pedro, sem embargo de lhe ficar tão limitada porção de poder, se *accommodou com isso por bem da tranquillidade da Republica.* A Rainha aceitou com certos protestos, que parecião injuriosos ás intenções dos Infantes; e por ultimo os inimigos de D. Pedro chegárão a leval-a ás extremidades que depois se virão, e ella mesma experimentou. Mr. de La Clede segue quasi sempre Faria e Souza, que não poucas vezes se mostra inimigo de el-Rei D. João I, do Infante D. Henrique, do Infante D. Pedro, do Chanceller João das Regras, &c. He necessario desconfiar da sinceridade historica deste escriptor, a quem hum douto, nosso contemporaneo, deo (creio que com razão) o epitheto de *degenerado*.

cia he prova demonstrativa desta verdade. No primeiro ajuntamento dos Tres Estados do reino (cousa de dous mezes depois da morte de el-Rei D. Duarte) aceitou, e contentou-se com a parte que quizerão dar-lhe no governo; mas logo então começou a Rainha a mostrar desconfianças e suspeitas, muito injuriosas aos Infantes, e sem duvida inspiradas pelos inimigos destes Principes, que tinhão procurado insinuar-se no seu real animo. Ella aceitou os accordos dos Tres Estados com grandes protestos de *não prejudicar a corôa de seu filho*, e de que lhe fosse *entregue o governo logo que chegasse á idade competente*, como se os Infantes, ou os fidalgos e povo, que tinhão tido parte naquelle negocio, tivessem alguma intenção de despojar a el-Rei da sua corôa e dos seus direitos, &c.

O documento, copiado nas *Provas* da *Historia genealogica*, donde isto consta, he hum testemunho bem authentico (a nosso parecer) de que a Rainha já então era enganada pelos verdadeiros ambiciosos, e acaso por aquelles mesmos que depois, dominados de execravel odio e inveja, movêrão outro genero de perseguição ao Infante D. Pedro, até o levarem á extremidade funesta, de que logo fallaremos.

Mr. de La Clede não he menos inconsiderado, quando diz que a Rainha *acareára a si muitos grandes*, a huns com mercês, e a outros já com o seu bom modo, *já por via das damas do paço*, a quem a maior parte delles erão affeiçoados, ou pelas razões do sangue, ou *pelo amor que lhes tinhão*. Assim (diz) *lançou mão das paixões mais vivas*, quaes são a *ambição* e o *amor*, para ganhar seguidores.

Este escriptor quiz certamente transportar para Portugal a galanteria, que no seu tempo reinava na côrte de França. Mas enganou-se, e fez idéa mui errada do caracter que reinava no palacio dos Reis portuguezes,

maiormente nestes tempos, em que ainda lembravão, como de tão recente data, os honestissimos e severos costumes da Rainha Senhora D. Filippa, conservados religiosamente por seus filhos, e por todas as pessoas daquella virtuosa e real familia.

He bem natural que a Rainha Senhora D. Leonor, ou por sustentar o seu supposto direito, ou induzida (como he mais crivel) pelos que a aconselhavão, procurasse augmentar o seu partido; mas seria hum meio indigno da sua virtude, do seu caracter e da sua dignidade, servir-se da *paixão do amor* para este fim. E se Mr. de La Clede quiz dizer alguma cousa mais decorosa, devêra explicar-se por outros termos, dignos da gravidade da historia, e dignos das pessoas de quem fallava.

Pouco adiante diz ainda este escriptor, que *D. Pedro não cessava de mover cabalas em segredo contra o Conde de Barcellos*. Esta clausula, e muitas outras semelhantes de que se não dá huma só prova, são falsas e calumniosas; nem nós as podemos attribuir senão ao pouco digno intuito de lisongear a Caza de Bragança, que estava no throno (como está ainda hoje) quando Mr. de La Clede escrevia, ou de diminuir a execração que mereceo aos seus contemporaneos e á imparcial posteridade o procedimento do primeiro Duque com seu irmão o Infante D. Pedro.

A Caza de Bragança não precisa, para ser grande, que os seus antepassados fossem impeccaveis. Sobeja gloria lhe vem de muitos delles. O primeiro Duque foi hum ingrato para com seu irmão; era ambicioso, e tinha inveja dos merecimentos e fama de D. Pedro, e queria o cazamento de el-Rei para sua neta. Nenhuns beneficios do Regente bastárão para abrandar ou adormentar o seu odio; perseguio-o cruelmente, e foi o primeiro e principal auctor da sua infeliz catastrofe. Esta he a verdade. A Europa inteira (pois em toda ella era conhecido D. Pe-

dro e as suas grandes qualidades) deo logo então o mais alto testemunho ás virtudes e innocencia do Infante, e Mr. de La Clede assim mesmo o confessa e reconhece. (Veja-se o mesmo livro e tomo a pag. 77) (4).

A pag. 33 do citado livro e tomo, fallando Mr. de La Clede das diligencias, que diz que a Rainha *fizera em Aragão, Navarra, Castella e Portugal* contra o Regente, *fingindo* querer accommodar-se com elle, acrescenta que *era o Conde de Barcellos* (depois Duque de Bragança) *o que dirigia este negocio, de quem o Regente desconfiava tão pouco, que o mesmo Conde fôra o que acareára ao seu partido a D. Alvaro de Lima, hum dos mais zelosos criados da Rainha!* Aqui se esquece o escriptor daquella *arte e astucia,* que tinha attribuido a D. Pedro, da sua *ardilosa politica,* e do *incessante mover de cabalas em segredo contra o Conde,* para suppor o mesmo Infante *tão pouco desconfiado, tão pouco astuto e ardiloso,* que de muito boa fé se servia do seu maior inimigo para trazer a si os *criados mais zelosos e mais fervorosos da Rainha.*

Esta e outras semelhantes incoherencias, que a cada passo encontrâmos em Mr. de La Clede, são as que nos dão direito a attribuir a este escriptor, antes ligeireza e inconsideração, do que premeditado intento de difamar a pessoa alguma. Digamol-o de huma vez: La Clede não possuia a historia de Portugal; tinha diante dos olhos

(4) O sincero e veridico auctor da *Historia genealogica,* aliás devotissimo á Caza de Bragança, diz no tom. 5.º, pag. 74: «Que o Duque costumava dizer, que *merecia o primeiro lugar depois de seu irmão o Infante D. Duarte, porque se achára primeiro que todos os demais com a espada na mão ao lado de el-Rei seu pai para conservar e libertar o reino.* E no mesmo tomo, a pag. 84, confessa que *se lhe conhecia elevação,* não obstante fallar sempre delle com grandes elogios. Ultimamente em outra parte (no mesmo tomo) não pôde escusar-se de dizer «*que D. Affonso* (o dito primeiro Duque) *seria hum grande Principe, se não fossem as discordias que teve com seu irmão o Infante D. Pedro*», &c.

alguns escriptores, e hia extrahindo delles ora hum facto, ora outro, arranjando-os ao seu modo, e dando-lhe o verniz francez. Esta he a verdadeira origem de seus multiplicados erros, incoherencias, e talvez contradicções, como facilmente poderiamos mostrar, &c.

Catastrofe do Infante D. Pedro Duque de Coimbra

Mr. de La Clede (tom. 6.º da traducção portugueza, pag. 74) tendo referido este tragico e infausto acontecimento, e mencionando o generoso sacrificio, que fez o Conde de Abranches ao seu amigo o Infante, morrendo com elle no conflicto (impropriamente chamado *batalha)* da Alfarrobeira, diz que a amizade, que este honrado e valoroso Capitão tinha com D. Pedro, deve servir de *desculpa á falta que commetteo* em concorrer para a *rebellião* de hum Principe, *que sempre estava delinquente* por ter tomado armas, ainda que innocente dos crimes de que o accusavão.

He louvavel por certo a bondade com que o historiador *desculpa* o Conde de Abranches; mas nós temos grande difficuldade de chamar *rebelde* o Infante D. Pedro, e de dar o nome de *rebellião* ao seu procedimento.

O Infante não tomou as armas contra o seu Soberano, nem contra a auctoridade real; nem mesmo as tomou *para justificar por via de força a sua innocencia,* como diz La Clede, que isto he que poderia chamar-se *rebellião,* de que o virtuoso animo deste grande Principe estava muito alheio. Tomou-as para se defender a si mesmo e a sua pèssoa, *não contra as armas de el-Rei,* mas sim contra as do Duque de Bragança e seus adherentes, depois de ser por elles insultado, e quasi desafiado pelo Duque, que movido de detestavel e insaciavel odio, muito de pensado o quiz trazer áquella fatal e já então inevi-

tavel extremidade, para depois poder dizer, que o Infante era *rebelde* e vinha á côrte armado.

Leia-se toda esta tragedia no proprio Mr. de La Clede, e melhor na chronica de Duarte Nunes de Leão, e diga o homem mais prudente, o mais submisso á auctoridade do Rei, o mais moderado e reportado, diga, se era possivel proceder de outro modo, a não querer morrer com infamia sobre o cadafalso.

Dizem alguns, que o Infante deveria encerrar-se na sua cidade de Coimbra, e defender-se ahi. Mas o crime (se o havia) era igual. Já el-Rei tinha pretendido desarmal-o, mandando-lhe que entregasse as armas, que tinha em Coimbra, que era o mesmo que entregal-o á mercê de seus inimigos... Os laços, em que envolvêrão este grande e infeliz Principe (aos quaes Mr. de La Clede, ou o seu traductor, dá o benigno nome de *travessuras)*, forão de tal modo tecidos, que, ou o Infante havia de fazer o que fez, ou expatriar-se com o nome de traidor, ou emfim esperar os ultimos effeitos da calumnia, e morrer por sentença sobre o cadafalso. A defeza em Coimbra não tinha differença da defeza no campo, huma vez que as armas de el-Rei se movessem, como movêrão, com o determinado intuito de o fazer culpado.

Póde notar-se mais aqui que aquelles tempos não erão os de hoje. Os grandes Senhores tinhão terras, vassallos, armas e exercitos seus. Tinhão direitos proprios, que exercitavão com hum certo gráo de independencia, salva a homenagem que davão ao Rei; o que he mui attendivel para avaliar o gráo de imputação, e diminuir a estranheza que hoje nos causa hum semelhante acontecimento. O proprio Duque de Bragança passeou o reino com gente armada, e com ella quiz passar pelas terras de D. Pedro, como para desafial-o, se elle lh'o não tolhesse. Naquelles tempos até se appellidavão os Senhores *aqui do Conde, aqui do Mestre,* &c., até que as orde-

nações affonsinas o prohibírão, *por ser a protecção armada hum direito do Soberano*, &c. Por outra parte a gente do exercito real foi a que primeiro accommetteo o Infante; e deveria elle deixar-se vilipendiar, e morrer a pé quêdo (como dizem) e á vontade de seus inimigos? Deveria, digo, ainda sendo por elles accommettido, não bulir comsigo, e esperar que elles vomitassem toda a sua raiva contra elle e contra os seus?

Risque-se pois da historia o nome de *rebeldes*, dado por Mr. de La Clede aos seguidores do Infante, e a elle mesmo. Risque-se tambem o de *realistas*, dado aos inimigos deste Principe. Não havia então estes partidos; não havia huma só pessoa que não fosse *realista*. São de funestissimo exemplo estas denominações, conservadas na historia sem explicação, nem resalva. O que naquelle tempo havia era hum Principe cheio de merecimentos, e homens dominados de raivosa inveja, que o perseguírão e lhe maquinárão a morte, abusando indignamente dos poucos annos de el-Rei, e até pretendendo (que he o extremo da maldade e o ultimo toque do quadro) malquistal-o com a innocente e virtuosissima Princeza sua mulher, e filha do Infante, á qual por ultimo derão a morte com veneno (segundo fama), depois de verem que lhe não podião pôr mancha na honra e reputação. (Veja-se a carta do Infante ao Conde de Arroyollos, seu sobrinho, e filho do seu inimigo, lançada nas *Provas* da *Historia genealogica*, e veja-se tambem a circumstanciada relação de tudo isto em Duarte Nunes, *Chronica de D. Affonso V.*)

Para se ver até que ponto chegava a raiva dos inimigos do Infante, e quanta força elles tinham ganhado, deve notar-se:

1.º Que vindo de Ceuta á côrte D. Fernando, Conde de Arrayollos (filho e irmão dos dous maiores inimigos do Infante) para o defender, não só tentárão que el-Rei

o desfavorecesse, mas tambem receando que el-Rei se deixasse dobrar pela sua auctoridade a favor do Infante, inventárão falsas noticias de Ceuta, e com ellas o fizerão voltar apressado áquella praça.

2.º Que a Rainha, sendo filha do Infante, nada pôde fazer a seu favor, antes foi necessario todo o amor, que el-Rei lhe tinha, e todo o respeito que suas virtudes merecião e inspiravão, para não vir a ser lançada do thalamo real com infamia da sua honra e honestidade, ou ao menos com grande abatimento de sua pessoa e estado.

3.º Que vindo á côrte o religioso dominicano Frei Antão, homem letrado e de santa vida, com huma carta e petição do Infante para el-Rei, em que pedia *ser ouvido antes de julgado e condemnado,* foi impedido pelos inimigos do Infante de chegar a el-Rei, e até com ameaças lhe frustrárão seus pios intentos, porque temião que hum religioso de tanta virtude e auctoridade não viria senão a promover a concordia entre el-Rei e o Infante.

4.º Que vindo tambem de Ceuta o Conde de Abranches, e tentando com generosa liberdade justificar o Infante, os inimigos deste induzírão ou pretendêrão induzir el-Rei a que o fizesse sahir do reino; e como o não conseguissem, lhe lançárão ao Conde amigos seus, que como de si lhe dissessem que sahisse da côrte, pois o querião prender, &c. O Conde desprezou estes ardis, e fallou livremente em favor do Infante perante el-Rei e a côrte, pelo que os conjurados, que não ousárão contradizel-o, tratárão de apartar a el-Rei delle e do Infante D. Henrique (que erão os maiores impedimentos que embaraçavão seus planos, diz Duarte Nunes), e levárão el-Rei para Cintra, aforrado, remedio costumado em tempo de Reis moços, com o pretexto de os divertir, &c. D'ahi he que el-Rei prohibio que ninguem, sob pena de

caso maior, fosse ao Infante, nem com elle communicasse, &c.

«Muitos outros (diz o citado Duarte Nunes) quizerão fazer a concordia; mas os inimigos do Infante contraminárão tudo de tal maneira, que todo o seu trabalho ficava em vão.»

Nas escripturas e papeis do Infante não se achou huma só letra que o culpasse. *Os ardis de seus inimigos, e os vaivens com que o accommettião erão tantos e taes, que para os evitar não havia saber humano.*

El-Rei mandou desculpar-se, ou justificar-se perante o Papa Nicolau V, e perante alguns Principes do que tinha feito a seu tio, seu tutor, seu sogro e seu regente. Mas de todos lhe vierão em resposta grandes louvores do Infante, e reprehensões a El-Rei e aos que o aconselhárão, e o Papa até *excommungava os que embaraçassem dar ao corpo do Infante sepultura em lugar sagrado.*

O Duque de Borgonha, e a Duqueza, sobrinha do Infante, declarárão-se abertamente pelo Infante, e tomárão a seu cuidado o infeliz adolescente D. Jayme, seu filho, que poucos annos depois foi Cardeal, e falleceo ainda mancebo, mas cheio de virtudes. He bem sabido o que delle escreveo o Papa Pio II.

Este Pontifice, na *Descripção da Europa,* diz assim: «Em Portugal o Infante D. Pedro, Principe de grande nome, que correo quasi toda a Europa, no que deo grande mostra do seu valor, e havendo governado aquelle reino com grandissimo louvor seu, e restituindo-o a el-Rei D. Affonso, seu sobrinho e genro, com outra tanta lealdade, não deixárão por isso de succeder discordias e odios, porque vierão a batalha, em que que ferido de huma setta, morreo aquelle esforçado varão, que nos tempos atrás pelejando contra Turcos, em ajuda do Imperador Sigismundo, ganhára tanta gloria e fama.»

MEMORIA

SOBRE O

ESTADO DAS LETRAS EM PORTUGAL NA PRIMEIRA METADE DO SECULO XVIII

(FRAGMENTO)

MEMORIA

SOBRE O

ESTADO DAS LETRAS EM PORTUGAL NA PRIMEIRA METADE DO SECULO XVIII

(FRAGMENTO)

Ninguem hoje ignora a triste decadencia e abatimento a que chegou a litteratura portugueza nos fins do seculo XVI e por todo o XVII.

Os grandes e felices engenhos, que no tempo dos reinados de el-Rei D. Manoel e D. João III tinhão ennobrecido e acreditado a nação, continuárão ainda por alguns annos a produzir fructos generosos de bons estudos, capazes só por si de consolar-nos do misero estado a que depois vimos reduzidas as letras em Portugal. Mas era impossivel que, cedo ou tarde, se não experimentasse toda a força e actividade das poderosas causas que concorrião de accordo, e como á porfia, para afugentar de entre os Portuguezes as sciencias e artes, que até então achavão nelles o mais prompto e facil acolhimento.

Assim desde o anno de 1620, em que fechámos com o nome do grande Frei Luiz de Souza a lista dos nossos bons escriptores, começámos a observar entre nós, em todos os ramos de litteratura e erudição, a mais rapida e sensivel decadencia, mostrando-se nos engenhos portuguezes tão incrivel e prodigiosa transformação, que parece indicar hum geral transtorno em toda a sua constituição fysica, moral e politica.

Não foi esta notavel mudança obra de hum só momento ou de huma só causa. Hum fatal concurso de

circumstancias a preparou, e chegou a consummar pelo decurso de muito mais de hum seculo, durante os seus funestos effeitos até o meio do seculo xviii, em que a litteratura portugueza começa a apparecer com face nova, e a seguir com passos rapidos e seguros a carreira gloriosa, que tambem desde o anno de 1720 se lhe havia preparado.

Podemos, sem receio de errar, attribuir huma das primeiras e não menos principaes causas daquella decadencia ao inconsiderado arbitrio de se confiar a huma só corporação o importante cargo da educação e ensino da mocidade, á introducção e estabelecimento dos jesuitas em Portugal.

Esta corporação ambiciosa e astuta, constante nos seus planos e uniforme em suas operações, servio-se opportunamente de todos os meios que as circumstancias lhe offerecião para assenhorear-se da educação e ensino da mocidade, que he a primeira base e fundamento dos progressos nacionaes. A instrucção publica veio por este modo não só a participar de todos os inconvenientes, que são em geral inseparaveis do ensino das corporações, mas a contrahir alem disso muitos outros vicios e deformidades resultantes do particular caracter, procedimentos e maximas daquella sociedade, e de se achar concentrado nella o mais estranho e absoluto predominio sobre todos os espiritos, e consequentemente sobre as publicas opiniões (1).

Neste estado de cousas, a medida da instrucção nacional era determinada e limitada pela vontade de huma

(1) Depois do fallecimento de Santo Ignacio, procedendo-se a capitulo geral, em que foi substituido o padre Laynez, segundo Geral da Companhia, se determinárão os livros que se havião de seguir no ensino da sociedade; *semper enim Ignatius* (diz o continuador de Fleuri) *novitatibus in theologiam, philosophiam, et grammaticam invectis sive opponebat.*

só corporação, que por sua propria natureza, interesse ou capricho procurava perpetuar os methodos estabelecidos, e aquella geral ignorancia, que delles se havia originado, valendo-se de sua poderosa influencia e multiplicados recursos para obstar a qualquer innovação ou esforço, que ainda de longe ameaçasse a ruina do seu despotismo litterario.

O governo illegitimo e usurpador, que por aquelles tempos se apossou de Portugal, havendo concebido a idéa commum a todos os governos tyrannicos, e aliás verdadeira, de que as sciencias e as luzes são inconciliaveis com a escravidão, e que os povos só podem ser completamente subjugados quando tem perdido o conhecimento dos seus direitos, das suas forças e dos seus recursos; auxiliava e promovia os esforços daquella primeira causa; concorria com ella de mãos dadas para a funesta empreza da extincção das letras e bons estudos, e fazia da sua parte todo o possivel para naturalisar entre nós a ignorancia e o mau saber, como seguros apoios do despotismo e da tyrannia (2).

Os espiritos, portanto, ou reprimidos na sua actividade, ou como adormecidos naquella especie de estupidez inerte, que he sempre consequencia infallivel do constrangimento e do medo, destituidos do vigor e força varonil, que fecunda o genio e promove o seu desenvolvimento; privados finalmente até da justa e prudente liberdade, que inspira novas e grandes producções, se

(2) Em 1633 se mandavão reduzir os estudos de Portugal sómente a Coimbra e Evora. E em 1623 se tinha determinado, que não houvesse na Hespanha outros estudos da latinidades senão os dos seminarios episcopaes, e nas cidades e villas em que houvesse corregedores. Ainda em 1644 ordenou el-Rei por instancias dos jesuitas do collegio de Santo Antão, *que não haja mais escolas particulares no corpo desta cidade senão a da capella*, &c. (Cenaculo, *Memorias historicas do progresso e restabelecimento das letras*, cap. 3.º)

achavão ligados miseravelmente com as duras prisões do habito, das preoccupações e da auctoridade, desconhecendo seus sagrados e essenciaes direitos, ou sacrificando-os á imperiosa e inevitavel necessidade.

Grande numero de pessoas, tanto ecclesiasticas como seculares, de todas as ordens do estado, que por suas forças intellectuaes e moraes podião dar á infeliz patria alguma esperança de salvação, ou preparar de antemão a época da sua desejada liberdade, fôrão victimas innocentes do seu proprio merecimento sacrificadas á tyrannia do governo com huma crueldade poucas vezes praticada entre as nações civilisadas (3).

Para consummar porém a funestissima empreza da extincção das letras e bons estudos em Portugal, não bastava reprimir e suffocar o genio, calcar o merecimento, e fazel-o criminoso, cortar emfim pela raiz as generosas plantas que atė então havião crescido ao abrigo da paz, e debaixo da illuminada e benigna protecção dos nossos Principes naturaes; era igualmente necessario oppor huma barreira forte e segura á entrada de novas luzes, obstruir os canaes por onde podia vir a Portugal o beneficio da instrucção e doutrina, e retirar deste desgraçado terreno até as boas sementes, em que poderia de novo empregar-se a sua natural fecundidade.

(3) He opinião corrente dos nossos escriptores, que algumas centenas de pessoas forão sacrificadas naquelle tempo ao barbaro despotismo de Filippe II, por não serem do seu partido, ou por declararem a sua opinião a favor da Caza de Bragança, ou porque se temia a inteireza de suas doutrinas, e a nobreza e rectidão do seu caracter. Entre estas se nomeião algumas de distincto merecimento litterario. (Veja-se o *Tratado analytico,* de Leitão, e os artigos que ahi cita; veja-se tambem a carta de D. Antonio, Prior do Crato, a Gregorio XIII, escripta no anno de 1584, e o livrinho intitulado *Fuora villaeo,* pag. 144 e seg.; veja-se *Breves noticias da universidade de Coimbra* no *Jornal de Coimbra.)*

As circumstancias começárão este desempenho, consummado depois pela astucia e maliciosa reflexão.

As heresias do norte, suscitadas e propagadas extensamente por todo o seculo XVI, havião inspirado aos Portuguezes, sempre zelosos de conservar incorrupta a religião do seu paiz, huma especie de suspeitoso receio a respeito de toda a erudição e livros estrangeiros.

A astucia soube converter este receio em hum odio entranhavel e perseguidor, e estender conseguintemente os seus effeitos a muitos escriptores de abalisado merecimento, cujos nomes, até simplesmente impressos na frente dos livros, erão ahi mesmo notados com o signal de proscripção e de infamia, gerando-se deste modo, pouco a pouco, nos animos de todos, hum sentimento constante e habitual, que os retrahia de se familiarisarem por meio da lição com os povos mais civilisados, e de os imitarem em seus progressos litterarios, e no solido conhecimento da boa e proveitosa doutrina.

E como por outra parte as controversias religiosas daquelle seculo tinhão sido de algum modo hum dos grandes moveis da restauração das letras, obrigando os controversistas ao estudo das linguas orientaes e sabias das antiguidades sagradas e profanas da historia, da critica, da hermeneutica, e até da boa dialectica e metafysica, não foi difficil inculcar ao vulgo dos Portuguezes a pretendida malignidade occulta destes estudos, e fazer que elles incorressem por este modo na publica execração, como se houvessem contrahido o vicio das disputas, que casualmente motivárão a sua restauração ou concorrêrão para o seu aperfeiçoamento.

Cessou então de todo o sabio arbitrio de enviar, como se costumava, aos paizes estrangeiros moços portuguezes, cujos talentos enriquecidos dos trabalhos alheios, viessem plantar na patria o gosto dos bons estudos. Indices copiosissimos, fabricados com sinistras intenções,

e dictados talvez por alheia influencia, mostravão aos Portuguezes hum sem numero de excellentes livros marcados com a nota infame de reprovação, a par de outros cujas doutrinas erão verdadeiramente nocivas ou perigosas. E com estes artificios se procurava enganar a simplicidade de muitos e reprimir ou assustar a perspicaz viveza de outros, a fim de que as brilhantes luzes, que já então alumiavão outras nações, não podessem penetrar e dissipar as grossas trevas em que nos achavamos envolvidos.

Estes astuciosos meios fôrão auxiliados pelos effeitos politicos da dominação estranha e despotica dos Filippes.

A pasmosa navegação e commercio de Portugal, que felizmente tinha promovido por tantos modos neste bello paiz o gosto das boas artes, e inflammado em nobre enthusiasmo o genio dos Portuguezes, se achava na mais triste inacção e abatimento. Lisboa, que até então fôra a escala de todos os navios da Europa, e o deposito geral das mercadorias e riquezas de todos os paizes do mundo conhecido, já não era frequentada de hum sem numero de estrangeiros, cuja communicação tambem da sua parte havia grandemente concorrido para augmentar a massa das publicas idéas, dissipar ou diminuir a força das preoccupações nacionaes e exclusivas, multiplicar as riquezas da instrucção, e dar ao genio portuguez aquella extensão, força e nobreza, que jámais se encontra n'huma nação concentrada em si mesma, e que por sua situação geografica ou politica se nega ou difficulta á communicação e frequencia dos outros povos.

As riquezas, que aquelle vasto commercio trouxera a Portugal, e que facilitando e multiplicando as commodidades e regalos da vida, havião dado aos espiritos hum certo gosto das cousas bellas e grandes, tinhão sido ou estancadas nas suas fontes, ou extorquidas com diversos pretextos das mãos dos Portuguezes, deixando-os

no triste abatimento e humilhação, que he filho da indigencia (4), e que apenas dá lugar a huma litteratura pobre, mesquinha e sem energia.

Finalmente, a ditosa paz do coração, e a mutua franqueza e confiança entre os cidadãos, que são a consequencia ordinaria e natural da ordem publica, da segurança individual de cada membro do estado, e da protecção que o governo deve dar aos direitos e propriedades, havia desapparecido de Portugal, para dar lugar á triste e inquieta perturbação, e ao sombrio e suspeitoso temor, que de nenhum modo se podem conciliar com a tranquilla serenidade do espirito, necessaria para as meditações aturadas das sciencias e para as bellas producções das artes.

O anno de 1640 mostrou aos Portuguezes mais agradavel perspectiva na ordem politica, restituindo-lhes, por hum milagre de patriotismo, os seus Principes naturaes, e com elles a tão suspirada liberdade. Mas não era igualmente possivel reanimar e restaurar os bons estudos, nem aviventar o fogo extincto do genio e do enthusiasmo litterario.

O governo, obrigado a defender e segurar seus direitos á custa de longos, continuos e indefessos trabalhos, distrahido por outra parte com a necessidade de providenciar por meios adequados ao restabelecimento da ordem publica, e até coarctado nas suas operações por forças occultas, mas poderosas, e por então formidaveis, parecia haver perdido de vista o importante objecto da

(4) Parece-nos huma verdade indisputavel em geral, que a pobreza tende de sua natureza a enfraquecer o sentimento da independencia, e a produzir hum espirito abjecto e venal, improprio para os nobres esforços e razoavel liberdade, que pedem os trabalhos scientificos; ainda qne haja homens, que no meio da indigencia conservão toda a altivez natural do caracter humano, e todo o fogo e actividade intellectual necessaria no estudo das sciencias.

instrucção nacional, reservando, sem duvida, para tempos e circumstancias mais opportunas o regular esta parte, aliás essencial, da felicidade e gloria da nação.

Huma longa e porfiada guerra, sustentada por vinte e oito annos continuos, alem de diminuir consideravelmente a povoação e riquezas do reino, e de augmentar deste modo o abatimento dos Portuguezes, hia desviando cada vez mais de entre nós o genio das sciencias e boas artes, cujos pacificos trabalhos nunca prosperárão senão á sombra do publico repouso, e no meio da abundancia e dos innocentes prazeres da sociedade.

O commercio, cujos felices effeitos tem sido ligados em todas as nações com o adiantamento das letras, nunca em Portugal tornou a restituir-se ao antigo estado de vigor e prosperidade. Os Inglezes e Hollandezes lhe havião dado o mais profundo golpe, apossando-se de huma boa parte de nossas riquissimas colonias, e roubando-nos por este modo indirectamente hum dos meios da restauração da nossa litteratura.

E com estes inconvenientes politicos continuavão sempre a subsistir, cada vez com mais vigor, as outras poderosas causas, que ao principio tinhão promovido a extincção das letras, quaes erão o monopolio litterario dos Jesuitas, as preoccupações habituaes da nação, o odio artificiosamente inspirado á toda a erudição estrangeira, a consequente raridade de bons livros, e a falta quasi absoluta de communicação litteraria com os povos mais civilisados da Europa.

De maneira que examinando com imparcialidade todos os diversos ramos de instrucção, ainda aquelles mesmos, que na época mais florecente da nossa litteratura tinhão feito mais vantajosos e rapidos progressos, se não acha hum só, em que se não mostrem gravados profundamente os funestissimos effeitos das causas que deixâmos indicadas.

A linguagem patria, primeiro fundamento dos progressos litterarios em todas as nações, enriquecida e aperfeiçoada entre nós pelos successivos e infatigaveis trabalhos de Sá de Miranda, Camões, Barros, Ferreira, Arraes, Lucena, Souza, e outros insignes escriptores, jazia desprezada e sem gloria, como se fosse envolvida na adversa fortuna do povo lusitano, e condemnada á dura escravidão que por tantos modos o tinha opprimido. A sua elegancia nobre e magestosa havia degenerado na mais insulsa e ridicula affectação. A sua fecundidade e riqueza achava-se reduzida a huma vãa ostentação de vocabulos insignificantes, ou para melhor dizer, a huma verdadeira e funesta esterilidade. As suas graças naturaes e expressivas, e a sua harmonia encantadora, se tinhão convertido em ornamentos frivolos, e na mais insipida e grosseira monotonia. N'huma palavra, todos os principios, que podião concorrer para o seu progressivo melhoramento e perfeição, ou se tinhão subtrahido de proposito ao conhecimento dos Portuguezes, ou se lhes havião artificiosamente tornado inuteis e inefficazes.

Em tão misero estado da lingua portugueza, não era possivel que a *arte de pensar* fizesse entre nós melhores progressos. A intima e absoluta dependencia, que tem entre si huma e outra cousa, faz que ambas sigão constantemente igual fortuna, e que pelo estado da linguagem de qualquer nação se possa sempre ajuizar do seu progresso ou atrazamento naquella importantissima arte, e em todas as sciencias, em que ella tem tamanho e tão sensivel influxo.

Não devemos pois admirar-nos de que fossem totalmente estranhos em Portugal os principios da verdadeira logica e metafysica, e que estes dous necessarios fundamentos de toda a humana sciencia se achassem reduzidos a longos e fastidiosos tratados sobre *signaes,*

universaes, intellecções, causas, precisões, &c., e outros semelhantes objectos, tão prejudiciaes ao adiantamento das sciencias, quanto vasios de toda a significação e utilidade, e só proprios para illudir o vulgo indouto, e para encobrir debaixo de palavras inintelligiveis a ignorancia atrevida e presumpçosa.

Mas erão todavia estes mesmos objectos os que servião de base a todos os mais estudos, e até formavão o seu principal fundo e substancia. A theologia, a jurisprudencia canonica e civil, a fysica, a medicina, &c., sciencias uteis, quando tratadas com dignidade e decoro, se achavão em Portugal desacompanhadas de todo o apparato dos conhecimentos subsidiarios prévios ao seu estudo, e reduzidas em si mesmas a hum miseravel complexo de questões escolasticas, cujo assumpto erão, pela maior parte, vocabulos insignificantes, noções escuras, indeterminadas e impertinentes, abstracções quimericas, cousas finalmente sem realidade, que, quando menos, nenhuma applicação e uso podião ter na pratica da vida humana. Donde resultava ser toda aquella vãa sciencia inutil para a direcção e melhoramento dos costumes, e para augmentar os commodos da sociedade, que são os dous grandes fins a que devem encaminhar-se todos os humanos conhecimentos.

Não se póde negar que este mal, ao menos em parte, era commum a todos os paizes da Europa, não só no seculo XVI, mas ainda mesmo nos principios do seculo XVII, até que alguns espiritos superiores ouzárão sacudir o jugo das preoccupações vulgares, e libertar-se da dura escravidão das escolas, abrindo hum novo caminho ao genio verdadeiramente filosofico. Mas estes esforços generosos, que desde o meio do seculo XVII começárão a produzir na Europa o mais feliz effeito, e que pouco depois ajudados do estabelecimento das duas celebres acade-

mias de Londres (5) e París (6) espalhárão por toda a parte abundantes luzes de sãa doutrina, não podêrão jámais superar os fortes e redobrados obstaculos, que em Hespanha e Portugal se havião posto á introducção da solida filosofia e dos conhecimentos uteis.

As duas universidades, que então havia no nosso reino, dominadas das preoccupações geraes, e dirigidas directa ou indirectamente pelos sinistros influxos do temor pusillanime, e de huma sujeição cega e absoluta, parecião destinadas tamsómente a servir de seguro deposito dos antigos erros, e perpetuarem os falsos methodos, que em todos os espiritos tinhão gerado e radicado a mais grosseira ignorancia. E algumas outras associações de litteratos, que com o nome de *Academias* (7) se formárão em Portugal no decurso do seculo XVII, e ainda nos primeiros annos do seculo XVIII, guiadas pelo mau gosto geralmente dominante, reprimidas nos seus louvaveis esforços pelas causas já indicadas, e por outra parte destituidas de hum estabelecimento solido, e de huma protecção poderosa e efficaz, nada mais fizerão do que depositar em seus escriptos

(5) Carlos II, de Inglaterra, organisou definivamente em 1660 a *sociedade real de Londres*, que já d'antes existia em Oxford como sociedade particular.

(6) Uma reunião de eruditos, que fazião conferencias litterarias em París desde 1629, he erigida em *academia franceza* por Luiz XIII em 1635. Luiz XIV fundou em 1666 a *academia das sciencias de Paris*, e deo-lhe a organisação em 1669; fundou tambem a *academia de inscripções e bellas letras* em 1663. Em Allemanha fundou-se tambem, no anno de 1652, a dos *curiosos da natureza*. A elles se deve a publicação do Diario dos eruditos de París, em 1665, e das Actas dos eruditos de Leipsic, em 1682, &c.

(7) Academia *Instantanea*. — Em que se discorria nos assumptos sem preparo. Estabelecida pelo Bispo do Porto D. Fernando Corrêa de Lacerda na sua caza.

Academia dos *Generosos*. — Renasceo em 1684 em caza de D. An-

novas provas do estranho abatimento e degeneração a que tinha chegado a litteratura portugueza.

E tal era entre nós o estado das letras nos principios do seculo XVIII, quando el-Rei D. João V subio ao throno de seus augustos paes, e começou a entender no melhoramento da nação, e consequentemente na felicidade dos seus povos.

Este Principe generoso e amigo, logo que restituio aos Portuguezes a paz, por que tanto tempo havia suspiravão, levado porventura da nobre ambição de fazer huma distincta figura entre os Monarchas do seu tempo, e desejando para isso plantar nos seus estados as sciencias e artes, que com tanto fructo se cultivavão nos paizes mais civilisados da Europa, começou esta digna empreza pelo estabelecimento da *Real Academia da historia portugueza*, instituida por decreto de 8 de Dezembro de 1720, escolhendo para socios della os litteratos mais distinctos que então havia em Portugal, e aos quaes já de antemão animava nas suas applicações, concedendo-lhes a mais benigna e graciosa protecção.

Póde considerar-se esta época como a primeira aurora do feliz renascimento da nossa litteratura, que até então apenas podia presagiar-se pelos esforços, aliás bem logrados, com que havião trabalhado Vieira, Bernardes, Argote e Bluteau, no melhoramento da linguagem pa-

tonio Alvares da Cunha; foi outra vez renovada em 1693 por seus filhos D. Pedro e D. Luiz da Cunha.

Academia *Portugueza.* — Novamente aberta em 1717.

Conferencias eruditas. — Em caza do Conde da Ericeira em 1696 até 1699.

Academia *Erudita, anonyma e illustrada.*

Academia dos *Humildes e ignorantes.*

Academia dos *Anonymos.* — Juntava-se em caza do Conde da Ericeira, e na de Ignacio Carvalho de Souza, varão insigne na poetica.

tria, o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes (8) em restituir á historia o seu estilo, a sua nobreza e o seu decoro, o Marquez de Alegrete em renovar entre nós a pureza e elegancia da boa latinidade (9), e outros varões doutos em tirar do abatimento alguns outros ramos de erudição.

Tinhão estes debeis esforços sido na verdade uteis e proveitosos ás letras, e já desde o principio do seculo havião de algum modo preparado e aplanado o caminho á sua tão necessaria reformação. O reinado de Luiz XIV em França, fertil em grandes homens, e sempre memoravel nos annaes da litteratura e na historia do espirito humano, tinha feito daquella nação hum como centro de brilhantes luzes, que despedindo seus raios copiosamente para as outras nações da Europa, não podia deixar de despertar tambem nos Portuguezes o genio das sciencias e das artes, que ainda de todo os não havia abandonado. Elles começárão a sentir a decadencia da sua antiga gloria litteraria, e a conceber nobre emulação dos vantajosos e rapidos progressos que outras nações hião fazendo nas sciencias. A primeira nobreza da côrte dava digno exemplo e estimulo ás outras classes de cidadãos, fazendo dos seus palacios habitação das musas, acolhendo com bondade os homens doutos e applicados, e procurando adquirir pelo estudo das letras os distinctos creditos, que a paz lhes não deixava ganhar pelo exercicio das armas. O Monarcha tinha tambem já começado a dar provas do seu amor a este genero de gloria nacional, e a abrir de novo a entrada á communicação das luzes e aos bons livros estrangeiros, que até então se achavão como exterminados de Portugal.

A fundação da nossa livraria da universidade, orde-

(8) *Portugal Restaurado*, 1679 a 1698, 2 vol. fol.
(9) O Marquez Manoel Telles da Silva, *Historia de D. João II.*

nada em 1716, e depois enriquecida de excellentes livros a expensas de el-Rei (10); a benignidade com que elle mandava hir á sua presença a academia portugueza estabelecida no palacio do Conde da Ericeira para assistir a suas eruditas conferencias; o cuidado que tivera de chamar de Italia professores de mathematica, sobre cujas observações astronomicas se traçassem as cartas geograficas do reino e das conquistas; a prudente e bem advertida nomeação de hum engenheiro mór do reino, que désse direcção, vigor e permanencia ás novas academias de fortificação ordenadas infructuosamente pelo Senhor D. Pedro II em 1701; a generosidade, com que se dignára concorrer para a impressão do *Vocabulario portuguez*, de D. Rafael Bluteau, que sem este bem applicado soccorro não chegaria, póde ser, a gozar a luz publica; tudo isto, digo, erão outros tantos felices indicios da nova face que a litteratura portugueza hia a tomar debaixo da protecção de tão generoso Principe.

Mas elle mesmo conhecia pelas suas proprias luzes, e não menos pelo exemplo das outras nações, quanto importava ao adiantamento litterario ligar em hum corpo os homens mais eruditos da nação, a fim de que munidos de huma protecção poderosa e soberana, não só se ajudassem huns aos outros com mutuos recursos, exemplos, emulação, unidade de plano, e communica-

(10) A nova livraria da universidade foi fundada por el-Rei por provisão de 31 de Outubro de 1716; ampliou a disposição dos estatutos relativa ao emprego annual que nella se havia de fazer; e mandou comprar livros no valor de 14:000 cruzados para enriquecel-a. Augmentou com muitos mil volumes e com livros raros e manuscriptos preciosos a pequena livraria que ainda existia no paço, e que fôra da Serenissima Caza de Bragança. Fundou e enriqueceo as duas livrarias de Mafra e das Necessidades. Enriqueceo a do collegio dos padres agostinhos descalços de Coimbra, que he ainda hoje huma das boas livrarias daquella cidade.

ção de idéas e trabalhos, mas tambem podessem com forças reunidas contrastar os habitos inveterados do mau saber, os erros perniciosos da publica educação, e os muitos outros poderosos obstaculos que a ignorancia talvez malevola poderia ainda oppor a esta tão saudavel, como necessaria reforma.

Nomeou pois o illuminado Monarcha cincoenta socios ordinarios para a academia, escolhidos entre os mais doutos do reino; declarou-se protector desta corporação litteraria (11), e auctorisou com a sua real approvação as leis que havião de dirigir e regular os seus trabalhos, endereçados particularmente a colligir e ordenar memorias para a historia sagrada e profana, tanto antiga como moderna da nação.

Era este assumpto digno na verdade das luzes do Principe, mui proprio para pôr diante dos olhos dos Portuguezes os gloriosos exemplos de seus maiores, e excital-os á imitação de tão nobres modelos, accommodado ás circumstancias em que se achava Portugal relativamente aos outros generos de conhecimentos, e tal que abrangendo na sua vasta comprehensão, e demandando para o seu desempenho as luzes da chronologia, geografia, diplomatica, heraldica, numismatica, e todos os mais ramos de antiguidades, não só abria hum largo campo ás curiosas indagações dos eruditos, mas tambem começava de algum modo a dar huma nova direcção aos estudos publicos, e a mostrar a necessidade de refazer e fundar sobre novas bases a educação litteraria, encerrada até então dentro de mui curtos e apoucados limites.

Abrirão-se por ordem do Principe os archivos nacionaes (12), para delles se copiarem os documentos e se

(11) Decreto de 8 de Dezembro de 1720.

(12) Decreto de 20 de Outubro de 1721 e carta regia de 11 de

extrahirem as noticias que havião de servir de fundamento aos trabalhos da academia (13). Providenciou-se á conservação dos antigos e preciosos monumentos das artes (14), menosprezados até então pela ignorancia systematica, que tinha encadeado o espirito dos Portuguezes no tempo dos precedentes reinados; e convidárão-se com grandes ordenados officiaes estrangeiros para fabricarem os caracteres typograficos, e desenharem e gravarem as vinhetas e estampas, com que havião de imprimir-se e adornar-se as producções daquella illustre e sabia corporação (15).

Estas providencias do Monarcha, acompanhadas de huma sempre constante e generosa protecção, tiverão o effeito que se devia esperar, e não tardou muito que o publico sentisse as suas felices consequencias. Appare-

Fevereiro do mesmo anno; avisos de 19 de Outubro de 1725, 2 de Outubro de 1726 e 30 de Outubro de 1727.

(13) Decreto de 4 de Janeiro de 1721.

(14) Decreto de 13 de Agosto de 1721 e alvará de 20 do mesmo mez e anno.

(15) G. F. L. Debrie, os dous Harrewyn, Antonio Guillort, Pedro de Rochefort, C. de Rochefort filho, Michael le Bouteux, Rousseau, Morganty, Simonneau e João de Villeneuve, fundidor de caracteres typograficos, que imprimio em Lisboa em 1732 hum folheto para dar amostra dos primeiros caracteres, que formára para serviço da academia. (Veja-se a *Memoria sobre a origem da typografia em Portugal* nas de litteratura da academia real das sciencias de Lisboa, tom. 8.°, part. 1.ª, pag. 11.)

A *Geografia* de D. Luiz Caetano de Lima tem mappas das provincias de Portugal, e João Silverio Carpinetti tambem levantou e desenvolveu mappas. Na *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, arquitectos,* &c. Lisboa, 1723, pag. 96, se faz menção de Mr. Merveilleux, medico suisso, que pelos annos de 1730 veio a Lisboa para escrever a Historia natural dos tres reinos, o que devia ser por ordem de el-Rei ou com sua permissão. As estampas da *Geometria de Euclides*, do padre Manoel de Campos, são abertas por Debrie em 1735.

cêrão talentos, que o timido receio tinha como encerrados na obscuridade dos seus gabinetes, e sahirão á luz publica muitas obras em differentes ramos de litteratura, capazes, se não de dar hum alto conceito da erudição dos Portuguezes, ao menos de reanimar as esperanças quasi extinctas da sua restauração e progressivo melhoramento.

A mocidade teve hum resumo da chronologia, geografia, numismatica, brasão e historia universal nos *Elementos* de Vallemont, trasladados na lingua portugueza por Pedro de Souza de Castello Branco, e acrescentados com particulares noticias do nosso reino até o anno de 1734, em que fôrão impressos. A geografia historica foi tratada com decoro pelo theatino D. Luiz Caetano de Lima (16). O outro respeitavel membro da mesma familia religiosa, D. Antonio Caetano de Souza, illustrou com muita erudição e estilo culto a historia genealogica da casa real portugueza (17) e de outras grandes familias do reino (18), auctorisando a verdade dos factos com grande numero de preciosos documentos até então ineditos, e ajuntando em particular importantes memorias para a difficil e embaraçada historia da numismatica nacional.

A historia e antiguidades da Igreja lusitana começárão a sahir do profundo esquecimento em que jazião, e a receber luz e claridade nas *Memorias para a historia ecclesiastica da Igreja bracharense* (19), pelo theatino D. Jeronymo Contador de Argote, e da *Igreja da Guarda,* pelo academico Manoel Pereira da Silva Leal (20), nos diversos *Catalogos* de Bispos, e outros prelados e dignidades

(16) Impressa em 1734 e 1736, 2 vol., 4.º

(17) *Historia genealogica,* &c., 20 vol., 4.º, 1735 a 1748.

(18) *Memoria historica e genealogica dos grandes de Portugal,* 1739, 8.º

(19) Impressas em 1732, 5 vol., 4.º

(20) Impressas em 1724, 4.º

ecclesiasticas de Portugal (21), impressos na collecção da academia; nas *Memorias para a historia da ordem de Malta*, por Frei Lucas de Santa Catharina, e dos *Templarios*, por Alexandre Ferreira; no *Apparato para a disciplina e ritos ecclesiasticos de Portugal*, e em outras obras do illustre e erudito academico D. Francisco de Almeida; na *Historia das inqusições deste reino e conquistas, e catalogos respectivos*, por Frei Pedro Monteiro, dominicano, &c.

Iguaes augmentos de luz recebeo dos trabalhos da academia a historia civil, politica e litteraria da nação nas excellentes *Memorias de el-Rei D. João I*, por José Soares da Silva (22), nas de *el-Rei D. Sebastião*, pelo erudito e laborioso escriptor Diogo Barbosa Machado (23); no *Portugal renascido*, do cisterciense Frei Manoel da Rocha (24); no *Catalogo chronologico, historico e critico das Rainhas de Portugal*, pelo theatino D. José Barbosa (25); nas *Memorias da universidade de Coimbra e catalogos de seus reitores e lentes*, pelo academico Francisco Leitão Ferreira (26); na *Historia da America portugueza*, pelo outro academico Sebastião da Rocha Pita (27); na *Bibliotheca lusitana*, do já citado Diogo Barbosa Machado (28); e finalmente (por não tecermos fastidioso cata-

(21) *Catalogo dos Bispos da Idanha e Guarda*, por Leal, 1722; de *Coimbra*, por Francisco Leitão Ferreira; das *Igrejas ultramarinas*, por D. Antonio Caetano de Souza; dos *Mestres da Ordem do Templo*, por Frei Lucas de Santa Catharina, dominicano, 1722; dos *Grãos-Priores do Crato*, pelo mesmo; dos *Bispos de Vizeu*, pelo congregado J. Leal, 1722.

(22) Impressas em 1730-1734, 4 vol., 4.º

(23) Impressas em 1736-1739, 4 vol., 4.º

(24) Impresso em 1730, fol.

(25) Impresso em 1727, 4.º

(26) Impressas em 1729, fol.

(27) Impressa em 1730, fol.

(28) Impressa de 1741 a 1759, 4 vol., fol.

logo) nas outras muitas bem conhecidas memorias, que por aquelles tempos se escrevêrão e publicárão sobre semelhantes assumptos.

As quaes obras todas, postoque de vario merecimento e desempenho, e não isentas, emquanto ao estilo e critica, dos defeitos que o atrazamento da nossa litteratura necessariamente havia de produzir, são comtudo abonadas provas do zêlo e actividade, com que os bons engenhos portuguezes se davão aos estudos, nunca alhêos de sua generosa indole, e do muito que em tão poucos annos podérão sobre elles as acertadas providencias do Principe, e a feliz influencia de sua illuminada protecção; sendo por outra parte bem digno da nossa reflexão, e mui proprio para confirmar as nossas primeiras idéas, que no meio de tantos e tão uteis trabalhos, se não encontre producção alguma notavel, que sahisse da penna daquelles jesuitas, que el-Rei nomeára academicos, sem embargo da orgulhosa superioridade litteraria que affectavão, e do intoleravel despotismo que na realidade exercitavão sobre a instrucção nacional; argumento, ao nosso parecer, incontestavel da mesquinha pobreza de conhecimentos, que debaixo daquella presumida arrogancia se encobria, e não menos do intimo dissabor, com que aquelles inimigos da nossa litteratura vião escapar-lhes das mãos o publico magisterio, de que por tão sinistros meios se tinhão apossado.

Com os progressos historicos não correo parelhas o estudo das sciencias, que chamâmos maiores. Elle demandava educação proporcionada e bem dirigida; tempo sufficiente para que a razão illustrada se despojasse de seus antigos habitos; variedade de magisterio, que désse occasião á introducção de novos systemas e opiniões varias, e sobretudo huma prudente liberdade de pensar, que distinguindo o bem do mal, e os fóros da religião das usurpações do fanatismo, soubesse traçar discreta-

mente a linha, que demarca as verdades da fé e os outros objectos das indagações filosoficas.

Todavia nestas mesmas sciencias derão os Portuguezes hum passo mais ávante dos limites, que a ignorancia despotica, o timido receio, a educação mesquinha, a penuria de bons livros, e as outras causas moraes e politicas parecia haverem fixado invariavelmente.

As escolas publicas, estabelecidas nas cazas da congregação do Oratorio de S. Filippe Neri desde os principios do seculo, fôrão as primeiras (29) que neste reino ousárão franquear aquelles mui coarctados limites, seguindo a filosofia gassendiana, que o seu padre *Tosca* havia adoptado e explicado no reino e cidade de Valencia. E postoque ou as suas proprias circumstancias, ou huma condescendencia necessaria com as idéas publicas lhes não permittisse adoptar logo a filosofia verdadeiramente eclectica, não se lhes póde comtudo negar o merecimento de se haverem subtrahido ao jugo das opiniões peripateticas, e dos methodos dominantes, com o fim de seguirem idéas mais razoaveis, mais liberaes, e mais proprias para desviarem os espiritos de inuteis e quimericas abstracções, e o conduzirem ao verdadeiro caminho da sãa filosofia.

Esta opportuna resolução teve pelo menos a importante vantagem de excitar os estudiosos á discussão e comparação das differentes doutrinas; de diminuir consideravelmente o cego e mal entendido respeito ás opiniões recebidas; de mostrar quam necessaria era a lição dos muitos e bons livros, que os modernos filosofos tinhão escripto nas mais illustradas nações da Europa; e finalmente de despertar a geral curiosidade sobre assumptos, que já se não podião reputar contrarios ás sãas doutri-

(29) O padre João Baptista, da congregação do Oratorio, foi o primeiro que em Portugal ensinou a filosofia moderna.

nas da religião, nem vedados ao filosofo verdadeiramente christão.

A fysica experimental e as mathematicas começárão tambem então a ter algum lugar entre os estudos dos Portuguezes. O Monarcha, particularmente apaixonado destas sciencias, mandou vir de fóra do reino copia de maquinas e instrumentos, que servissem ás demonstrações e observações de huma e outra sciencia; estabeleceo no seu proprio palacio, e no collegio jesuitico de Santo Antão de Lisboa observatorios astronomicos dirigidos pelos dous napolitanos já lembrados, Carbone e Capacce, cujas observações communicadas a algumas academias da Europa, fôrão inseridas com honra em suas memorias (30). Mandou ordenar cartas geograficas do reino e estados do Brazil, alem das corograficas e topograficas, que fôrão encarregadas pela academia ao engenheiro Manoel de Azevedo Fortes; e instituio na côrte e nas praças de Almeida e Elvas academias militares (31), em que se ensinassem os principios de geometria, fortificação, artilheria e outras disciplinas necessarias á arte da guerra, não se esquecendo de mandar attender com proporcionados premios aos alumnos que nellas fizessem mais distinctos progressos.

Ao gosto que el-Rei mostrava por estas sciencias devemos tambem attribuir as publicas lições de fysica experimental, que o inglez Luiz Baden deo em Lisboa pelos annos de 1728, ainda que com pouca consequencia; o acolhimento com que foi recebido neste reino o celebre engenheiro Frederico Jacob de Weinholtz, inventor

(30) Veja-se *Mémoires de l'academie des sciences de Paris,* anno de 1724, pag. 410, e *Elogio funebre e historico do Senhor D. João V,* pag. 161.

(31) Decreto de 24 de Dezembro de 1732.

das peças de artilheria, que chamárão *acceleradas* (32); as *Dissertações sobre as cousas naturaes do Brazil*, escriptas pelo dr. Caetano de Brito de Figueiredo, e recitadas na academia dos *esquecidos*, na Bahia (33); o projecto, que formára Diogo de Mendoça Côrte Real, filho de outro do mesmo nome, Secretario de Estado de el-Rei, de escrever a *Historia natural do Brazil* (34); a bem acertada lembrança que el-Rei teve de escolher e designar o illustre portuguez Bento de Moura Portugal (35)

(32) Veja-se Montarroio, *Epanaphora India*, part. 5.ª, n.º 7 e seg., e *Elogio funebre e historico*, pag. 199. Por outras relações de Montarroio vê-se que as peças acceleradas tiverão uso na India.

(33) Fundada pelo Vice-Rei daquelle estado, Vasco Cesar Fernandes de Menezes, no anno de 1724. Em elogio funebre feito a el-Rei, na Bahia, se diz que a academia se fundára lá em 1721, no palacio do Vice-Rei Conde de Sabugosa, e que nella se dera por tres annos principio á historia do Brazil. O segundo Marquez de Sabugosa chamava-se «José Antonio de Mello da Silva Cesar de Menezes», por onde se vê que Cesar de Menezes he effectivamente o Conde de Sabugosa.

Existem estas *Dissertações sobre as cousas naturaes do Brazil* na bibliotheca manuscripto do mosteiro real de Alcobaça, e forma a sua collecção o cod. 366, segundo consta do index impresso em 1765. Pertencem á mesma academia as dez dissertações sobre a historia do Brazil, cuja collecção forma o cod. 365 na mesma bibliotheca e index. Mais o cod. 367, que contém as *Dissertações critico-juridico historicas da guerra brazilica*, por Ignacio Barbosa Machado, e o cod. 368, que contém as *Dissertações da historia ecclesiastica do Brazil*, pelo padre Gonçalo Soares da França.

(34) Em 1731 escreveo o Secretario d'Estado Diogo de Mendoça Côrte Real a Jacob de Castro, pedindo-lhe a remessa dos melhores livros de *historia natural* para instrucção de seu filho, que, sendo muito inclinado áquelles estudos, se lembrava de emprehender a *Historia natural do Brazil*. Veja-se o mesmo Jacob de Castro na dedicatoria do seu livro *Do uso e abuso das aguas de Inglaterra*, impresso em 1756.

(35) Fez este illustre portuguez algumas addições e correcções ás bombas de fogo, que merecêrão a approvação da academia real das sciencias de Paris. (Veja-se as *Memorias* desta academia do

para se applicar em Londres ao estudo da filosofia newtoniana, em que fez avantajados progressos; e finalmente a util e mui judiciosa empreza, que tomou o benemerito jesuita Manoel de Campos, de escrever e imprimir em linguagem portugueza os seus *Elementos de geometria e trigonometria*, impressos em 1734 e 1737.

Erão estes na verdade apenas huns primeiros e imperfeitissimos ensaios, ou antes disposições para estudos mais dignos, que não podião fundar-se e radicar-se entre nós sem hum plano regular e devidamente executado. Mas a elles todavia deveo a nação as suas primeiras applicações a tão importantes materias, e a composição da excellente obra da *Recreação filosofica*, que sahio á luz no primeiro anno do seguinte reinado, e que a juizo de hum critico illustrado, he *huma das melhores que se tem composto na Europa para instruir a mocidade, no que pertence á fysica*, alem de ser verdadeiramente original em lingua portugueza, pelo que respeita á fórma dialogistica, que o seu auctor empregou e desempenhou com muita propriedade e elegancia.

A medicina mereceo tambem a attenção e cuidados do Monarcha, digno por certo de melhores tempos. Elle diligenciou attrahir a Lisboa o insigne Boerhaave, sem pôr limites a despeza alguma, que para isso se julgasse necessaria, havendo que o magisterio deste grande homem seria bastante para dar huma nova face em Portugal a tão importante sciencia. Por sua ordem foi outrosim consultado em Inglaterra o celebre portuguez Jacob de Castro Sarmento sobre os meios mais convenientes á restauração e reforma da medicina; mas o plano, que

anno de 1740, pag. 111; veja-se tambem o elogio que lhe faz o outro sabio portuguez, Jacob de Castro Sarmento, na dedicatoria da obra intitulada *Theorica verdadeira das marés*, impressa em 1737, 4.º

este sabio medico propoz e aconselhou, e os primeiros passos que el-Rei fez dar para a sua execução (pelos annos de 1735) vierão a mallograr-se por causas que he facil adivinhar, ficando a nação por este motivo até privada de ter na sua linguagem a traducção das immortaes obras filosoficas do illustre Chanceller de Inglaterra Bacon, e de ver renovado o antigo costume de se mandarem aos paizes estrangeiros moços escolhidos, que depois viessem depositar no seio da patria os cabedaes de doutrina adquiridos em melhores escolas (36).

Não foi menos attendida pelo Principe a cirurgia, como parte importante da medicina, e como arte util e necessaria á conservação da vida dos seus vassallos. Depois de haver estabelecido no hospital real de Todos os Santos em Lisboa huma cadeira de anatomia com vantajoso ordenado, fez chamar para o ensino della em 1721 o catalão Antonio de Monrava e Roca, doutor pela universidade de Lerida, e ordenou que nenhum aspirante fosse admittido ao ultimo exame daquella arte sem ser préviamente habilitado para isso por hum rigoroso exame de anatomia theorica e pratica. E como ou o caracter pessoal deste professor, ou a emulação e preoccupações dos nacionaes suscitassem discordias prejudiciaes ao conseguimento do fim proposto, el-Rei o aposentou, fazendo substituir em seu lugar em 1732 o outro douto anatomico estrangeiro Santucci (37), doutor em Bolonha,

(36) *Compendio historico do estado da universidade de Coimbra*, part. 2.ª, cap. 3.º, 107.º e 115.º

(37) *Anatomia do corpo humano*, recopilada por Bernardo Santucci. Lisboa Occidental, 1739, 4.º

Os cirurgiões do Porto se unirão e formárão em 1747 huma academia cirurgica para o melhoramento da sua arte. Em 1748 se formárão os seus estatutos, que fôrão confirmados por provisão de 25 de Setembro do mesmo anno. Esta academia tinha aulas de anatomia e cirurgia theorica, e ganhou credito, chegando a dimi-

e medico que fôra da Princeza de Toscana, a quem se seguio no anno de 1750 Pedro Duffau, antigo cirurgião mór nos exercitos e hospitaes militares de Allemanha.

A estes cuidados de el-Rei devemos sem duvida alguns tratados de cirurgia e anatomia, que por aquelle tempo sahirão á luz, e que tiverão pelo menos a vantagem de excitar huma util curiosidade e emulação nos Portuguezes, professores destes estudos, e de os mover porventura ao estabelecimento, não de todo infructuoso, das duas academias de medicina fundadas na cidade do Porto em 1748 e 1749, e da sociedade medica de Santo Huberto (38), instituida alguns annos antes na cidade de Lisboa.

nuir naquella cidade o *empirismo cirurgico* que nella d'antes dominava.

Parece que Monrava intentou fundar huma semelhante em Lisboa, para a qual fez o plano que vem no tom. 1.º da sua *Medicina novissima.*

Santucci fez no hospital real de Lisboa demonstrações de anatomia, que depois continuou Duffau, e depois deste o douto e benemerito Manoel Constancio.

Parece-nos cousa demonstrada que o ensino publico concentrado exclusivamente em huma só corporação he sujeito a graves inconvenientes. Esta especie de privilegio ou monopolio necessariamente ha de crear o orgulho, o qual he por si mesmo origem de muitos erros, e põe hum grande obstaculo ao reconhecimento e correcção delles. Alem disso traz tambem huma especie de inacção e immobilidade intellectual. Que interesse teria essa corporação em adiantar e ampliar o numero e a extensão de seus conhecimentos? Basta-lhe conserval-os como hum patrimonio hereditario, e como hum meio de manter a sua superioridade. Nestes termos não se distribuem os conhecimentos uteis aos discipulos, senão pela medida que convem aos interesses da corpòração, e ao grau de força que lhe quer imprimir quem a dirige.

(38) A obra intitulada *Essais et observations de médecine de la société de Edinbourg,* traduzida do inglez, e impressa em Paris em 1742, no tom. 2.º, artigo 36.º, debaixo da rubrica *Œuvres annoncés,*

Emquanto huma parte das sciencias filosoficas fazia os primeiros debeis esforços para sahir do triste abatimento em que se achavão, e outra parte ficava ainda sepultada em triste abandono, mal podião prosperar outras sciencias, que sem os conhecimentos da boa e sãa filosofia são como corpos desanimados.

A jurisprudencia canonica e civil não póde tratar-se nem aprender-se dignamente, sem que ao seu estudo preceda, alem das indispensaveis noções da historia e da litteratura, hum sufficiente conhecimento da boa dialectica, da arte critica e hermeneutica, do direito natural e das gentes, do direito publico universal, nacional, ecclesiastico, &c. Mas todos estes ramos das sciencias erão ou de todo ignorados em Portugal, ou apenas conhecidos pelos nomes, e a circumstancia, aliás indifferente, de haverem alguns delles sido tratados, reformados, ou quasi creados de novo por sabios das nações e seitas protestantes, era sobejo motivo para que os Portuguezes, ainda os menos preoccupados, se acautelassem prudentemente de propor ao publico como util e vantajosa a sua lição.

Assim, huma e outra jurisprudencia continuou a conservar-se no mesmo estado em que havia ficado dos precedentes governos sem que se fizesse esforço algum por melhorar ou reformar o seu estudo, o que podemos tambem attribuir a não haver no reino outra alguma escola publica daquellas sciencias senão as da universidade de Coimbra, em cujos methodos se não tinha ainda intentado mudança ou alteração alguma.

A theologia teve melhor fortuna. As corporações re-

et autres nouvelles concernants la médecine, traz este artigo: *A Sociedade de Santo Huberto, em Lisboa, ha de adjudicar o premio do anno ultimo a quem der a melhor dissertação sobre as causas e a natureza da peste.* Desta sociedade não temos achado lembrança em outro algum escripto.

gulares animadas com o favor que o Principe dava ás letras, libertadas hum pouco mais da dura sujeição litteraria, em que por tanto tempo as retiverão os prepotentes jesuitas; e movidas de louvavel emulação entre si, começárão a entender no melhoramento de suas particulares escolas; provêrão as suas bibliothecas de livros de boa doutrina; estudárão mais a historia, que vião acreditada e honrada pelo Monarcha, e trabalhárão do modo possivel por transpor os limites, que até então de mau grado se vião forçadas a respeitar. E como os estudos destas corporações erão principalmente endereçados ao conhecimento das sciencias ecclesiasticas, por isso que mais proprias do seu instituto, bem se vê quanta utilidade estas tirarião da união daquellas poderosas causas.

Já el-Rei D. Affonso VI tinha creado a cadeira de controversia em 1664, provendo-a em Frei Izidoro da Luz, religioso trinitario; mas por morte deste foi extincta por provisão de 5 de Novembro de 1670.

Concorreu tambem para o mesmo fim o estabelecimento de huma nova cadeira de controversia theologica na universidade de Coimbra, ordenado por provisão real de 12 de Janeiro de 1714; e outro estabelecimento de huma academia da historia dos concilios, fundada em 1715 pelo erudito Nuncio apostolico, Monsenhor Firrão, no seu palacio de Lisboa; a instituição de duas cadeiras de historia ecclesiastica e lithurgia, feita posteriormente com licença de el-Rei no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra por ordem do sabio Pontifice Benedicto XIV em 1747 (39); e finalmente as luzes de alguns eruditos regulares e seculares (40), que viajando por differentes

(39) Pela bulla *Aurea,* que começa *Gloria domini,* dada a 22 de Junho de 1747, e segunda vez impressa a 25 de Março de 1748.

(40) D. Manoel Caetano de Souza, theatino, varão de grande e

motivos em paizes estrangeiros, trouxerão delles o bom e apurado gosto das sciencias, que ahi se cultivavão, para o plantarem opportunamente nas suas respectivas familias.

Assim as materias theologicas começárão a ensinar-se nos claustros religiosos mais desempeçadas das vãas e inuteis especulações da escolastica peripatetica. Conhecia-se a necessidade da historia ecclesiastica e da disciplina e antiguidades sagradas. Lia-se a dogmatica e polemica, e já não erão como d'antes desconhecidos de todo os subsidios necessarios á boa theologia. Mas nenhum ramo desta sciencia fez tão sensiveis progressos entre nós por aquelles tempos como a lithurgia (41).

Não fallâmos aqui da historia ecclesiastica e seus estudos, porque já dissemos quanto basta para se entender qual foi o seu progresso neste periodo.

O religioso empenho com que el-Rei trabalhou em estabelecer na sua real capella a perfeição das ceremonias ecclesiasticas, a policia e boa ordem dos differentes

mui extensa erudição, tambem viajou pela Italia, aonde conversou e tratou com muitos homens doutos. (Veja-se a *Historia genealogica*, tom. 1.º)

D. Frei José Maria da Fonseca e Evora, Bispo do Porto, alem dos seus escriptos, sabe-se o que fez em Italia em favor das letras. (Barbosa, Florez, &c.)

O padre João Baptista de Castro foi a Roma, e discorreo pelas principaes cidades de Italia com o fim de communicar com os varões sabios. Mereceo a benevolencia de Clemente XII. Imprimio o *Mappa de Portugal* em 1745 até 1758, 5 vol., 8.º; reimprimio-se em 1762 e 1763 em 3 vol., 4.º; ambas as edições em Lisboa.

Alguns padres da terceira ordem assistirão em Roma nas sessões da nova *academia dos concilios,* estabelecida no seu collegio de S. Paulo *alla Regula. (Memorias historicas dos progressos e restabelecimento das letras,* tom. 2.º, pag. 192.)

(41) Não fallâmos aqui da historia ecclesiastica e seus estudos, porque já dissemos quanto basta para se entender qual foi o seu progresso neste periodo.

ministerios, e a augusta e pomposa solemnidade do culto, moveo tambem o seu generoso coração a colligir, sem attenção a despezas, tudo quanto podia concorrer para o conseguimento daquelle designio, e foi por isso huma das poderosas causas que mais influírão na cultura dos estudos lithurgicos entre nós.

Em 1729 deo o famoso José Simonio Assemano em latim a ordem da missa syriaca, e as lithurgias dos Maronitas, Jacobitas e Nestorianos, a pedido do nosso Monarcha (42), que já então havia feito procurar de todas as partes os livros ecclesiasticos e os sagrados ornamentos dos Christãos orientaes, para com elles enriquecer e ornar a sua real capella.

O mesmo fez em 1730 a respeito dos ritos gregos Pompilio Rodota, interprete dos codices gregos da bibliotheca Vaticana (43); e finalmente dos ritos e canto ambrosiano foi encarregado o padre Caetano Brenna, milanez, que em 1748 concluio a sua commissão; alem de mandar el-Rei á côrte de Roma alguns ecclesiasticos entendidos, para ali examinarem e aprenderem com mais perfeição a ordem das sagradas ceremonias, que depois devião estabelecer e dirigir em Portugal. Providencias que forçosamente havião de produzir nas pessoas dadas aos estudos ecclesiasticos o desejo de se applicarem com cuidado a este ramo de erudição theologica, assim como produzírão em muitos estrangeiros a obsequiosa lembrança de dedicarem a el-Rei não poucas obras sobre estes assumptos, e sobre outros muitos a que mais affeiçoado o julgavão (44).

(42) Assim o attesta o outro Assemano (Estevão Evodio) na sua obra intitulada *Bibliothecae laurentianae et palatinae Codd. mss. orientalium catalogus*, &c., impressa em Florença em 1742.

(43) Em 13 vol., fol.

(44) O Cardeal Ursino dedicou a el-Rei o *Synodicon diocesano da Santa Igreja de Benevento.* Estevão Evodio Assemano as *Actas*

Outro motivo não menos poderoso do progresso dos conhecimentos lithurgicos entre nós, foi o constante zêlo que mostrou sempre a favor delles o sabio Pontifice Benedicto XIV, pois da escola lithurgica, de que já fallámos, ordenada por seu mandado, com approvação de el-Rei no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, he que nasceo a primeira idéa do estabelecimento da academia lithurgica, que só passados annos, em 1758, se chegou a organisar no mesmo mosteiro (45), e de cujos trabalhos se imprimirão alguns volumes não de todo inuteis, nem desagradaveis aos estudiosos de semelhantes materias.

Se do estado das sciencias severas passâmos ao das humanidades e bellas artes, não poderemos deixar de confessar que tambem estas tiverão algum principio de melhoramento entre os Portuguezes no reinado de el-Rei D. João V, que comprehende todo o meio seculo de que vamos tratando.

dos Santos Martyres orientaes e occidentaes. O padre José Bianchini o *Evangiliarum quadruplex latinae versionis antiquae,* &c. O padre D. Malachias de Inguinbert a collecção das obras do venerando Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres. O padre Sianda, cisterciense, o seu *Lexicon polemicum,* impresso em Roma em 1734. Leonardo Venturini os *Annaes de Buronio,* de que foi editor, &c. *(Elogio funebre e historico,* pag. 147). O padre Filippe Bouani a obra intitulada *La Gerarchia ecclesiastica,* impressa em Roma em 1720, em 2 vol., 4.°, e composta por insinuação de el-Rei. *(Elogio,* pag. 286.)

Academia dos *Generosos, applicados, escalabidanos, vimaranenses, occultos,* e outros. *(Elogio,* pag. 143.) A dos *Singulares* foi a primeira que se instituio em Lisboa á imitação de outras da Italia. *(Apol. dialog.,* pag. 203.) A dos *Anonymos,* em caza de Ignacio Carvalho e Souza. *(Memorias da universidade.)* A instituida no palacio do Conde da Ericeira, com o nome de *Conferencias eruditas,* que tinha por hum dos seus objectos o melhoramento da linguagem.

(45) Á imitação de outros que o Pontifice havia erigido em Roma no seu palacio Quirinal e em Bolonha.

A paz restituida a Portugal desde os primeiros annos deste governo; a abundancia de metaes preciosos que as minas do Brazil produzírão com rara profusão; os consequentes progressos da riqueza e luxo nacional (46), que rapidamente subio ao mais alto ponto; o gosto do Principe a respeito de tudo o que era ostentação e magnificencia, a maior extensão do commercio, o melhoramento, bem que lento e imperfeito, dos conhecimentos filosoficos, e outras semelhantes causas, bastarião sem duvida para começar a restauração de todas aquellas artes, cujos progressos são sempre ligados com a maior polidez e civilisação das nações, e com o gosto que ellas neste estado adquirem das cousas bellas e agradaveis; quanto mais acrescendo a estas causas geraes o particular favor do Principe e a sua immediata protecção!

Entre estas artes tem o primeiro lugar a de fallar e escrever, por serem aquellas que mais immediatamente exprimem e declarão a mudança que se tem feito nos pensamentos, nos gostos e nas affeições moraes dos povos; sendo certo que a exactidão, regularidade e extensão das idéas; a nobreza, elevação, variedade e delicadeza dos sentimentos demandão copia de vocabulos, e esses de significação bem determinada; fraze pura, correcta, desempeçada, regular e cheia de perspicuidade; expressão nobre, viva, harmonica, flexivel e variada; finalmente linguagem propria para explicar com ordem, clareza, elegancia e decoro todos os estados da alma, e as suas differentes e mui varias modificações.

Tiverão pois estas artes seu proporcionado melhoramento em Portugal no feliz reinado de el-Rei D. João V,

(46) Fallâmos da riqueza das minas e do luxo nacional sómente com respeito á immediata influencia que tem no melhoramento das artes; mas não ignorâmos os males que huma e outra cousa póde produzir na felicidade publica, quando as boas leis não regulão o seu uso e applicação.

quanto era compativel com o estado geral da educação litteraria, e do regulamento das primeiras escolas, em que se não havia intentado mudança alguma.

Já lembrámos a util empreza do theatino D. Jeronymo Contador de Argote, o qual em 1721 publicou as *Regras da lingua portugueza,* a primeira obra deste genero que sahio á luz depois da decadencia da nossa litteratura. E comquanto o auctor preoccupado da vulgar opinião, ainda hoje mui corrente, de ser a nossa lingua filha da latina, seguio em tudo as leis e analogia da grammatica desta lingua, e até teve em vista facilitar por meio de huma o estudo da outra; nem por isso se lhe deve negar o merecimento de ser o primeiro do seu tempo que entre nós ousou affrontar a errada e perniciosa opinião da inutilidade do estudo da lingua patria; opinião, que ainda depois se reproduzio debaixo do supposto nome de Frei Arsenio nas *Reflexões apologeticas contra o verdadeiro methodo de estudar,* impressas em 1748 (47).

Lembrâmos tambem a outra utilissima empreza do douto Bluteau, varão digno de muito louvor e do eterno reconhecimento dos Portuguezes, porquanto trabalhou, sendo estrangeiro, a bem da nossa nacional linguagem, esmerando-se em dar-nos o mais copioso e póde-se dizer unico vocabulario de termos e frazes que até então, e por muitos annos depois, houve em Portugal. Com o que não só mostrou aos Portuguezes a riqueza, fecundidade, gravidade, expressão, elegancia e mais excellentes qualidades da sua lingua, em nada inferior ás outras da Europa, mas tambem pondo-lhes diante dos olhos em grande numero de exemplos o digno uso que della se havia feito, os excitou á lição dos primeiros insignes mestres que a creárão e restaurárão, e a imitar a pureza e nobre elegancia da sua fraze e estilo, preterida a ridi-

(47) *Reflexão 4.ª*, pag. 20.

cula affectação daquelles conceitos e expressões, que tão outra havião tornado a sua natural formosura.

O assumpto principal das applicações da real academia da historia obrigava tambem os eruditos a revolverem e examinarem os antigos documentos, memorias e chronicas do reino, thesouro copioso em que se achão depositadas quasi todas as riquezas da linguagem portugueza. Com o mesmo fim era forçoso ler os poetas nacionaes, que a cada passo ou fazem allusão aos factos da nossa historia, ou de proposito os celebrão em seus versos. A academia (48), que com o nome de *conferencias eruditas* se celebrava no palacio do Conde da Ericeira, fomentava tambem pela sua parte o estudo da lingua patria, tomando por hum de seus principaes assumptos o tratar do valor da propriedade e conveniencia dos vocabulos, ou já introduzidos com significação propria, ou antiquados, ou ainda não admittidos. E a isto tudo se ajuntava o louvavel e bem logrado esforço de alguns benemeritos Portuguezes, que não só fizerão particulares catalogos dos vocabulos da nossa lingua pertencentes ás artes e sciencias, mas tambem trasladárão para ella muitos termos technicos das sciencias, que até então sómente se havião entre nós tratado em latim, com o que alem de a ampliarem e enriquecerem, hião tambem lançando novos fundamentos para a mudança da filosofia, e para fazer mais vulgares entre nós os estudos uteis e os conhecimentos da solida doutrina (49).

(48) Fundada em 1696, interrompida pela guerra e restaurada em 1717.

(49) Taes forão, entre outros, Frei João Pacheco no seu *Divertimento erudito,* impresso em 1734, aonde nos deixou os vocabularios de muitas artes, officios, manufacturas, productos naturaes, &c. O padre Manoel de Campos, jesuita, nos seus *Elementos de geometria,* em linguagem, impressos em 1735, 8.º, em Lisboa Occidental; Jacob de Castro Sarmento, em todos os seus escriptos medicos e

Todos estes trabalhos auxiliados da transformação, que pouco a pouco se hia fazendo nas idéas, produzírão o seu natural effeito.

Os escriptos da real academia da historia, e outros que sahírão á luz por aquelles tempos, não podem citar-se, pela maior parte, como modelos de linguagem pura e correcta, e do pensar e escrever nacional, que observâmos nos escriptores da nossa melhor idade. Mas quem comparar alguns delles em geral com os do precedente seculo não deixará de notar alguma differença entre huns e outros, e de conhecer o progressivo, postoque vagaroso, melhoramento que a lingua portugueza hia adquirindo.

O academico D. Antonio Caetano de Souza he desempeçado, e tem pureza e talvez elegancia. Soares da Silva escreve com decoro e perspicuidade. Os discursos do outro academico Alexandre de Gusmão, que vem na collecção de memorias e documentos da academia, são escriptos com elegancia e dignidade; e todos os doutos conhecem e admirão a concisão, energia e estilo original das suas cartas e officios, que andão manuscriptos nas mãos dos litteratos curiosos. As relações do douto e laborioso Montarroio são escriptas em estilo grave, sizudo e desaffectado.

filosoficos, e particularmente na *Glosa dos termos e palavras scientificas*, que vem no fim da sua *Theorica verdadeira das marés*, impressa em Londres em 1734, 4.º; o douto Manoel de Azevedo Fortes, na sua *Logica racional, geometrica e algebrica*, impressa em 1734 e 1737, de que já fizemos menção, e nas outras suas obras; João Vigier, no seu *Thesouro apollineo*, na *Farmacopéa olisiponense*, na *Historia das plantas*, &c.

EXEMPLOS

DE

VIRTUDE, ACÇÕES E DICTOS MEMORAVEIS, COLLIGIDOS
DA HISTORIA DE PORTUGAL

PARA INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE QUE FREQUENTA OS ESTUDOS

Credendumque doctissimis hominibus, qui unicum adversorum solatium litteras putaverunt.
QUINTIL. INST., liv. VI, *Praefat.*

Serra de Ossa, 5 de Dezembro de 1829.

EXEMPLOS

DE

VIRTUDE, ACÇÕES E DICTOS MEMORAVEIS, COLLIGIDOS DA HISTORIA DE PORTUGAL

PARA INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE QUE FREQUENTA OS ESTUDOS

1

Em tempo de el-Rei D. Sebastião, governando por elle sua avó a Rainha D. Catharina, e sendo Ministro D. Gil Eannes da Costa, aconteceo que viesse á presença do Ministro hum neto do grande Duarte Pacheco Pereira, com tantas mostras de pobreza e indigencia, que o excellente varão entrado de lastima, e magoado de ver que assim vivia quem tinha por avô hum homem de tão raro merito, se foi á Rainha, e depois de lhe tomar palavra de que lhe não negaria a mercê, que hia pedir-lhe, disse: «Não saiba o mundo, Senhora, que o neto da verdadeira honra e gloria de Portugal, he tratado de tal modo, em tempo que Vossa Alteza governa este reino. Huma commenda, que está dada a meu filho, a Vossa Alteza peço, que a dê a este homem». Respondeo a Rainha «que o neto de Pacheco teria huma commenda, e o filho do Ministro ficaria com a sua». Ao que o Ministro tornou: «Meu filho, Senhora, póde esperar, porque tem que comer, e este homem não. Vossa Alteza me prometteo fazer-me a graça que eu lhe pedisse: esta lhe peço». A Rainha lh'o concedeo assim. Ó rara virtude! Ó exemplo sem segundo!

2

Quando o Proconsul romano Decio Junio Bruto, campeava na Lusitania, sujeitando-a quasi toda, e levando suas armas vencedoras até ao rio Minho, huma só cidade, chamada Cinnania, se teve firme e constante, resistindo ao vencedor. Bruto, ou porque não queria demorar-se na expugnação desta cidade, ou porque temeo não a poder render, mandou propor aos habitantes, que se elles quizessem remir-se a dinheiro, os deixaria em paz. Os nobres e generosos Lusitanos respondêrão «que seus maiores lhes havião deixado ferro, com que defendessem a sua liberdade, e não ouro, com que a comprassem a hum General avarento». Esta resposta he tão magnanima, que Valerio Maximo, referindo o caso, acrescenta «que mais quererião os Romanos havel-a dado, do que ouvido».

3

Estando el-Rei D. João I no cerco da praça e cidade de Coria, foi tal a resistencia que lhe fizerão os Castelhanos, que elle se vio obrigado a levantar o cerco, e a retirar-se. Então, agastado deste desar das suas armas, a que não estava acostumado, diz a historia, que em presença dos fidalgos que o acompanhavão, rompêra nestas palavras: «Ah! que grande falta nos fazem hoje os cavalleiros da Tabola Redonda; que se elles aqui estivessem, certo que não levantariamos o cerco sem render a praça». Mem Rodrigues de Vasconcellos, que era hum dos mais valorosos cavalleiros daquelles tempos, não podendo sofrer em silencio a sem razão, com que el-Rei naquellas palavras o tratava a elle, e aos mais que estavão presentes, respondeo com ousada e nobre liberdade: «Que não erão os cavalleiros da Tabola Redonda os que tinhão feito falta, pois ali estavão muitos, que bem se podião comparar com elles; mas que lhes

tinha faltado o Rei Arthur, que os sabia avaliar e estimar». El-Rei, cahindo em si e querendo dar satisfação a tão illustres e generosos vassallos, disse «que o Rei Arthur era hum dos cavalleiros da Tabola Redonda, e que elle tambem a si se mettia na conta». Com isto lançou o caso a galanteria, e logo mudou de pratica. Neste caso nos parece tão digna de admiração e louvor a honrada ousadia de Mem Rodrigues, como a temperança e moderação do grande Rei.

4

Em tempo de el-Rei D. João I, era Rui Mendes de Vasconcellos hum dos mais valentes cabos do exercito portuguez, e por isso, e por suas nobres qualidades, mui estimado de el-Rei. Succedeo, que depois da expugnação da praça de Villa Lobos, estando os Portuguezes sobre Castro Verde, ficasse Rui Mendes ferido de huma flecha envenenada; e como lhe aconselhassem que bebesse a sua propria urina, como unico meio de evitar a morte, elle comtudo não podia vencer a repugnancia que tinha a tal remedio. Então el-Rei mandou vir hum vaso, e urinando nelle, bebeo em presença de Rui Mendes, exhortando-o com o seu exemplo a fazer o mesmo para salvar a vida. «Rui Mendes, amigo (lhe dizia), não fareis vós o que faz o vosso Rei»? O illustre capitão deo a el-Rei as graças por tão singular testemunho de bondade, mas não pôde superar o seu tedio, e falleceo poucos dias depois, com grande sentimento de el-Rei. Quem não admirará a rara humanidade e benevolencia deste grande Principe? Que vassallo deixaria de servil-o com fidelidade e amor, e de dar por elle a vida, se necessario fosse?

5

El-Rei D. Affonso IV, denominado entre nós *o Bravo,* e que tamanha gloria ganhou na paz e na guerra, era

comtudo, nos primeiros annos de seu reinado, nimiamente affecto ao divertimento da caça, e gastava tempo consideravel neste exercicio, quasi descuidado dos negocios publicos e do governo de seus estados. Hum dia lhe fizerão seus Ministros, com grande acatamento, serias reflexões sobre aquelle excesso, representando-lhe tudo quanto podia obrigal-o a reportar-se. El-Rei houve como temerarias as queixas dos fieis Ministros, e respondeu-lhes com grande desabrimento. Ao que elles, com profundo respeito, ousárão replicar, concluindo que se Sua Alteza se não corrigisse, se verião elles obrigados... «A que? interrompeo el-Rei»; e elles: «A elegêr outro Rei, que melhor nos governe». El-Rei sahio do conselho, todo tomado da colera, e ameaçando castigar severamente a ousadia dos Ministros; mas tornando em si, começou a occupar-se cuidadosamente dos negocios, deixou a caça, e teve em grande estima os que assim o tinham aconselhado. «Bemaventurados os ministros (diz hum escriptor) que acertão a aconselhar semelhantes Reis; mas ainda mais bemaventurados os Reis que tem a fortuna de achar taes Ministros»!

6

O veneravel Bispo de Merida, Masona, metropolitano da antiga Lusitania, que floreceo pelos fins do seculo VI, não se fez menos illustre pela liberalissima e universal caridade que exercitava com os pobres e enfermos, do que pela perseguição e desterro, que sofreo pela fé catholica em tempo de el-Rei Leovigildo. Este grande prelado fundou hum hospital, aonde erão recolhidas as pessoas enfermas de qualquer condição ou religião que fossem; exemplo verdadeiramente raro de caridade e tolerancia evangelica! Todos os dias, sem falta, andavão medicos, discorrendo pelos bairros da cidade, com or-

dem sua para conduzirem, em seus proprios braços, ao hospital quaesquer enfermos que achassem, ou fossem servos ou livres, ou christãos, ou judeus, ou gentios, com o que (diz o historiador contemporaneo) attrahio ao gremio da Igreja muitos destes infieis, que na caridade do prelado reconhecião o caracter e a santidade da divina religião, que elle seguia e ensinava. Notem este exemplo os Prelados da Igreja! notem-no tambem aquelles, que prezando-se do nome e profissão de christãos, se mostrão tão alheios da mansidão evangelica, e tão contrarios ao espirito, á doutrina e pratica do divino Mestre e Fundador do Christianismo!

7

Quando el-Rei de Castella, D. Henrique II, entrou em Portugal, e poz cerco a Lisboa, em tempo de el-Rei D. Fernando, murmuravão os Portuguezes da inacção do seu Principe, e da quasi indifferença com que via assolar o reino pelos inimigos. D. João Sanchez chegou a taxar publicamente de cobardia o procedimento de el-Rei D. Fernando. El-Rei, vindo a sabel-o, disse a D. João diante de toda a côrte, «que as suas palavras erão proprias de quem era filho de hum azemel de bestas, e que tal o tinha sido o pai delle D. João, pois fôra moço de bestas de el-Rei D. Pedro». A este dito de el-Rei tornou D. João Sanchez: «Senhor, eu entendia que não era merecedor do insulto que Vossa Alteza me faz. Não sei, Senhor, se meu pai foi moço de bestas de el-Rei defuncto, pai de Vossa Alteza; mas se o foi, por certo que foi moço de hum bizarro Principe. Muito porém seria para desejar que Vossa Alteza, para gloria das suas armas, tivesse na sua côrte muitos moços de bestas da minha qualidade, que nunca seus inimigos terião a ousadia de o ultrajar, entrando até ao coração do seu reino». Esta

destemida resposta não teve réplica; ella mostra a generosa indole do fidalgo que a deo, e quanto elle prezava sobre tudo a sua honra e dignidade.

8

O grande D. João de Castro, Governador e Vice-Rei da India em tempo de el-Rei D. João III, foi hum exemplar perfeito de muitas excellentes virtudes. A religião, as sciencias, a patria e o Rei erão todo o emprego de suas attenções e desvelos. Depois de fazer levantar o cerco da praça de Diu, que D. João Mascarenhas havia defendido heroicamente, não achando nos cofres do Estado, nem nos seus particulares recursos, meios alguns com que reparasse os muros da praça e pagasse o soldo aos seus bravos defensores, pedio á Camara de Goa 20:000 pardáos emprestados, e lhe mandou em penhor huma guedelha da sua veneranda barba. A Camara remetteo logo o dinheiro, restituindo ao mesmo tempo o precioso penhor; e D. João de Castro não tardou a pagar o emprestimo. Este grande homem não escapou á malevolencia, invejosa da sua gloria. Sendo salteado da ultima enfermidade, declarou á Camará de Goa e aos Senhores que cercavão o seu leito, «que não havia no palacio do Vice-Rei da India com que comprar huma gallinha para seu alimento». Elle tinha vendido a pouca prata do seu serviço para pagar aos soldados que defendião o Estado. A Camara o mandou alimentar á custa da fazenda publica no pouco tempo que ainda viveo. Nunca o honrado desinteresse subio a mais alto ponto!

9

Em tempo de el-Rei D. Fernando, campeando os Castelhanos pela provincia do Minho, veio a cahir em suas mãos Nuno Gonçalves, Governador de Faria, o qual in-

cautamente havia sahido do castello, deixando seu filho encarregado de o guardar. Como Nuno Gonçalves se vio no poder dos inimigos, temendo que seu filho, por sal-val-o, entregasse o castello, pedio ao commandante da partida castelhana, que o mandasse conduzir á vista da fortaleza, e que ahi lhe faria entregar as chaves della. Os Castelhanos crêrão a esta palavra, e fizerão o que elle pedia. Mas Nuno Gonçalves, logo que chegou ao pé das muralhas, mandou chamar o filho, e apparecendo este, lhe ordenou e recommendou com gravissimas expressões, «que jámais se rendesse, nem entregasse o castello, e antes se deixasse sepultar debaixo das suas ruinas; porque nenhum homem se poderia haver por honrado, senão guardando lealdade ao seu Rei, e que assim reparasse a inadvertencia com que elle sahíra da praça contra as rigorosas leis da homenagem». Os Castelhanos, em lugar de admirarem esta generosa acção, deixárão-se levar da colera, e fizerão a Nuno Gonçalves em pedaços. O filho porém defendeo o castello com heroico valor, e ambos deram memoravel exemplo de fidelidade e lealdade.

10

Durante a guerra de Viriato, succedeo que Caio Minicio, tribuno da legião decima-gemina romana ficasse mortalmente ferido em huma batalha. E como fosse deixado por morto no campo, e desamparado e abandonado do seu General e camaradas, hum cavalleiro lusitano, por nome Ebucio, o salvou, e o mandou curar e tratar. O tribuno sómente viveo alguns dias; mas antes de morrer de suas feridas, mandou lavrar huma lapida, e nella deixou aos vindouros hum testemunho perenne de reconhecimento e gratidão á piedosa humanidade, com que fôra tratado pelo generoso inimigo; declarando, que morria triste e magoado, por não poder retribuir tama-

nho beneficio, da maneira que convinha a hum romano. A lapida se conservava em tempo de Rezende, e della diz com razão o judicioso Diogo Mendes de Vasconcellos, que he de todos os monumentos que temos daquella antiga idade, o mais digno de perpetuar-se na memoria dos Lusitanos, por conter hum illustre exemplo de piedade, raro em inimigos, e tão admiravel, que a gente lusitana se deveria gloriar delle, não menos que das proprias victorias do seu insigne capitão.

11

Depois da morte de el-Rei D. Fernando, intentando el-Rei de Castella apossar-se de Portugal, e havendo entrado neste reino á frente de hum exercito, alguns senhores portuguezes, esquecidos da lealdade, que devião á sua patria, se submettêrão ao Castelhano, e lhe entregárão as praças, que tinhão em sua guarda. Estava a ponto de fazer o mesmo o Alcaide mór de Trancoso, Lamego e outras praças, Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua mãi, D. Brites de Moura, mulher de virtude e coragem superior ao seu sexo, sendo informada dos intentos do filho, veio procural-o, e lhe fallou deste modo: «Vossos antepassados, meu filho, sempre se distinguírão na lealdade e fidelidade á patria. Se vós intentaes manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro hum punhal no peito, que não quero eu sobreviver á vossa infamia. Escolhei, pois, ou a honra ou a minha morte... Servi a patria, combatei seus inimigos, morrei digno de ser meu filho». Gonçalo Vasques deixou-se mover das energicas persuasões de sua mãi, e guardou a lealdade que devia. Não foi esta a unica occasião, em que as mulheres portuguezas derão notavel exemplo de coragem, valor e patriotismo.

12

Em certa occasião, fugião os moradores de hum lugar, deixando suas habitações, com receio dos Castelhanos, que ali se presumia havião de passar. Nisto, ficou hum pobre cego ao desamparo, e bradava por quem o guiasse, e pozesse em salvo. Passou a este tempo o Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, e commovido dos clamores daquelle miseravel, o tomou pelo braço, e pondo-o nas ancas da sua mula, o conduzio a hum abrigo seguro, aonde escapou á furia da soldadesca. Outros attribuem o facto a el-Rei D. João I. Qualquer destes dous grandes homens era capaz de huma acção de tanta piedade e humanidade. Esta excellente virtude he inseparavel da verdadeira grandeza moral, de que ambos elles deram frequentes e memoraveis exemplos.

13

Quando el-Rei de Castella, D. João I, se preparava para entrar em Portugal, e fazer valer á força de armas o direito que pretendia ter a este reino por sua mulher a Rainha D. Beatriz, filha de el-Rei D. Fernando, mandou pôr em suas bandeiras e estandartes as armas de Portugal, juntas ás dos outros seus estados, e nomeou para seu Alferes mór a Vasco Martins de Mello, fidalgo portuguez, que andava na côrte de Castella. Vasco Martins lhe agradeceo a mercê, mas antevendo que a guerra era inevitavel, disse respeitosamente a el-Rei, «que jámais aceitaria hum cargo, que o expunha á necessidade de combater contra o paiz em que nascêra». Assim discorria, e assim obrava este honrado Portuguez, ainda quando a justiça da guerra parecia a alguns certa, e a muitos sómente duvidosa. Bem persuadido estava elle de que se não póde dar verdadeiro amor da patria sem

huma particular affeição de christãa caridade para com todos os individuos que a compõem, e que são nossos concidadãos.

14

O illustre Condestavel de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira, foi émulo das virtudes e da gloria dos mais assignalados capitães na antiguidade. Andando na provincia do Minho, com o fim de render algumas praças que estavão por Castella, foi ter ao castello de Neiva, praça forte e importante, e em breve tempo a expugnou e submetteo com a morte do seu Governador. Deixára este viuva sua mulher, que era nova e mui formosa. D. Nuno, que então teria vinte e cinco annos, imitando a continencia e generosidade do grande Scipião, não só respeitou a honra e honestidade desta senhora, mas até a mandou restituir sem resgate, e com todo o decoro, a seu pai Lopo Gomes de Lira, que tambem ás ordens de Castella governava Ponte do Lima. A religião e a humanidade se comprazem de louvar e engrandecer acções deste toque, e de as recommendar á memoria e á imitação de todos os homens que aspirão a fazer-se immortaes pela pratica da virtude.

15

Havendo guerra entre Castella e Portugal, succedeo que D. Affonso Henriques, ainda moço, fosse cercado por el-Rei de Leão e Castella na villa de Guimarães. Os Portuguezes resistião valentemente, mas o cerco hia-se prolongando, e já começavão a faltar mantimentos na praça. O inclito Egas Moniz, prevendo os perigos desta situação, passou ao campo inimigo; prometteo a el-Rei de Castella condições vantajosas; ficou por fiador da observancia dellas; e moveo-o com isto a levantar o cerco. O Principe portuguez, quando soube o que o seu fiel aio tinha promettido para salval-o, desapprovou a principal

condição [illegible] numa [illegible] de Castella. Então [illegible] com sua mulher e filhos [illegible] de rei [illegible] confessando [illegible] por salvar o seu Principe promettêra que lhe podia cumprir, e que lhe entregar a vida e a de sua mulher e filhos em satisfação da sua palavra. O Rei de Castella vacillou num pouco entre a colera e a compaixão, mas por fim deixou-se vencer da piedade, e perdoou ao respeitavel velho, admirando e louvando tão raro e generoso proceder. Os antigos gravarão sobre a sepultura de Egas Moniz este feito memoravel, em grosseira, mas energica esculptura, que muitas vezes temos visto, e que ainda hoje attesta o amor do fiel vassallo e criado ao seu Principe e á sua patria; a sua fidelidade em cumprir do modo possivel, á custa da propria vida, a palavra que havia dado, e a bem empregada clemencia do Rei de Castella.

16

Sendo o Mestre de Aviz (depois D. João I) Regente de Portugal, e tendo já informação certa de que el-Rei de Castella havia entrado no reino á frente de hum exercito, desejava muito ter em seu poder a forte e importante praça de Coimbra, aonde governava o Conde D. Gonçalo, irmão da Rainha D. Leonor. Para conseguir que o Conde lh'a entregasse, mandou-lhe offerecer o posto de General da armada portugueza, que estava a preparar-se para sahir ao mar. O Conde pedio, alem do posto que se lhe promettia, as terras que tinhão sido da Rainha sua irmãa, as quaes el-Rei havia já dado a D. Nuno Alvares Pereira. Este porém sabendo o que se passava, não só renunciou logo as mesmas terras em favor do Conde, mas tambem disse «que de boa vontade renunciaria o

resto dos bens, que lhe ficavão, quando isso fosse util ao Estado e ao seu Principe». Raro exemplo de generoso desinteresse, e do mais fino amor da patria!

17

Na celebre expedição de Tunes, emprehendida e executada pelo Imperador Carlos V, foi este Principe auxiliado por el-Rei de Portugal, D. João III, com trinta e sete navios de guerra, de differentes grandezas, de hum dos quaes era Commandante o illustre D. João de Castro, que depois foi Governador e Vice-Rei da India. Acabada felizmente a expedição, em que os Portuguezes se houverão com a costumada pericia e valor, quiz o Imperador mostrar-se grato aos cabos da armada portugueza, e mandou que se dessem a cada hum delles 2:000 cruzados em dinheiro, quantia não pequena para aquelles tempos. D. João de Castro, que não era rico, recusou comtudo aceitar o donativo do Imperador, e com animo não menos desinteressado, que nobremente orgulhoso, disse «que não aceitava gratificações senão do seu Rei, a quem servia; e que este era assás justo e liberal para galardoar seus vassallos, quando elles o merecessem». Assim se mostrava aquelle grande varão tão melindroso nos casos de pundonor proprio, como zelador do credito e dignidade do seu Rei e da sua patria!

18

No primeiro cerco, que os Mouros de Africa pozerão a Alcaçar-Ceguer, logo depois que esta praça foi tomada por el-Rei D. Affonso V, o Governador della, D. Duarte de Menezes, que se via em algum aperto por falta de viveres, resolveu mandar fazer huma sortida sobre os Mouros, nomeando para Commandante della a seu filho

D. Henrique de Menezes. Nesta acção, que foi bem pelejada, e no maior ardor do conflicto, vio-se D. Gonçalo Vaz Coutinho cercado de Mouros, e em grande risco de perder a vida. Então Martim de Tavora, que observou o perigo de Gonçalo Vaz, pondo de parte a inimizade e mortal odio que havia entre ambos, correo em seu soccorro, e o salvou. D. Gonçalo, agradecido a hum procèdimento tão nobre, pedio a Martim de Tavora a sua amizade, a que este respondeo que «continuarião a viver como d'antes», e voltou ao combate. Não se póde louvar esta resposta de Martim de Tavora; mas ella mostra quam vehemente era a paixão que havia entre estes dous fidalgos, e dá, por isso mesmo, hum grande realce tanto á generosidade com que Martim de Tavora acudio ao seu inimigo, como ao poder que teve a gratidão sobre o animo de Gonçalo Vaz.

19

Entrando o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, a reger o reino na menoridade de seu sobrinho el-Rei D. Affonso V, hum dos primeiros beneficios publicos, com que quiz assignalar o governo do seu real pupillo, foi levantar alguns onerosos tributos, que pelas urgentes circumstancias do precedente reinado se havião imposto sobre a cidade de Lisboa. Os habitantes desta cidade, penetrados de reconhecimento, intentárão erigir huma estatua ao Regente na praça publica. Mas elle se oppoz a isso, dizendo «que se agora lhe levantassem a estatua, poderia vir tempo, em que elles mesmos a fizessem pedaços e a mettessem debaixo dos pés; e que assim, de Deos sómente esperava e queria a recompensa de algum bem que fizesse». Conhecia este grande Principe a volubilidade e inconstancia do povo; adivinhava o que havia de maquínar contra elle a detestavel inveja

dos seus inimigos, e aspirava ao unico premio verdadeiro e infallivel das acções virtuosas.

20

Todos os filhos do grande e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, correspondêrão á boa educação que havião tido, e forão imitadores das virtudes de seu illustre pai. Hum delles, D. Jaime, dedicou-se á vida ecclesiastica, e na flor da mocidade subio á alta dignidade de Cardeal, com tão raro merecimento, que delle escreveo Eneas Silvio (depois Papa com o nome de Pio II) que «sendo D. Jaime muito moço, ainda assim lhe viera tarde aquella honra». Tinha vinte e cinco annos quando falleceo. A enfermidade, que lhe tirou a vida em Florença, era de natureza tal, que os medicos julgárão que o illustre mancebo se livraria della e da morte, se quizesse manchar a sua pureza, tendo união com alguma mulher. Elle porém recusou o remedio, estimando mais a virtude que a propria vida. A sua divisa era hum arminho, com huma letra latina, que em romance dizia *antes morrer que manchar-me;* divisa que desempenhou completamente, morrendo verdadeiro martyr da castidade.

21

Bem sabido he que el-Rei D. João II, depois da infausta morte de seu filho unico legitimo, o Principe D. Affonso, teve grandes desejos e intentos de deixar a successão do reino ao Senhor D. Jorge, que tambem era seu filho, mas bastardo. Oppunha-se porém a esta vontade de el-Rei o manifesto direito que o Duque de Beja, D. Manoel, tinha ao throno. Refere a historia que el-Rei achando-se ainda indeciso, ao fazer o seu testamento, mandára deixar em branco o lugar em que se havia de escrever o nome do seu successor, o que sendo adver-

tido por Antonio de Faria, que era Ministro, e mui confidente de el-Rei, e estava escrevendo o testamento; teve a nobre resolução de ponderar ao Monarca a manifesta injustiça que se faria ao Duque excluindo-o do throno, e o perigo de huma guerra civil a que ficava exposto o reino. Acrescentão que Frei João da Povoa, franciscano e confessor de el-Rei, sustentára o mesmo parecer de Antonio de Faria, e que el-Rei, cedendo ás razões de ambos, mandára logo escrever no testamento o nome de D. Manoel (1). Grande honra é por certo para o Ministro ter ousado oppor-se á vontade de el-Rei, e mostrar-lhe a injustiça com que queria proceder neste caso; mas não he menos honroso ao Rei o ter ouvido e seguido o seu conselho, e sacrificar a elle a inclinação do seu coração e os interesses de hum filho, a quem amava com especial ternura.

22

Estando D. João de Castro proximo a partir para o governo da India, e tendo resolvido levar comsigo os seus dous filhos, D. Alvaro e D. Fernando de Castro, succedeo passar acaso em Lisboa pela loja de hum alfaiate, e ver hum gibão mui aceiado, rico e brincado. Perguntou para quem era aquelle traste, e como lhe respondessem «que era para o filho do Governador da India», tomou D. João de Castro a tesoura, fez o gibão em tiras, e disse para o alfaiate: «Dizei a esse rapaz que compre boas armas, que são os melhores enfeites dos homens». Com esta especie de severidade mostrava D. João de Castro quanto aborrecia o luxo e a molleza, e quanto desejava inspirar em seus filhos o amor da an-

(1) Garcia de Rezende diz que el-Rei fizera o testamento estando só com Frei João da Povoa, seu confessor, que o escrevêra. E que elle Garcia estava fóra da porta, na ante-sala, e ahi estava tambem Antonio de Faria.

tiga simplicidade, e aquelle esforço varonil que tão proprio fôra dos honrados portuguezes em outras idades.

23

Em tempo de el-Rei D. João II vinhão muitos fidalgos estrangeiros a Portugal, unicamente attrahidos da grande opinião, que em toda a Europa havia deste Monarca. Veio entre elles hum fidalgo inglez; e como voltasse ao seu paiz, lhe perguntou el-Rei de Inglaterra, que cousa mais rara tinha visto em Portugal. «A cousa mais rara, e mais admiravel que vi (respondeu elle), foi hum homem, que a todos governa, e que de ninguem he governado». Grande elogio, por certo! e bem merecido de D. João II, que estimando, e prezando sobremaneira todo o genero de merecimento, e folgando de louvar e honrar em publico todos os vassallos benemeritos, nunca teve valido, nem sofria que alguem intentasse parecel-o. Os Portuguezes derão a este grande Rei o appellido de *Principe perfeito*, denominação que honra tanto o caracter do Monarca, quanto acredita o bom juizo e discernimento dos seus vassallos.

24

He mui notavel na nossa historia a rara fidelidade com que se houve Martim de Freitas, Alcaide mór de Coimbra, quando o Conde de Bolonha (depois D. Affonso III), pela deposição de seu irmão el-Rei D. Sancho II, se apossou do governo do reino. Cercava D. Affonso a cidade de Coimbra, e o illustre Freitas a defendia valorosamente, não cedendo nem á força das armas, nem ás ameaças ou promessas com que se intentou abalar a sua firmeza e constancia, nem finalmente á fome e sêde, que já lavrava na guarnição. Derão-lhe pouco depois a noticia de que el-Rei D. Sancho havia

fallecido em Toledo, e que assim devia entregar a praça ao seu successor; mas elle, temendo que o quizessem enganar, pedio treguas por alguns dias, emquanto hia pessoalmente a Toledo certificar-se da morte do seu Rei. Foi; reconheceo por si mesmo o cadaver de D. Sancho; e depois de pôr em suas mãos as chaves de Coimbra, voltou, e entregou a praça a D. Affonso; o qual, admirado de tão estremada prova de lealdade, tornou a dar a Martim de Freitas o governo da praça para si e seus successores, dispensando-o do juramento de homenagem.

25

Hum João Alvares Gato, cavalleiro da caza de el-Rei D. João II, era filho de hum pobre almocreve; e por algumas boas prendas que tinha, chegou a ser estimado de muitos, e favorecido de el-Rei. Passando el-Rei hum dia de Evora para Extremoz, e hindo João Alvares na comitiva, mui concertado e ataviado, e acompanhado de seus servidores, aconteceo topar seu pai, o qual vinha com suas bestas carregadas, e logo como vio o filho, tirou o barrete e lhe fez grande mesura. O filho, porém, desprezando-se de seu pai, fez que o não conhecia, e não lhe quiz fallar. El-Rei, sendo informado desta tão vil acção, a estranhou muito, e ordenou que João Alvares não apparecesse mais em sua presença, dando a razão: «Que hum homem que assim tratava seu pai, não merecia que ninguem se fiasse delle». Este grande Principe era justo avaliador de tudo quanto era nobre e virtuoso, e não podia deixar as acções boas sem premio e louvor, nem as más sem censura ou castigo.

26

A náo *Santiago,* que sahio de Lisboa para a India no anno de 1585, foi fazer lamentavel naufragio entre a

costa oriental de Africa e a ilha de S. Lourenço, dando de encontro em hum baixo, aonde se fez pedaços. Os miseros naufragantes, no meio de tamanha desgraça e confusão, ainda podérão concertar hum batel, em que ao menos se salvassem algumas pessoas; o qual, logo que esteve prompto, se encheo de gente, sendo do numero dos que nella entrárão dous irmãos, Gaspar Ximenes e Fernam Ximenes, homens honrados, naturaes de Lisboa. Observando-se porém logo, que o batel, opprimido de tanto peso, mal podia mover-se, e hia em grande perigo de sossobrar, resolvêrão (dura resolução!) lançar ao mar as pessoas que parecêrão sobejas, segundo a capacidade do pequeno barco. Cahio a sorte sobre Gaspar Ximenes, e como fôsse já a executar-se nelle a terrivel sentença, oppoz-se Fernam Ximenes, protestando com muitas lagrimas, que elle devia ser preferido para a execução da cruel sorte, porquanto seu irmão Gaspar, alem de ser mais velho, era o unico amparo de sua mãi, e de suas duas irmãas, as quaes ficarião em triste e mesquinha orfandade se lhes faltasse aquelle arrimo. Nunca porventura se vio huma tão nobre competencia, nem mais fino e generoso amor fraternal. O illustre mancebo Fernam Ximenes venceo, e foi lançado ás furiosas ondas, ficando salvo seu irmão; mas a Providencia do Ceo vigiou sobre elle, porquanto depois de haver luctado por algumas horas com o empolado mar, seguindo sempre a esteira do batel, os seus companheiros que nelle hião, commovidos de compaixão, o tomárão outra vez a bordo, já quasi desanimado á violencia do trabalho, e ahi recobrando forças, sahio finalmente a salvamento, dando ao mundo o mais admiravel e raro exemplo de huma virtude poucas vezes vista entre os homens em gráo tão subido.

27

El-Rei D. Manoel, querendo em certa occasião remediar a falta de dinheiro, que experimentava, impoz hum tributo sobre o pão que os lavradores colhião de suas terras. O tributo pareceo nimiamente oneroso, e o modo da imposição desusado. Comtudo muitos lugares do reino o aceitárão, e só João Mendes Cicioso, procurador do regedor de Evora, ousou oppor-se fortemente por parte do povo daquella cidade. El-Rei o mandou chamar, e o quiz persuadir a que conformasse o seu voto com o dos mais lugares, e que lhe faria mercê. João Mendes porém respondeu «que não necessitava das mercês de Sua Alteza, porquanto seu pai lhe havia deixado com que sustentar-se; e que quem a Sua Alteza aconselhava tal imposto, não era amigo da patria, nem da honra, nem da consciencia». Agastou-se el-Rei com esta resposta, tratou a João Mendes com aspereza, e mandou que estivesse preso em sua caza. Mas pouco tempo lhe durou a colera, pois cahindo logo na razão, como Rei que era benigno e justo, mandou pôr o honrado vassallo em liberdade, louvou o seu proceder, e desistio do tributo. «Grande homem! (exclama com razão hum escriptor nosso). Grande homem, que ousa resistir á vontade de hum Rei, quando injusta! Grande Rei, que se rende ás razões de hum vassallo contrarias aos seus mandados! Grandes finalmente, e felizes as idades, que vêem e gozão taes homens e tão excellentes Reis»!

28

Reinando em Portugal el-Rei D. João III, achava-se o Senhor de Azambuja em tanta estreiteza de posses, que para haver de pagar as suas dividas, e remir as necessidades da sua caza, resolveo vender as suas terras

e direitos que tinha naquella villa e seu districto. El-Rei, que soube isto, disse hum dia a D. Antonio de Atayde, seu valido, que depois foi Conde da Castanheira, «que bem faria se comprasse aquellas terras, pois ficavão contiguas ás outras que já ali possuia». Ao que D. Antonio respondeu com honrado desinteresse e nobre liberdade: «Melhor faria Vossa Alteza se acudisse com real liberalidade ao Senhor de Azambuja, e o pozesse em estado de conservar as suas terras e a sua caza, que tanto tem servido a esta monarquia, e que no serviço della contrahio as dividas, que agora o põem em tamanha extremidade». El-Rei, maravilhado desta resposta, e não menos vencido da justa e respeitosa insinuação de D. Antonio, mandou dar de sua fazenda ao Senhor de Azambuja meios de remir-se do aperto em que se achava, e deste modo se conservou aquella illustre caza pèla beneficencia do Monarca, e pela singular e generosa virtude do valido.

29

O Marquez de Santa Cruz, General da armada de el-Rei D. Filippe II, depois de vencer e destroçar nos mares das ilhas Terceiras a esquadra franceza, que viera em auxilio do Senhor D. Antonio, mandou barbaramente dar a morte em affrontoso supplicio a tresentos officiaes e soldados francezes prisioneiros que cahírão em seu poder, abusando desapiedadamente da victoria, e calcando aos pés, sob falsos e odiosos pretextos, o mais sagrado direito das gentes. O Senhor D. Antonio, que se mostrava extremamente magoado de tão horrivel tyrannia, foi aconselhado por algum dos seus seguidores, que se vingasse daquella crueldade, mandando fazer o mesmo a sessenta soldados hespanhoes que tambem tinha em seu poder. Mas o nobre e infeliz Principe rejeitou com indignação o conselho, e recusou-se constante-

mente a hum acto de vingança, tão indigno da humanidade, como da verdadeira politica. A vingança é huma paixão vil, que não póde ter entrada em animos generosos, e quasi sempre he de funestas consequencias para os mesmos que a praticão.

30

Os exemplos de valor e virtude militar são tão frequentes na historia de Portugal, que difficultosamente se póde dar preferencia a algum delles sem fazer a outros alguma especie de injuria. Comtudo, como não seja possivel, nem caiba nesta collecção o referil-os todos, escolheremos algum daquelles em que mais claramente se vê o heroismo da nossa gente. Navegando o celebre Capitão Mem Lopes Carrasco para Sunda com huma só embarcação, em que hião quarenta Portuguezes, vio subitamente em sua frente o Rei de Achem, que com huma numerosa frota de algumas cem vélas sahia do seu posto e hia dar sobre Malaca. Mem Lopes, em lugar de retirar-se, como podia, resolveo combater, apesar da grande desigualdade de suas forças. Combateo e venceo. Porém, no ardor da peleja, que durou por quasi tres dias successivos, ficou perigosamente ferido, e julgando-o os Portuguezes por morto, forão dar esta noticia a seu filho Martim Lopes, que desde o principio capitaneava alguma gente á proa do navio, o qual, sem levantar mão do combate, respondeu: «Bem está; temos de menos hum valente homem, mas nós ainda estamos vivos; pelejemos pois, e vençamos; ou mereçamos ao menos huma morte tão gloriosa como a sua». Por ultimo, o Rei de Achem se recolheo destroçado e com grande perda ao seu posto, e os Portuguezes, posto que muito avariados, ainda podérão ganhar Malaca, onde forão recebidos com admiração e assombro.

31

A inveja, peste das sociedades, e desgraçadamente assás commum entre os Portuguezes, quando não póde negar o merecimento alheio, busca meios e modos de o desluzir. Fallava-se em presença de el-Rei D. João II de algumas acções de valor praticadas por D. João de Souza, fidalgo de grande conta naquelle tempo. Hum dos que estavão presentes, disse mui secca e desdenhosamente: «São acertos». Ao que o grande Rei acudio logo, dizendo: «Sim, são acertos; mas eu sómente os vejo em D. João»; fazendo com esta palavra emmudecer o invejoso, e honrando, como sempre costumava, o valor e o merecimento. Póde ajuntar-se a este dicto outro que a historia attribue ao valoroso heroe Heitor da Silveira, o qual estando na India em hum ajuntamento de fidalgos, aonde se davão devidos e quasi geraes louvores ao Governador que fôra D. Henrique de Menezes, e querendo hum dos da companhia detrahir do seu merecimento notando-lhe certo defeito, sahio-se promptamente Heitor da Silveira, e disse: «Sim, D. Henrique teria esse defeito; mas teve outro muito maior que esse, e foi o não desterrar da India todas as más linguas». Assim este nobre Portuguez, tão honrado como valoroso, soube reprimir a vil detracção, e fazer justiça ao illustre Governador, sem nodoa alguma de lisonja, por ser elle já então fallecido.

32

Estando o Rei barbaro Raju sobre Colombo, na ilha de Ceilão, resolvêrão os Portuguezes divertir-lhe as forças, infestando por mar as costas do seu reino. Thomé de Souza, que commandava a armada, fez desembarque em huma villa do Raju, e captivou entre outras pessoas huma linda rapariga, que estava justa para cazar. Ape-

nas a mettêrão na embarcação, entrou nella hum mancebo bem parecido, o qual tanto que avistou a rapariga se arremessou a seus braços, banhado em lagrimas, e suffocado de entranhaveis suspiros. Era o seu amante, que vinha (como logo se soube) com animo de acompanhal-a no captiveiro. Thomé de Souza, porém, commovido de tão terno e generoso amor, mandou vir os dous amantes á sua presença, e lhes disse: «Assás pesadas são as cadêas do amor de que estaes presos; arrastai-as embora até o ultimo suspiro da vida; ide, e vivei felices, que com gosto quebro os ferros em que a sorte vos lançou». Os enamorados prostrárão-se aos pés de Thomé de Souza, testemunhando com lagrimas a sua admiração e reconhecimento, e pedirão-lhe que os recebesse em Colombo, pois querião viver debaixo das leis de huma nação, que tão generosamente usava da victoria. Concedeo-lhes Thomé de Souza o que pedião, e o feliz mancebo fez depois importantes serviços aos Portuguezes. Que nunca as boas e bellas acções ficão de todo sem algum galardão.

33

Em huma entrada, que os Portuguezes fizerão na cidade de Oja, que fica a dezesete legoas de Melinde, sobre a costa brava, Jorge da Silveira notando que certo mouro mancebo, levando pela mão huma moça de rara belleza, se hia retirando para o mato, partio para aquella banda com a espada na mão. O Mouro, conhecendo o seu intento, largou a moça, e acenando-lhe por vezes que se pozesse em salvo, emquanto elle combatia, voltou ao encontro do Portuguez. Ella porém não quiz retirar-se, nem apartar-se do seu amante, antes abraçada com elle lhe mostrava por este modo, que mais queria sofrer a morte, ou o captiveiro em sua companhia, do que gozar fóra della a vida ou a liberdade. Jorge da

Silveira, que observou tão affectuosa scena, disse: «Não permitta Deos que a minha espada separe amantes tão apaixonados», e deixou que se retirassem em paz. Gentileza digna de hum peito nobre, que conhece e respeita os sentimentos e os deveres da humanidade! Estas acções consolão hum coração sensivel, que se sente vivamente magoado de ler na historia tantos e tão frequentes lances de tyrannia e barbaridade dos homens.

34

D. Nuno Alvares Botelho foi hum dos Portuguezes, que no tempo da mais lamentavel decadencia da gloria de Portugal, e no meio da estranha e quasi geral degeneração dos costumes, do valor e do patriotismo portuguez, conservou inteiro e incorrupto o caracter antigo nacional. Foi instruido nas letras humanas; fugio desde a mocidade de todos os divertimentos frivolos, indecentes ou viciosos; fez-se respeitar pela candura do seu coração e pela nobre elevação do seu espirito; e restituio no Oriente ás armas portuguezas o lustre de outros tempos, merecendo ser geralmente reputado como o unico homem capaz de restaurar naquellas regiões o credito dos Portuguezes, e de resarcir as perdas que ali havião experimentado. El-Rei D. Filippe IV, que então reinava em Portugal (anno 1632), sabendo da morte deste grande homem, escreveo de proprio punho ao Governador do reino, e lhe dizia: «A noticia, que me dão, de ser morto Nuno Alvares Botelho, me move a escrever-vos por este correio extraordinario, para dizer-vos que se eu não estivera de lucto pela morte de minha tia a Rainha de Polonia, o tomára agora pela morte de Nuno Alvares. Hei por bem dar a seu filho o titulo de Conde», &c. He este o maior louvor que se póde dar a tão insigne portuguez, e he tambem de grande gloria para

o Principe saber avaliar suas virtudes, e galardoar com regia munificencia seus merecimentos.

35

D. Pedro Mascarenhas foi hum fidalgo dotado de superiores qualidades, pelas quaes mereceo occupar muitos e mui distinctos empregos no serviço do seu Rei e da sua nação. El-Rei D. João III o mandou a Allemanha por seu embaixador ao Imperador Carlos V, o qual se agradou tanto de D. Pedro, que chegou hum dia a propor-lhe quanto lhe seria agradavel e lisongeiro que elle quizesse ser aio de seu filho o Principe D. Filippe, que depois foi Rei de Castella. A esta proposta do Imperador respondeo D. Pedro Mascarenhas: «Senhor, na minha terra não costumão mudar de amo as pessoas da minha qualidade»; resposta cheia de nobreza e dignidade, que mostra a justa preferencia que hum animo bem nascido deve sempre dar ao serviço do seu Principe e da sua patria, sobre todas as vantagens que se lhe possão offerecer em terra estranha.

36

Mais digna de louvor he ainda outra resposta deste illustre fidalgo, que bem mostrou nella ter cursado a escola do paço do grande Rei D. João II. Era D. Pedro Mascarenhas Governador da India, e fazendo hum dia a revista dos presos, notou que hum pobre Portuguez arrastava pesados grilhões. Perguntou-lhe porque crime tinha merecido tamanha pena, ao que o miseravel respondeu: «Senhor, ando neste martyrio, porque não posso pagar a el-Rei o que lhe devo; e porque os seus Ministros não querem fazer encontro da minha divida com outra maior que me deve a real fazenda». D. Pedro exa-

minou o caso, e achando que o homem lhe fallava verdade, voltou-se para o Védor da fazenda real, e disse: «Aquelle grilhão mereço-o eu e vossa mercê, porque sendo Ministros de el-Rei, não pagâmos as dividas que Sua Alteza deve aos seus vassallos»; e com isto mandou fazer o encontro, pagar o resto, e pôr o homem em liberdade. Excellente acção de misericordia, de piedade e de justiça, que poucas vezes terá sido imitada, tendo sido tantas e tão frequentes as occasiões de a praticar!

37

No anno de 1524, sendo D. Vasco da Gama encarregado por el-Rei D. João III de governar a India com o titulo de Vice-Rei, fez pela terceira vez aquella viagem, acompanhado de huma poderosa armada e de 3:000 homens, que hião servir debaixo do seu mando. A frota navegou prosperamente até á vista das terras de Cambaia; mas ahi, estando o mar em grande calma, repentinamente se sentio nas náos hum espantoso tremor, que pôz toda a gente em confusão, cuidando que naufragavão. Huns acudião ao leme, outros á bomba, outros a prevenir algum modo de salvação, todos em grita, todos em desordem. Nisto se levantou o intrepido Gama, e adiantando-se ao meio do convés, bradou: «Eia, amigos, não temaes; que o mar treme de nós»! Estas palavras ditas com grande acordo e seguridade, alentárão a gente da armada, e d'ahi a pouco cessou o terremoto, que fôra causa daquelle fenomeno. O insigne Camões, que immortalizou todo o genero de grandeza nacional, não lhe escapou este dicto do Gama, e a elle alludio quando disse dos Portuguezes:

> Ó gente forte, e de altos pensamentos
> Que tambem della hão medo os elementos!

38

Pelos annos de 1512 achavão-se captivos no reino de Cambaia alguns Portuguezes que havião naufragado naquelles mares, e entre elles hum religioso chamado Frei Antonio do Loreto, frade menor de S. Francisco. Pedio este licença ao Rei para hir a Goa tratar dos meios de se resgatar a si e aos seus companheiros de infortunio; e como o Rei duvidasse conceder-lh'a, por temer que o religioso, vendo-se em liberdade, faltasse á sua palavra, Frei Antonio tirou o cordão com que andava cingido, e pondo-o nas mãos do Rei barbaro, lhe disse «que não tinha prenda mais preciosa que podesse dar-lhe em penhor da sua boa fé, mas que por aquella lhe promettia voltar ao captiveiro, ainda que lhe não fosse possivel conseguir os meios de se remir». Voltou com effeito sem poder alcançar o seu intento, e o barbaro admirado e vencido de tamanha lealdade, lhe deo liberdade a elle e aos outros captivos sem resgate. Que tanto poder tem a virtude, ainda sobre os animos barbaros, que porventura a não praticão!

39

Mui formosa foi a acção de Diogo da Silveira, de que fazem menção as nossas historias da Asia pelos annos de 1533. Andava este illustre capitão nos mares de Adem, com o fim de reprimir a ousadia dos Turcos, e defender o commercio portuguez. Nisto veio a cahir quasi nas suas mãos huma náo, que havia sahido carregada de riquezas. O capitão amainou, e veio á náo de Silveira, a quem apresentou com grande seguridade hum cartaz, que com o nome de salvo-conducto lhe dera certo Portuguez, que estava captivo naquella terra. Dizia o cartaz: «Peço aos senhores capitães de el-Rei de Portugal, que encontrando este Turco, o privem da fa-

zenda e da vida, porque he muito máo». O honrado e generoso Silveira dissimulou, por não dar a conhecer ao Turco a vil deslealdade do fementido Portuguez que o enganára; deo-lhe livre passagem, como se o salvo-conducto fosse legitimo; e concedeo-lhe outro em devida fórma, para que o Turco que navegava, fiado na boa fé daquelle papel, se não achasse fraudulentamente enganado, com grande quebra do nome e da verdade portugueza.

40

Antonio Galvão foi hum dos capitães mais benemeritos que passárão á India em tempo de el-Rei D. João III. Mandado a governar as Molucas, quando os Reis daquellas ilhas estavão conspirados contra os Portuguezes pelas tyrannias inauditas com que os tinhão opprimido, Galvão não só os venceo com as armas, mas chegou a conciliar a sua amizade e veneração com a pratica da mais exacta justiça, humanidade, desinteresse e beneficencia. Este grande homem rejeitou o titulo de Rei, que os Ternatezes quizerão conferir-lhe. As suas virtudes attrahirão muitos Mouros e gentios á fé christãa, e dizião elles «que não podia deixar de ser verdadeiro o Deos, a quem Antonio Galvão adorava». Fundou o primeiro seminario de nossas conquistas para instrucção e educação dos meninos recem-baptizados. Emfim, sendo hum homem secular e guerreiro, mereceo o nome de *pai e apostolo das Molucas.* Tinha dispendido seus haveres todos em beneficio do Estado; e notando alguns, que se não aproveitasse das suas circumstancias para melhorar de fazenda com o negocio do cravo, respondia com galanteria «que huma droga que acabava em cinco pontas (alludia á figura daquelle fructo), devia pertencer toda a el-Rei de Portugal, que tinha em seu brazão as cinco Chagas de Christo». Este homem veio para Portugal po-

bre, e chegou á extrema miseria de viver alguns annos e morrer no hospital de Lisboa!

41

D. Izabel da Veiga estava com seu marido Manoel de Vasconcellos em Diu, quando esta praça sustentou o primeiro cerco no tempo do heroico Antonio da Silveira em 1538. No decurso do tempo, receando o Vasconcellos que a praça viesse á extremidade de ser entrada pelos inimigos, propoz a D. Izabel que lhe parecia conveniente se retirasse ella para Goa para a companhia de seu pai, Francisco Serrão. A nobre heroina porém lhe respondeo: «Não permitta Deos que eu vos desampare em tal occasião; deixai-me morrer onde vós morrerdes; seja este o premio do amor que sempre vos tive, e do respeito com que sempre vos obedeci». Não parou nisto a illustre Portugueza. Chamou a si outras matronas, e mulheres que existião na praça, e posta á frente deste novo e brioso esquadrão, a quem animava com suas fallas e exemplo, acudia ás muralhas, ministrando armas e outros instrumentos de defeza aos bravos soldados, curando por suas mãos os que sahião feridos do combate, acarretando pedra e madeiras para reparo das fortificações, e prestando com grande diligencia outros serviços de que era capaz o sexo feminino. O amor conjugal e o amor da patria vencêrão em D. Izabel a delicadeza e temor feminil; e as suas illustres companheiras não se distinguírão menos no generoso empenho da commum defeza.

42

No tempo de el-Rei D. João II corria em Lisboa demanda sobre objecto de grande valor entre el-Rei e o Contador mór da cidade. Hum dos juizes que havião de

julgar o pleito era o Vigario de Thomar, que depois foi Bispo da Guarda e Prior de Santa Cruz de Coimbra. Os juizes sentenciárão contra el-Rei, o qual sabendo isto, e tendo informação de que o primeiro que votára contra elle fôra o benemerito Vigario de Thomar, mandou-o chamar á sua presença. Veio elle, não sem algum receio, porque não conhecia bem a grande alma e as excellentes virtudes do Principe. El-Rei, longe de mostrar-lhe algum desabrimento, como elle receava, pelo contrario, disse-lhe «que sabia, que elle fôra o primeiro que dera o voto que os outros juizes havião seguido; que lhe louvava e agradecia esta inteireza, propria de hum varão honrado e juiz virtuoso; e que em prova do quanto se agradára do seu proceder, tinha dado ordem a Antonio de Faria para lhe dar duzentos cruzados para as suas despezas». Assim prezava D. João II os actos de justiça, e assim mostrava quanto lhe era odiosa a vil adulação, maiormente quando com ella se offendesse aquella primeira e principal virtude dos grandes Reis.

43

Quando Francisco Barreto foi mandado para a Africa oriental com o governo do Monomotapa, que era huma das tres partes em que el-Rei D. Sebastião tinha dividido o imperio portuguez do Oriente, achava-se condemnado a desterro Antonio Pereira Brandão, em pena das tyrannias que tinha praticado nas Molucas. Este homem conseguio de el-Rei, por intercessão de Barreto, hir ter o seu desterro na costa oriental de Africa, aonde prometteo servir debaixo das ordens do seu protector naquillo em que elle o occupasse. Francisco Barreto, que desejava favorecel-o, partindo para a conquista das minas da Cafraria, o deixou encarregado da guarda da fortaleza de Moçambique, aonde Antonio Pereira

Brandão não só intentou levantar-se com o governo, mas até chegou ao desatino e incrivel maldade de calumniar e infamar o seu bemfeitor com papeis falsos dirigidos a Portugal, alguns dos quaes chegárão originaes ás mãos de Barreto. Veio este immediatamente a Moçambique; chamou o traidor e ingrato á sua presença, e lhe lançou em rosto a sua perfidia, apresentando as provas della. O vil e infame calumniador prostrou-se aos pés de Francisco Barreto, pedindo misericordia; e Barreto, cheio de compassiva piedade, e não podendo suster as lagrimas, perdoou-lhe, com grande admiração de todos. Assim se exalta a verdadeira honra, que nunca póde ter outras leis que as do Christianismo!

44

Vindo Jorge de Albuquerque Coelho em 1565 para Portugal, depois de ter descoberto e defendido do gentio a maior parte da capitania de Pernambuco, foi a sua náo acommettida de outra franceza, e emfim tomada, não obstante a valorosa resistencia que Albuquerque com alguns poucos homens lhe fez. O commandante inimigo lhe metteo dentro alguns dos seus; mas sobrevindo logo huma tempestade desfeita, as náos se separárão e se perdêrão de vista. Foi o temporal tão furioso e cruel, que a náo portugueza hia por esses mares a Deos misericordia, sem leme, nem mastro, nem vélas, entrandolhe agua por muitas partes, batida de grossas e empoladas ondas, e já emfim quasi sem esperança alguma de remedio, senão quanto Jorge de Albuquerque com palavras de singular esforço a todos alentava, animava e consolava. Neste tempo, e no meio desta desgraça, por não haver já mantimento, e os nossos terem sido maltratados dos francezes, e estarem queixosos delles, formárão o projecto de os matar, vendo que assim minoravão

a sua infelicidade. O illustre Albuquerque porém se oppoz a esta barbara acção, e salvou a vida dos inimigos. Mas não foi isto o que mais realçou o merecimento deste generoso fidalgo. Serenando hum pouco a tempestade, a náo franceza se approximou, e vendo os nossos em tão miseravel estado, recolheo os seus Francezes, e offerecia o mesmo agazalho a Albuquerque em reconhecimento da humanidade que com elles havia praticado, abandonando porém os mais á furia do mar, á extrema miseria e á morte, que parecia inevitavel. Albuquerque recusou o beneficio, dizendo «que não era elle homem que em tal tempo desamparasse os seus companheiros, e que antes queria com elles morrer, ou sofrer os trabalhos do naufragio, do que apartar-se, deixando-os em tão cruel extremidade». O Ceo apiedou-se dos Portuguezes, e depois dos mais lastimosos transes, os trouxe ainda com vida ás praias de Portugal. Assim parece que quiz premiar as nobres virtudes do illustre capitão!

45

Já acima fallámos de D. Pedro Mascarenhas, Governador que foi da India, referindo alguns exemplos e provas que nos deixou de suas relevantes virtudes e superior merecimento. Acrescentaremos ainda hum dicto seu, que nos parece digno de lembrança e imitação. Logo que este prudente varão chegou á India, tomou a rol os empregos e officios que erão da sua data e estavão vagos, e por bando e editaes publicou, que todos os que tinhão servido a el-Rei naquelles estados acudissem com seus papeis correntes para serem despachados conforme o merecimento de cada hum; e começou a entender neste importante objecto, sem dar emprego, officio ou cargo, a criado seu, nem se deixar dobrar de valias e adherencias. Veio comtudo fallar-lhe hum pretendente, que pa-

rece que mais se fiava nellas do que no proprio merito, e allegava que tinha serviço de tres annos. Então Mascarenhas, com grande prudencia, mas com ar grave e severo lhe respondeo: «Ando ao presente cuidando em despachar os que tem vinte annos de bons serviços; depois passarei aos de dezenove, dezoito, &c. Em chegando aos de tres me lembrarei do vosso requerimento».

46

Conhecido he na nossa historia oriental o nome de André Furtado de Mendonça, hum dos capitães mais distinctos que tivemos naquellas partes, quando já hião em declinação as cousas dos Portuguezes. O seu valor era igual á sua prudencia, e muitas vezes deo honra ás armas portuguezas, e venceo e humilhou os inimigos que ousárão desacatal-as. Este insigne varão porém foi muito maior e mais digno de louvor, quando se venceo a si mesmo, e sujeitou ao imperio da virtude e do dever os sentimentos mais fortes da natureza. Em certa occasião, estando a governar a India, por morte de D. João Pereira Forjaz, entrou em sua caza no silencio da noite huma mulher, que forçada (como dizia) de extrema e cruel necessidade offerecia a André Furtado a filha que comsigo levava, moça de rara belleza e formosura. O virtuoso capitão estranhou áquella infelíz mulher huma acção tão alheia da honra, da virtude e da religião, deo-lhe huma bolsa com dinheiro bastante a remediar a sua urgente necessidade, e exhortou-a a que logo tratasse de cazar sua filha, offerecendo-se a concorrer-lhe com dote proporcionado á sua condição. Procedimento, por certo, bem raro e admiravel, e digno de escrever-se nos annaes da virtude, para honra de quem o praticou, e para exemplo dos que aspirão á mesma gloria.

47

O illustre capitão, de quem acabâmos de fallar, sòmente governou a India por tres mezes, porque logo chegou a Goa o Vice-Rei Rui Lourenço de Tavora, que hia de Portugal com aquelle cargo; mas nesse pouco tempo do seu governo houve-se com tanta actividade, zêlo e intelligencia, que poz a armada portugueza em grande augmento, e no melhor aceio e boa ordem; de maneira que Rui Lourenço, chegando a Goa, e admirando-se de achar o que não esperava, perguntou quem tinha governado a India naquelles mezes. Respondêrão-lhe que André Furtado, ao que Rui Lourenço tornou: «Bem me parecia a mim que só elle era capaz de ordenar o que estou vendo; agora me peza de ter vindo com este cargo, porque a minha vinda embaraçará de algum modo o que André Furtado podia fazer pelas armas na guerra, pela prudencia no governo, e até pela fortuna nos acontecimentos em que ella tem parte». Não sabemos se estas palavras honrão mais a André Furtado do que ao proprio Vice-Rei, que com a propria modestia, inseparavel da verdadeira grandeza, soube dar honra ao seu antecessor (cousa rara entre Portuguezes, e maiormente na India), e acreditar tão nobremente o seu proprio juizo e a superioridade do seu caracter.

48

Outro notavel exemplo de amor fraternal se nos offerece na historia do naufragio da náo *S. Bento*, que no anno de 1554 se perdeo nos mares do Cabo da Boa Esperança, tão infamados por semelhantes acontecimentos. Salvárão-se das ruinas da náo muitas pessoas, e entre ellas Manoel de Mesquita Perestrello, que escreveo a Relação do naufragio, e seu irmão Antonio Sobrinho de

Mesquita, os quaes com os seus infelices companheiros forão caminhando por aquelles barbaros e desertos areaes em busca de terra ou gente amiga que os recolhesse. No meio porém desta penosa e triste marcha Antonio Sobrinho se sentio rendido de forças á violencia do cansaço, da fome e da consideração de tanta infelicidade; e finalmente, não podendo já acompanhar a caravana, resolvêrão deixal-o entregue á cruel sorte que o esperava. Aqui se vio o fino amor fraternal de Manoel de Mesquita, que não cedendo nem ás razões ingentes dos outros companheiros, nem ás lagrimas de seu infeliz irmão, quiz ficar com elle, expondo-se a uma morte quasi certa, sem ao menos ter esperança de salvar a vida daquelle por quem se sacrificava. Ficou com effeito; e recobrando o irmão algumas forças, ainda forão alcançar adiante os outros companheiros; mas o triste de Manoel de Mesquita teve pouco depois a magoa de ver morrer seu irmão afogado na passagem de hum rio, sem poder valer-lhe. A sua propria relação enternece ainda hoje a quem a lê; e mostra bem os sentimentos de que era animado este honrado Portuguez, digno da eterna lembrança e saudade dos que amão a humanidade e a virtude.

49

Quando o Imperador Carlos V havia resolvido a jornada de Tunes, quiz o Infante D. Luiz, irmão de el-Rei D. João III, acompanhal-o naquella expedição, e sahindo de Portugal foi pela posta até Barcelona, aonde estava o Imperador, o qual o recebeo e tratou como era devido a hum Principe tão seu parente, irmão de el-Rei de Portugal, e sobretudo dotado de tantas e tão eminentes virtudes. Em hum dos dias, que ahi estiverão antes do embarque, succedeo que vindo os dous Principes para o palacio, á entrada de huma porta, insistia cada hum del-

les em dar ao outro a preferencia da entrada. O Imperador, conhecendo que o Infante não havia de ceder, travou-lhe de hum braço, e quasi o forçou a entrar adiante. Então o Infante, com notavel acordo, lançou mão da tocha que hum pagem tinha, e entrou como se fóra alumiando ao Imperador. Esta acção, de delicada urbanidade, foi naquelle tempo celebrada em toda a Hespanha. Nós lhe damos lugar nesta collecção, por quam fòrmosa nos parece a nobre cortezania, maiormente quando ella serve de ornamento e realce ás outras excellentes qualidades, em que se distinguia o Infante D. Luiz.

50

D. Aleixo de Menezes foi hum fidalgo ornado de muitas qualidades illustres, que o fazião digno dos mais importantes empregos, e era tão conhecido por ellas, que o Imperador Carlos V, sendo-lhe participada a escolha, que delle se havia feito para aio de el-Rei D. Sebastião, disse «que se dera por mui feliz, se tivesse hum D. Aleixo de Menezes, a quem nomeasse aio do Principe seu neto». Este fidalgo, que era tão virtuoso como discreto, dizia «que nunca pediria, nem aceitaria graça ou mercê alguma de el-Rei, emquanto fosse seu aio, para que se não attribuisse a supplicas, solicitações ou valia, o que sómente se devia dar ao merecimento e á justiça». E assim o praticou á risca; dando a todos hum exemplo illustre de generoso desinteresse, e mostrando aos que tem cabimento com os Principes, ou andão no seu serviço, os limites em que devem conter-se, para credito proprio seu e de seus amos.

51

No anno de 1562, pondo os Mouros apertado cerco á praça de Mazagão em Africa, era de ver o honrado alvo-

roço com que muitos fidalgos e cavalleiros se apromptavão, como á porfia, a hir defender aquella fortaleza. A Rainha D. Catharina, que então tinha a tutoria do reino por el-Rei D. Sebastião seu neto ainda menino, avaliando com o seu grande juizo esta prova de lealdade, não faltava da sua parte a animar e recompensar vassallos tão fieis; e quando tinha noticia de algum haver sido morto nos combates e assaltos, mandava com singular benignidade consolar seus pais ou parentes, que com isto se davão por bem pagos de seus serviços, e quasi indemnisados de suas perdas. Succedeo então que a Rainha mandasse hum destes comprimentos a Izabel de Avellar, cujo filho, Jorge Nunes de Leão, havia sido morto no primeiro assalto da praça. Izabel de Avellar respondeu com varonil constancia «que já quatro filhos seus tinhão perdido a vida nas guerras da India, e agora este, que ella muito amava; mas que ainda lhe ficava outro, unica consolação sua, e que o estava fazendo prestes para o mandar a Mazagão em serviço de Deos e de el-Rei». A Rainha, como tão prudente e virtuosa, não consentio neste ultimo sacrificio da honrada matrona, e hindo logo hum fidalgo mui valido pedir-lhe a mercê de certa propriedade da corôa, que vagava por morte de Jorge Nunes, respondeu «que Jorge Nunes ainda não era morto, nem o seria jámais na lembrança dos Reis de Portugal»; e com isto refusou a mercê que se pretendia. O filho, que ainda ficava a Izabel de Avellar, foi depois o desembargador Duarte Nunes de Leão, bem conhecido entre nós por seus escriptos. Se o procedimento de Izabel de Avellar a faz igual ás virtuosas matronas de Lacedemonia, não he menos digna da nossa admiração e louvor a bondade e amor verdadeiramente maternal, com que a Rainha attendia aos serviços de seus vassallos, e os honrava e favorecia.

52

El-Rei D. Sebastião, cujas infelicidades serão sempre objecto de magoa para os bons Portuguezes, era dotado de tão felices disposições naturaes, que com razão dizia o seu illustre aio D. Aleixo de Menezes: «que mais se devião recear de Sua Alteza os excessos de virtude, que os effeitos de alguma viciosa inclinação». Sendo já Rei, mas ainda menino, disse ao seu aio, que queria sahir a cavallo, e escolhia para isso hum frisão ainda não domado. D. Aleixo, representando-lhe o perigo em que punha sua real pessoa, lhe disse que sahisse em outro qualquer cavallo já domado; e insistindo el-Rei no seu appetite, o aio lh'o recusou, e prohibio expressamente; com o que D. Sebastião sahio do quarto mui agastado, proferindo algumas palavras infantis contra os rigores de D. Aleixo. Nisto alguns cortezãos, que o ouvirão, chegárão a beijar-lhe a mão, auctorisando assim a desobediencia de el-Rei, e gabando-lhe a resolução de subtrahir-se á importuna severidade de D. Aleixo. Mas el-Rei, com ser de tão tenra idade, que não tinha ainda quatorze annos, tornou em si, voltou ao quarto, tratou o aio com muito amor e respeito, e disse-lhe «que estava prompto a fazer o que elle lhe aconselhava, por isso mesmo que já alguns lhe havião beijado a mão por lhe desobedecer». Este procedimento acredita muito a virtuosa indole de el-Rei, e parece mostrar que os graves defeitos, que causárão a sua desgraça, e a de todo o reino, se devem attribuir á errada direcção que depois se deo aos seus reaes sentimentos e generosas propensões.

53

Logo que o grande Albuquerque tomou a ilha de Goa, que julgára propria para nella se estabelecer o centro e

a capital do imperio portuguez no Oriente, foi o seu primeiro cuidado fundar nella huma fortaleza, que lhe servisse de defensão contra os acommettimentos dos Principes vizinhos. Nesta fortaleza mandava Albuquerque collocar huma lapida, em que fizera gravar os nomes dos capitães que tinhão debaixo do seu mando tido parte em tão gloriosa conquista, havendo aquelle grande homem, que deste modo transmittia com honra aos vindouros o conhecimento dos Portuguezes que ali se havião illustrado, e os recommendava a opinião e fama gloriosa da posteridade. Os Portuguezes, descontentes das precedencias dos nomes, desafogavão o seu ciume murmurando de Albuquerque, e quasi impondo-lhe o vicio da parcialidade, como se não fosse o que com mais intelligencia e inteireza podia avaliar os merecimentos dos seus subalternos. Emfim o illustre capitão, enfadado de tão desarrasoada competencia, resolveo que a lapida se mettesse na fortaleza com os nomes voltados para o grosso da muralha, e que na face de fóra se gravassem aquellas palavras do psalmo *lapidem quem reprobaverunt aedificantes*, que querem dizer em vulgar *pedra reprovada pelos edificadores*, resolução digna de se commemorar nesta collecção, como demonstradora do elevado espirito daquelle insigne capitão e da grandeza de seus pensamentos.

54

No mesmo tempo, e pela mesma occasião, se fez tambem patente a lealdade de D. Fernando Rodrigues Pacheco, que governava o castello de Celorico da Beira. O Conde de Bolonha o teve por alguns mezes em apertado cerco, usando dos mesmos meios para o demover da sua firmeza. Mas o nobre capitão, sem embargo de já sofrer a horrivel fome, respondeu constante: «que el-Rei D. Sancho lhe havia confiado a guarda daquella

fortaleza, e que sómente a elle, ou por ordem sua, a entregaria; pois nem outro algum poder, nem os mandados do Papa, nem as penas civis ou ecclesiasticas de que era ameaçado, o farião jámais faltar hum só ponto ao honrado dever que havia contrahido». Com effeito, sómente se rendeo depois de ser certificado da morte de el-Rei; e forão estas duas praças de Coimbra e Celorico as ultimas de que o Conde de Bolonha (já então Rei D. Affonso III) se apossou em todo Portugal. A imparcialidade da historia, recommendando com honra á posteridade o nome destes dous capitães, nos dá bem a conhecer o conceito que os homens mais illustrados e virtuosos logo então fizerão tanto a respeito do poder, como dos meios que se empregárão para a deposição do infeliz Monarca.

55

Quando o grande Albuquerque, depois de conquistar Malaca, voltava victorioso a Goa, succedeo que a sua náo tocasse em hum baixo, e se abrisse logo em duas partes, por ser velha e não poder sustentar a força e grossura dos mares. Assim todas as pessoas que nella vinhão ficárão em cruel angustia, aguardando a cada momento a morte, que tão de perto os ameaçava. No meio desse imminente e terrivel perigo veio ás mãos de Albuquerque huma menina filha de huma escrava. O illustre capitão, esquecido de muitas cousas que erão de valor e preço, que porventura se poderião salvar do naufragio, não largou de si aquella innocente creatura, e posto em pé a teve em seus braços toda a tormentosa noite, até que na manhã seguinte forão soccorridos de outra náo, que os salvou. Acção de piedade digna daquella grande alma, e não inferior em merecimento aos maravilhosos feitos com que se illustrou e perpetuou a sua memoria.

56

Não julgâmos alheio desta collecção referir entre os escolhidos feitos memoraveis da historia portugueza o admiravel acordo com que o insigne Camões, vindo da China para a India, e fazendo naufragio na costa do reino de Cambaia, na foz do rio Mecom, salvou da imminente ruina os seus *Lusiadas*, nadando com hum braço, e sustentando com o outro acima das ondas aquella divina producção do seu engenho, honra immortal da litteratura portugueza. Bem previa o grande poeta que salvava naquelles cantos a gloria do seu nome, a immortalidade da sua fama e o credito da sua nação, e por isso menosprezou tudo quanto trazia de Macáo, e podia salvar do naufragio, elevando-se a par de Cesar, que tambem no porto de Alexandria escapou nadando com hum braço, e salvando com o outro os seus *Commentarios*.

57

Na guerra que sustentámos em Malaca contra Pate Quitir, veio a cahir captivo em seu poder hum bombardeiro portuguez, que elle grandemente estimava, por ser mui perito no seu officio. Este homem (cujo nome ignorâmos, e merecia ser conhecido) sendo mandado por Pate Quitir assestar huma peça de artilheria para atirar aos Portuguezes, negou-se constantemente a empregar a sua arte contra os seus naturaes, e quiz antes perder a vida, e ser degolado como foi sobre a propria peça, do que offender a lealdade que devia á sua patria. Exemplo admiravel! que bem merecia que a historia nos não occultasse o nome de tão benemerito portuguez, digno por certo de memoria e fama gloriosa.

58

Quando o grande Albuquerque levantou em 1507 a fortaleza de Ormuz, e fez o Rei tributario a Portugal, chegou ali o Embaixador da Persia, e pedia ao heroe portuguez o tributo que os Reis de Ormuz costumavam annualmente pagar aos da Persia. Affonso de Albuquerque mandou-lhe de presente hum caixão cheio de balas de artilheria, espadas e outras armas, e dando logo entrada ao Embaixador, lhe mostrou aquellas peças, e disse: «Esta he a moeda com que os Reis de Portugal pagão tributo aos outros Principes»; com o que o Embaixador se retirou confuso. Assim fazia aquelle grande homem que o seu Rei fosse respeitado, e as suas armas temidas em todo o Oriente, aonde comtudo de tal modo grangeou a estima geral de todos aquelles Principes, que chegárão a fazer demonstrações publicas de sentimento quando souberão da sua morte. O heroismo nunca anda desacompanhado da virtude, e de muitas outras nobres e superiores qualidades!

59

O mesmo Albuquerque, quando soube que a inveja dos seus inimigos, e a ingratidão da côrte, havião triunfado delle e dos seus merecimentos, entre outras palavras expressivas do seu desgosto, disse, fallando comsigo mesmo: «Velho, acolhe-te á igreja; pede a tua honra que morras, e tu nunca deixaste de fazer o que a honra pedia». Passados poucos dias falleceo o heroe, com sessenta e tres annos de idade, aos 16 de Dezembro de 1515. Nunca a inveja e a ingratidão sacrificárão mais illustre victima!

60

Em 1723 ateou-se em Lisboa huma epidemia tão funesta, que levou muitos milhares de pessoas. No meio

desta calamidade aconselhavão a el-Rei D. João V que sahisse da côrte, e pozesse em salvo a sua real pessoa e familia; mas o piedoso Monarca, que era justamente pai do seu povo, repugnou constante e invencivelmente a este conselho, dizendo «que antes queria perder a vida no meio dos seus vassallos e filhos, do que desamparal-os em tal extremidade». Conservou-se com effeito em Lisboa; mandou acudir a todos e por todos os bairros da cidade com medicos, enfermeiros, medicinas, alimentos, e todo o genero de consolações e remedios, e attribuio-se á generosa humanidade e caridade de el-Rei o não haver o contagio feito maiores e mais extensos estragos. «Feliz reino, exclama hum escriptor portuguez referindo este facto; feliz o reino, cujo Rei governa como Rei, como pai e como homem!»

61

D. Maria de Guadalupe Lancastro e Cardena, filha dos Duques de Aveiro e Torres Novas, senhora de mui distinctas qualidades e de elevado espirito, tinha hido para Castella, e achava-se em Madrid quando mais ardia a guerra da independencia portugueza, que nós chamâmos da acclamação de el-Rei D. João IV. Em certa occasião, fazendo os Castelhanos hum festim, convidárão para elle D. Maria; e tendo-se representado hum drama, em que hum Castelhano tratava mal de palavra e por obra a hum Portuguez, huma senhora que estava perto de D. Maria se voltou para ella e lhe disse com inconsiderada leveza: «Eis-aqui como os Castelhanos tratão os Portuguezes»; ao que a illustre Portugueza immediatamente com semblante grave e sizudo respondeo: «Isto que em Castella se faz aos Portuguezes he farça; mas o que os Portuguezes fazem aos Castelhanos na campanha de Alemtejo he muito devéras». Com esta

resposta não só reprimio e envergonhou a importuna e louca vaidade da Castelhana, mas tambem mostrou que o amor da patria nunca desampara os corações generosos e as almas bem nascidas, ainda quando por circumstancias politicas, e talvez involuntarias, se adopta hum partido differente dos seus nacionaes.

62

Durante a malfadada guerra que el-Rei D. Affonso V fez aos Reis Catholicos em defeza dos direitos da Rainha D. Joanna, el-Rei D. Fernando, querendo fazer diversão ás armas portuguezas, mandou algumas tropas que fossem combater a praça de Ceuta da parte do mar, ao mesmo tempo que os Mouros viessem sobre ella pelo lado da terra. Depois de algumas tentativas infructuosas dos inimigos, sempre rebatidos pelos Portuguezes, reflectindo os Mouros (como he de presumir) que a sua situação não havia de melhorar, qualquer que fosse o successo do cerco, propozerão ao Governador da praça, Rui Mendes Ribeiro, que lhes permittisse o transito pela cidade, dando elles as precisas seguranças, e promettendo que cahirião sobre os Hespanhoes e os derrotarião completamente. Era esta proposta por extremo util e vantajosa aos Portuguezes; mas o nobre capitão a recusou, e antes quiz sofrer as contingencias da guerra do que alliar-se com os infieis contra soldados christãos, posto que inimigos; os Mouros levantárão logo o cerco, e o mesmo fizerão os Castelhanos, levando estes huma lição, que devêra cobril-os de pejo, se a força de certas paixões désse lugar á reflexão, e não suffocasse as mais das vezes os sentimentos da honra, da virtude e até da religião.

63

Quando se celebrou o matrimonio de el-Rei de Castella, D. João, com a Princeza de Portugal, D. Beatriz, filha de el-Rei D. Fernando, alem de outras demonstrações de prazer e contentamento, houve tambem entre Elvas e Badajoz hum grandioso banquete dado por el-Rei de Castella, em que estavão preparadas tres mezas, huma mais alta para el-Rei e para as duas Rainhas, e duas mais baixas para os grandes e fidalgos de hum e outro reino. No numero destes entravão Nuno Alvares Pereira e seu irmão Fernando Pereira, os quaes com cortezãa delicadeza não quizerão assentar-se á meza sem que estivessem accommodados os outros convidados. Estes porém, como se aquella civilidade lhes fosse devida, e quasi fazendo pouco caso dos dous irmãos, se forão assenhoreando dos lugares, e por fim ficou D. Nuno e D. Fernando sem talher, e sem que alguem tivesse ao menos a attenciosa lembrança de lh'o offerecer. Nuno Alvares, que era moço de vinte e tres annos, mas que tinha grande elevação de espirito, e sabia avaliar a grosseria que com elle e com seu irmão se praticava, chegou-se á meza como por acaso, e dando-lhe com hum pé, lançou tudo por terra, e foi sahindo mui sizudo e repousado, ficando todos pasmados e assombrados não menos da sua nobre ousadia, que do seu socego e tranquilla continencia. El-Rei de Castella, em vez de offender-se desta acção, maravilhou-se della, e disse com espirito presago: «Que quem assim obrava em desaggravo da sua honra, estava sem duvida reservado para cousas grandes». Bem o experimentou depois elle mesmo e todos os Castelhanos, porque D. Nuno Alvares Pereira nunca jámais soube desmentir a grandeza do seu caracter, nem faltar hum só ponto aos deveres que elle lhe impunha em toda e qualquer situação e circumstancias da vida.

64

Bem sabido he que o Principe de Castella D. Filippe (que depois foi Rei Filippe II) cazou com a Infanta D. Maria, filha de el-Rei D. João III e da Rainha D. Catharina. Quando se tratava este consorcio, alguns Portuguezes sizudos, e zelosos do bem da nação, discorrião que, visto el-Rei D. João III não ter outro filho que lhe succedesse senão o Principe D. João, parecia acertado que a Infanta cazasse antes com seu tio o Infante D. Luiz, para assim melhor se assegurar em segunda linha a successão do reino. El-Rei convocou nesse tempo o Conselho d'Estado para com elle conferir sobre o cazamento; e como o Marquez de Villa Real começasse a notar os inconvenientes delle, a Rainha, que estava presente, o atalhou, dizendo: «Que el-Rei não chamára o Conselho para conferir sobre o cazamento, porque esse já estava ajustado; mas sim para dar seu voto sobre as condições com que havia de fazer-se». Os Conselheiros, admirados destas notaveis palavras da Rainha, ficárão em silencio; só o Marquez, com profundo respeito, mas com a liberdade de hum Conselheiro d'Estado, replicou, e disse: «Pois esses com quem el-Rei se aconselhou para o cazamento, sejão agora tambem chamados para darem conselho sobre as condições delle». Resposta ousada, mas nobre e digna de hum honrado portuguez! O tempo mostrou depois que os discursos, que se fazião sobre aquelle matrimonio, nada tinhão de insensatos.

65

No tempo do illustre Viriato, em certo recontro que os Romanos tiverão com os nossos, succedeo que ficasse captiva em poder dos primeiros Osmia, matrona lusitana, distincta pela sua formosura e modestia. O cavalleiro

romano, de quem era captiva, prendido da belleza de Osmia, tentou vencer a sua honestidade com afagos e caricias; mas vendo que erão inuteis estes meios, não duvidou empregar a violencia, para conseguir o seu empenho. Osmia, considerando-se gravemente injuriada, e resolvendo vingar a sua afronta, dissimulou por algum tempo com o aggressor, e quando o teve assegurado e livre de receio, lhe cortou a cabeça com a sua propria espada, e com estes trofeos se foi apresentar a seu marido, em cuja presença tirou a vida a si mesma, como para desvanecer toda a suspeita de consentimento, ou para mostrar que lhe era odiosa a vida com infamia. Não fez mais a famosa Lucrecia, tão celebrada da antiga Roma, assim pela sua fé conjugal, como pelo seu valor varonil.

66

Depois que o Pretor romano Servio Galba consummou a eterna afronta de Roma com a infame façanha de fazer matar á traição nove mil Lusitanos, a quem, debaixo da fé e promessa de paz, amisade e favor, ajuntára inermes, se levantou contra a perfidia romana o insigne Viriato, a quem os Lusitanos reconhecêrão por seu capitão, e por vingador do sangue dos seus concidadãos. A primeira acção deste illustre General (o *Romulo hespanhol* lhe chamou Lucio Floro), cujas victorias chegárão a pôr em risco a fortuna e poder de Roma, foi levar os seus Lusitanos ao campo em que Galba havia executado a impia mortandade, e ahi tomado de justa ira, e commovido ao mesmo tempo do lastimoso espectaculo de tantas victimas da ferocidade do Pretor, fez que os que o seguião, mettendo as mãos nas feridas, que o barbaro ferro tinha aberto em algumas donzellas lusitanas, jurassem por aquelle sangue innocente eterna vingança, e odio aos inimigos emquanto tivessem vida para mane-

jar as armas. Dahi em diante, pelo espaço de dez ou mais annos de guerra vergonhosa para os Romanos (como lhe chama hum seu escriptor), raras vezes deixou a soberba destes republicanos de ser humilhada e castigada pelo insigne Lusitano e suas tropas, até que Quinto Servilio Cepião, por outra traição tão vil e infame como a primeira, o fez assassinar, mostrando assim (diz outro escriptor romano) que só deste modo o podia vencer.

67

A Rainha de Castella, D. Beatriz, filha de el-Rei de Portugal, D. Fernando, foi tão infeliz e desgraçada, quanto era formosa e honesta; e sobre não gozar o reino de Portugal, a que tinha direito, se não fôra cazar em Castella, sofreo dos proprios Castelhanos injurias, afrontas, e até riscos de vida não merecidos, como referem as historias. Esta senhora, depois da morte de el-Rei D. João seu marido, foi pretendida por alguns Principes para cazamento; mas ella com ser ainda moça e linda, sem filhos, e sem a corôa, e desejada, respondeo constantemente, e com raro aviso: «Que as mulheres da sua qualidade não cazavão mais de uma vez»; e com esta resposta deo de mão a quantas vantagens se lhe offerecião, e persistio em honesta viuvez.

68

El-Rei D. Diniz foi hum dos melhores Reis que teve Portugal nos antigos tempos. Entre as cousas memoraveis do seu governo deve notar-se o particular favor que deo ao augmento da povoação e aos progressos da agricultura, rainha de todas as artes, e fundamento da civilisação e da prosperidade publica. Era maxima da sua politica dar aos lavradores a denominação de *nervos*

da republica, com o que chegou a grangear os honrados nomes de *Lavrador* e *Pai da patria*, nomes superiores a todos os titulos, capazes de dar novos realces á grandeza e magestade do throno, e dignos da nobre ambição dos maiores e mais poderosos Monarcas.

69

Refere a historia, que visitando el-Rei D. Sebastião o real convento da Batalha, e os tumulos dos Reis seus predecessores, que ali estão depositados, mandára abrir o de el-Rei D. João II, cujo corpo se achava inteiro, e que fazendo que o levantassem em pé, e pondo-lhe na mão a sua espada, dissera para o Duque de Aveiro, que estava presente: «Este foi o melhor official do nosso officio». Palavras notaveis, que se por huma parte acreditão o valor daquelle illustre Principe, não são menos demonstrativas do claro discernimento de el-Rei D. Sebastião; do muito que prezava tão nobre qualidade, e do quanto desejava inspiral-a nos animos e nos corações dos seus vassallos.

70

Mathias de Albuquerque foi hum varão de mui virtuosos procedimentos, e deo a conhecer seu esforçado valor por muitas acções dignas de honrosa memoria. Sendo nomeado Vice-Rei da India, e havendo de embarcar-se em huma poderosa armada para passar áquelles estados, experimentou por muitos dias ventos contrarios, que não só retardárão a sua viagem, mas até lhe fizerão perder a monção opportuna, tornando-lhe a navegação trabalhosa e arriscada. Sem embargo porém desta contradicção, elle com semblante alegre e destemido, disse «que apesar da fortuna havia de passar á India, e quebrar a cabeça a seus inimigos». Com effeito mandou pin-

tar-se na bandeira da sua náo, calcando aos pés a imagem da Fortuna, e assim embarcado passou ao Oriente, aonde deo novas e assignaladas provas do seu valoroso animo e das nobres virtudes que o adornavão.

71

Muitos Principes deixárão seus nomes perpetuados na historia por acções de generosa e real liberalidade; mas nem hum só exemplo temos achado da singular maneira com que el-Rei D. João II exercitava esta nobre virtude. Trazia este grande Principe sempre comsigo, e no maior recato, hum livro-memorial, aonde por sua propria mão escrevia os nomes dos seus vassallos mais benemeritos, e notava as acções virtuosas e uteis pòr que se havião distinguido; os serviços que tinhão feito ao Estado; os empregos de que erão capazes, e os premios a que tinhão adquirido justo direito. E por esta memoria se governava tanto no provimento dos lugares, como na distribuição das graças e mercês, conferindo-as não poucas vezes aos que estavão ausentes, e as não pretendião, nem solicitavão, nem ainda esperavão. Esta admiravel traça da imparcial justiça e liberalidade de el-Rei, sómente veio a descobrir-se depois da sua morte, quando se abrio hum pequeno cofre, de que elle tivera sempre a chave, e aonde se achárão alguns outros testemunhos da sua religiosa e christãa piedade, bem alheios do que presumião os seus potentes inimigos.

72

Ainda que no tempo da dilatada guerra, que se seguio á acclamação de el-Rei D. João IV, houve muitas povoações e individuos que derão grandes e extraordinarias provas de fidelidade a seus Principes naturaes, e de

amor á patria e á liberdade, succedêrão comtudo alguns factos demonstrativos destas virtudes, os quaes merecem a particular menção da historia, e devem ser especialmente transmittidos á posteridade, para servirem de exemplo, e inspirarem aos vindouros aquelles honrados sentimentos, que deixárão perpetuada, e ainda hoje fazem respeitavel a memoria de seus antepassados. Por hum destes factos se fizerão para sempre celebres os moradores de Olivença, quando esta praça foi tomada pelos Hespanhoes em 1657. Constava ella de 2:000 vizinhos; e sendo-lhes deixado na sua liberdade conservar-se em suas habitações debaixo da obediencia do governo castelhano, e até com vantajosas promessas tentados, tomárão a nobre e generosa resolução de se retirarem todos, sem ficar hum só, para outras terras da provincia e reino, preferindo desampararem suas cazas e fazendas, e viverem peregrinos e estranhos em outras terras ao desar, posto que forçado, de deixarem a obediencia do seu Rei natural; e neste estado se conservárão alguns annos até á restituição da praça. Exemplo de que não será facil achar modelo em outra alguma historia. O mesmo praticárão os habitantes de Monção, na provincia do Minho, quando aquella praça foi tomada em 1659, depois da mais heroica resistencia. Os Castelhanos attribuírão estes dous factos ao odio que lhes tinhamos, sendo só insignes provas da lealdade portugueza.

73

Em tempo de el-Rei D. João IV, anno de 1650, sendo perseguidos em Inglaterra pela facção de Cromwell os Principes palatinos Roberto e Mauricio, como tão proximos parentes do infeliz Rei Carlos I, vierão fugitivos buscar asylo em Portugal, e entrando no Tejo imploravão a protecção de el-Rei. Chegou logo em seu alcance

o General Blac com huma numerosa armada de quinze navios de guerra, e imperiosamente requereo do governo portuguez a entrega dos dous illustres foragidos. El-Rei, elevado poucos annos antes ao throno de seus maiores, tinha todas as fronteiras do reino acommettidas das armas castelhanas, e ainda que não esperasse das nações estrangeiras soccorros essenciaes, necessitava comtudo de manter-se em paz e amizade com ellas, e não dar occasião a se multiplicarem os inimigos da sua corôa, tratando com desabrimento huma nação maritima e poderosa, cujas armas podião ser funestas a Portugal. Esta consideração fazia vacillar os Conselheiros d'Estado, os quaes sem desconhecerem os sagrados direitos da hospitalidade e asylo, lembravão-se comtudo da lei suprema das nações, que prefere a todos os outros deveres a propria conservação e a publica salvação do Estado. Venceo porém a generosidade real, apoiada do voto energico do augusto Principe D. Theodosio. Os Principes perseguidos não só não forão entregues a seus inimigos, senão que forão defendidos pelas esquadras portuguezas, sacrificando el-Rei todos os interesses e considerações pessoaes ao dever sagrado da virtude, que tão altamente imperava em seu real coração.

74

Não ha Portuguez algum instruido na historia da sua patria que não conheça e venere o nome de João Fernandes Vieira, primeiro auctor, e hum dos principaes restauradores da liberdade de Pernambuco, aonde por muitos annos dominárão os Hollandezes com estranha barbaridade, e com vil e fementida avareza. Durante a heroica e dilatada guerra que os Portuguezes fizerão a seus inimigos, veio da Bahia ordem para se queimarem todos os cannaviaes de Pernambuco, persuadindo-se o

Governador geral do estado, que destruido assim o principal incentivo da avareza dos Hollandezes, estimarião elles menos o dominio que ali tinhão, e cessarião os soccorros da Companhia occidental, com que da Europa se fomentava a mesma guerra. Bem conheceo João Fernandes Vieira, que a execução desta ordem, posto que por huma parte diminuia os interesses que o inimigo tirava da posse daquelle estado, tambem por outra arruinava os proprietarios, e lhes tirava o unico meio que tinhão de sustentar a sua gloriosa empreza; mas como elle mesmo era hum dos mais ricos proprietarios de Pernambuco, para que se não attribuisse a sua repugnancia a interesse pessoal, mandou immediatamente queimar todos os seus cannaviaes, e depois representou para a Bahia os inconvenientes daquella providencia com razões tão efficazes, que o Governador as aceitou, e mandou suspender a execução da ordem. Assim salvou o grande e heroico Vieira as propriedades dos seus vizinhos á custa da sua propria fazenda, acrescentando mais esta extraordinaria acção de magnanimo desinteresse, e de generosa humanidade, ás muitas que já tinha praticado, e depois continuou, de amor da patria, de valor intrepido, e de heroica firmeza e constancia.

75

André Vidal de Negreiros foi hum dos insignes restauradores de Pernambuco, unindo-se para aquella gloriosa empreza em tudo ao grande João Fernandes Vieira, de quem acabâmos de fallar. Pelo que, entre outras honras com que el-Rei acreditou, e premiou os seus serviços, mereceo ser nomeado Governador do reino de Angola, aonde por espaço de cinco annos fez assignalados serviços ao Estado. Succedeo-lhe Tristão da Cunha em 1666, o qual, tanto que tomou posse do governo, tratou o seu

antecessor, André Vidal, com tanta desattenção e desprezo, que logo este seu baixo procedimento pareceo preludio dos merecidos ludibrios com que elle mesmo foi pouco depois tratado. Os seus vicios irritárão de tal modo o povo, que não tendo ainda passado cinco mezes de governo, conjurárão os moradores de Angola contra elle, e o expulsárão e fizerão embarcar violentamente. Hia o navio para Pernambuco, e em Pernambuco estava já governando o proprio André Vidal, que poucos mezes antes experimentára o injusto e invejoso desprezo de Tristão da Cunha, circumstancia que este sentia sobre todas as da sua desgraça. Mas a nobreza da alma não depende dos accidentes do nascimento ou da fortuna. O honrado André Vidal de Negreiros, como se estivesse esquecido das indignidades que pouco antes com elle praticára Tristão da Cunha, não só o recebeo e tratou com grande urbanidade, mas até se esmerou em praticar com elle as mais officiosas demonstrações de civilidade e obsequio, mostrando-se nisto tanto maior do que o tinha sido no valor militar, quanto a victoria que o homem alcança de si mesmo e das suas paixões, he superior a todas as victorias alcançadas contra os inimigos.

76

D. Alvaro Pires de Castro e Noronha, primeiro Marquez de Cascaes, era fidalgo de grande respeito e auctoridade, tanto pelo esplendor do nascimento, como pela prudencia e virtudes civis que praticava, e até pelos seus annos. Quando o Conselho d'Estado resolveo pôr termo aos excessos de el-Rei D. Affonso VI, e tirar-lhe o o governo do reino, sendo D. Alvaro hum dos do Conselho, e achando-se todos no paço á hora determinada, como esperassem e soubessem que el-Rei dormia, foi elle o que tomou a nobre liberdade de bater rijo á porta

da camara de el-Rei, mandando que lhe abrissem, e entrando com grande repouso, socego e respeito, disse a el-Rei «que não era tempo aquelle de dormir»; e lhe propoz as cousas que convinhão ao decoro de Sua Magestade e ao bem do reino, com o que foi grande parte para se terminar tão importante como melindroso negocio. Pouco depois foi este respeitavel fidalgo desterrado da côrte por maquinações de seus emulos, e passou a viver na sua villa de Ançã. Passado porém algum tempo foi avisado pelo Secretario d'Estado, que o Principe Regente lhe dava por acabado o desterro, e que podia restituir-se á côrte. D. Alvaro respondeo a isto «que muito estimava, que Sua Alteza estivesse satisfeito; mas que o não estava elle do procedimento que com elle se tivera». E com isto ficou em Ançã até á sua morte, que não tardou muito. Os desgostos dados injustamente a vassallos benemeritos são frequentes na historia; mas nem sempre achâmos o honrado resentimento de D. Alvaro, que se fosse geralmente imitado, faria os Principes mais circumspectos, para não perderem o conselho e o serviço de homens virtuosos, uteis e fieis.

77

Depois de ajustada a paz entre el-Rei de Portugal, D. Affonso V, e os Reis de Castella e Aragão, D. Fernando e D. Izabel, forão tantas as duvidas affectadas que os Ministros movêrão sobre a execução de alguns artigos, que o Principe D. João (depois Rei D. João II de Portugal), achando-se em Beja com auctoridade de remover todos os embaraços que occorressem, enfastiado da grosseira astucia com que os Castelhanos pretendião espaçar a negociação, e querendo livrar-se das molestas audiencias e propostas com que todos os dias o fatigavão, lhes mandou offerecer duas folhas de papel, em

huma das quaes escreveo elle mesmo *Paz*, e na outra *Guerra*, com ordem de se lhes intimar que escolhessem prompta e decisivamente qual mais lhes conviesse. Este modo de negociar pareceo novo, mas urgente, aos Embaixadores castelhanos, que logo escolhêrão daquella perigosa alternativa o papel em que estava escripto *Paz*, cedendo de todas as duvidas, com que até então tinhão enredado a negociação. Este simples facto deo tanto a conhecer aos Reis de Castella o caracter do Principe de Portugal, que depois que elle subio ao throno, sempre o respeitárão e temêrão, sem jámais ousarem fazer-lhe guerra, ainda que alguma vez o desejárão. Que tanto he o poder e a influencia de hum caracter nobre, firme e verdadeiramente real, até sobre os mais poderosos inimigos! Quando este grande Principe falleceo, consta que a Rainha D. Izabel dissera: «Morreo o homem!» fazendo-lhe com isto hum grande elogio, dictado pela verdade e pelo respeito, e não pela affeição.

78

Hum dos mais habeis Ministros que el-Rei D. João IV teve nas côrtes estrangeiras, foi D. Francisco de Souza Coutinho, o qual estando Embaixador em Hollanda, tratou sempre os negocios de seu amo com grande zêlo, e não menos intelligencia e dexteridade. Pretendião os Hollandezes mandar huma grossa esquadra em soccorro de Pernambuco, de que estavão senhores, e aonde o illustre João Fernandes Vieira com poucas forças os molestava incessantemente. D. Francisco de Souza, depois de ter esgotado todos os recursos da diplomatica, vendo que já não podia obstar por outro modo á partida da esquadra, prometteo emfim, em nome de el-Rei seu amo, que se lhes cederia aquella cidade, e com isto embaraçou a expedição do soccorro. Mas ao mesmo passo

escreveo a el-Rei, dizendo-lhe: «Vossa Magestade, Senhor, salve a sua honra desapprovando o que eu fiz em seu nome; sacrifique a minha cabeça, e não aquella praça». Esta especie de engano poderá acaso ter a desapprovação dos moralistas rigorosos. Nós porém julgâmos a acção de tão insigne lealdade em hum ministro publico, que não duvidâmos dizer com hum douto Portuguez, que D. Francisco mostrou ser *do aço e da tempera do fiel Egas Moniz.* E nisto entendemos fazer-lhe hum grande e merecido elogio.

79

Na celebre batalha de Toro, dada entre el-Rei D. Affonso V, de Portugal, e D. Fernando, Rei de Sicilia, que pretendia o reino de Castella, succedêrão dous acontecimentos, que merecem ser referidos neste lugar. Pelejando as duas batalhas reaes por algum tempo, sem que a victoria se inclinasse a alguma das partes, emfim os Portuguezes começárão a desordenar-se, de modo que desampárárão a bandeira real, sobre a qual carregárão tantas lanças e espadas, que parece (diz a historia) que chovião sobre o alferes Duarte de Almeida, o qual a defendeo de maneira que mais honra ganhou em lh'a tomarem, do que se elle a tomára aos inimigos; porque não lh'a podendo arrancar das mãos, lhe decepárão huma dellas, e cortada esta a sustentou com a outra, e ainda sendo mal ferido nessa outra, com os cotos e com os dentes a defendeo, como se escreve por façanha do Atheniense que defendeo a náo. Logo depois vendo hum escudeiro portuguez, por nome Gonçalo Pires, que os Castelhanos levavão a bandeira a rastos pelo campo, cheio de indignação arremetteo com outros esforçados Portuguezes aos inimigos, que erão muitos mil, e fazendo grande terreiro, á força de braveza e golpes pôde Gon-

çalo Pires tomar a bandeira ao Castelhano que a levava, a quem derribou do cavallo e prendeo, e perante todo o exercito a foi offerecer ao Principe D. João, que no campo tinha ficado victorioso da ala do exercito castelhano que lhe tocou combater. Ambos estes illustres Portuguezes morrêrão pobres!

80

O illustre capitão Antonio Moniz Barreto, que na India conservou e augmentou a gloria dos Portuguezes por muitas acções de grande valor, achando-se huma vez em grande consternação por estar Malaca cercada dos Acheus e Jáos, e elle se ver destituido de cabedaes com que a podesse municionar, recorreo á cidade de Goa, pedindo-lhe emprestados 15:000 cruzados, e dando-lhe em penhor o seu proprio filho Duarte Moniz, menino de sete annos, estimavel joia que mui brevemente remio.

DA CONSTÀNCIA DO VARÃO SABIO

(TRADUCÇÃO DE SENECA)

Credendumque doctissimis hominibus, qui unicum adversorum solatium litteras putaverunt.
QUINTIL. INST., liv. VI, *Praefat.*

Serra de Ossa, 17 de Setembro de 1828.

PREFAÇÃO

Duas cousas levámos em vista, quando emprehendemos esta traducção: huma, empregar utilmente algumas horas; outra, dar allivio ao espirito, gravemente opprimido, da iniquidade da sorte, que nos trouxe a tão aspero e não merecido desterro.

Não tivemos modo de ver, nem consultar edição alguma boa de Seneca; servimo-nos de huma de Padua de 1713, que em pequenos volumes comprehende os opusculos filosoficos do illustre hespanhol, a qual nem sempre nos pareceo correcta.

Tampouco nos foi possivel achar subsidio algum que nos auxiliasse neste nosso trabalho, ou illustrasse a nossa ignorancia. Assim, luctando corpo a corpo, já com o texto, já com a nossa mágoa, fomos escrevendo em portuguez o que nos pareceo que o escriptor quizera dizer em latim.

Se esta traducção vier por casualidade ás mãos de algum portuguez erudito, estamos certo que nos não negará benigna indulgencia, e que talvez nos dará ainda algum louvor.

DA CONSTANCIA DO VARÃO SABIO

(TRADUCÇÃO DE SENECA)

Não sem razão, Sereno, dizia eu, que ha tanta differença entre os estoicos e os outros homens, que professão a filosofia, quanta entre os varões e as femeas: porque, sendo ambas as classes igualmente uteis á sociedade, huma comtudo he destinada para mandar, e a outra para obedecer. Os outros filosofos procedem branda e suavemente, quasi como os medicos domesticos e familiares, que acodem á cura dos doentes, como podem, ou como lhes he permittido, e não com os mais energicos e efficaces remedios. Os estoicos porém marchão varonilmente pela estrada real, não attendendo ao que nos póde ser mais agradavel, senão ao que mais promptamente póde salvar-nos, e levantar-nos a tal altura, que fiquemos superiores á fortuna, e não possão alcançar-nos os tiros da adversidade.

São, em verdade, agros e fragosos os caminhos por onde nos querem conduzir; mas quem subio jámais ao alto, marchando pelo plano? E comtudo não são esses caminhos tão asperos, como alguns cuidão. Mostrão, certo, ao principio fragas e rochedos, e quasi parecem não trilhados; succede porém como quando vemos de longe serras despenhadas e alcantiladas, que a distancia nos representa como proximas humas a outras, e intransitaveis; mas se nos chegámos mais ao perto, cessa a

illusão; começão a apparecer e a aplanar-se pouco a pouco as passagens, e por ultimo vemos que os que se representavão precipicios, são com facil trabalho accessiveis.

Pouco tempo ha que, fallando-se de M. Catão, levavas tu muito a mal (porque não sofres injustiças) que no seu tempo o não tivessem avaliado, como elle merecia, e o pozessem abaixo dos Vatinios, sendo elle muito acima dos Pompêos e dos Cesares; e te parecia cousa indigna que, apparecendo elle no fôro, para despersuadir a publicação de huma lei, lhe fosse ali mesmo arrancada a toga, e fosse elle levado violentamente desde a tribuna até o arco Fabiano, por huma facção sediciosa, sofrendo vozes injuriosas, escarros, e todas as outras contumelias, que são proprias da multidão insana e desatinada. Então te respondi eu, que muito mais te devião commover os males da republica, vendida ora por Clodio, ora por Vatinio, ora por outros pessimos cidadãos, os quaes, corrompidos pela cega cubiça, não entendião que, vendendo a republica, se vendião tambem a si.

A respeito de Catão, dizia eu, deves estar socegado, porquanto nenhum sabio póde receber injuria, nem contumelia; e Catão he, sem duvida, hum exemplar de sabedoria, que os deoses immortaes nos concedêrão, mais certo e real, do que o forão em tempos antigos Ulysses e Hercules. A estes forão os nossos estoicos, que os declarárão sabios, invenciveis nos trabalhos, desprezadores da voluptuosidade, vencedores de todas as terras. Catão porém não pelejou com feras, que he cousa propria de caçadores e de homens agrestes; não perseguio monstros a ferro e fogo; não viveo em idade, que se acreditasse, que o ceo repousava sobre os hombros de hum só homem. Veio sim em hum seculo illustrado, e que já tinha sacudido a antiga credulidade. Combateo com a multiforme ambição, e com aquella immensa cubiça de po-

der, que nem o mundo todo repartido em tres partes podia saciar; teve-se só, e firme, contra os vicios da cidade, que hia degenerando, e abatendo-se debaixo do seu proprio peso; e susteve a cadente republica, quanto era possivel a hum só homem, até que, ou arrebatado, ou abstrahido de si mesmo, se metteo e se deixou sepultar debaixo das ruinas, que por tanto tempo sustivera, extinguindo-se assim juntas duas cousas, que de nenhum modo se podiam separar, pois nem Catão sobreviveo á liberdade, nem a liberdade a Catão. E a hum homem deste toque julgas tu que o podia injuriar o povo, tirando-lhe a pretura, ou a toga, ou escarrando em sua veneranda cabeça? Seguro e defendido está o sabio; nem a injuria, nem a contumelia o podem impressionar.

Parece-me ora que te estou vendo todo acceso e inflammado, preparando-te para exclamares: «Eis-ahi, eis-ahi o que diminue a auctoridade dos vossos preceitos. Prometteis cousas grandes, que se não podem crer, nem ainda desejar; fallais cousas extraordinarias, mas ao mesmo tempo que negais que o sabio seja pobre, concedeis que muitas vezes lhe falta o servo, o vestido, a caza, a comida. Negais que o sabio possa enlouquecer, mas não negais que possa talvez padecer alienação, dizer palavras insensatas e fazer o que fazem os doudos. Negais que o sabio seja servo, e ao mesmo tempo confessais que elle póde vir a ser vendido, e que então ha de fazer o que lhe mandar seu senhor, e prestar-lhe todos os ministerios servis. Assim, depois de vos terdes elevado a grandes alturas, desceis todavia a par dos outros homens, com haver tamsómente trocado os nomes ás cousas. Isto me parece que se verifica tambem agora nessa sentença, aliás bella e magnifica na apparencia, *que o sabio não póde receber injuria, nem contumelia.* Cumpre porém saber, se o eximes da indignação de ser

injuriado, ou se o eximes da propria injuria, porque vai muito de huma a outra cousa. Se dizes, que elle sofrerá a injuria com bom animo; não lhe dás privilegio algum; cousa he vulgar aprender o homem a paciencia pela frequente repetição das injurias. Se dizes, porém, que não ha de receber injuria, isto he, que ninguem ha de tentar injurial-o, então largo desde já todos os negocios, e vou fazer-me estoico».

Eu porém, Sereno, não me propuz descrever e ornar o sabio com a imaginaria honra de palavras vãas; mas sim collocal-o em lugar, a que nenhuma injuria possa ter entrada. «Pois que (dirás)? ninguem ahi o hirá desafiar? ninguem tentará injurial-o?» Nenhuma cousa ha no mundo tão sagrada, contra a qual se não atreva algum sacrilego; mas ainda que alguns accommettão com impotentes tiros a grandeza e elevação, que muito os sobreexcede, nem por isso as cousas divinas deixão de manter a sua sublimidade. Não he invulneravel, quem não he ferido; mas sim, quem não experimenta lezão. Esta he a caracteristica que te dou do verdadeiro sabio. Póde acaso duvidar-se, que seja mais forte o que não he vencido, do que o que não he atacado, nem combatido? O valor não experimentado fica sempre duvidoso; mas aquelle que repelle todos os encontros, não ha duvida que he de finissima tempera.

Assim, pódes ter por certo, que he de melhor natureza o sabio a quem nenhuma injuria offende, do que aquelle que nunca foi injuriado. Nem eu chamarei jámais varão forte o que vive em ocio pingue, entre povos desleixados; mas sim aquelle que nem da força hostil se deixa aterrar, nem das guerras foi em tempo algum esmagado. Deste sabio digo, que não he sujeito a injuria alguma. Atirem-lhe quantos tiros quizerem, nenhum chegará a penetral-o. Semelhante a algumas pedras, cuja dureza he inexpugnavel ao ferro; semelhante ao diamante, que

nem póde ser partido, nem ferido, nem esmigalhado, mas rebate naturalmente os corpos que o atacão; semelhante a certos corpos, que não podem ser consumidos pelo fogo, mas conservão no meio das chammas a sua rijeza e a sua fórma; semelhante emfim ao rochedo elevado no meio do mar, aonde vem quebrar-se a furia das ondas, sem que elle, batido por muitos seculos, mostre jámais apparencia alguma de irritação, assim he firme e solido o animo do sabio, e de tal modo armado de esforço e valor, que de toda a injuria se defende, não menos que estas cousas a que o hei comparado.

«Pois que? não haverá ninguem, que intente fazer injuria ao sabio?» Sim, alguem o tentará; mas a injuria não chegará a elle, pois se acha a coberto, fóra do alcance das cousas inferiores, e dellas separado por tão longo intervallo, que nenhuma cousa nociva póde lá chegar com suas forças. Ainda quando os que são poderosos e estão elevados a grandes cargos, e se achão fortemente auxiliados de seus servidores, tentassem fazer-lhe mal, os seus impetos ficarião sempre tanto áquem do sabio, quanto ficão áquem do ceo, voltando logo para a terra as setas, ou as balas arremessadas para o alto pelo arco, ou pela balista. Pensas tu, acaso, que chegou ao sol algum tiro, quando aquelle Rei insensato quiz escurecer a luz do dia, disparando huma grande multidão de setas? Ou julgas que chegárão a tocar em Neptuno as cadêas que lançou ao fundo do mar?... Escapão ás mãos humanas as cousas celestes; nem a divindade sofre algum desar dos que arrazão os templos ou fundem os simulacros. Assim he baldado tudo quanto a protervia, a petulancia ou a soberba tentão contra o sabio.

«Mas seria melhor, dirás, que ninguem lhe quizesse fazer mal». Desejas huma cousa mui difficil ao genero humano, a innocencia. Por outra parte, o não fazer o mal seria mais do interesse dos que o vão a fazer, do

que daquelle que nada sofre, ainda que lh'o fação. Antes, não sei eu se diga, que a sabedoria mostra mais as suas forças, ficando tranquilla no meio dos que a accommettem; pois até o general se mostra muito mais poderoso em armas e soldados, quando no proprio paiz dos inimigos está em tranquilla seguridade.

Distinguamos, Sereno, se te parece, injuria de contumelia. A primeira he por sua mesma natureza mais grave; a segunda mais leve, e sómente grave ás pessoas delicadas, que se dão por offendidas, ainda quando não sofrem lesão alguma. Tal he a vaidade e a relaxação dos animos, que julgão muitos não haver cousa mais acerba. Servos acharás, que antes queirão ser açoutados, do que levar huma bofetada, e que tenhão por mais toleraveis os açoutes, e a mesma morte, do que algumas palavras contumeliosas. A tanta necedade chegámos, que não só nos deixâmos opprimir da dôr, senão tambem da opinião da dôr; semelhantes nisto aos meninos, a quem mette medo a sombra, ou a deformidade e ruim aspecto das pessoas, e que chorão, quando ouvem nomes pouco gratos aos ouvidos, ou quando vêem certos movimentos dos dedos, ou outras semelhantes cousas, que elles maquinalmente estranhão e repugnão, por huma especie de impeto, originado de erro não previsto.

A injuria consiste em fazer mal a alguem; mas a sabedoria não dá lugar ao mal, pois só tem por mal a torpeza, e esta não póde entrar aonde existe o honesto e a virtude. A injuria pois não póde chegar ao sabio, porquanto se a injuria he sofrimento de algum mal, e o sabio não póde sofrer mal nenhum, segue-se que não póde ser injuriado.

Toda a injuria he especie de diminuição daquelle a quem se faz; nem pessoa alguma póde receber injuria, sem que sofra diminuição ou detrimento, ou na pessoa, ou na dignidade, ou nos bens e cousas externas. O sa-

bio porém nada póde perder; tudo tem em si mesmo; nada confia á fortuna; tem os seus bens em seguro, pois se contenta com a virtude, que não depende das cousas fortuitas, e por isso nem se póde augmentar, nem diminuir, sendo certo que o que tem chegado ao summo, não he susceptivel de incremento. A fortuna não póde tirar senão o que ella mesma deo; e como não dá a virtude, tambem nos não póde privar della.

A virtude he livre, inviolavel, firme, inconcussa, e de tal modo endurecida contra os acontecimentos, que não póde ser delles abalada, quanto mais vencida. A virtude olha recta e imperturbavelmente para os mais terriveis apparatos, e não muda semblante, ou as cousas se lhe mostrem adversas ou prosperas. Nada pois póde o sabio perder, cuja perda lhe seja sensivel. A virtude he a sua unica propriedade, da qual nunca póde ser desapossado. Das outras cousas usa por emprestimo; e ninguem ha que se afflija com a perda do que he alheio. Ora se a injuria não póde causar lesão ou detrimento algum nas cousas, que são proprias do sabio, e que estão salvas na sua mesma virtude, claro está que ao sabio se não póde fazer injuria.

Havendo Demetrio, por sobrenome Poliorcetes, tomado Megara, perguntou ao filosofo Stilpon, se tinha perdido alguma cousa? «Nada perdi, respondeo o filosofo, porque tudo o que meu he, commigo o tenho». Comtudo o patrimonio de Stilpon tinha sido saqueado pelo inimigo; o inimigo lhe tinha tambem roubado as filhas e a patria; mas Stilpon despojou-o a elle da victoria, e no meio da cidade captivada, mostrou-se a si mesmo não só invicto, mas indemne; porque tinha comsigo os unicos verdadeiros bens, em que ninguem podia metter mão; e todas as mais cousas, que via levar, ou roubadas, ou dissipadas, não as havia por suas, mas sim por adventicias e sujeitas ao mando da fortuna, e como taes não

as amava como proprias, sabendo que de todas as cousas, que nos vem de fóra, é sempre incerta a posse, e facil de perder-se.

Considera ora á vista disto, se o ladrão, o calumniador, o vizinho poderoso, ou algum ricasso soberbo póde fazer injuria a hum homem destes, a quem nada pôde roubar a guerra, nem hum inimigo, que professava a egregia arte de destruir e assolar cidades! Entre o fulgor das espadas, e o tumulto militar do saque e da rapina; entre as chammas, o sangue, e o estrago da cidade expugnada; no meio do fragor dos templos, que cahião a pedaços sobre os seus proprios deoses, este só homem ficou em paz. Não deves pois haver por ousada a minha proposição, da qual, se eu mereço pouco credito, te darei fiador. E pois apenas acreditas que possa haver no homem tanta firmeza e tanta magnanimidade, sahirá a campo o filosofo, e dirá:

«Não tens razão de duvidar, que o que nasceo homem possa elevar-se acima do humano; olhar com seguridade para as dores, para os damnos, para as feridas e chagas, e para os grandes movimentos e revoluções das cousas que o cercão, e como que bramem em roda delle; suportar com tranquillidade as cousas adversas, e com moderação as prosperas, não cedendo ás primeiras, nem confiando nas segundas; ficar sempre hum e o mesmo em diversas situações, e não ter cousa alguma por sua, senão a si mesmo, e ainda de si mesmo a porção mais nobre.

«Estou eu aqui para vos provar, que tendo este destruidor de tantas cidades arrazado fortificações com suas maquinas, abatido altas torres por meio de minas e excavações subterraneas, e levantado trincheiras a par dos mais elevados castellos; não achou comtudo até agora maquina alguma com que possa abalar hum animo firme e bem fundado. Escapei eu, pouco ha, quasi de rojo, das

ruinas da minha propria caza; fugi pelo meio de chammas e de sangue, vendo reluzir de toda a parte o clarão do incendio. Não sei o que aconteceria a minhas filhas... talvez peor que á cidade. Só e velho, e cercado de todo o genero de hostilidades, reconheço comtudo, e affirmo, que me ficou salvo e inteiro tudo quanto estava no rol dos meus bens, e que ainda tenho e possuo tudo quanto tinha de meu. Não te julgues a ti vencedor e a mim vencido, foi a tua fortuna a que venceo a minha fortuna. Não sei aonde parão essas cousas caducas, que são sujeitas a mudar de dono. As que são minhas, commigo estão, e commigo continuarão a estar. Perdêrão os ricos os seus bens; perdêrão os libidinosos os seus amores, e essas meretrizes que com grande dispendio do pudor amavão; perdêrão os ambiciosos a curia e o fôro, e os lugares destinados para exercer vicios em publico; perdêrão tambem os usurarios as suas notas, a que a avareza, com enganosa satisfação, dá o nome de riquezas, e tem como taes. Eu porém conservo inteiras e intactas todas as minhas cousas. Portanto pódes dirigir a tua pergunta a esses que chorão e se lamentão; a esses que para salvarem o dinheiro offerecem seus corpos ás espadas nuas; a esses que fogem do inimigo carregados de ouro.»

Concluamos, pois, Sereno, que o varão perfeito, cheio de virtudes divinas e humanas, nada póde perder. Estão os seus bens cingidos de solidas e inexpugnaveis muralhas. Não as compares aos muros de Babylonia, que forão entrados de Alexandre; não aos de Numancia e Carthago, que forão emfim rendidos; não ao capitolio, ou cidadella, que ainda mostrão assignalados os vestigios do inimigo. As muralhas que defendem o sabio estão a cuberto das chammas e da oppugnação; não offerecem brecha; são excelsas, inexpugnaveis, iguaes aos deoses.

Nem digas, como costumas, que este nosso sabio se

não encontra em parte alguma. Nós não o fingimos, para honrar vãamente o espirito humano; nem concebemos alguma grandiosa imagem de hum objecto falso e quimerico; mas mostrâmol-o, e ainda o mostraremos, tal como o confirmâmos com provas. He porventura raro, e apparece de longe em longe na grande extensão dos seculos, porque tambem não he possivel que o que he grande, e excede a medida ordinaria, seja frequente. Mas eu presumo que este mesmo Catão, por quem começou a nossa disputa, he ainda superior ao exemplar que acabo de descrever.

Por ultimo: quem faz lesão deve ser mais forte que quem a sofre; ora a iniquidade não he mais forte que a virtude; logo o sabio não póde receber lesão. A injuria contra os bons só os máos a tentão; porque entre os bons ha sempre paz. Se he pois verdade, que só póde ser lezado o que he mais fraco; e que o máo he mais fraco que o bom; e que o bom só póde ser injuriado pelo que lhe he desigual, bem se conclue que a injuria não póde cahir no varão sabio, pois escusado julgo lembrar-te que só o varão sabio he bom.

«Mas, dizes, Socrates foi condemnado injustamente, e como assim, recebeo injuria.»

Entendamo-nos. Póde acontecer que alguem me faça injuria, e que eu comtudo não receba injuria; como, por exemplo, se hum homem furtasse alguma cousa da minha quinta, e m'a viesse pôr em caza; elle faria furto, e eu nada perderia. Póde alguem fazer o mal, sem que outrem o experimente e sofra. Se alguem dormir com sua mulher, cuidando que he alheia, he elle adultero, mas não ella. Se alguem me deo veneno, e o veneno misturado com a comida perdeo a sua força, he criminoso quem m'o deo, e comtudo eu não sofri mal algum. Da mesma sorte he assassino aquelle que empregou o tiro no vestido, em lugar do homem. Todos os crimes

são consummados, emquanto á culpa, ainda antes do seu effeito, salvo aquelles que por sua propria natureza não podem existir sem o effeito, e só com elle se consummão.

Farei por me explicar, e fazer ainda mais claro o meu pensamento. Posso eu mover os pés, e não correr; mas não posso correr sem mover os pés. Posso estar mettido na agoa, sem nadar; mas não posso nadar, senão mettido na agoa. Assim mesmo, e deste modo se passa no nosso caso. Se eu recebi injuria, he indubitavel que alguem m'a fez; mas de me fazerem injuria não se segue que eu a recebesse; porque muitas cousas podião acontecer que a desviassem; e assim como o acaso póde desviar a mão e o tiro, e fazer declinar a seta, assim póde qualquer cousa, ou qualquer interposto acontecimento desviar a injuria, a qual nesse caso será feita, mas não recebida.

Mais: não póde a justiça padecer cousa alguma injusta, porque os contrarios nunca se unem; a injuria porém não póde existir sem injustiça: logo ao sabio não se póde fazer injuria. Nem te admires, que eu diga, que ninguem lhe póde fazer injuria; eu ainda acrescento que ninguem lhe póde dar proveito; porquanto nem o sabio carece de cousa alguma, que outrem possa darlhe; nem o homem máo tem cousa alguma que possa dar ao sabio. Quem dá deve primeiro ter o que dá; o máo nada tem que o sabio possa gostar de possuir. Logo ninguem póde, nem fazer damno, nem dar proveito ao sabio; semelhante nisto ás cousas divinas, que nem necessitão de ser auxiliadas, nem podem ser offendidas. O sabio está vizinho e proximo aos deoses; e he semelhante a Deos, excepto na immortalidade. Sempre se endereça, e sempre caminha para as cousas excelsas, ordenadas, intrepidas, que se vão succedendo em curso regular e concorde, e que são seguras e generosas;

nascido para o bem publico, util e salutar a si e aos outros, não deseja cousas baixas, não se queixa se lhe faltão; estribado sempre na razão, marcha pelo meio dos acontecimentos humanos com animo divino.

Nem julgues que eu me limito a dizer, que o sabio não póde receber injuria dos outros homens; digo tambem, que nem da fortuna, a qual jámais combateu com a virtude, que não sahisse vencida.

Se nós os estoicos recebemos, com animo igual e tranquillo, aquelle caso supremo, em que acaba o imperio da fortuna, e além do qual nem a ira das leis, nem os mais barbaros dominadores podem levar as suas ameaças; se nós, digo, sabemos que a morte não he mal, e por isso mesmo nem injuria; muito mais facilmente havemos de tolerar as outras cousas, que são menores, os damnos, as dores, as ignominias, os desterros, as orfandades, as separações violentas, as quaes, ainda que todas juntas accommettão o varão sabio, não o farão soçobrar, quanto mais cada huma de per si. E se elle suporta com animo tranquillo as injurias da fortuna, quanto melhor suportará as dos homens poderosos, que são meros instrumentos da fortuna!

O sabio pois sofre essas cousas todas, do mesmo modo que sofre o rigor do inverno, a intemperie das estações, as febres e doenças, e tudo o mais que a sorte costuma deparar. Nem avalia os homens tão favoravelmente, que os suponha movidos de reflexão e conselho, porque isto he só proprio do sabio. Nos outros homens tudo he desordenado, as fraudes, as insidias, as paixões; por onde o sabio conta tudo isso entre as cousas fortuitas; e o que he fortuito nem dirige determinadamente contra nós as suas iras, nem nos póde injuriar.

Deves tambem lembrar-te, que huma das origens mais copiosas das injurias consiste naquellas cousas, pelas quaes se pretende pôr-nos em algum perigo; taes são

as accusações calumniosas e subornadas, os crimes falsos, as paixões irritadas dos poderosos, e outras semelhantes maldades, de que estão cheios os tribunaes. He tambem huma das injurias mais frequentes tirar a alguem das mãos o lucro; interceptar-lhe por muito tempo o premio merecido; desviar-lhe a herança, que com grande trabalho tinha grangeado, e tirar-lhe o favor e beneficio de alguma caza opulenta. Mas a todas estas injurias se esquiva o sabio, que nada espera e nada teme.

Acresce, finalmente, que ninguem recebe injuria sem sentir alguma perturbação da alma; mas o varão sabio, de espiritos elevados, senhor de si, e collocado em placida e profunda quietação, nunca póde sentir perturbação. Se a injuria o toca, elle a remove, e impede os seus effeitos; e nem sente a ira, que a presença da injuria costuma excitar; por isso mesmo que não sente a injuria, nem julga possivel recebel-a. E daqui vem, que anda sempre ledo, senhor de si, elevado em continua satisfação, sem se deixar apoucar das offensas das cousas e dos homens, antes servindo-se das injurias que lhe fazem, para se experimentar a si mesmo, e tentar o gráo da sua virtude.

Favoreçamos pois, vos rogo, este nobre proposito; ouçamos de bom grado a quem nos diz, que o sabio não póde receber injuria. Nada com isto se diminue da nossa petulancia, nem dos nossos mais violentos appetites, nem da nossa temeridade e soberba. Quem attribue ao sabio a liberdade, que nós lhe attribuimos, deixa salvos os vossos vicios. Não he nosso intento privar-vos da faculdade de fazer injurias, mas tamsómente mostrar que o sabio desprezará altamente todas as que lhe fizerem, e se defenderá dellas com a paciencia e com a grandeza de alma. Assim como nos certames sagrados muitos tem vencido, fatigando com invicta paciencia o braço de quem

os fere; assim o sabio, assim todos aquelles, que por meio de hum longo e constante exercicio, tem conseguido o valor de sofrer e de fatigar com o sofrimento toda a força inimiga.

Agora, que temos tratado a primeira parte da nossa proposição, passemos á segunda, na qual, com alguns argumentos proprios, e com muitos outros communs, refutaremos a contumelia.

A contumelia he menor que a injuria. Della podemos queixar-nos, mas não por acção judicial, porque as proprias leis a não julgarão digna da sua vindicta. O sentimento, que nos causa a contumelia, he nascido daquella pequenez de alma, que se resente de qualquer palavra ou acção não honorifica. *Fulano hoje não me admittio á sua companhia, admittindo outros; ouvio as minhas palavras com desdem, ou rio-se dellas diante de todos; não me pôz no lugar mediano, mas no infimo;* e outras cousas deste toque, ás quaes que nome darei, senão chamando-lhe queixumes de hum genio melindroso, que quasi só tem lugar nas pessoas delicadas e mimosas? Mas deixemos isto, porque temos cousas ainda peiores. Alguns genios fracos e mulheris, estragados e dissolutos pelo demasiado ocio, e talvez por falta de verdadeiras injurias, affligem-se muito de certas cousas, que pela maior parte só tem realidade na sua propria fantasia. Assim os que se dão por afrontados de taes contumelias mostrão, que nem são prudentes, nem tem bastante confiança em si mesmos, porquanto se julgão desprezados, o que he proprio de animos baixos e abjectos. O sabio, ninguem o despreza; conhece a sua dignidade e elevação; sabe que a ninguem he dado abatel-o; e não só vence, mas nem chega a sentir essas miserias, que melhor chamaremos molestias do animo. Outras são as cousas que o ferem, posto que o não alterão, a saber, as dores e debilidade do corpo, a perda dos amigos ou dos

filhos, as calamidades da patria abrazada em guerra, etc. Estas sim, não nego que as sinta o sabio; porque nem nós lhe attribuimos a dureza da pedra, ou do ferro, nem tambem seria virtude suportar o que se não sente.

He pois verdade que o sabio recebe alguns golpes, mas sabe-os vencer, pensar, sarar. Estoutras cousas porém menores, nem as sente, nem para ellas lhe he preciso usar da virtude, que tolera cousas duras e arduas, porque ou não faz caso dellas, ou as julga dignas de rizo. Além de que, como a maior parte das contumelias provém de homens soberbos e insolentes, que abusão da felicidade, tem o sabio muito com que rebater essa inchação e orgulho, pois possue a mais formosa de todas as virtudes, quero dizer, a sanidade, e grandeza de alma, a qual faz que elle passe por tudo isso, como por sonhos vãos, ou visões nocturnas, que nada tem de verdadeiro, nem de solido. Conhece tambem e considera, que a inferioridade dos outros lhe não consentirá a ousadia de desprezarem cousas mui superiores e excelsas. A contumelia suppõe desprezo, e delle tomou o nome, pois ninguem faz esta especie de injuria, senão ás pessoas a quem despreza. Ora ninguem jámais despreza o que he maior, e melhor que elle, ainda quando faz alguma daquellas cousas que costumão fazer-se por desprezo. Assim os meninos dão bofetadas nos pais, puxão e quebrão os cabellos das mãis, cospem-lhe, põem-se nus á vista de todos, e até usão ás vezes de palavras obscenas. E comtudo nada disto se chama contumelia, porque? porque quem a faz não he capaz de desprezar. Pela mesma razão nos deleita a petulante urbanidade dos nossos escravos, ainda quando parece contumeliosa a seus senhores, pelos quaes elles atrevidamente começão, para terem jus de fazer o mesmo aos convidados, pois quanto huma pessoa he mais digna de desprezo, e até de ludibrio, tanto mais he solta de lingua. Para isso

mesmo os comprão em pequena idade, e linguarazes, e agução o seu desavergonhamento, e lhes dão mestres que os ensinem a dizer convicios e vituperios, aos quaes comtudo não chamâmos contumelias, mas sim espertezas.

E não será demencia, que a mesma cousa ora nos deleite, ora nos offenda? e que as mesmas palavras, que no escravo chamâmos convicio jocoso, as tenhamos no amigo por injurias e afrontas?

Do mesmo modo pois que nós nos havemos com os meninos, assim se ha o sabio com todos; porque sabe que todos são meninos, ainda depois de mancebos e velhos. E na verdade, que aproveita ao homem ser differente dos meninos no tamanho e fórma do corpo, se ao mesmo tempo cresce no vicio, na ignorancia e no erro? Se he inconstante e voluvel como elles, appetecendo deleites sem escolha, e sendo como os meninos timido, e nunca quieto por genio, mas só por medo? Acaso dirá alguem, que ha differença entre estes homens e os meninos, só porque os primeiros são avarentos de ouro e de prata, e de cidades, e os segundos de dados e de nozes, e de pequenos dinheiros de cobres? Ou, porque os meninos representão de magistrados, e usão da pretexta e de outras insignias, e fingem tribunal entre si, e huns com outros, e os homens fazem o mesmo brinco e jogo no campo, no fôro e na curia? Ou, porque os meninos levantão cazinholas de areia na praia, e os homens as fazem de pedras e paredes, e tectos, occupando-se todos nisto, como em alguma cousa grande, e convertendo talvez em perigo, o que só foi inventado para abrigo e defeza?

Igual he pois o erro nos meninos, e nos homens feitos, com só a differença, que estes errão em objectos diversos, e de maior importancia que os primeiros. Pelo que, com razão o sabio toma como brinco as contume-

lias, que elles lhe fazem, e até ás vezes os admoesta e castiga, como se faz aos meninos, não porque haja recebido delles injuria, mas porque elles a fizerão, e para que não tornem a fazel-a, pois assim se domão os animaes com o castigo; e ainda que nos não irâmos contra o cavallo, que recusa ser montado pelo cavalleiro, castigâmol-o comtudo, para que a dôr vença a contumacia. E por aqui verás tambem a solução do argumento, que se nos costumava fazer. «Porque razão, dizem, castiga o sabio os que fazem injuria ou contumelia, se elle a não recebe?» A resposta he: que o sabio não se vinga a si, corrige-os a elles.

E que razão tens tu para não acreditar que no sabio haja esta firmeza d'alma, quando a acreditas e reconheces em outros, ainda que por differente causa? Que medico se irritou jámais contra o doente frenetico? Quem toma a mal as palavras injuriosas do enfermo febricitante, a quem se nega a agoa fria? Pois o mesmo faz o sabio a respeito de todos, que o medico a respeito dos seus doentes. O medico não duvida, se assim he necessario para a cura, tocar as partes vergonhosas do enfermo, ver e examinar as urinas e excrementos, ouvir e suportar os convicios, que elle lhe diz no meio do delirio. O sabio conhece, e tem por enfermos todos estes que andão togados, e vestidos de purpura, e córados e valentes. Olha para elles como para enfermos delirantes. Portanto não se irrita, se elles dizem palavras petulantes contra quem os quer curar; assim como tem em menoscabo as honras delles, assim despreza as suas acções menos honrosas. Assim como se não gloria da cortezia do mendigo, nem tem por contumelia, que o homem da infima plebe lhe não corresponda á saudação; assim tambem se não julga exaltado, posto que muitos homens ricos o olhem com respeito, porque sabe que estes se não differenção do mendigo, antes são mais

miseraveis que elle, pois o mendigo de pouco necessita, e elles de muito.

Tambem lhe não importa que o Rei dos Medos, ou Attalo de Asia, passem por elle em silencio, e com ar arrogante, quando elle os corteja, porque conhece que o estado destes chamados grandes não he mais de invejar, que o daquelles, que em huma grande familia tem a seu cargo tratar os doentes e reprimir os doudos. Porventura levarei eu a mal que me não comprimente pelo meu nome algum desses que negocêão na praça de Castor, comprando e vendendo máos escravos, e cujas lojas estão cheias desta pessima fazenda? Não, por certo; pois nada póde ter de bom hum homem que só tem máos em seu poder. Assim como pois o sabio despreza a cortezia ou descortezia destes, assim despreza a do Rei. Tens debaixo do teu poder Parthos, Medos, Bactrianos... embora; mas todos esses são taes, que só com o medo os contêns; por causa d'elles não depões nunca o arco; são vis, são venaes; estão sempre desejando outro dono.

Ninguem pois faz ao sabio contumelia que o incommode. São na verdade differentes os que lh'a podem fazer; mas elle a todos julga iguaes, porque em todos considera igual estulticia. Além de que, se o sabio se deixasse abalar das injurias ou contumelias, nunca estaria seguro; e comtudo a seguridade he hum dos seus mais proprios bens. Nem tampouco elle cahirá em honrar a quem lhe faz contumelia, tirando della vingança, pois é certo que ha de gloriar-se, julgando que o respeitâmos, aquelle que vê que com o seu desprezo nos incommoda.

Chega a tanto a demencia de alguns, que até julgão que huma mulher os póde afrontar. Que importa que a mulher seja rica, que tenha muitos criados, que tenha as orelhas cheias de arrecadas, e que ande em huma

bella e commoda cadeirinha? He sempre a mulher hum animal impudente; e se não tem a cultura da erudição, e do saber, he feroz e desenfreada nos seus appetites.

Alguns outros levão a mal ser lançados fóra pelo cabelleireiro; e tem por contumelia a difficuldade que encontrão no porteiro, e a soberba e sobrançaria do escudeiro e do camareiro... Oh! quanto estas cousas são dignas de riso! Quanto deve ser o prazer dos que, no meio do tumulto dos alhêos erros, contemplão o seu proprio socego! «Pois que? Não hirá o sabio á porta de ninguem, para não sofrer as grosserias do porteiro? Hirá, sim, se a isso o obrigar a necessidade; e fará por amançal-o, bem como se amança o cão bravo, dando-lhe de comer; nem se indignará de lhe dar alguma cousa, para que lhe seja franqueada a entrada, lembrando-se que tambem em algumas pontes se paga a passagem. Emfim brindará a todos aquelles, quem quer que sejão, que tem semelhantes officios, porque sabe comprar tudo o que se costuma vender. He de animo apoucado comprazer-se de ter fallado com despejo ao porteiro; de lhe ter quebrado o bastão; de ter penetrado até ao dono da caza, e de lhe ter pedido a pelle do criado. Constitue-se adversario de taes homens quem com elles contende; para os vencer, he necessario ter-se feito seu igual.

«Mas, dirão, que fará o sabio, se lhe derem bofetadas?» O mesmo que fez Catão em semelhante caso; não se irritou; não vingou a injuria; nem sequer a perdoou; mas negou que lhe tivessem feito injuria; maior valor por certo do que se a perdoasse! Emfim não nos demoraremos mais nisto; ninguem ignora que o sabio não tem por boas, nem más as cousas que a maior parte dos homens julgão taes; não attende ao que os homens julgão torpe ou miseravel; não vai por onde vai o povo; mas assim como o movimento das estrellas he contrario

ao movimento do mundo, assim o caminho do sabio he contrario ao de todos os homens.

Deixai-vos pois de dizer «pois não receberá o sabio injuria, se o ferirem? Se lhe tirarem hum olho? Não receberá contumelia, se o levarem pela praça publica no meio das vozes afrontosas da gente vil? Se no banquete do Rei for posto debaixo da meza, e mandado comer com os mais vis criados? Se for constrangido a sofrer qualquer das cousas, que mais molestas costumão ser ao nobre pudor?» Augmentai, quanto quizerdes, o numero ou a grandeza dessas cousas; todas ellas são do mesmo toque; se as pequenas não abalão o sabio; nem as grandes; se não as poucas; nem as muitas. Mas vós avaliais hum animo grande, tomando por medida a vossa propria imbecillidade; e depois de terdes calculado até onde vos parece que poderieis sofrer, pondes hum pouco mais acima a paciencia do sabio. Elle porém está collocado pela sua virtude em mais alta esfera; nada tem de commum comvosco. Pelo que, por mais asperos que sejão os acontecimentos, e graves de tolerar-se, e horriveis de se ouvirem e verem, nem por isso será delles opprimido, ainda que todos juntos o accommettão. Tão inteiro resistirá a todos, como a cada hum. Quem diz: isto he toleravel, aquillo intoleravel ao sabio, e põe limites á grandeza de alma, vai errado. Vence-nos a fortuna, se nós a não vencemos toda. E não julgues que esta austeridade seja peculiar dos estoicos. Epicuro, a quem vós tomais por patrono da vossa inercia, e a quem attribuis preceitos tendentes á molleza, indolencia e voluptuosidade, diz: «Raras vezes a fortuna empece ao sabio». Quasi que fallou como hum varão virtuoso! Queres tu dar ainda mais força a esta maxima, e remover de todo os encontros da fortuna? Lembra-te que a caza do sabio he pequena, sem aceio, sem estrepito, sem apparato, sem guarda-portões, que com venal fastio repartão a

turba. Lembra-te que a fortuna não passa por esta entrada solitaria, e vasia de porteiros, porque sabe, que aonde não ha nada dos seus bens, tambem ella não póde ter lugar.

Ora se tambem Epicuro, que tanta indulgencia teve com o corpo, se levanta contra o poder das injurias, como póde parecer incrivel ou superior á natureza humana, o que nós dizemos? Elle affirma que as injurias são toleraveis ao sabio; nós dizemos, que não são injurias.

Nem digas que he isto repugnante á natureza. Nós não negâmos, que seja cousa incommoda o levar pancadas e empuxões, e perder algum membro; mas negâmos que isto sejão injurias. Não lhes tirâmos o fazerem impressão dolorosa; tirâmos-lhe o nome de injurias, o qual se não póde verificar, salva a virtude.

Vejamos ora quem diz mais verdade, se Epicuro, se nós. Ambos concordâmos no desprezo da injuria. Que differença ha pois entre hum e outro? A mesma que entre dous fortissimos gladiadores, hum dos quaes espreme a ferida, e a aperta, e fica no seu posto; e o outro, voltando-se para o povo que o lamenta, diz-lhe que não he nada, e não sofre que o povo entreponha os seus clamores. Não he grande a differença de hum a outro; mas o nosso ponto, o que aqui mais nos importa he, que ambos os exemplos nos exhortão ao desprezo das injurias, e daquellas, que eu chamaria sombras, ou suspeitas de injuria, as contumelias, para cujo desprezo nem he necessario ser varão forte, basta que cada hum tenha juizo para poder dizer comsigo mesmo: Ou estas cousas me acontecem por culpa minha, ou sem ella. Se por culpa minha, não são contumelias, mas justiça. Se porém sem culpa, envergonhem-se aquelles que fazem injustiça.

Mas que he isto que se chama contumelia? Zombou da leveza da minha cabeça; da doença dos meus olhos;

da delgadeza das minhas pernas; da minha estatura, &c. E será porventura contumelia que se nos diga aquillo que todos vêem? Se nos dizem estas cousas diante de huma só pessoa, rimo-nos; se diante de muitas, indignâmo-nos. Nem damos aos outros a liberdade de nos dizerem o que nós costumâmos dizer de nós mesmos. Gostâmos de graças temperadas; irâmo-nos quando são excessivas.

Refere Chrysippo, que hum certo se indignára, porque outrem o chamou capado marinho. E nós vimos a Fido Cornelio, genro de Nasão, chorando no Senado, porque Corbulo o denominou abestruz depennado. Mostrou semblante firme, quando lhe disserão vituperios, que o ferião na honra e na vida, e cahirão-lhe as lagrimas a huma tão absurda contumelia! Tanta he a imbecilidade do nosso animo, quando desamparado da razão! Mas que digo? Damo-nos por offendidos, se alguem arremeda a nossa falla e o nosso andar; se alguem exprime algum vicio nosso, do corpo ou da lingua; como se estes defeitos se fizessem mais conhecidos sendo imitados por outrem, do que sendo praticados por nós mesmos! Alguns levão a mal que lhes fallem na velhice, e nas cãas, e em outras cousas, ás quaes todavia gostâmos de chegar. Outros sentem vivamente, que lhes lancem em rosto a pobreza. Cada hum esconde o defeito, que se lhe antoja. Comtudo, tirariamos materia aos petulantes, e aos que querem parecer engraçados dizendo contumelias, se nós mesmos, de boa vontade, e primeiro que elles, fallassemos nesses objectos. Quem primeiro se ri do seu proprio defeito, não dá aos outros occasião de riso. Ficou em memoria, que Vatinio, homem nascido para ser escarnecido e odiado, fôra hum chocarreiro engraçado e mordaz; fallava muito dos seus proprios pés, e das suas estreitas guellas; e assim escapou aos chistes dos seus inimigos, que erão ainda mais numerosos que os

seus defeitos, e especialmente aos de Cicero. Se este homem pois, com a sua cara estanhada chegou a tanto, e com a continuação dos convicios aprendeo a ouvil-os sem pejo; porque não poderá outro tanto aquelle que tiver aproveitado alguma cousa nos estudos liberaes e no culto da sabedoria? Acresce, que he huma especie de vingança tirar a quem fez a afronta o gosto de a ter feito. Elles mesmos, quando nos fazemos desentendidos, costumão dizer: *«misero de mim! não me entendeo!»* tão certo he que o effeito da contumelia consiste no sentimento e na indignação de quem a sofre. Além de que, pódes estar certo que elles acharão algum dia quem lhes dê a paga; não faltará quem te vingue.

Dizem que Caio Cesar, entre outros vicios, de que abundava, era notavèlmente contumelioso, isto he, amigo de ferir os outros, notando-lhes algum defeito, sendo que os tinha elle mesmo propriissimos para excitar o riso; tão feia era a pallidez de seu rosto, demonstradora de insania! tão torvo o aspecto de seus olhos, quasi escondidos debaixo de huma fronte de velha! tanta a deformidade de sua cabeça escalvada, e apenas aspergida de alguns cabellos emprestados! acrescentemos ainda cerviz sedenda, pernas delgadas e pés enormes! Seria cousa infinda referir aqui cada huma das cousas, em que elle se mostrou contumelioso a seus proprios pais, a seus avós, ás pessoas de todas as condições. Referirei sómente as que concorrêrão para a sua ruina.

Tinha elle entre os seus especiaes amigos a Asiatico Valerio, homem feroz e incapaz de levar com animo pacato as contumelias dos outros. A este, a este mesmo, huma vez em hum banquete, e outra vez em conversação, lançou Cesar em rosto, em termos mui claros, o modo com que sua mulher se havia na cama! Bom Deos! Ouvir isto hum varão! dizel-o hum principe! e chegar a tanto a dissolução, que a hum homem, não digo da or-

dem consular, nem amigo, mas simplesmente marido, se atreva o principe a fallar do seu adulterio, e do fastio que lhe causára a adultera!

Cherêas, tribuno militar, fallava com difficuldade, tinha o som da falla frouxo e a voz rachada. A este, quando lhe hia pedir a senha, costumava o Cesar darlhe ora Priapo, ora Venus, exprobrando por ambos estes modos molleza e sensualidade a hum homem de armas. Isto o Cesar, todo luzido e brilhante, todo empantufado, todo cheio de braceletes! Obrigou emfim Cherêas a usar do ferro, para lhe não pedir a senha muitas vezes. Foi este o primeiro dos conjurados, que levantou o braço; foi elle o que de hum golpe lhe cortou a cerviz até o meio; depois cahirão sobre o Cesar muitos punhaes, todos vingadores de injurias publicas e particulares; mas o primeiro foi Cherêas, de quem tal se não presumia.

O que he notavel he que para o mesmo Caio Cesar tudo erão contumelias, sendo tão impaciente de as sofrer, quanto cubiçoso de as fazer. Irritou-se contra Herennio Mairo, porque o saudou com o nome de Caio. Castigou o primipilario, por lhe chamar Caligula. Este era o nome que lhe davão por ter nascido nos arraiaes, e ser alumno das legiões, nem os soldados quasi o conhecião por outro nome; mas elle, calçado de cothurno, já tinha por convicio e opprobrio o nome de Caligula.

Consolemo-nos pois, que se a nossa bondade deixar de se vingar, não faltará quem puna o linguarás, o soberbo, o contumelioso; porque estes vicios nunca se limitão a hum só homem, nem a huma só contumelia. Attentemos para os exemplos daquelles, cuja paciencia louvâmos, como de Socrates, que vendo publicados contra si, e applaudidos, os chistes das comedias, os tomou a boa parte, e se rio do mesmo modo, que quando sua mulher Xantippe o cobrio todo de agoa suja. E de Iphicrates, a quem lançavão em rosto, que sua mãi era bar-

bara, e da Tracia, ao que elle respondeo que tambem a mãi dos deoses era do monte Ida.

Não convem contender e luctar com os que dizem contumelias; devemos desviar-nos delles; tudo o que fizerem os mais imprudentes (que só os imprudentes assim procedem) devemos desprezal-o. Em summa, havemos de ter como cousas iguaes tanto as honras, como as injurias do vulgo; nem doer-nos de humas, nem comprazer-nos com as outras. Aliás omittiremos muitas cousas necessarias, por temor, ou por tedio das contumelias; e não acudiremos a nossos deveres publicos, ou privados, e até aos salutares, se nos deixarmos possuir do mulheril receio de ouvir alguma cousa contra nós. Até poderá alguma vez succeder, que nos irritemos contra os poderosos, e que descubrâmos com nimia liberdade a nossa paixão.

Não consiste a liberdade em nada sofrer; enganamonos: a liberdade consiste em nos oppormos com vigor ás injurias, e fazermo-nos taes, que sómente nos venhão cousas de gosto; apartar de nós tudo o que he externo, a fim de não vivermos inquietos, como os que temem os risos e as linguas de todos. Pois quem ha que não possa fazer-nos contumelia, se alguem póde?

De diverso modo porém se haverá o sabio, e o que trabalha pelo ser. Aos imperfeitos, e aos que ainda procurão alcançar a opinião publica, ha de se lhes propor que devem contar com injurias e contumelias, porque estas se tornão mais leves a quem as aguarda. Que quanto cada hum he de mais honesta geração, fama e patrimonio, tanto mais constante se deve mostrar, lembrando-se, que os de condição mais elevada estão sempre á frente; que cumpre reputar as contumelias, os vituperios, as ignominias, e outras semelhantes afrontas, como algazarras de inimigos, ou como pedras e setas atiradas de longe, que só fazem zunido á roda dos capa-

cetes, mas não ferem; que as injurias porém as deve sofrer como feridas que lhe fazem nos braços, ou no peito, sem se deixar lançar, nem ainda abalar do seu posto, porque he cousa torpe ceder alguem o lugar, ainda que a isso seja forçado por força inimiga. Todos devemos manter o lugar em que a natureza nos collocou. E qual he, perguntarás esse lugar? O de varão. O sabio segue outro caminho contrario a este; porquanto vós ainda pelejais; elle já ganhou a victoria.

Não repugneis ao vosso bem; alimentai em vosso coração esta esperança, até que chegueis a alcançar a verdade. Aceitai de boa mente o que he melhor; e concorrei para isso com a opinião e com o desejo. He do interesse da grande republica do genero humano, que haja homens invictos, homens sobre os quaes não tenha poder a fortuna.

SENECA

POSTO EM DESTERRO, CONSOLA A SUA MÃI HELVIA DESTA INFELICIDADE

(TRADUCÇÃO DO LATIM)

Credendumque doctissimis hominibus, qui unicum adversorum solatium litteras putaverunt.

QUINTIL. INST., liv. VI, *Praefat.*

Serra de Ossa, 15 de Outubro de 1523.

SENECA

POSTO EM DESTERRO, CONSOLA A SUA MÃI HELVIA DESTA INFELICIDADE

(TRADUCÇÃO DO LATIM)

Já muitas vezes, minha excellente mãi, tenho tido impulsos de dirigir-te palavras de consolação, e outras tantas vezes me tenho contido no meu silencio. Muitos motivos me inspiravão aquella ouzadia. Primeiro: parecer-me, que cessarião todos os meus incommodos, se eu conseguisse limpar as tuas lagrimas, quando as não podesse de todo estancar. Demais: que as minhas palavras terião mais auctoridade para erigir o teu animo, quando visses que o meu não estava decahido. Emfim temia eu que a adversa fortuna chegasse a vencer algum dos meus, se não fosse por mim vencida. Pelo que me esforçava de algum modo a hir quasi de rastos, e com a mão sobre a minha propria ferida, pensar e curar as tuas.

Havia comtudo algumas outras razões, que retardavão este meu proposito. Lembrava-me que não convinha combater a tua dor, emquanto recente e viva, para que as proprias consolações a não irritassem e aggravassem mais, visto que até nas doenças corporaes nada he mais pernicioso, que a medicina prematura. Esperava pois que a mesma dor fosse gastando as suas proprias forças, e que mitigada pelo tempo, podesse sofrer os remedios, e consentisse ser tocada e tratada. Além disso, tendo eu revolvido tudo quanto escrevêrão alguns clarissimos engenhos, com o fim de abrandar e moderar penas e dores

alhêas, não achava hum só exemplo de algum que intentasse consolar os seus, quando elle mesmo era o objecto das lagrimas, que elles derramavão. Assim, me via perplexo, como em hum caso novo, e receava que a minha consolação, em lugar de produzir o seu effeito, fosse antes aggravar o mal.

Tambem me parecia que hum homem, que levantasse (digamos assim) a cabeça da fogueira para consolar os seus, necessitava de usar de palavras novas, e não tomadas da vulgar e quotidiana locução; ao mesmo passo que a grandeza de huma dor excessiva tanto não dá lugar á escolha de palavras, que até ás vezes embarga de todo a falla.

Como quer que seja: vou esforçar-me, não por ter confiança no meu engenho, mas por me parecer, que posso dar-te huma efficacissima consolação. De ti espero (ainda que toda a dor da alma sohe ser contumaz) que assim como nunca me negaste cousa alguma, tambem agora consintas, que eu ponha algum limite á tua saudade.

Vê, minha querida mãi, quanto me prometto da tua indulgencia, que até presumo que terei mais poder sobre o teu animo, do que a propria dor, a qual comtudo he a cousa que mais poder tem sobre os desgraçados.

Mas para não entrar logo ao principio em combate com ella, pôr-me-hei primeiro da sua parte, e recordarei cousas que a possão avivar; descobrirei todas as antigas feridas, e até rasgarei as que já estão saradas e cicatrizadas.

Alguem dirá: que genero de consolação he este? recordar os males esquecidos, e fazer lembrança das passadas desgraças a hum animo attribulado, que apenas póde suportar huma só? Lembre-se porém quem isto disser, que muitas vezes se curão com os contrarios aquelles males, cuja ruindade tem chegado a ponto de

ter mais força que o remedio. Trarei pois á lembrança de minha mãi todas as suas penas, tudo quanto ella tem experimentado de lugubre e infeliz; porque isto será, não já curar mollemente e com brandura, mas sim queimando e cortando. E que alcançarei com isto? que o animo, que tem sido vencedor de tantas desgraças, tenha pejo de não poder sofrer huma só ferida em corpo tão cicatrizado. Chorem, gemão embora por muito tempo aquelles, cujos animos mimosos tem sido enervados por huma longa felicidade; deixem-se consternar por quaesquer levissimas injurias; mas quem toda a sua vida suportou grandes calamidades deve sofrer até as cousas mais graves com forte e immovel constancia. Isto tem de bom a infelicidade aturada, que por fim endurece aquelles mesmos a quem por muitas vezes tem opprimido.

Nenhum tempo, minha boa mãi, consentio a fortuna que gozasses sem gravissimos desgostos; nem sequer o dia do teu proprio nascimento. Logo que nasceste, ou antes, logo ao nascer perdeste tua mãi; e de algum modo se póde dizer, que vieste exposta á vida. Creou-te huma madrasta, a quem obrigaste a ser mãi, mostrando-te verdadeira filha no obsequio e veneração com que a tratavas; mas emfim era madrasta. Perdeste hum tio, varão excellente, indulgentissimo e magnanimo, quando estavas á espera delle. E para não parecer que a fortuna abrandava alguma cousa da sua sevicia, trazendo-te o marido, perdestel-o tambem dentro de trinta dias, sendo que o amavas ternamente, e já te havia feito mãi de tres filhos. Veio-te hum desgosto sobre outro, e isto estando ausentes todos os teus filhos, que parece que de proposito se accumulárão em tal occasião os teus desgostos, para que a tua dor nem tivesse aonde se reclinar. Não fallo dos perigos e temores, que quasi sem cessar te accommettião e tu hias suportando. Pouco ha

que no mesmo regaço aonde tinhão estado reclinados os teus tres netos, recolheste os seus ossos. Vinte dias depois de haveres chorado a meu filho morto nos teus braços, e no meio das tuas caricias, soubeste que eu te fôra arrebatado... Ainda isto te faltava: chorar os vivos!

Esta he, eu o confesso, a mais grave de todas as feridas, que jámais experimentaste em teu corpo; não rompeo sómente a pelle, rasgou o peito, lacerou as proprias entranhas. Mas assim como os soldados bizonhos, posto que levemente feridos, enchem os ares de gritos, e temem ainda mais a mão do medico do que o proprio ferro, os veteranos, porém, ainda que traspassados da setta, ou da espada, sofrem com paciencia, e sem gemidos, que lhe cortem as carnes ou os membros, como se alheios fossem; assim tu deves agora offerecer-te á cura com animo constante. Lança de ti os lamentos, os gemidos, e esses effeitos tumultuosos da dor mulheril. Perdeste todos os passados males, se não tens aprendido a ser desgraçada... E ainda dirá alguem que procedo brandamente comtigo? Nada te occultei das tuas desgraças; todas juntas as puz ante os teus olhos. E com grande animo fiz isto, pois me determinei a vencer, e não a mitigar a tua dor.

Vencerei, julgo eu, se mostrar primeiro que não padeço cousa que me faça miseravel, nem a mim, nem ás pessoas que me tocão; e depois, se passando a fallar especialmente de ti, provar tambem que não he grave a tua desgraça, a qual toda he dependente da minha.

Começarei por aquillo que a tua piedade maternal mais gosta de ouvir: *que eu não padeço mal algum*. Se não podér demonstrar isto, far-te-hei manifesto que essas cousas, de que me julgas opprimido, não são intoleraveis. E se nem isto merecer credito, então me com-

prazerei eu mais commigo mesmo, pois me sinto feliz no meio daquellas cousas que costumão fazer os outros desgraçados.

Não tens motivo de dar mais credito aos estranhos a respeito do que me pertence a mim. Sou eu mesmo o que te affirmo (para te não deixares perturbar por opiniões incertas) que *não sou miseravel.* E para que fiques ainda em maior seguridade, acrescentarei, que *nem cousa alguma me póde fazer miseravel.*

Com huma boa disposição nascemos, se a não desprezarmos. Taes nos fez a natureza, que não necessitâmos de grandes apparatos para viver felizmente. Cada hum se póde fazer feliz a si mesmo. As cousas estranhas e adventicias tem mui pouca força para nos fazerem felices ou desgraçados; nem as prosperas elevão o varão sabio, nem as adversas o abatem; pois tem elle sempre trabalhado em confiar muito de si, em procurar dentro de si toda a sua felicidade.

Mas que se segue daqui? acaso me reputo eu sabio? De nenhum modo; pois se tanto eu podesse dizer de mim, não sómente negaria ser infeliz, mas tambem me apregoaria pelo mais afortunado dos homens e proximo a Deos. Dei-me porém aos varões sabios, que he o que basta para tornar leves todas as miserias da vida; e como me não sentisse assás forte para me auxiliar a mim mesmo, acolhi-me aos arraiaes alheios, quero dizer, daquelles que com facilidade se defendem a si e as suas cousas. Elles me ensinárão a estar de continuo como em atalaia, e a antever todos os accommettimentos, todos os impetos da adversa fortuna, muito antes que a mim chegassem. Só ella he grave, quando he repentina; facilmente a suporta, quem sempre a aguarda. O mesmo succede com o ataque dos inimigos, que só prostra aquelles, a quem inopinadamente salteou. Mas quem de antemão se preparou para a guerra, sempre recebeo

sem perturbação e sem desordem o primeiro impeto, que he de todos o mais tumultuoso.

Nunca eu me confiei na fortuna, ainda quando ella mostrava hum aspecto pacifico. Tudo quanto com grande liberalidade me concedeo, dinheiro, honras, gloria, tudo eu colloquei de modo, que ella o podesse tornar a tomar sem desarranjo meu. Puz de permeio hum grande intervallo entre mim e essas cousas, e por isso a fortuna as levou, mas não as arrancou. Ninguem se deixa abater da fortuna adversa, senão quando se tem deixado enganar da prospera. Aquelles que tem amado os seus dons como proprios e como perpetuos; aquelles que disso tem feito fundamento para serem respeitados, ficão por terra, tristes e angustiados, quando seus animos vãos, pueris, e ignorantes da solida felicidade, se vêem destituidos desses falsos e inconstantes bens. Mas aquelle que se não inchou com a prosperidade, tambem se não abate, quando ella o desampara. Contra hum e outro estado tem o seu animo sempre invicto, e de provada firmeza, pois na propria felicidade experimenta quaes serão as suas forças contra a desgraça. Eu, por mim, sempre entendi, que nada havia de verdadeiro bem nessas cousas que todos desejão; antes as achei vãas, e conheci que debaixo do affeite de bellas e enganosas cores, nada tem por dentro, que se pareça com o que por fóra mostrão. Pelo contrario nas que se chamão males, nada achei tão duro e tão terrivel, como parece ameaçar a opinião do vulgo. Os nomes são na verdade asperos aos ouvidos, porque assim o quer a persuasão e o consenso geral; ferem a quem os ouve, como cousas tristes e funestas; porque assim o manda o povo. Mas os sabios não deferem, pela maior parte, ás maximas do povo.

Pondo pois de parte o juizo dos muitos, que tamsómente se funda na primeira apparencia das cousas, ve-

jamos, que cousa seja o desterro. Certo, que nada mais he que huma mudança de lugar; e para que não pareça que intentâmos diminuir a força da palavra, ou subtrahir alguma cousa do mal que ella envolve, concedamos que esta mudança he seguida de incommodos, pobreza, ignominia, desprezo. Contra estas consequencias direi depois. Agora examinarei sómente o que ha de acerbo naquella primeira palavra, *mudança de lugar*.

He na verdade cousa intoleravel não gozar da patria! mas reflecte ora sobre a multidão de gente, que apenas cabe nas cazas dessa cidade immensa. A maior parte dessa turba não goza da patria; veio dos municipios, das colonias, de todas as partes do mundo; huns trazidos pela ambição; outros pela necessidade de algum officio publico; outros pela legação que lhes foi encarregada; outros pelo amor dos prazeres, procurando hum lugar opulento e opportuno para os vicios; outros pelo desejo dos estudos liberaes; outros pela paixão dos espectaculos. A alguns trouxe-os a amizade; a alguns outros a industria, que sempre deseja campo largo para ostentar o seu valor. Huns trouxerão fórma venal; outros eloquencia tambem venal. Todo o genero de homens concorre a huma cidade, que dá grande preço ás virtudes e aos vicios.

Chama todos esses homens, hum por hum, por seus nomes: pergunta-lhes de que caza e familia são. Verás que a maior parte deixárão os proprios lares, e vierão para huma cidade, realmente grande e mui formosa, mas não sua. Sahe depois desta cidade, que emfim póde de algum modo dizer-se patria commum. Examina todas as outras. Nem huma só acharás em que não haja grande multidão de estrangeiros. Deixa ora aquellas que estão em sitios amenos, e que pela doçura do seu clima convidão a muitos; e vai-te aos lugares desertos, ás ilhas mais asperas, a Sciatho, Scripho, Gyaro e Cosura, não

acharás desterro, em que alguem não habite por seu proprio gosto.

Que lugar se póde achar mais nu, e de todas as partes mais despenhado que este rochedo? (1) Qual mais pobre, se se deseja a abundancia? qual mais inclemente para os homens? qual mais horrido, se se considera o sitio? qual mais intemperante a respeito do clima? Comtudo ha aqui mais estrangeiros que cidadãos. Tanto não he grave a troca de lugar, que este mesmo chega a apartar alguns da sua patria para os trazer a si.

Não falta quem diga, que ha em nossos animos huma certa inquietação natural, hum como instincto de trocar a habitação e mudar de domicilio; porquanto foi dado ao homem hum espirito movel, inquieto, e que nunca se mantém no mesmo posto: espalha-se; derrama por toda a parte as suas cogitações, já para os objectos conhecidos, já para os desconhecidos, sempre vago, sempre impaciente da quietação, sempre alegre com as cousas novas. Nem isto nos fará admiração, se reflectirmos na primeira origem do nosso espirito, o qual não he formado de materia terrena e grave, mas descende do espirito celeste; e bem sabido he que a natureza das cousas celestes he estarem sempre em movimento, e serem agitadas em velocissimo curso. Olha para os astros, que alumião o mundo: nenhum está firme; movem-se incessantemente, mudão de lugar a cada momento; e posto que rodão com o universo, fazem comtudo outro movimento em contrario delle. Discorrem por todas as divisões dos signos; emfim he perpetua a sua agitação, perpetua a mudança que fazem de hum para outro lugar. Estão sempre em perpetua revolução, em continuo transito, segundo lhes foi ordenado pela lei e necessidade da natureza; e quando depois de certo periodo de

(1) Falla da ilha de Corsega, que era o lugar do seu desterro.

annos tem corrido as suas orbitas, tornão a começar a mesma carreira. Vai agora, e dize, que o espirito humano, sendo composto da mesma semente, de que constão as cousas divinas, sofrerá mal a passagem e migração de huns para outros lugares, quando he certo que a propria natureza de Deos, ou se conserva com huma contínua e velocissima transmutação, ou nella se compraz.

Volta-te ora das cousas celestes para as humanas. Verás quantas gentes e povos tem mudado de assento. Que outra cousa significão tantas cidades gregas no meio das regiões dos barbaros? Que outra cousa a lingua macedonica entre os Indos e os Persas? A Scythia, e todo aquelle paiz de gentes feras e indomitas, mostra-nos cidades da Achaya edificadas sobre as praias do Ponto. Nem os rigores do perpetuo inverno, nem a indole dos naturaes, aspera e horrida como o ceo em que nascêrão, servírão de obstaculo aos que para ali transferírão as suas cazas. Na Asia ha huma turba de athenienses; Mileto derramou por diversas partes o povo de setenta e cinco cidades; todo o lado da Italia, que he banhado pelo mar inferior, foi a grande Grecia. A Asia quer ser a mãi dos Toscanos; os Tyrios habitão a Africa, os Carthaginezes a Hespanha. Os Gregos mettêrão-se nas Gallias, e os Gallos na Grecia; o Pyreneo não obstou á passagem dos Germanos. A humana leveza lançou-se por caminhos desconhecidos, por caminhos nunca trilhados. Trouxerão comsigo os filhos, as mulheres, os pais já decrepitos. Huns arremessados em longa e vaga peregrinação não escolhêrão lugar; occupárão, de cançados, o primeiro que se lhes offereceo. Outros assenhoreárão-se da terra alheia á força de armas. Algumas gentes, comeo-as o mar, quando hião buscar terras desconhecidas. Outras fizerão assento aonde a inopia as depoz. Nem foi huma só a causa por que estas gentes assim deixárão a patria,

e buscárão outra nova. Huns forão expulsos das suas cidades, assoladas pelo inimigo, e escapando á violencia hostil, despojados de tudo o que seu era, forão buscar o que era alheio. A outros os fez retirar alguma sedição domestica. Outros forão mandados sahir da patria para a exonerar da nimia copia de gente sobeja. A outros obrigou-os a peste, os frequentes terremotos, ou outros intolerandos vicios de hum solo infeliz. Alguns forão enganados pela fama da exagerada fertilidade da região. Outros emfim tirados de suas moradas por outros motivos. He pois manifesto, que nada persiste no lugar em que foi gerado; he continua a mudança do genero humano; todos os dias se muda alguma cousa neste grande orbe. Fundão-se novas cidades; nascem novos nomes de povos, extinctos os primeiros, ou confundidos com o mais forte. E que outra cousa são todas estas transmigrações de gentes, senão publicos desterros?

Mas que necessidade ha de fazermos tão longos rodeios? Que nos importa trazer á lembrança Antenor, que fundou Padua, ou Evandro, que nas ribeiras do Tibre collocou os reinos dos Arcades? Que nos importa Diomedes, e outros, que depois da guerra de Troia, vencedores ou vencidos, se derramárão por alheias terras? O proprio imperio romano tem por seu fundador a hum desterrado, o qual tendo escapado, com algumas poucas reliquias, da patria captivada, veio fugitivo procurando remotas terras, até parar na Italia, conduzido pela necessidade e pelo medo do vencedor. Este mesmo povo quantas colonias mandou depois para todas as provincias? Aonde quer que o romano venceo, ahi habita. O idoso colono se alistava voluntariamente para estas transmigrações; e deixadas as aras proprias, passava além dos mares.

Por certo que esta materia não precisa de mais longa enumeração de factos. Comtudo acrescentarei ainda

hum, que se está mettendo pelos olhos. Esta mesma ilha tem por muitas vezes mudado de habitadores. Não fallando dos mais remotos tempos, que a nimia antiguidade tem cuberto de trevas; os Gregos que sahirão da Phocida, e agora habitão Marselha, primeiro fizerão aqui assento. Não se sabe com certeza o que daqui os afugentou, se foi a aspereza do clima, se a vizinhança da prepotente Italia, se a natureza do seu mar destituido de portos. Parece indubitavel que não foi a ferocidade dos indigenas, visto que os Phocenses se forão estabelecer entre os povos da Gallia, que naquelle tempo erão por extremo barbaros e feroces. Passárão depois para aqui Ligures; passárão tambem Hespanhoes, como se mostra pela semelhança de alguns usos, pois os sombreiros, com que cobrem a cabeça, e o calçado he o mesmo que o dos Cantabros, e tambem alguns vocabulos; posto que o todo da linguagem mudou do antigo pela communicação com os Gregos e Ligures. Forão tambem para aqui adduzidas duas colonias de cidadãos romanos, huma por Mario, outra por Sylla. Tantas vezes tem mudado de habitadores este penedo arido e aspero! Emfim apenas acharás terra alguma, que seja todavia habitada de indigenas. Tudo está misturado; tudo está enxertado; huns tem succedido a outros. Este appeteceo o que áquelle enfastiava; hum foi lançado donde tinha lançado a outrem. Assim quiz o fado, que nenhuma cousa estivesse sempre no mesmo lugar.

Contra esta mudança de lugares (não fallando por agora dos outros incommodos que acompanhão o desterro) julga Varrão, o mais douto dos romanos, que basta para remedio considerar, que para onde quer que vamos acharemos sempre a mesma natureza das cousas; e Marco Bruto julga bastante que o desterrado possa sempre levar comsigo as suas virtudes. Se alguem entender que cada hum destes remedios he de per si

pouco efficaz para consolação do desterrado, ajunte-os ambos, e confessará que he grande a força delles.

Na verdade que mui pouca cousa he o que perdemos, quando para onde quer que vamos nos acompanhão as duas melhores cousas, quero dizer, a *commum natureza*, e a *virtude propria*. He isto, não o duvides, obra daquelle quem quer que foi, que formou o universo, ou fosse Deos Omnipotente; ou a razão incorporea, artifice das grandes obras; ou o espirito divino, espalhado por todos os seres, grandes e pequenos, com igual virtude; ou emfim o fado, e a immudavel serie das causas entre si coherentes. He, digo, obra sua, que as cousas mais vis estejão dependentes de alheio arbitrio. Tudo o que he optimo para o homem, está fóra do poder dos homens; nem o podem dar, nem tirar; a saber, *este mundo*, que he a maior e mais formosa cousa, que a natureza gerou; e o *animo*, contemplador e admirador do mundo, que he a mais magnifica parte delle, e propria nossa, e perpetua, que sempre ha de permanecer comnosco, em quanto nós durarmos. Vamos pois alegres e altivos; vamos com passos ligeiros e intrepidos para onde quer que os acontecimentos nos levarem.

Corramos quaesquer terras; nenhuma acharemos que esteja dentro do mundo, e que seja estranha ao homem. De toda a parte póde elle igualmente levantar os olhos para o ceo; igual he de toda a parte o intervallo, que separa as cousas divinas das humanas. Pelo que, com tanto que os meus olhos não sejão privados daquelle espectaculo, de que são insaciaveis; com tanto que me seja permittido ver o sol e a lua, e observar os outros astros, os seus nascimentos, occasos e distancias; e investigar as causas por que se movem, ora com mais, ora com menos velocidade; e olhar para tantas estrellas, que estão scintillando durante a noute, humas fixas, outras movendo-se em hum pequeno espaço, mas fazendo

sempre n'elle a sua orbita; humas apparecendo como de subito, outras deslumbrando o espectador com a claridade, que derramão, como se fossem a cahir, ou quasi voando luminosas por longo espaço; com tanto, digo, que eu tenha tudo isto, e me misture (quanto he permittido ao homem) com as cousas celestes; com tanto emfim que tenha sempre levantado ao mais sublime o animo, que de si mesmo tende ás cousas que lhe são analogas; que me importa o chão que pizo?

«Mas esta terra não he fertil em arvores fructiferas e frondentes; não he regada de grandes rios navegaveis; nada cria que as outras gentes venhão a ella buscar; apenas produz o que basta para a conservação dos seus habitantes; não se talha aqui pedra alguma preciosa; não se lavrão minas de ouro ou de prata...»

Estreito he o animo a quem as cousas terrenas deleitão. Levantemol-o áquellas, que em toda a parte igualmente apparecem, em toda a parte igualmente brilhão; e consideremos, que as outras, pela errada e falsa opinião que dellas temos, sómente servem de obstaculo aos verdadeiros bens. Quanto mais longos edificarem os porticos; quanto mais altas levantarem as torres; quanto mais largos estenderem os bairros; quanto mais fundos cavarem os subterraneos do estio; quanto maiores maquinas de terrados elevarem, mais escondido lhes ficará o ceo.

«Lançou-te o acaso em huma região, em que o mais amplo receptaculo he huma choça...»

Certo, que serás de bem mesquinho animo, e tomarás huma vil consolação, se sómente suportares isto com constancia, por teres noticia da choupana de Romulo. Dize antes: esta humilde choça recolhe em si a virtude; mais formosa será ella que todos os templos, quando nella habitar a justiça, a continencia, a prudencia, a piedade, a ordem de bem praticar todas as obrigações, e a

sciencia das cousas humanas e divinas. Nenhum lugar he estreito, quando nelle cabem tamanhas virtudes; nenhum desterro he grave, quando nelle temos tal companhia.

Bruto, no livro que compoz ácerca da virtude, diz que vira Marcello desterrado em Mitylene, vivendo felicissimo, quanto o permitte a natureza do homem, e nunca, mais do que então, applicado ás boas artes. Por fim acrescenta, que mais lhe pareceo hir elle mesmo para desterro, apartando-se de Marcello, do que deixar a Marcello no desterro. Oh! que muito mais afortunado foi Marcello, quando no seu desterro mereceo o louvor de Bruto, do que quando o povo romano approvou o seu consulado! Que homem aquelle, que estando desterrado, fez que alguem se julgasse em desterro, por apartar-se delle! que excitou a admiração de hum homem, que era digno da admiração do seu Catão!

O mesmo Bruto diz, que Caio Cesar (2) passára por Mitylene sem tomar terra, por não ter coragem para ver disforme aquelle varão. O Senado impetrou na verdade a sua restituição, orando a favor delle em publico, penetrado de tristeza e solicitude, de maneira que todos naquelle dia se mostrárão animados do mesmo sentimento de Bruto, e parecia pedirem não a favor de Marcello, mas de si mesmos, como se estando sem elle se julgassem desterrados. Mas comtudo muito mais glorioso foi para Marcello, que estando em desterro, nem Bruto o podesse deixar, nem Cesar se atrevesse a vel-o. Ambos lhe derão testemunho: Bruto, doendo-se de se apartar delle: Cesar, envergonhando-se de o ver.

E duvidas porventura, que hum tão illustre varão se houvesse exhortado a tolerar o desterro com bom animo?

(2) Caligula.

Não he desgraça (diria elle a si mesmo) o estares privado da patria. Pelas doutrinas, que aprendeste, sabes, que todo o lugar he patria para o varão sabio. Que? este mesmo que te desterrou (3), não careceo elle da patria por dez annos continuos? Sem duvida que foi com o fim de ampliar o imperio; mas careceo della. Agora mesmo o chama si a Africa cheia de receios de huma nova guerra. Chama-o a Hespanha perturbada e afflicta com facções. Chama-o o infiel Egypto; chama-o emfim o mundo todo, que está espreitando a occasião de ver o imperio abalado. Aonde acudirá primeiro? A que inimigos hirá oppor-se? A sua victoria o levará por todas as terras. A elle pois o admirem, e venerem as gentes. Tu, contenta-te de ter a Bruto por admirador.

Bem suportou pois Marcello o desterro; nem a mudança de lugar mudou alguma cousa em seu animo, posto que acompanhada fosse da pobreza. Na qual facil he entender, que não ha mal algum, huma vez que não tenhamos cahido na insania da avareza, e do luxo, que tudo transtornão. Em verdade, que bem pouco he o que se necessita para conservação do homem! e a quem faltará esse pouco, com tanto que tenha alguma virtude? Pelo que a mim me toca, entendo, que com o desterro perdi, não auxilios e soccorros, mas sim occupações.

Mui limitados são os desejos do corpo; reparar do frio, e satisfazer com o alimento a fome e a sede. Tudo o que fóra disto se appetece, he trabalhar para os vicios, não para a necessidade. Nenhuma necessidade ha de explorar as profundezas da terras; nem de carregar o ventre dos estragos dos animaes; nem de hir buscar os mariscos ás praias desconhecidas dos mares remotos. Mal hajão dos deoses e das deosas, aquelles, cujo luxo transcende os limites deste invejado imperio... Querem que

(3) Tiberio.

se vá buscar além do Phasis o que se ha de guizar na ambiciosa cozinha; e não se envergonhão de procurar as aves dos Parthos, dos quaes todavia ainda não tomámos vingança. De toda a parte acarretão cousas, que sómente são conhecidas da enfastiada gula. Trazem do ultimo oceano o que apenas póde ser admittido de hum estomago relaxado pelas delicias. Vomitão para comer, e comem para vomitar; e nem se dignão de cozer as iguarias, que andão procurando por todo o mundo... Ora se alguem desprezar semelhantes cousas, que mal lhe fará a pobreza? Se porém as desejar, a propria pobreza lhe será util, porque o curará, mau grado seu. E se nem forçado aceitar o remedio, ainda assim será certo, que não podendo satisfazer ao vicio, se assemelha aos que o não amão.

C. Cesar, que me parece haver sido criado pela natureza para mostrar o que podem os maiores vicios na mais alta fortuna, ceou hum dia dez milhões de sestercios; e com ser nesta parte auxiliado pelos engenhos de todos, apenas achou modo de fazer, que o tributo das provincias fosse para elle huma cêa. Ó miseraveis os homens, cujo paladar se não excita senão com preciosas iguarias! preciosas, digo, não porque tenhão algum eximio sabor, nem porque deixem doçura alguma na garganta, mas sim pela raridade e difficuldade de se acharem. Por outra parte, se elles quizerem pensar sãamente, que necessidade ha de tantas artes para servir ao ventre? que necessidade de mercancias? que necessidade de devastar bosques, de explorar as profundezas do mar? Por ahi estão a cada passo alimentos, que a natureza criou e dispoz em toda a parte... mas passão por elles como cegos, e vão em busca de outros, vagando por terras e mares! Assim, podendo apagar a fome com o pouco, a irritão com o muito.

Seja-me licito perguntar: para que são essas navega-

ções? para que tomais armas contra as feras e contra os homens? de que serve tanto tumulto? de que servem riquezas amontoadas sobre riquezas? Acaso não advertis, quam pequenos são os vossos corpos? Porventura não he o maior dos erros, não he hum furor, desejar muito para hum corpo, em que cabe tão pouco? Augmentai quanto quizerdes as vossas rendas; alargai os limites de vossas possessões; nunca conseguireis fazer mais amplo o vosso corpo. Quando a negociação vos seja vantajosa; quando a milicia vos renda muito; quando alcanceis exquisitas iguarias, trazidas de toda a parte, nem por isso tereis aonde metter esses tamanhos apparatos. Para que andais pois procurando tantas cousas?

Certo, que erão infelices nossos maiores, cuja virtude está ainda hoje sustentando os nossos vicios, quando preparavão a comida por suas proprias mãos; quando dormião no chão; quando tinhão cazas, em que não brilhava o ouro; e templos, que não erão ornados de pedras preciosas! Jurava-se então religiosamente por deoses de barro; mas os que os invocavão, voltavão ao poder do inimigo, certos da morte, só para não faltarem a suas promessas! (4)

Certo, que era menos feliz o nosso dictador (5) que deo audiencia aos embaixadores dos Samnites, estando a assar ao lume com a sua propria mão huma pobre iguaria, com aquella mesma mão, com que por muitas vezes tinha ferido o inimigo, e deposto a corôa de louro no regaço de Jove Capitolino; era, digo, menos feliz que Apicio, que viveo em nossos tempos, o qual nesta mesma cidade, donde algum dia forão expulsos os filosofos como corruptores da mocidade (6), professou elle a scien-

(4) Allude ao facto de M. Atilio Regulo.
(5) Curio Dentato.
(6) Em tempo de Catão o Censor.

cia da cozinha, e inficionou o seculo com esta bella disciplina!

Convem que saibamos como acabou este homem. Depois de ter amontoado cem milhões de sestercios para os gastos da cozinha; depois de ter consumido em comezanas os mantimentos dos Principes, e o grande tributo do capitolio, achando-se opprimido de dividas, só então se julgou obrigado a examinar as suas contas. Calculou que lhe poderião restar dez milhões de sestercios; e como se com dez milhões de sestercios houvesse de viver na maior penuria, tomou o partido de matar-se com veneno! Que luxo o deste homem! para quem dez milhões de sestercios era pobreza e necessidade! Vai agora, e crê que o que importa he a quantidade do dinheiro, e não a moderação do animo! Aquelle temeo ter sómente dez milhões de sestercios, e livrou-se com veneno do mesmo que outros desejão. Por certo que a hum homem de tão depravado espirito, foi saluberrima a ultima bebida!... Verdadeiros venenos comia elle e bebia, quando não sómente se deleitava, mas até se gloriava com immensos banquetes; quando fazia ostentação de seus vicios; quando arrastava esta cidade a tamanho luxo; quando solicitava a imital-o a mocidade, que de si mesma he docil, ainda sem maus exemplos. Isto acontece aos que não regulão as riquezas pelos limites certos da razão, mas sim pelo vicioso costume, cujo arbitrio he sempre illimitado e incomprehensivel.

Nada basta á cubiça; a natureza com pouco se contenta. Não he pois a pobreza incommoda aos desterrados. Nenhum lugar de desterro he tão pobre, que não seja abundantemente fertil para sustentar o homem.

«Mas o desterrado ha de desejar huma caza e hum vestido.» Se elle desejar essas cousas sómente para o uso, não lhe faltará caza, nem lhe faltará com que se cubra; com pouco se cobre o corpo, e com pouco se ali-

menta. O que a natureza fez necessario ao homem, não lh'o fez trabalhoso. Se elle porém deseja a purpura saturada de muita grãa, tecida de ouro, listrada de varias cores, e varias artes, nesse caso não he pobre por vicio da fortuna, mas sim por seu proprio vicio. A hum destes, ainda que lhe restituas tudo quanto perdeo, nada farás. Depois de tudo restituido, mais falta lhe ha de fazer o que deseja, do que ao desterrado faz falta o que já teve. Se deseja huma baixella brilhante de vasos de ouro; de pratas ennobrecidas com nomes de antigos artifices; de bronzes que a tolice de alguns poucos julga preciosos; se deseja huma turba de escravos, que por grande que a caza seja, a fazem estreita; jumentos de formoso corpo, e engordados á força; pedras de todas as nações, estas cousas por mais que se ajuntem e amontoem, nunca satisfarão hum coração insaciavel; bem como não basta agoa alguma para apagar a sêde que não nasce de necessidade, mas do ardente calor das entranhas; porquanto não he isto sêde, mas doença. Nem isto succede sómente no dinheiro ou nos alimentos. O mesmo acontece em todos os outros desejos, que não nascem de inopia, mas de vicio. Tudo quanto lhes offereceres não porá termo ao appetite, mas será estimulo para appetecer mais.

Aquelle pois, que se contiver dentro da moderação natural, não sentirá a pobreza. O que exceder estes limites, será sempre pobre, ainda no meio das maiores riquezas. Para as cousas necessarias bastão os proprios lugares de desterro; para as superfluas, nem reinos inteiros. O animo he o que nos faz ricos. O animo acompanha-nos nos desterros, e nas mais asperas solidões; e quando ahi acha o que basta para manter o corpo, tem de abundancia, e goza do que tem. O dinheiro nada tem com o animo, assim como nada tem com os deoses immortaes todas estas cousas, que os ignorantes e os

que amão demasiadamente os seus corpos olhão com respeito e attenção. As pedras, o ouro, a prata, os grandes e elevados orbes das mezas são pesos terrenos, que não podem ser amados de hum animo sincero, que conhece a sua propria natureza; que he de si mesmo leve; que quando se desprender do corpo ha de hir brilhar nas alturas; e que no entretanto examina e observa com ligeira cogitação as cousas divinas, quanto o permittem os embaraços do corpo, e esta grave massa que nos cerca. Este não póde jámais reputar-se desprezado, mas sim livre, proximo aos deoses, igual em todos os tempos e em todos os lugares, porque as suas cogitações abrangem a todo o ceo, e a qualquer tempo passado ou futuro. Este corpo, que he custodia e prizão da alma, póde ser arremessado para áquem e para além; nelle se empregão e exercitão os supplicios, os latrocinios, as doenças. O animo porém he sagrado, he eterno, não lhe podem empecer as mãos dos homens.

Nem penses que eu sómente me valho dos preceitos dos sabios para desvanecer os incommodos da pobreza, cuja gravidade ninguem sente, senão quem por tal a julga.

Repara primeiramente, quanto maior he o numero dos pobres que o dos ricos, e nem por isso verás os primeiros mais tristes ou mais afadigados que os segundos; antes não sei eu se diga, que os pobres vivem tanto mais alegres, quanto o seu animo para menos cousas se distrahe. Mas deixemos os pobres, e vamos aos ricos. Quantas, e quantas vezes se assemelhão elles aos pobres! Os que fazem viagem levão carga limitada; se a necessidade os obriga a apressar o caminho, até despedem a turba dos criados e comitiva. Os que fazem a guerra, que parte levão comsigo de suas cousas? a disciplina militar lhes veda todo o apparato. E não só a condição dos tempos, ou a inopia dos lugares os iguala

aos pobres. Elles mesmos, quando se sentem tomados do tedio das riquezas, escolhem certos dias, em que comem no chão, e então pondo de parte os vasos de ouro e de prata, usão dos de barro. Tontos! que temem sempre o mesmo que algumas vezes appetecem! Ó em quanta cegueira do entendimento, em quanta ignorancia da verdade laborão aquelles, que fogem do mesmo que por prazer imitão! Eu, por certo, me envergonho de dar consolações á pobreza, quando considero os exemplos antigos; mas a tanto tem chegado a demasia dos tempos, que he maior o viatico dos desterrados, do que foi antigamente o patrimonio dos principes!

Todos sabem que Homero tinha hum só servo; Platão, tres; Zenão, nenhum; Zenão, de quem teve começo a rigida e varonil sabedoria dos estoicos. E dirá alguem, que vivêrão elles miseraveis, sem que por isso mesmo sejo tido pelo mais miseravel de todos? Menenio Agrippa, que havia sido conciliador da paz entre o Senado e o Povo, foi sepultado á custa do publico. Attilio Regulo, tendo derrotado os Carthaginezes em Africa, escrevia ao Senado, dizendo-lhe que o seu cazeiro se havia retirado, e lhe deixára a herdade ao desamparo; pelo que o Senado resolveo mandar tratar della á custa do publico, emquanto Regulo estivesse ausente. Tanto lhe valeo não ter hum servo, que mereceo por isso que o povo romano fosse seu colono! As filhas de Scipião forão dotadas pelo erario, porque seu pai lhes não tinha deixado cousa alguma. Justo era na verdade, que o povo romano pagasse huma vez tributo a Scipião, pois o exigia sempre de Carthago. Ó felices os maridos destas donzellas, que tiverão o povo romano em logar de sogro! Acaso julgas tu, que são mais bemaventurados aquelles, cujas filhas cazão com hum milhão de sestercios, do que Scipião, cujos filhos recebêrão em dote o dinheiro do Senado seu tutor? Desdenhará alguem a pobreza, que nos

offerece tão illustres exemplos? Indignar-se-ha alguem de que lhe falte alguma cousa, sabendo que faltou a Scipião o dote, a Regulo hum cazeiro, a Menenio o funeral? E que a todos elles se supprio honradamente o que lhes faltava, por isso mesmo que lhes faltava? Com taes advogados não só a pobreza está em seguro, mas até se póde dizer que he agradavel.

Dirá alguem: «Para que estás deduzindo artificiosamente estes argumentos, que considerados cada hum de per si, se podem sustentar; mas não unidos. A mudança de lugar he toleravel, se tamsómente mudares de lugar. A pobreza he toleravel, se não for acompanhada da ignominia, que basta só por si para opprimir o animo».

Contra este, que assim me quer aterrar com a turba dos males todos juntos, usarei desta resposta: Se tens assás de valor contra huma parte da infelicidade, tambem o terás contra todas; porquanto a virtude, havendo huma vez vigorado o animo, o faz para sempre invulneravel. Se tens reprimido a avareza, esta peste violentissima do genero humano, tambem a ambição te não perseguirá muito. Se olhas a morte, não como pena, mas sim como lei da natureza, logo que do coração lançares o medo della, nenhum outro temor ousará perturbar-te. Se consideras que o appetite carnal não foi dado ao homem para voluptuosidade, mas sim para propagação da especie, facilmente verás, que aquelle a quem esta paixão fatal, secreta e íntima, não chegou a corromper, qualquer outro appetite o deixará intacto. A razão não combate os vicios hum a hum, prostra-os a todos; vence-os a todos de huma vez.

Julgas porventura que possa ser abalado da ignominia o varão sabio, que tem posto em si toda a sua confiança, e que nenhum caso faz das opiniões do vulgo? Mais he ainda do que a ignominia huma morte ignominiosa. E comtudo Socrates, com aquelle mesmo sem-

blante, com que em outro tempo tinha, elle só, trazido á ordem os trinta tyrannos, com esse mesmo entrou no carcere, desvanecendo assim a ignominia do lugar, pois nem carcere podia parecer o lugar, em que estava Socrates.

Quem he tão cego no conhecimento da verdade, que tenha por ignominioso a Catão sofrer duplicada repulsa, quando pedio a pretura e o consulado? A pretura e o consulado he que sofrêrão a ignominia, pois Catão lhes fazia honra. Ninguem he desprezado de outrem, se primeiro o não he de si mesmo. O animo baixo e abjecto faz-se proprio para a contumelia; porém o que se alevanta contra os casos mais asperos, e despreza os males de que os outros se deixão opprimir, tem essas miserias por trofeos. Tal deve ser a disposição do nosso animo, que nada nos pareça mais digno de admiração do que hum homem forte e constante na desgraça.

Era Aristides levado ao supplicio em Athenas; todos os que o encontravão lhe lançavão os olhos, e gemião, não como se vissem hum homem justo, mas como se vissem a propria justiça em pessoa. Appareceo comtudo hum, que lhe cuspio no rosto. Podia Aristides levar isto mal, sabendo que nenhuma bôca, que fosse pura, se atreveria a tanto. Mas elle limpou a face, e surrindo-se disse para o magistrado que o acompanhava: «Adverte a este homem, que não cáia mais em tão improbo descuido». Assim afrontou a propria afronta.

Sei que alguns dizem que nada ha mais penoso que o desprezo, e que até a mesma morte lhes parece preferivel. A estes responderei: que nem sempre o desterro he acompanhado do desprezo; que se o que cahio em varão grande, grande ficou depois da quéda; e que este não he mais desprezado do que o são as ruinas dos templos sagrados, as quaes, bem que sejão calcadas dos pés,

nem por isso são menos veneradas do homem religioso do que quando estavão em pé.

Visto pois, minha boa mãi, que da minha parte nada ha que possa obrigar-te a lagrimas sem fim, segue-se que só motivos proprios teus te moverão a derramal-as. Estes motivos podem ser dous: Ou que julgas haver perdido algum apoio; ou que não pódes sofrer a saudade em si mesma. A primeira parte só levemente a tocarei; pois conheço o teu animo, que não ama os seus, senão por elles mesmos. Notem isto aquellas mãis, que com mulheril fraqueza se valem do poder dos filhos; que por elles exercitão a ambição, pois que ás mulheres he vedado exercitar os cargos honorificos; que se apossão das legitimas e bens dos filhos, e as consomem; que canção a eloquencia tomada de emprestimo. Tu, pelo contrario, tendo grande gosto dos bens de teus filhos nunca usaste delles. Tu, que não punhas limites alguns á tua liberalidade, sempre os puzeste á nossa. Tu, filha familias, de bom grado repartiste sempre com filhos ricos. Tu, de tal modo administraste as nossas legitimas, que trabalhaste em melhoral-as como tuas, abstendo-te dellas como alheias. Tu, nunca te aproveitaste do nosso valimento, havendo-o como cousa estranha; nem as nossas honras te rendêrão jámais, senão prazer e despeza. Nunca a tua bondade olhou ao que lhe podia ser util. Não pódes pois desejar no filho, que te foi roubado, aquillo mesmo que nunca te importou, quando elle estava livre.

Devo pois dirigir a minha consolação para aquelle ponto, donde nasce a verdadeira força da dor materna.

«Estou privada (dirás) de abraçar hum filho querido; não gozo da sua vista, nem das suas fallas. Aonde está aquelle, a cuja vista se desvanecião as minhas tristezas, no qual eu depositava todos os meus cuidados? Aonde aquellas conversações, de que eu era insaciavel? Aonde os estudos a que eu assistia com mais gosto que de mu-

lher, com mais familiaridade que de mãi? Aonde aquelle encontrar-se commigo, e mostrar, sempre que via sua mãi, huma alegria quasi pueril? A isto acrescentarás a recordação dos proprios lugares, em que nos congratulavamos, em que conviviamos, e até (como he forçoso) te lembrarás das palavras da ultima conversação, efficacissimas para opprimir hum coração saudoso. Porquanto foi esta huma das maquinas que a cruel fortuna moveo contra ti. Accommetteo-te, quando estavas em seguridade, e sem temer cousa alguma, tres dias antes que eu fosse ferido. Bem nos tinha separados a distancia dos lugares; bem te havia preparado para este mal a ausencia de alguns annos. Voltaste, não para gozar o prazer de ver o filho, mas para não perder o costume da saudade. Se desde muito antes tivesses estado ausente, sofrerias o golpe com mais valor, porque a propria distancia abrandaria a saudade. Se não te houvesses retirado, terias ao menos aproveitado a vista e presença do filho por mais dous dias. O cruel fado de tal modo arranjou as cousas, que nem assistisses á minha desgraça, nem te podesses ter acostumado á ausencia. Porém quanto mais duras são estas cousas, tanto mais valor deves chamar em teu auxilio, e tanto mais vigorosamente deves pelejar com hum inimigo conhecido, e já muitas vezes vencido. Não vertes sangue de hum corpo intacto; foste ferida nas proprias cicatrizes.

Não tens que escuzar-te com o nome de mulher. Tem, sim, as mulheres hum como amplo direito a derramar lagrimas, mas não illimitado; e por isso os nossos maiores derão o espaço de dez mezes ao lucto pelos maridos, pondo termo, por huma constituição publica, á pertinacia da feminina tristeza. Não prohibírão o lucto; assignárão-lhe hum limite. E na verdade, que he louca bondade mostrar huma dor sem limite, ainda na perda das pessoas mais amadas, assim como seria inhumana dureza

não mostrar nenhuma. Ha hum excellente temperamento entre a piedade e a razão, que he sentir a dor, e reprimil-a.

Não te deixes levar do exemplo de certas mulheres, cuja tristeza só com a morte teve fim. Tu conheceste algumas, que havendo perdido os filhos, nunca mais deixárão de vestir vestidos lugubres. Differente procedimento demanda de ti a vida mais varonil que desde o principio tens seguido. Não podem valer desculpas mulheris a quem nunca teve os mulheris defeitos. Nunca a impudicicia, o maior mal do nosso seculo, te poz no numero das muitas; nunca as joias e as pedras preciosas te dobrárão; nunca tiveste as riquezas como o maior bem do genero humano; nunca a imitação dos máos, que até aos bons he perigosa, te desviou da antiga e severa disciplina da caza em que foste educada. Nunca te envergonhaste da tua fecundidade, como se ella te lançasse em rosto a idade. Nunca escondeste, como indecente peso, o ventre, quando hia crescendo, como fazem outras, que sómente pretendem recommendar-se pelo talhe do corpo. Nunca suffocaste em tuas entranhas as esperanças, que havias concebido de ter filhos. Não manchaste a tua face com cores e affeites; nunca te agradou vestido, que servisse de mais que de cubrir a nudez. O teu unico ornamento foi a tua bella figura, nunca alterada pela idade; a tua maior honra, a honestidade. Não pódes pois, para obter a liberdade de prantear, tomar por pretexto o nome de mulher, do qual te apartárão as tuas virtudes. Tanto deves abster-te das lagrimas das mulheres, quanto dos seus vicios. Ellas mesmas te não permittirão entregar-te com excesso á tua dor; ellas mesmas te obrigarão a ter bom animo, depois de ter dado á natureza o necessario desafogo, huma vez que só ouças, e attendas aquellas, a quem huma notoria virtude collocou entre os grandes varões.

Os doze filhos de Cornelia (7) forão pela fortuna reduzidos a dous. Se quizeres attender ao numero, perdeo dez; se quizeres avaliar a perda, erão Gracchos. Ella comtudo atalhou aos que em sua presença derramavão lagrimas, e execravão o seu fado, dizendo-lhes «que não accusassem a fortuna, pois ella lhe havia dado por filhos os Gracchos». Desta mulher devia nascer aquelle, que na assembléa publica disse: «Atreves-te tu a dizer mal de minha mãi, tendo-me ella parido a mim?» Comtudo ainda me parece mais varonil o dito da mãi. O filho avaliava os Gracchos no seu nascimento; a mãi, até na morte.

Rutilia acompanhou a seu filho Cotta para o desterro, tão possuida de ternura, que antes quiz padecer o desterro, que a saudade; nem voltou á patria senão com o filho. Comtudo, depois de ser restituido, e de ter florecido na Republica, sofreo ella a sua perda com o mesmo valor, com que o tinha acompanhado ao desterro; ninguem lhe vio lagrimas depois do sahimento do filho. Quando este foi desterrado, mostrou ella valor; quando perdido, prudencia. Nada lhe vedou os sentimentos de piedade; nada a obrigou a huma tristeza superflua e louca.

No numero destas mulheres te quero eu contar; e já que sempre tens imitado a sua vida, muito bem farás em seguir o seu exemplo, reprimindo, e limitando a tristeza.

Sei muito bem que não está na nossa mão libertar-nos de qualquer affecto, e muito menos do que nasce da dor, porque he feroz e contumaz contra todos os remedios. Queremos ás vezes reprimil-o; queremos suffocar nossos gemidos, mas as lagrimas correm involuntariamente

(7) Filha de Scipião Africano, cazada com Sempronio Graccho, mãi dos Gracchos.

peló rosto affectado e fingido. Divertimos talvez o animo com jogos ou com os gladiadores; mas no meio dos mesmos espectaculos, com que o queremos distrahir, he salteado da lembrança do objecto da sua saudade. Por isso este sentimento he melhor vencel-o, que enganal-o; pois sendo distrahido com occupações, ou enganado com prazeres, resurge, e parece que no proprio descanço colheo forças para accommetter com mais braveza; porém, se huma vez cedeo á razão, fica tranquillizado para sempre.

Não te aconselharei pois os remedios de que sei que muitos tem usado; que te entretenhas em alguma viagem longa, ou te divirtas com alguma, que seja agradavel; que gastes muito tempo em tomar com diligencia as contas da tua caza, e em administrar os teus bens; que procures entrar sempre em alguma nova occupação. Tudo isto aproveita por algum tempo, mas não são remedios da magoa, são embargos a ella. Eu porém quizera que ella acabasse, e não que fosse enganada ou embargada. Portanto desejo guiar-te áquelle refugio, que devem buscar todos os que fogem da desgraça, quero dizer, aos *estudos liberaes*. Estes he que hão de sarar a tua ferida; estes hão de desvanecer a tua tristeza. Delles deverias lançar agora mão, ainda quando nunca a elles te houvesses acostumado; mas sei que, quanto o rigor antigo de meu pai t'o permittio, tocaste, ainda que não profundaste, todas as boas artes. Oxalá que meu pai, o melhor dos homens, mas sobejamente aferrado aos costumes de seus maiores, houvesse querido que tu não só tivesses alguma tintura, mas huma perfeita instrucção dos principios e preceitos dos sabios. Não terias agora de preparar este auxilio contra a desgraça, terias sómente de o emprègar. Por elle ver, que algumas mulheres usavão das letras, não para se conduzirem sizudamente, mas para se darem á devassi-

dão, he que não sofreo, que te entregasses aos estudos. Comtudo, pela viveza, e prompta apprehensão do teu engenho, mais aprendeste do que era de esperar. Lançados tens os fundamentos de todas as disciplinas. Volta-te pois para ellas: ellas te defenderão e porão em seguro; ellas te consolarão; ellas te deleitarão; se ellas emfim entrarem opportunamente em teu espirito, nunca mais entrará nelle a dor, nunca o cuidado ancioso, nunca a vexação escuzada de huma afflicção vãa e inutil. A nada disto estará aberto o teu peito, porque a outros vicios muito tempo ha que elle está fechado.

Estes são os teus certissimos recursos; os unicos que te podem livrar da desgraça. Mas porque, para chegar a este feliz porto, que os estudos te promettem, convem que tenhas alguns adminiculos, em que possas firmar-te, quero mostrar os meios que tens para entretanto te hires consolando.

Olha para meus irmãos: pois estando elles salvos, não te he licito queixar-te da fortuna. Em hum e outro tens de que, por diversos motivos, te devas comprazer. Hum conseguio as honras por seu merecimento; o outro avisadamente as desprezou. Descança pois na dignidade de hum, no ocio do outro, na piedade de ambos. Eu conheço os intimos affectos de meus irmãos: hum cultiva a sua dignidade para te servir de ornamento; o outro prefere a vida quieta e tranquilla para se dar todo a ti. Bem dispoz a fortuna a respeito de teus filhos: hum para teu auxilio; o outro para tua recreação. A dignidade de hum te póde defender e amparar; o ocio do outro te póde dar satisfação e gosto. Elles contenderão entre si, a qual te fará mais obsequios. Assim a piedade de dous supprirá a saudade de hum. Posso prometter-te com toda a confiança, que nada acharás de menos, senão o numero.

Depois dos filhos, olha tambem para os teus netos: para Marcos, menino de bonissima condição, a cuja vista

não póde durar tristeza alguma. Nenhuma dor haverá tão forte, nem tão recente e viva no peito de alguem, que os seus agrados a não adocem. Que lagrimas não cessarão de correr á vista da sua alegria? Que animo haverá tão opprimido de cuidados, que as suas galantarias o não alliviem? A quem não desafiará a brincar aquelle seu genio folgazão? A quem não attrahirá, e não distrahirá de tristes cogitações aquella sua garrulidade, de que ninguem se enfastia? Queirão os deoses (assim lho peço) conservar-nol-o são e salvo! Pare em mim, de cançada, toda a crueldade dos fados. Passe para mim tudo o que havia de causar penas á mãi; para mim tudo o que havia de sentir a tia. Floreção os mais da nossa familia no seu estado; nenhuma queixa farei da minha orfandade; nenhuma da minha condição. Seja eu sómente a expiação da nossa caza, e não tenha ella mais desgostos!

Recolhe em teu regaço a Novatilla, que cedo te ha de dar bisnetos. A esta tinha eu de tal modo tomado a mim, que sem embargo de ter ainda seu pai vivo, póde parecer, que perdendo-me ficou pupilla. Dá-lhe por mim o teu amor. Roubou-lhe ha pouco a fortuna sua mãi; mas a tua piedade póde fazer que ella sinta a dor da perda, sem sentir a falta. Compõe-lhe ora os costumes, ora a fórma. Mais profundamente se gravão os preceitos, que se imprimem nas primeiras idades. Acostume-se ella ás tuas praticas; concerte-se segundo o teu arbitrio; muito lhe darás, ainda que nada lhe dês senão o exemplo. Este, que já he o teu costumado officio, te servirá tambem a ti mesma de remedio. Nada póde apartar de seus cuidados o animo piamente compassivo, senão a razão ou a occupação honesta.

Tambem eu contaria a teu pai entre as grandes consolações tuas, se elle não estivera ausente. Comtudo considera, pelo amor que lhe tens, o que lhe será a elle

de interesse; e entenderás quanto mais justo he conservares-te para elle, do que perder-te por mim. Sempre que a dor immoderada te accommetter, e te quizer levar após si, lembra-te de teu pai; porquanto, ainda que dando-lhe netos e bisnetos, deixastes de ser unica, de ti comtudo depende, que elle chegue com felicidade ao termo da sua vida. Emquanto elle vive não te he licito queixares-te de viver.

Ainda não fallei da maior de tuas consolações, que he tua irmãa: aquelle peito, para ti fidelissimo, que sente todos os teus cuidados sem divisão; aquelle animo, para nós todos maternal. Com ella misturaste tu as tuas lagrimas; no seu seio he que primeiro respiraste. Ella te acompanha sempre nos teus affectos; mas a meu respeito a sua mágoa não he só por amor de ti. Em seus braços vim para Roma. Pelo seu piedoso e maternal cuidado convaleci de huma longa doença. Ella se empenhou em alcançar-me a questura; e sendo tão retrahida, que não sofria a pratica de pessoa alguma, e nem sequer a ousadia de hum declarado comprimento, venceo comtudo este pejo, só pelo interesse com que olhava por mim. A sua vida recatada; a sua modestia, que poderia parecer rusticidade no meio de tamanha petulancia das mulheres; o amor da quietação; os seus costumes emfim inclinados ao retiro e ao ocio, nada disto a impedio de se fazer, até em certo modo ambiciosa, por meu respeito.

He esta, minha querida mãi, a maior consolação, com que te pódes recrear. Liga-te a ella, quanto te for possivel; une-te a ella com os mais estreitos laços. Costume he das pessoas opprimidas de tristeza, fugirem das cousas que mais amão, e procurar liberdade á sua dor. Tu porém entrega-te toda a tua irmãa; confia-lhe as tuas proprias cogitações, e ou queiras conservar-te na tua actual situação, ou queiras mudal-a, nella acharás, ou o termo á tua dor, ou huma companheira que te ajude a

sentil-a. Ainda que, se eu tenho bem conhecido a prudencia desta mulher perfeitissima, certo não consentirá ella, que te consumas com huma inutil mágoa, e te persuadirá a isso com o seu proprio exemplo, de que eu fui testemunha.

Tinha ella perdido, durante a navegação, o seu marido, a quem muito amava, nosso tio, com quem cazára sendo donzella. E comtudo supportou ao mesmo tempo a mágoa e o medo, venceo a tempestade, e quasi naufragante salvou o corpo delle. Ó quantas acções egregias de muitas mulheres são ignoradas! Se esta vivesse naquella antiguidade, que com singeleza admirava as grandes virtudes, quanta não seria a competencia dos engenhos em celebrar huma mulher, que esquecida da propria fraqueza, esquecida até da violencia do mar, que aos mais valerosos se faz temido, offereceo a sua vida aos perigos só para dar sepultura a seu marido, não temendo a morte, quando tratava do funeral do seu homem! Todos celebrão em versos aquella que se sacrificou pelo marido, pondo-se em lugar delle para o salvar. Mas isto he mais: querer dar sepultura ao marido morto, até com risco da propria vida; porque maior amor he expor-se a igual perigo por menor causa.

Depois disto ninguem se admirará, que nos dezeseis annos que o marido governou o Egypto nunca ninguem a visse em publico; nunca admittisse em sua caza pessoa alguma daquella provincia; nem jámais sofresse que nisso a empenhassem. Pelo que aquella provincia loquaz, engenhosa em fazer contumelias aos Prefeitos que a governão, e da qual nunca sahirão sem infamia os mesmos que a não merecião, respeitou-a como singular exemplo de virtude, reprimio a liberdade de fallar, que he cousa mui difficil a quem gosta de picantes motejos. Ainda hoje se deseja no Egypto, mas não

se espera, huma mulher semelhante. Muito era já, que por dezeseis annos aquella provincia a tivesse julgado digna de louvor; mais he porém havel-a, em certo modo, ignorado.

E não refiro isto para tecer os seus louvores; que seria limital-os passar por elles tão ligeiramente: mas para que entendas que he mulher de grande alma aquella, que não foi vencida da ambição e da avareza, companheiras e pestes de todo o poder; aquella que vendo desapparelhada a náo, e proximo o seu naufragio, se não deixou aterrar do medo da morte, mas antes apegada ao corpo desanimado do marido, mais attentava ao modo como havia de sepultal-o, do que como ella mesma escaparia do naufragio.

Cumpre que te mostres igual a ella no valor: que cesses do teu lucto, e que procedas de maneira que não pareças arrependida de ter este filho.

Comtudo, como he natural que, ainda fazendo tudo isto, te lembres, e cogites de mim frequentemente, e que nenhum de teus filhos occorra mais vezes ao teu espirito, não porque te sejão menos caros, mas porque he natural acudirmos mais a miudo á parte dorida: por isso, ouve a conta em que me deves ter.

Sabe, que vivo contente e alegre, como se tudo me corrêra prosperamente. As cousas são prosperas, quando o animo, livre de todo outro cuidado, trata das suas proprias obras, e ora se deleita em amenos e agradaveis estudos, ora sobe, levado do ardente desejo da verdade, á contemplação da sua natureza e da do universo. Então indaga primeiro as terras e os seus sitios; depois a natureza do circumfuso mar, e os seus alternados fluxos e refluxos; logo, examina tudo o que ha entre o ceo e as terras, e que talvez causa espanto e medo aos mortaes, os trovões, os raios, o sopro dos ventos, e o espaço sempre tumultuoso pelo embate dos chuveiros, da neve,

do granizo. Ultimamente, corridas todas estas cousas mais humildes, arremeça-se ás superiores; goza do formoso espectaculo das cousas divinas, e lembrado da eternidade, para que he destinado, endereça-se a tudo o que foi e ha de ser em todos os seculos.

INDICE